

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**UM PEREGRINO ENTRE SELVAS E DESERTOS: AS VIAGENS AO BRASIL
IGNOTO E A ESCRITA DO OUTRO DE EUCLIDES DA CUNHA**

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA

**Niterói
2017**

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA

**UM PEREGRINO ENTRE SELVAS E DESERTOS: AS VIAGENS AO BRASIL
IGNOTO E A ESCRITA DO OUTRO DE EUCLIDES DA CUNHA**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal Fluminense, como requisito para
obtenção do título de doutora.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hebe Mattos.

Niterói, RJ

2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

N778 Nogueira, Nathália Sanglard de Almeida.

Um peregrino entre selvas e desertos: as viagens ao Brasil ignoto e a escrita do outro de Euclides da Cunha / Nathália Sanglard de Almeida Nogueira. – 2017.

311 f.

Orientadora: Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, 2017.

Bibliografia: f. 294-311.

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909. 2. Amazônia. 3. Alteridade.
I. Castro, Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA

**UM PEREGRINO ENTRE SELVAS E DESERTOS: AS VIAGENS AO BRASIL
IGNOTO E A ESCRITA DO OUTRO DE EUCLIDES DA CUNHA**

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro
(orientadora)

Prof.^a Dr.^a Camilla Agostini
(UERJ)

Prof.^a Dr.^a. Giselle Venâncio
(UFF)

Prof.^a Dr.^a Kaori Kodama
(FIOCRUZ)

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira
(PUC-RIO)

Pr.^a Dr.^a Margarida de Souza Neves
Suplente
(PUC-RIO)

Prf.^a Dr.^a. Verena Alberti
Suplente
(UERJ)

À minha mãe, meu sanhaço azul, que só sabe o assobio do amor

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a professora Hebe Mattos, por ter me acompanhado ao longo do mestrado e do doutorado, com sua inteligência, lucidez, paciência e seu apoio incondicional. Sempre me pareceu admirável o modo como em uma conversa tantas questões se aclarassem. Se o que a vida quer da gente é coragem, eu devo a minha, em grande medida, às suas palavras.

Ao professor Leonardo Pereira, que participou das bancas de qualificação e defesa do mestrado e, agora, do doutorado. Sua leitura cuidadosa e preocupada em amadurecer a pesquisa foi essencial para ampliar o meu olhar.

À professora Giselle Venâncio, por ter feito parte da minha trajetória acadêmica na UFF, seja como membro da banca de mestrado, seja em sala de aula.

À professora Verónica Secreto, pelas sugestões no exame de qualificação desta tese e pela generosidade, que pude conhecer, desde o mestrado.

Aos professores do PPGH, sobretudo à Ismênia Martins e à Magali Engel, pelas disciplinas que cursei no doutorado.

Ao professor François Hartog, por ter aceitado me coorientar na École des Hautes Études en Sciences Sociales e, assim, proporcionado um período de grande aprendizagem e transformação.

Aos funcionários do PPGH e à coordenação, pela solicitude e presteza, em todas as vezes que precisei de auxílio.

Aos colegas do PPGH, de tantos cantos e sotaques. Obrigada, especialmente, ao Diego, pelas prosas intermináveis.

À Gabriela, à Naira, ao Gabriel, ao Eduardo, à Maria, à Lorena e ao Augusto, companhias durante o estágio sanduíche e algumas das razões pelas quais Paris vai ser sempre uma saudade.

À Júnia, à Daniela, à Lígia, ao tio João e ao tio Jorginho, pela ajuda que me ofereceram em Paris.

Ao Antônio, meu tio, pai e irmão, por ser o amor de uma família toda, condensado em uma só pessoa.

Aos amigos Samia, Carol, Luiz, Patrícia, por tanto tempo. À Clara, por emprestar leveza em tempos difíceis. À Lívia, pela cumplicidade desde sempre e pelos meus melhores sorrisos.

Ao Daniel, à Katarina e à Mariana, com quem eu gosto de “conversar do igual o igual, desarmado”. Obrigada por partilharem, além da amizade, as realizações e também as angústias de cada passo da escrita.

Ao meu pai, meu João-de-Barro. Eu aprendi que o seu amor é doar-se para nós.

À minha mãe, minha sombra de buriti, meu alento, pelos abraços que desfazem a tristeza e devolvem a paz.

Por fim, agradeço à CAPES e à FAPERJ, pela concessão das bolsas de doutorado e doutorado-sanduiche, sem as quais esta pesquisa não seria possível.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

“O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?”

João Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas

Resumo:

Esta tese visa a historicizar a composição de *Os sertões* e dos ensaios que compõem a primeira parte de *À margem da história*, de modo a examinar o impacto que as experiências empíricas proporcionadas pelas travessias de Euclides da Cunha pela Bahia e pela Amazônia legaram para a elaboração das obras em comento. A fim de cumprir este objetivo, preliminarmente, será analisada a ambiência intelectual em que as viagens se apresentavam como modo de produção de conhecimento sobre o outro e como pressuposto mesmo da escrita. Em seguida, rastreia-se a construção da presença de Euclides em campo, avaliando como o exercício do olhar e do deslocamento conduzem a narrativa de *Os sertões* e dos ensaios de *À margem da história*. Uma vez perquiridos os sinais desse “ter estado lá”, a tese passa a refletir sobre o olhar municiado do autor e a observação *in loco* da natureza, que repercutiram na apreensão euclidiana do meio. Traduzida como uma alteridade geográfica, a natureza produzia, por conseguinte, uma alteridade antropológica. Assim, estudam-se, ao final, as estratégias para conferir inteligibilidade ao outro sertanejo e amazônico. Nos sertões ignotos e nas solidões selvagens, as populações viveriam deslocadas no tempo, experimentando um eterno passado. Ao trilhar os cantos remotos do país, Euclides encontrara outra terra, outra gente, à margem da nação e da história.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; viagem; sertões; Amazônia; alteridade.

Résumé:

Cette thèse de doctorat a pour objectif d'historiciser la rédaction du livre *Os sertões* et les écrits amazoniens qui constituent la première partie de *À margem da história* de Euclides da Cunha, afin d'évaluer l'impact de l'immersion l'auteur et de son expérience empirique face à son sujet lors de ses voyages dans l'état de Bahia et la région nord du Brésil sur l'élaboration de ces deux œuvres. Ainsi, le premier chapitre de cette thèse examine le contexte intellectuel dans lequel ces voyages se sont présentés, avec soi-même comme point de départ de l'écriture sur "l'autre". La suite du chapitre est destinée à analyser la façon dont Euclides da Cunha construit sa présence sur terrain, avec pour but de problématiser les notions d'exercice du regard et de déplacement qui conduisent les récits d'*Os sertões* et d'*À margem da história*. Le deuxième chapitre s'intéresse au regard d'Euclides da Cunha, influencé en grande partie par sa lecture de rapports de voyage, et à l'observation *in loco* de la nature. Ces deux éléments ont des répercussions sur son interprétation du milieu décrit. Traduit et exprimée par l'auteur comme une altérité géographique, la nature produisait, donc, une altérité anthropologique en même temps. Le troisième chapitre étudie les mécanismes du récit adoptés pour traduire l'autre, sertanejo et amazonien. Les hommes de ces régions, perdus dans un Brésil solitaire, destinés à l'oubli, errent, décalés dans le temps, en expérimentant un passé éternel. En parcourant ce pays lointain, Euclides da Cunha a trouvé une autre terre, d'autres personnes en marge de la nation et de l'histoire.

Mots-clés : Euclides da Cunha ; Voyage ; sertões ; Amazônia ; altérité.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. Um parêntese necessário: a viagem como condição de escrita e circunscrição do outro no espaço e no tempo.....	25
1.1. Do encontro consigo ao encontro com o outro: o olhar e as viagens no século XVIII, no alvorecer das ciências do homem.....	26
1.2. O outro no espaço e no tempo: as viagens do século XIX e a escrita do selvagem	62
1.3. O observador e o viajante: olhar, deslocamento e as marcas da presença de Euclides da Cunha nos sertões e na selva.....	75
2. Terra ignota, paraíso perdido: a alteridade geográfica dos sertões e das selvas ...	119
2.1. Conformando o modo de ver: o olhar municiado de Euclides e a abertura das veredas dos sertões baianos.....	119
2.2. Entrada nas trilhas sertanejas, notas sobre a natureza: a matéria-prima para a <i>Os sertões</i>	131
2.3. Das veredas aos igapós.....	143
2.4. Nas entranhas da hileia maravilhosa.....	159
2.5 A natureza como capítulo primeiro: outras terras, outros quadros.....	182
3. Outra gente, à margem da história: os sertões e as selvas como alteridade temporal.....	203
3.1 O sertanejo de Vendaia: “uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos”.....	203
3.2. O sertanejo em Canudos: “o cavaleiro antigo coberto ainda da poeira da batalha”.....	216
3.3. Os outros na selva.....	240
3.4. O insulamento no passado: as estratégias de perspectivação do tempo em <i>Os sertões</i> e nos ensaios amazônicos.....	265
Conclusão.....	287
Fontes:.....	294
Referências bibliográficas:.....	295

Introdução

“Tomarei outra vez meu cajado de peregrino e procurarei outras terras. É o destino”¹. Assim Euclides da Cunha endereçou, de São Paulo, uma carta ao amigo João Luís, em 19 de novembro de 1895. Referia-se à possibilidade de uma nova mudança, motivada por seu estado de saúde. Por diversas outras razões, um peregrino e demais imagens em movimento lhe eram caras para escrever-se a si mesmo. Ora dizia identificar-se com Judas Ashverus, ora com um bandeirante² e mesmo com Sísifo³, em seu vaivém incessante.

Filho de Eudóxia Alves Moreira e Manuel Pimenta da Cunha e neto, por parte de pai, de um português traficante de escravos e uma baiana de origem indígena, Euclides nasceu em 20 de janeiro de 1866, na Fazenda Saudade, município de Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro. Estudou, na capital, no Colégio Aquino e ingressou, em 1885, no curso de engenharia civil da Escola Politécnica. Em 1886, prestou novos exames, para o curso de engenharia da Escola Militar da Praia Vermelha, para o que contou, provavelmente, sua condição financeira.

Seus estudos foram interrompidos em 1888, por insubordinação. Em novembro deste ano, por ocasião da chegada ao Rio de Janeiro do republicano Lopes Trovão, os cadetes da Escola Militar foram submetidos a uma inspeção, a fim de impedir a saída e a adesão a um comício contra a monarquia. Durante a revista, Euclides protestou diante do ministro da Guerra, acarretando seu desligamento do Exército. Este episódio ensejou o convite para escrever no jornal *Província de S. Paulo*, embrião de *O Estado de S. Paulo*.

¹“A João Luís. São Paulo, 19 de novembro de 1895”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 90.

²“A Rangel. Manaus, 20 de março de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 278.

³“A João Luís. São Paulo, 08 de dezembro de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 91.

Euclides retomou os estudos, logo após a proclamação da República, e continuou sua colaboração com o jornal, para cujas páginas escreveu, intermitentemente, de 1888 e 1907. Concluída sua formação em engenharia, empregou-se na Diretoria de Obras Militares e, mais tarde, na Superintendência de Obras Públicas de São Paulo.

Filiou-se a uma tradição republicana abrigada nos quadros do Estado, preocupada com os temas nacionais, convicta do saber técnico-científico e de uma atuação racional do poder público, como salientaram alguns de seus estudiosos como Regina Abreu⁴ e Francisco Foot Hardman⁵. Ao longo de sua vida, Euclides manifestou-se, especialmente, em artigos de jornais, sobre questões prementes, que foram desde a Revolta da Armada, as secas no oeste paulista e no norte do país até os conflitos fronteiriços entre Peru, Bolívia e Brasil. Conforme Nicolau Sevcenko, seus textos impregnaram-se de historicidade e de presente, porque envolviam movimentos históricos, tensões raciais, mudanças econômicas e sociais, críticas cultural e moral, análises geológicas e geográficas⁶.

Uma dessas manifestações públicas foi capital para a projeção de sua carreira como escritor. Por ocasião da guerra de Canudos, Euclides publicou, em março e julho de 1897, em *O Estado de S. Paulo*, os artigos *A nossa Vendeia*. Credenciando-se como intérprete dos acontecimentos, Júlio Mesquita, diretor do jornal, escalou-o como correspondente na Bahia e solicitou ao presidente Prudente de Moraes sua nomeação como adido ao Estado-Maior do ministro da Guerra, o marechal Machado Bittencourt.

⁴ ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998

⁵ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais, criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 139-188.

Euclides partiu em agosto de 1897 para a Bahia, de onde enviou missivas a *O Estado* e preencheu uma caderneta de anotações, matéria-prima para a elaboração de *Os sertões*. De volta do conflito, em outubro deste ano, iniciou a escrita de seu livro, publicado em dezembro de 1902.

A recepção da obra foi, em geral, positiva. Os principais críticos à época elogiaram os pormenores no trato da terra e das gentes insurretas do arraial. Para Araripe Júnior, o mérito do autor residia no fato de que

ele viu, segurou, surpreendeu em flagrante, e em todas as suas variantes, descrevendo-os agora na mais bela síntese, que se tem feito no Brasil dos seus habitantes dos sertões, esses membros de uma sociedade, conforme diz o próprio autor, de todo estranha ao Brasil organizado em nação⁷.

Em toda a crítica, Araripe Júnior referiu-se à “sinceridade”, à “fidelidade” do autor que “observou de perto”, que “não perde[u] de vista um só momento”. Conheciam-se a fatalidade dos acontecimentos e a lancinante história dos rebelados, graças ao livro, que fazia ver e, de certa forma, sentir a trama urdida nos cantos remotos.

Um dos mais importantes críticos literários à época, José Veríssimo considerou *Os sertões* a obra de um “observador inteligente e bem informado, testemunha presencial da última fase da campanha (...), conhecedor seguro da terra e da gente cujos aspectos e efeitos reconta”. Para Veríssimo, não obstante a linguagem exagerada e técnica, demasiadamente contaminada pelas ciências abstratas, gerando um efeito artificial, por certo não pretendido pelo autor, o livro continha um “raro espírito de verdade” a ser examinado, como o próprio Euclides afirmara, “ante o olhar de futuros historiadores”⁸.

⁷ JÚNIOR, Araripe. “Os sertões. (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha)”. In: NASCIMENTO, José Leonardo do; FACIOLI, Valentin. *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p. 59.

⁸ VERÍSSIMO, José. “Uma história dos sertões e da campanha de Canudos”. Id. *Ibid.*, p. 54.

Essa crítica trazia também a dimensão do autor como “um homem de sentimento, um poeta e um romancista”. Essa pista de Veríssimo e alusões de Euclides a um consórcio de ciência e arte – comentado, a propósito, em carta a este crítico⁹ – insuflaram um debate sobre a literariedade de *Os sertões*. Para autores como Gínia Gomes¹⁰ e Leopoldo Bernucci¹¹, haveria um extravasar de fantasia e poeticidade nesse texto, de modo que à pena do homem de ciências sobrepõe-se a do poeta.

A leitura que realizo nesta tese compreende a obra de Euclides como um projeto de decifrar a República e enfrentar seus dilemas, a partir de uma estética nacional, que desse conta da inteireza do país, de seus abismos, seus desertos e sertões. O seu almejado consórcio de ciência e arte visava a versar em escrita as questões nacionais, especialmente desde o exercício de seu olhar, sondando um sentido de verdade e transmitindo-a com algum flerte com o belo. Assim, o sublime ingressa nos seus textos, não para sobrepujar a intenção de perquirir o verídico, mas para ladear suas pretensões científicas. Acredito, coadunando-me com Luiz Costa Lima¹², que a literariedade em *Os sertões*, que estendo aos ensaios amazônicos de *À margem da história*, emerge, pois, controlada, como efeito estilístico, desde que não comprometa o projeto do olhar interventor de Euclides para a nação.

Esse intento de circunscrever sua obra como um facear o real, cuja virtude derivaria de um olhar cientificamente municiado e uma experiência empírica, aparece na nota à segunda edição de *Os sertões*. Nela, Euclides rebateu supostas imprecisões alardeadas ou algum pendor para o fantasioso. Porque havia fincado os pés nos sertões e

⁹ “Exmo. Sr. José Veríssimo. Lorena, 03 de dezembro de 1902”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 143.

¹⁰ GOMES, Gínia Maria de Oliveira. *A travessia de uma Terra ignota: leitura de Os sertões*, de Euclides da Cunha. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

¹¹ BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

¹² LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

lançado o olhar para uma natureza e gente incógnitas, não poderia ter se desvencilhado da verdade, a condutora de sua narrativa. Na perseguição ao verídico, seria Tucídides o mentor de seu fazer histórico.

Nesse investir, (...) obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará. E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a história da guerra do Peloponeso — porque eu também embora sem a mesma visão aquilina, escrevi “sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.”¹³

Anos depois, o anseio de olhar e esquadrihar, imbuído de um ímpeto de verdade, as gentes e a terra de um Brasil desconhecido concretizou-se, mais uma vez, com a viagem à Amazônia. Nomeado chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, por intermédio do crítico literário José Veríssimo e do diplomata Oliveira Lima junto ao ministro das Relações Exteriores, o barão do Rio Branco, Euclides partiu para Manaus em dezembro de 1904. De lá, pouco antes de embrenhar-se no rio Purus, endereçou uma carta a Alberto Rangel, colega dos tempos da Escola Militar, retomando a imagem de si mesmo como um bandeirante. Dizia levar “uma carta de prego para o desconhecido”, onde cumpriria um ideal, “uma aspiração superior”, sobre a qual tinha “tanto que escrever ainda”¹⁴. Impelido por uma ética missionária, de que fala Sevcenko, realizou a expedição de levantamento cartográfico, retornando ao Rio, em janeiro de 1906.

Como resultado de sua viagem, escreveu os ensaios amazônicos, a primeira parte do livro *À margem da história*, de cuja organização e ordenação participou ativamente, embora tenha morrido alguns meses antes de sua publicação. Cumpre mencionar que essa obra de 1909 é composta ainda de outras três partes: a segunda, intitulada *Vários*

¹³ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: (campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 784.

¹⁴ “A Rangel. Manaus, 20 de março de 1905.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 143.

estudos, subdivide-se nos artigos *Viação Sul-Americana*, que defende a construção de uma ferrovia que conectasse o Mato Grosso e a Bolívia; *Martín García*, uma resenha do livro *Martín García y la jurisdicción del Plata*, do uruguaio Agustín de Vedia, acerca do conflito de jurisdição entre Argentina e Uruguai em torno da ilha de Martín García; e *Primado do Pacífico*, texto em Euclides comenta a crescente importância do Pacífico para o comércio internacional, configurando-se como um novo eixo de disputas imperialistas. A terceira parte chama-se *Da Independência à República (esboço político)*, publicado, pela primeira vez, sob o título *O Brasil no século XIX*, em *O Estado de S. Paulo*, em 31 de janeiro de 1901, como um ensaio linear de história política do país. Por fim, a quarta parte, nomeada *Estrelas indecifráveis*, a mais distante tematicamente do restante do livro, discorre sobre a periodicidade do aparecimento de estrelas, em um texto que entremeia ciência e religião.

Esboçadas essas linhas prévias, aponto para o objetivo desta tese de historicizar a composição de *Os sertões* e dos ensaios amazônicos de *À margem da história*, de modo a avaliar o impacto que as experiências empíricas proporcionadas por suas travessias pela Bahia e pelo norte do país legaram para a elaboração das obras em comento.

Como dito acima, em agosto de 1897, Euclides dirigiu-se para a Bahia, onde redigiu uma série de correspondências ao jornal *O Estado de S. Paulo* e uma caderneta de campo, textos que ensejaram a produção de *Os sertões*, publicado em 1902, pela Laemmert e Companhia Editores. Mais tarde, tem-se sua empreitada pela região amazônica, entre 1904 e 1905, em decorrência da qual elaborou documentos técnicos, como o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* e as *Notas complementares Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*; o artigo *Entre os seringais*, lançado na revista *Kosmos*,

em 1906; o prefácio a *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, em 1908; os ensaios *Impressões gerais*, *Rios em abandono*, *Um clima caluniado*, *Os caucheiros*, *Judas-Asvero*, “*Brasileiros*”, *Transacreana*, os quais integram, sob o título *Terra sem história (Amazônia)*, a primeira parte de *À margem da história*, publicado postumamente em 1909, pela Livraria Chardron, de Léo & Irmão, do Porto.

A hipótese central desta tese é a de que as viagens promovidas por Euclides da Cunha para os sertões baianos e a região amazônica, ao proporcionarem a elaboração de registros em campo, que se revelam como matéria-prima para a confecção de *Os sertões* e para os ensaios amazônicos de *À margem da história*, configuram a condição mesma de sua escrita e constituem o argumento de autoridade do autor para decifrar os sertões e as selvas como uma alteridade geográfica, povoada por uma alteridade antropológica deslocada no tempo. Entrelaçando um olhar cientificamente armado e sua experiência empírica, Euclides procurou traduzir as outras terras do país, longínquas e esquecidas, que forjavam outras gentes, à revelia do presente e das promessas de futuro, acenando para um projeto interventor.

Inicialmente, a viagem como condição de escrita encaminha para a discussão sobre o lugar dos deslocamentos e das narrativas em trânsito no século XIX. O deslocamento realizado por Euclides, longe de ser singular, é bastante representativo de um esforço empreendido, em verdade desde o século XVIII, de trazer ao conhecimento dos círculos intelectuais as populações de outros cantos do planeta, ditas sem história que existiam à sua margem.

Assim, o primeiro capítulo da tese, intitulado *Um parêntese necessário: a viagem como condição de escrita e circunscrição do outro no espaço e no tempo* analisa a ambiência intelectual em que as viagens se apresentavam como modo de produção de conhecimento sobre o outro e como pressuposto mesmo da escrita. Para

isso, realizei uma digressão a fim de mostrar como se constituiu uma ciência da viagem no século XVIII, inserida em um contexto de florescimento das ciências do homem. A ênfase na observação e na epistemologia do olhar como vias privilegiadas de instrução impulsionou os sujeitos a deslocamentos no espaço, à procura de novos centros de conhecimento, expandindo a consciência planetária, nos dizeres de Mary Louise Pratt¹⁵. Desta forma, as viagens se converteram em experiência singular do mundo e, também, de descoberta de si. No século XVIII, as viagens almejavam saciar a sede de aprendizagem e satisfazer uma vocação mais íntima do homem. Significavam tanto a oportunidade de definir seu lugar no mundo e completar um capítulo da história da humanidade, quanto a autorrealização e o encontro consigo mesmo.

Deste modo, a experiência da viagem, por promover o contato direto com os objetos de estudo, tornava-se fundamental para garantir a autoridade do texto e desmontar as construções exclusivamente provenientes de gabinete. Entretanto, ao final do século XVIII, verificam-se contundentes críticas à autenticidade e fidelidade à realidade destes relatos e um apelo a um maior rigor científico. Ao longo do século XIX, os contornos de cientificidade destas viagens e expedições ficam mais definidos. Uma maior exigência na análise e na descrição do funcionamento das sociedades visitadas, da natureza local e de sua influência nos indivíduos parece estar no cerne dos primeiros movimentos de uma incipiente antropologia.

Na segunda parte deste capítulo, intitulada *O outro no espaço e no tempo: as viagens do século XIX e a escrita do selvagem*, o objetivo é discutir como as viagens como condição epistemológica de descoberta do outro ensejaram a produção de um conhecimento específico sobre os distintos povos, sobretudo a partir do momento em que as viagens ao dito Novo Mundo tornaram-se mais frequentes. Os saberes

¹⁵ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Editora EDUSC, 1999.

produzidos sobre o funcionamento destas sociedades observadas, sobre sua natureza e a relação dela com sua gente, oriundos do contato direto e da experiência do olhar, estariam nas raízes dos primeiros movimentos da antropologia e da etnografia. Para compreender esta onda de viajantes e suas tentativas de decifrar o outro, os aportes teóricos fundamentais são o de François Hartog e Johannes Fabian. Aqui, pretendo lançar pistas que serão fundamentais para o último capítulo, a fim de entender como Euclides, ao viajar pelo Brasil ignoto, visava a apreender os sertanejos baianos e amazônicos, decifrá-los e escrever este outro em suas obras, as quais embaralham saberes da história, ciências naturais e etnografia.

Assim, o primeiro capítulo da tese destina-se a examinar a relação entre uma ciência da viagem e o exercício de um olhar etnográfico, em um cenário no qual antropologia, etnografia e história se tocam, ainda não integralmente delimitadas como campos disciplinares, para situar o horizonte intelectual em que Euclides da Cunha estava inserido e lançar luzes para a interpretação das fontes euclidianas.

Na última parte do primeiro capítulo, intitulada *O observador e o viajante: olhar, deslocamento e as marcas da presença de Euclides da Cunha nos sertões e nas selvas*, analiso a construção da presença de Euclides em campo, tanto nos sertões baianos, como na selva amazônica. Essa seção organiza-se em torno da discussão de como narrador e observador ora se imiscuem, ora se afastam, porém, em ambos os casos, a experiência do olhar e a do deslocamento conduzem a narrativa de *Os sertões* e dos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Esta perspectiva permite descortinar o diálogo de Euclides com uma tradição de relatos de viagem e de autores da historiografia brasileira oitocentista que sustentavam a importância de “estar lá”, de embrenhar-se nas solidões interiores do Brasil para conhecê-lo verdadeiramente.

A obra *Os sertões* é dividida em três partes: *A Terra, O Homem, A Luta*. Esta ordem é significativa para a análise do texto euclidiano, porque remonta à importância que o autor conferia à história natural - em que o conhecimento do meio era essencial para a história do homem - e ao seu diálogo com viajantes naturalistas, mas também remete à influência do historiador francês Hippolyte Taine, cuja obra segmentava-se em raça, momento e meio. Nesta trama de alusões e referências, a descrição da terra aparece sempre como um momento anterior para tentar esboçar um quadro do homem, em Euclides. Assim, nos ensaios amazônicos, de certa forma, também se encontra esta progressão, já que nos primeiros mapeia-se o terreno, delineando o espaço físico, para, em seguida, traçar um perfil das gentes amazônicas. Este espaço, porém, apresenta-se como uma alteridade geográfica, um canto do Brasil em que as paragens são absolutamente diversas daquelas do litoral. Neste sentido, meu intento geral neste capítulo é o de avaliar o bosquejo dos sertões baianos e amazônicos, operados por Euclides da Cunha, como um outro geográfico, como espaços de uma natureza a qual desperta sentidos conflitantes e enreda o observador em uma teia de aporias.

Por isso, depois de examinados os indícios da observação de Euclides, depreendidos de *Os sertões*, das correspondências enviadas ao jornal *O Estado de S. Paulo* e dos ensaios amazônicos, e examinadas as estratégias retóricas em que Euclides construiu sua presença e assegurou a legitimidade do seu relato, passo a refletir, no segundo capítulo, nomeado *Terra ignota, paraíso perdido: a alteridade geográfica dos sertões e das selvas*, acerca da descrição do espaço propriamente dito, isto é, das terras sertanejas e amazônicas que Euclides cruzou.

A fim de compreender o processo de decodificação da natureza realizado por Euclides, cotejo o conhecimento produzido *in loco*, fruto de sua observação pessoal e inscrito em sua caderneta, em cartas enviadas durante as viagens e em relatórios

técnicos, que contêm medições de chuvas, desenhos de relevos, informações sobre clima, com os saberes advindos de suas leituras, notadamente a de viajantes naturalistas. Deste modo, acredito ser possível também reforçar minha hipótese central de que a experiência do deslocamento e a estada em campo concorreram substancialmente para a elaboração da obra euclidiana e, no mesmo passo, destrinchar o olhar municiado de Euclides, ou seja, desenlaçar sua rede de interlocutores, baseada, sobretudo, em autores que também haviam experimentado uma situação de trânsito.

Nas obras euclidianas em comento, apresenta-se a natureza ao leitor, para que ele se ambiente com o cenário no qual se passam as tramas humanas, os dilemas da nação, as batalhas entre a civilização e a barbárie. O meio carece de ser observado, catalogado e, assim, narrado, para que a sequência dos eventos e o próprio enredo sejam inteligíveis. Por isso, a história natural ganha importância em sua obra, já que emerge como princípio organizador da profusão da natureza e, por conseguinte, como etapa anterior e inescapável para falar do homem e de sua história.

Para além de um ensaio científico de compreensão da natureza, Euclides empenhava-se em seu tratamento estetizante, em que o belo e o sublime aparecem como chaves para sua representação. Rebuscá-la, forrá-la de metáforas, em suma, estetizá-la implicava, frequentemente, assinalar o espanto e as apreensões dúbias e antitéticas, que ela provocava no observador, que variavam da admiração e fascínio ao terror e assombro.

Porque desafia, a natureza espanta, afugenta, impõe empecilhos tanto para o pesquisador-observador, quanto para sua gente. Ao insistir nos entraves do meio para a observação, Euclides almejava, novamente, assegurar a autoridade de seus textos. O meio impingia também dificuldades à existência e permanência do homem, por isso, Euclides descreveu a natureza em sua estranheza. Rivalizando com o homem, ela o

força a adaptar-se às suas feições ou o expulsa. Isso explica uma natureza agigantada e a hiperbolização do espaço, diante de um homem apequenado em Euclides – traço que, mais uma vez, desvela os diálogos do autor com a literatura de viagem.

Não obstante sua pujança e grandeza, tanto a natureza dos sertões quanto da selva amazônica descortinavam-se incompletas, uma vez que careciam, na metáfora de Euclides, de uma “decoração interior”. Há sempre a marca de uma ausência, o que sugere que, para o autor, a altivez do meio convivia com o inacabado, que sua potência ladeava os parcos esforços até então em direção ao progresso.

À sua imagem a terra modelava o homem. Essa natureza imponente e impiedosa, configurada como uma alteridade geográfica por Euclides, produzia, pois, uma alteridade antropológica. O terceiro capítulo, nomeado *Outra gente, à margem da história: a alteridade temporal*, concentra-se no esforço de Euclides de delinear as gentes dos sertões e das selvas, desde seu material de campo à sua obra mestra e aos ensaios amazônicos. Procedendo, igualmente, ao cotejo das fontes redigidas durante as viagens e com os textos finais, observo que, a partir do exercício do olhar e a tentativa de compreensão dos homens aqueles cantos do Brasil, Euclides mobilizou estratégias de inteligibilidade do outro sertanejo e amazônico que negavam sua coetaneidade, alijando-os do tempo presente para arremessá-los ao passado.

Neste capítulo, discuto como o autor bosquejou um perfil para os homens sertanejos e amazônicos, em sua caderneta de campo, em cartas enviadas durante suas viagens e, ainda, em relatórios técnicos, que, comparados a *Os sertões* e aos ensaios amazônicos revelam suas leituras sobre o espelhamento da natureza no homem, seus hábitos e costumes e, especialmente, sua inadequação ao tempo presente.

Essa gente estranha, em porções de cantos ignotos do país, domínios da selvatiqueza, estava imersa, na perspectiva de Euclides, em uma dimensão do tempo

radicalmente diversa, alheia aos movimentos do progresso, às promessas do futuro e da aceleração do tempo. A sensação de engastamento a outra temporalidade relaciona-se, diretamente, ao insulamento que atravessaria tanto os desertos baianos, quanto as selvas amazônicas.

Nesta etapa, irei me deter nas recorrências, quanto à caracterização do estado dessas gentes desses cantos incógnitos, às analogias euclidianas entre diferença espacial e separação temporal, desnudando uma profundidade do tempo. Segundo Euclides, as gentes tanto nos sertões baianos, quanto nas selvas amazônicas, configuravam uma alteridade antropológica - com diferenças em relação ao restante da nação que iam desde as feições, os costumes aos delineamentos etnológicos -, que, por sua vez, desembocava em uma alteridade temporal.

Em suma, para o autor, a narrativa em trânsito, o exercício do olhar e o registro circunstanciado das coisas e gentes com as quais teve contato seriam os procedimentos fundamentais para a produção de uma história nacional verdadeira, sincera, em oposição aos trabalhos seduzidos apenas pela poeira dos arquivos, distantes do chão e as gentes.

Acredito que a comparação minuciosa entre as fontes e a interlocução com o aporte teórico auxiliará na formulação de respostas às indagações desta tese, pois permitirá questionar como Euclides da Cunha, ao viajar pelos sertões baianos e a selva amazônica, viu uma alteridade geográfica e humana, expressa no embate entre a civilização e a barbárie, o progresso e a natureza não lapidada. Neste processo de viver a entrada em um universo expressivo estranho, interessa perquirir quais mecanismos de inteligibilidade Euclides adotou para traduzir a alteridade aos destinatários de sua narrativa.

1. Um parêntese necessário: a viagem como condição de escrita e circunscrição do outro no espaço e no tempo

Il n'y a d'homme complet que celui qui a beaucoup voyagé, qui a changé vingt fois la forme de sa pensée et de sa vie. (...) Tout est plus juste, tout est plus vrai chez celui qui a vu la nature et la société de plusieurs points de vue. (...) Ouvrons le livre des livres; vivons, voyons, voyageons. Le monde est un livre dont chaque pas nous tourne une page; celui qui n'en a lu qu'une, que sait-il?

Lamartine

On sait bien maintenant qu'il n'y aurait pas d'histoire universelle sans les voyages (...). Mais que sait-on, en général, du génie particulier des voyageurs eux-mêmes? Qu'a-t-on fait pour tracer (...), du moins à grand traits, l'histoire de leur influence?

Ferdinand Denis

Em *Os sertões*, na parte dedicada ao estudo do homem sertanejo, o narrador abre o que denomina de um parêntese irritante, a fim de esmiuçar os desdobramentos da mestiçagem. A combinação de raças muito diversas promoveria, segundo ele e amparando-se nas leituras teóricas à época, o confronto de temporalidades, de sorte que as qualidades dos tipos mais evoluídos seriam anuladas e os atributos dos mais primitivos, ressaltados. Como resultado, o mestiço se apresentava um intruso, um fraco, destituído de vigor físico e sem altitude moral. Os sertanejos, todavia, contradiziam a degeneração da mestiçagem, porque o antagonismo do caldeamento de raças fora neles abrandado, compelindo-os a uma quase fixidez dos caracteres fisiológicos. O isolamento em que viviam privava-os do influxo de elementos superiores, para os quais não estavam preparados. Poucados do dispêndio de energia para uma difícil adaptação, os sertanejos fizeram-se fortes, amoldados ao espaço incandescente. Retrógrados, mas não degenerados poderiam, quem sabe, libertar-se da selvageria e atingir a civilização.

Essa interpretação que mitigava as hipóteses do inarredável ocaso dos sertanejos lançava uma centelha sobre as solidões interiores do Brasil. A civilização não seria de todo um caso perdido. O narrador revestia-se de autoridade para essa ponderação, porque era o que “*a observação cuidadosa do sertanejo do Norte mostra*” (grifos meus). Algumas linhas após, ele propõe reproduzir, intactamente, as impressões que teve quando, acompanhando a velocidade da marcha militar, defrontara-se com uma terra estranha e aqueles desconhecidos singulares¹⁶.

Neste capítulo da tese, permito-me também abrir um parêntese, mas que julgo necessário para compreender como se forjou, a partir do século XVIII, uma ambiência em que as viagens consistiam em modo privilegiado de observação e produção de conhecimento sobre o outro, bem como pressuposto mesmo da escrita. Essa digressão me parece pertinente, pois sustento que Euclides da Cunha seja herdeiro dessa tradição que imputa ao olhar e ao experienciar a autoridade do registro. As viagens promovidas por ele para os sertões baianos e a região amazônica foram premissa para a escrita de *Os sertões* e dos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Atravessar os desertos internos, olhar a natureza e os homens, esquadrihá-los, deparar-se com a alteridade, para, depois, historiar com mais verdade. Essa empreitada foi decisiva para a obra euclidiana.

1.1. Do encontro consigo ao encontro com o outro: o olhar e as viagens no século XVIII, no alvorecer das ciências do homem

Basta lançar um rápido olhar sobre o estado dos nossos conhecimentos adquiridos no tocante à natureza do homem, para sentir quanto é necessário e quanto será reconfortante trabalhar para aumentá-los. Desde sempre, a mente humana fez os maiores esforços para expandir e multiplicar suas conquistas nas ciências e nas artes (...); mas estas pesquisas e estas visões gerais quase nunca foram dirigidas senão para

¹⁶ CUNHA, Euclides. *Os sertões*. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: (campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 205.

objetos estranhos à sua própria natureza. É longe dele que o homem quase sempre direcionou seus olhares curiosos. (...) Ele existe e não se conhece. Em vão, a voz da razão lhe grita sem parar ‘Que é o homem?’, em vão os sábios de todos os séculos lhe repetiram, ‘Conhece a ti’, o homem é ainda um grande enigma aos seus próprios olhos; e qualquer um que queira refletir sobre suas faculdades logo cai em um abismo de incertezas e de erros.” (tradução minha)¹⁷

Retirado do *Magasin Encyclopédique*, este trecho é o fragmento de um convite aos leitores para enviarem contribuições relativas ao comportamento de crianças, para a *Société des Observateurs de l’Homme*. Em um plano mais geral, o redator anônimo exortava a necessidade de se refletir sobre a natureza humana, lançando sobre ela a curiosidade até então dispersa entre outros objetos. “O que é o homem?” deveria se converter na pergunta primeira a nortear os trabalhos a serem desenvolvidos. Havia, porém, um tom insatisfeito e crítico quanto aos estudos acerca do tema, o qual, segundo seu autor, permanecia incógnito e rodeado de incertezas, no fim do Setecentos.

Longe de uma preocupação singular, essas linhas parecem representativas do encorajamento a embrenhar-se nas inquietações sobre a condição humana e, simultaneamente, do desalento sobre o estado destas pesquisas. No encerramento do século XVIII, em uma Europa sacudida pela Revolução Francesa, a urgência e a angústia do extrato acima despontam, em termos muito próximos, em formulações de outros autores, como na indagação de Wilhelm von Humboldt: “quando um século se acaba, nosso espírito não pode se impedir de colocar esta questão: onde estamos nós? Qual parte a humanidade percorreu no longo e penoso caminho que é o seu? (tradução

¹⁷ « Il suffit de jeter un rapide coup-d’oeil sur l’état de nos connoissances acquises touchant la nature de l’homme, pour sentir combien il est nécessaire, et combien il sera consolant de travailler à les accroître. De tout temps, l’esprit humain a fait les plus grands efforts pour étendre et multiplier ses conquêtes dans les sciences et dans les arts (...); mais ces recherches et ces aperçus n’ont presque jamais été dirigés que vers des objets étrangers à sa propre nature. C’est loin de lui que l’homme a presque toujours porté ses regards curieux. (...) Il existe, et ne se connoît pas. Vainement la voix de la raison lui crie sans cesse « Qu’est-ce que l’homme ? », vainement les sages de tous les siècles lui ont répété « Connois-toi ! », l’homme est encore une grande énigme à ses propres yeux ; et quiquonque veut réfléchir sur ses facultés, tombe aussitôt dans un abîme d’incertitudes et d’erreurs ». *Magasin encyclopédique*, 1800, t. II, 533-534. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k424132g.r>

minha)”¹⁸. Ou em Julien-Joseph Virey: “por que você [referindo-se ao homem] lança seus olhares além de sua própria esfera? (tradução minha)”¹⁹ e na queixa de Sonnini de Manoucourt, para quem o homem “raramente se detém sobre si mesmo (tradução minha)”²⁰.

Mais do que sujeito a promover investigação a respeito das coisas do mundo, era imperioso que o homem se tornasse um objeto em si mesmo, em sua multiplicidade de dimensões, de sua constituição corpórea à imaterial. Deste modo, *savants* e *philosophes* empenharam-se para incluir no campo de conhecimento não apenas o corpo e sua feição, mas o pensamento e a moral; não apenas as estruturas físicas nervosas, mas as paixões e emoções. Esta operação intelectual de trazer a totalidade humana para a produção de saberes foi apontada, por Sergio Moravia, como um dos pressupostos teóricos que permitiram a abertura para o florescimento das ciências do homem no século XVIII²¹.

Compreender o homem em sua integralidade implicava também decifrar seu espaço e as formas pelas quais ambos interagiam. Embora não se limitasse a um decalque da natureza, estava intrinsecamente ligado a ela e a percepção de que havia um senso de solidariedade íntimo entre ambos representaria outra virada epistemológica fundamental no século XVIII²². Como sua morada e teatro de suas ações, a terra

¹⁸ « quand un siècle s’achève, notre esprit ne peut s’empêcher de se poser cette question : où en sommes-nous ? Quelle partie l’humanité a-t-elle parcourue sur la longue et pénible route qui est la sienne ? » Texto publicado pela primeira vez em 1797. HUMBOLDT, Wilhelm von. *Le dix-huitième siècle. Plan d’une anthropologie comparée*. Introduction de Jean Quillien. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1995, p. 31.

¹⁹ « pourquoi portes-tu [l’homme] tes regards au-delà de ta propre sphère ? » VIREY, Julien-Joseph. « *Histoire naturelle de genre humain*, ou Recherches sur ses principaux fondemens physiques et moraux; précédées d’un Discours sur la nature des êtres organiques, et sur l’ensemble de leur physiologie. On y a joint une dissertation sur le sauvage de l’Aveyron. » Paris : F. Duprat, an IX (1801), p. 23.

²⁰ « s’arrête rarement sur lui-même ». SONNINI DE MANONCOURT, Charles Nicolas Sigisbert. « Addition à l’article des variétés dans l’espèce humaine. » In : LECLERC, Georges-Louis. *Histoire naturelle générale et particulière*. Paris : F. Dufart, an VIII (1800), p. 40.

²¹ MORAVIA, Sergio. *La scienza dell’uomo del Settecento*. Bari: Editori Laterza, 1970; Id. “The Enlightenment and the Sciences of Man”. In: *History of Science*, 1980, vol. 18, p.247-268.

²² Para uma reflexão sobre as relações entre homem e natureza, no século XVIII, cf.: BLANCKAERT, Claude. “1800: Le moment « naturaliste » des sciences de l’homme.” In: *Revue d’Histoire des Sciences*

demandava a perquirição de suas características e variações. De acordo com a terminologia empregada por Moravia, tratava-se de um processo de descoberta do meio ou de mundanização do homem²³.

Todavia, não bastava delimitar o objeto, pois restava a questão de como abordá-lo metodologicamente. Desde a primeira metade do Setecentos, discutia-se a possibilidade de aplicar, sistematicamente, o método das disciplinas físico-matemáticas à pesquisa em torno do homem, já que nada do que lhe concernia poderia escapar ao exame científico.

Nesse sentido, a Europa ilustrada setecentista, a fim de cumprir o empreendimento intelectual que colocava o homem no centro das análises, inclinou-se para opções epistemológicas cruciais, tais quais a reabilitação da observação e a redescoberta da descrição factual-empírica. Entretanto, a heurística baseada na observação e experimentação não poderia incorrer no equívoco de resumir o homem a mero fenômeno natural, devendo, em vez disso, considerá-lo como um ser *sui generis* na ordem das coisas no mundo.

Assim, o resgate da observação sensível, que teria culminado na consagração de uma epistemologia do olhar, presente nos principais textos da época, da etnologia à geografia, era acompanhado da afirmação da complexidade do humano, do seu engastamento com a terra e da existência da diversidade.

A consciência da amplidão do horizonte terrestre, em suas incontáveis paisagens e arranjos sociais, e a ênfase na observação e no exercício de olhar como vias privilegiadas de instrução impulsionaram os sujeitos a se moverem no espaço, à procura de centros de conhecimento, transformando as viagens em experiência singular do

Humaines. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2000, v. 2, n° 3, p. 117-1160. Disponível em: www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-2000-2-page-117.htm

²³ MORAVIA, Op. cit., 1980; MORAVIA, Sergio. *Filosofia e scienze umane nell'Età dei Lumi*. Firenze: Sansoni, 1982.

mundo e descoberta de si. No século XVIII, elas almejavam satisfazer uma vocação mais íntima do homem e saciar sua sede de aprendizagem. Significavam tanto a autorrealização e o encontro consigo mesmo, quanto a oportunidade de definir seu lugar no mundo e completar um capítulo da história da humanidade.

Se é certo que, no século XVI, as viagens, por meio das grandes navegações, desencadearam uma reviravolta nos domínios do conhecimento e retraçaram a cartografia da terra ao descortinar um novo continente, inaugurando uma sensação de abertura do mundo²⁴, foi no Setecentos que a prática disseminou-se e ascendeu a outro *status*, de modo a forjar o período como o século por excelência da viagem.

No repertório de deslocamentos, os principais atores eram naturalistas, missionários, agentes colonizadores, administradores, comerciantes, exploradores, marinheiros, diplomatas, engenheiros, artistas, que, por vezes, se lançavam e retornavam dizendo ratificar o que já sabiam; em outras, desprendiam-se e reconfiguravam as leituras do momento de partida. De toda maneira, auxiliaram a recompor o mapa da Europa e, paulatinamente, de outros cantos do mundo, pela circulação de pessoas, objetos, mercadorias, valores e formas de apreender a diversidade.

Dentre as inúmeras modalidades de viagem no Setecentos, o *Grand Tour*, como a historiografia do século XX convencionou chamar, firmou-se como uma das mais emblemáticas no tocante à busca de conhecimento. Realizado desde o século XVI, intensificou-se no Setecentos, como ferramenta indispensável para a educação da juventude nobre e pressupunha uma razoável duração no local visitado, bem como o regresso à sociedade de origem²⁵.

²⁴ PRÉTOU, Pierre. « Penser le nouveau monde ». In: *Cahiers des Amériques latines*, nº 56, 2009.

²⁵A expressão *Grand Tour*, de acordo com Gilles Bertrand, registra apenas uma ocorrência no século XVIII, na obra *The Grand Tour, or a journey through the Netherlands, Germany, Italy and France*, de

Esta experiência entre científica e filosófica incluía a França, a Alemanha, a Itália e, em meados do século XVIII, passou a transmitir, efetivamente, a noção de um *tour* por quase toda a Europa. A Itália tornava-se etapa última e essencial da viagem, por ser identificada como berço de uma civilização. Os traços de um tempo que remontava à Antiguidade clássica se manifestavam em sua arquitetura, obras de arte e, neste contexto, as ruínas figuravam como sobrevivências que se cristalizaram até o presente. A impressão de que as cidades italianas estavam imersas no passado - assim, ao acessá-las, abria-se o caminho para escavar a história da humanidade - insuflava a juventude a percorrê-las. Não cruzar a Itália configurava uma lacuna existencial, uma falha no processo educacional.

O itinerário, que abarcava as cortes de príncipes, assembleias eclesiásticas, igrejas, mosteiros, fortificações, portos, castelos, jardins, bibliotecas, universidades, teatros, salões, coleções de arte e de ciências naturais, define a especificidade do *Grand Tour* em relação às demais situações de trânsito, porque, como viagem culta, fazia parte de um processo de aprendizagem útil e se elaborava em função das teorias educativas em voga.

Circunscrito o roteiro, um preceptor conduzia os jovens em formação. Um desenhista, um artista ou outro *guide du goût*²⁶ ajudavam-nos a utilizar mapas e conselhos de demais viandantes, direcionando os olhares ao que se julgava digno de ser apreciado e estudado. Em tempos de enciclopedismo e curiosidade diversificada, uma

Thomas Nugent, publicada em quatro volumes, no ano de 1749. A historiografia passou a adotá-la no século XX, embora, entre os alemães, tenha se preferido a ideia de “mundo experimentado”. Sobre as viagens designadas por *Grand Tour*, cf.: BERTRAND, Gilles. « La place du voyage dans les sociétés européennes (XVI-XVIII siècle) ». In: *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*. Presses Universitaires de Rennes, tome 121, n° 3, 2014; GRINER, Pascal. *La République de l'oeil*. L'expérience de l'art au siècle des Lumières. Paris: Odile Jacob, 2010; SCHWARCZ, Lilia Moritz. “A restauração na política e nas artes: a paisagem como discurso da nação.” In: *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁶ Ideia de um *guide du goût* como um preceptor que auxiliava a modelar os gostos dos jovens viajantes. Cf.: BERTRAND, Gilles. Op. cit., 2014, p. 24.

presença que orientasse quais etapas e objetos mereciam mais atenção era tida como crucial para conferir densidade à viagem.

Não obstante a recomendação da leitura de guias, os quais atuavam como baliza do caminho e catálogo dos aspectos instrutivos básicos, os usos de livros e de lições dos mentores continham limites, dado que poderiam interferir na apreensão daquilo que se contemplava, distorcendo as absorções mais intuitivas e espontâneas. A viagem irrompia como ocasião para verificar o conhecimento livresco, retificá-lo, se necessário, pois o autêntico sorver da realidade seria operado diretamente, através da observação pessoal e intransferível.

Detectava-se, portanto, uma fratura entre ler e ver, entre a ideia vagamente transmitida pelo livro e a epifania provocada pela visão. Embora proveitosos, os guias e manuais encerrariam conhecimentos estáticos e imporiam amarras à genuína compreensão do entorno, além de guardarem eventuais erros. Consequentemente, o viajante estaria suscetível a uma perspectiva viciada e blindada contra o arrebatamento do contato. Por isso, menos que um pleonasma, a fórmula “ver com os próprios olhos”, frequente nos textos da época, exprimia o reforço da observação direta. A contemplação visual, como obra da ciência, desmascararia o real, não em sua superfície ou aparência pitoresca, mas em sua essência.

Como exemplo de um célebre elogio à empiria, Jean-Jacques Rousseau sustentou, em *Emílio ou Da educação*, publicado no ano de 1762, o estabelecimento de uma relação estreita com a natureza circundante e a dispensa das mediações e representações, no processo educacional²⁷. Uma vez que se atirassem às viagens, os indivíduos experimentariam por conta própria o que se apresentasse ao redor e, se

²⁷ PAIVA, Wilson Paiva de. “A formação do homem no Emílio de Rousseau”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 33, nº 2, p. 323-333, maio/agosto, 2007; ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Difel, 1973.

estivessem impregnados de um espírito filosófico, dotado de um olhar especializado, potencializariam sua observação e aumentariam sua fruição²⁸.

Outro caso de veemente defesa do exercício do olhar está em Johann Wolfgang von Goethe, que, entre 1786 e 1788, percorreu a península italiana e, em 1816-1817, publicou *Viagem à Itália*. Neste texto, em que a escrita de si e a narrativa de viagem se entrelaçam, expõem-se o processo de formação do narrador, sua percepção estética e suas impressões como viajante. A experiência do deslocamento, por proporcionar a oportunidade de cravar os olhos na paisagem e nos monumentos da Antiguidade e do Renascimento, foi retratada por Goethe como fator de desenvolvimento pessoal e intelectual. Ao reconstituir sua estada na Itália, por meio de memórias e diários, frisava que a visão regia a forma como decifrava o mundo, pois era o sentido apto a capturar o que a reprodução e as noções divulgadas em livros jamais alcançariam²⁹.

Em uma frase, a síntese da concepção goethiana: “O ouvido é mudo, a boca é surda, mas o olho ouve e fala. Nele se reflete de fora, o mundo, de dentro, o homem, a totalidade do interior e exterior se realiza através do olho”³⁰. Na medida em que se permitisse conduzir por seu olhar, demonstrasse sua disposição ao novo e se deixasse surpreender, o indivíduo se abriria, verdadeiramente, para o conhecimento do mundo e de seu lugar. Atravessando espaços, encarnando o papel de espectador da natureza e dos objetos, tecia uma rede de aprendizados, em um processo de conhecer a si pelo outro.

²⁸ ECHE, Antoine. « Figures du voyageur philosophe au XVIII siècle ». In : TATIN-GOURIER, Jean-Jacques ; BELLEGUIC, Thierry. *De l'homme de lettres au philosophe des Lumières*. Du sens de la mission au doute. Paris : Éditions Le Manuscrit, p. 291-292.

²⁹ Sobre o tema do exercício do olhar em Goethe, cf.: GUIDOTTI, Mirella. “A construção do olhar: a Viagem à Itália, de Goethe”. In: *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 15, n. 19, 2012, p. 122-136. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/39799/42663>; MONTEZ, Luis Barros. “Sob a ética do olhar, do tempo e da escrita. Goethe e a história”. In: CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira; MELLO, Celina Maria Moreira de (Org.). *Cenas da Literatura Moderna*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010, p. 191-216.

³⁰ GOETHE, Johann Wolfgang. *Farbenlehre* apud GUIDOTTI, Mirella. Op. cit. 2012, p. 133.

Viajar era também um encontro consigo, porque quando se contemplava o exterior, por reflexão, meditava-se sobre o interior.

Neste contexto, o olhar e o sujeito em trânsito aprimoravam-se, mutuamente, no caminho. Em um movimento espiral, os fenômenos afetavam o olhar, que, por se deparar sempre com a novidade, se aguçava e, então, se voltava para os fenômenos, agora mais límpido e mais habilitado a compreendê-los.

No *Grand Tour*, os olhos, exaltados como instrumento de revelação decisiva e de cognição, faziam do corpo sensível do observador um laboratório. A vivência física do deslocamento, com seus percalços e encantos, e o trabalho da retina imprimiam à viagem a força de um episódio seminal da vida dos jovens das elites europeias. A fim de não desvanecer o impacto das sensações, não perder os detalhes, os preceptores que os acompanhavam sugeriam que vertessem em diários e cadernetas tudo o que diante deles fora exibido. O hábito de tomar nota, para fixar o fugidio da travessia, gestava a matéria-prima para os textos que posteriormente seriam publicados.

Ao se escrever sobre as viagens, garantia-se o registro dos elementos mais surpreendentes e curiosos, organizava-se, no texto, a profusão do vivido e produzia-se conhecimento sobre os espaços desbravados, para atender aos anseios de mais saberes dos jovens das elites europeias. Aqui, a observação direta do sujeito que havia “estado lá” assegurava a veracidade, uma vez que seus olhos não se entregariam ao falseamento a que os ouvidos alheios poderiam sucumbir.

Os diários e cadernetas, repletos de informações transcritas após a contemplação, dariam forma a dissertações eruditas, tratados sobre estética, estudos para pinturas, descrições de botânica, novelas, guias de viagem, ou à mistura destes

textos³¹. Conquanto não chegasse a delimitar um gênero literário estabilizado, como ocorreria no período romântico, em que o ponto de partida seria o *Itinéraire de Paris à Jérusalem*³², de François-René de Chateaubriand, publicado em 1811, a escrita da viagem no século XVIII, ao converter a experiência e a rota em objetos de representação, completava um importante passo do *Grand Tour*.

Em suma, essa modalidade de viagem estabeleceu-se como evento educativo indispensável na formação das jovens elites. Movida, a princípio, pela busca das origens da constituição da Europa, seguindo os rastros de sua civilização, esta juventude esperava instruir-se sobre seus pares e, com isso, desvelar a si mesma. Ao contemplar a paisagem, a arquitetura e os objetos de arte no seio da Europa, estes viajantes meditavam sobre apreciação estética, satisfaziam sua curiosidade antiquária e erudita, refletiam sobre seu continente e, por conseguinte, concebiam de maneira distinta sua própria existência.

Apesar de emblemático, o *Grand Tour* não esgotava todas as formas de viagem no século XVIII, como outrora mencionado. Além dos jovens das elites, artistas e arquitetos dirigiam-se, com franca preferência, à Itália, especificamente a Roma, considerada inescapável, onde permaneciam em lapso temporal maior. As viagens destes últimos diferiam do *Grand Tour*, por prescindirem das mesmas estratégias de aprendizagem e por se prestarem, antes de tudo, ao treinamento de técnicas e aprimoramento profissional, o que lhes conferia, portanto, uma função mais pragmática. Também frequentes, letrados de variadas faixas etárias, sujeitos instigados por

³¹ HAZART, Paul. «*La crise de la conscience européenne*». Paris : Boivin et Cie, 1935. Version numérique de Pierre Palpant, Université du Québec, organizada em 2005. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1421/jaro2008/PH0204/hazard_crise.pdf

³² A respeito do livro de Chateaubriand, cf.: GUYOT, Alain ; LE HUENEN, Roland. *L'itinéraire de Paris à Jérusalem de Chateaubriand : l'invention de la voyage romantique*. Paris: Université Paris-Sorbonne, 2006.

interesses arqueológicos e antiquários, outros pela ânsia de mirar a natureza espalhavam-se pela Europa, para expandir seus domínios de saber.

Quanto ao raio dos deslocamentos, convém lembrar que o do *Grand Tour* concentrava-se na porção centro-oeste da Europa. Como viagem pedagógica, encerrava-se em um roteiro tão somente europeu, já que visava, sobretudo, a aprofundar os conhecimentos a respeito de uma pátria histórica e cultural comum e, com isso, entender mais sobre o indivíduo em situação de trânsito. A própria palavra *tour* evoca a ideia de uma linha que se curva e se fecha, um movimento sobre si mesmo³³. Parece uma boa imagem desta jornada iniciática, em busca de enriquecimento pessoal e intelectual, que fomentava andar entre os pares e findava, voltando para si.

Nas outras modalidades de travessia, ao longo do Setecentos, menos do que a realização do indivíduo ao cumprir um rito de passagem, o que engajava os viajantes era a promessa de elaboração de um conhecimento mais sistemático, com crescentes pretensões científicas, sobre as gentes e as coisas observadas. Como decorrência do incremento destas práticas de viagem, os roteiros se alargaram. Do campo aos espaços urbanos e seus atrativos, das montanhas a sítios arqueológicos, os viajantes renovaram seus inclinações e fitaram distintamente locais antes ignorados, retrazendo as circulações na Europa.

Os vazios, “os nadas” foram pouco a pouco ressignificados. O norte europeu recebeu um afluxo de viajantes impelidos pelo anseio de exotismo, pela procura dos confins do mundo³⁴. Extremidade geográfica e máximo da diferença dentro do continente, as terras setentrionais foram alvo de incursões que indagavam se seus

³³ BERTRAND, Gilles. Op. cit., 2014.

³⁴ Sobre as viagens ao Norte da Europa, cf.: CRENN, Maryvonne. « Récits de voyages là où finit la terre... La culture des voyageurs en Laponie. » In : *La Revue Française*, numéro électronique, La culture des voyageurs a l'age classique regards, savoirs & discours, s.d. Disponível em : <http://revuefrancaise.free.fr/Crenn.htm>

habitantes constituíam uma nova espécie de homem, se havia alguma relação entre eles e os selvagens do Novo Mundo, se sua organização social atestava sua antiguidade. As faixas do leste, por sua vez, permaneceram por mais tempo olvidadas pelos viandantes de uma Europa ávida por rastrear, sobretudo, suas origens supostamente mais elevadas.

Assim, se por um lado, as viagens se expandiram no continente europeu, ampliando as fronteiras das áreas sobre as quais se tinha notícia, por outro, instituíram hierarquias, designaram alguns espaços como desejados e outros como margens. A Itália, utopia do belo e berço da civilização, a Inglaterra e a Suíça, seios da emergência de um modelo de liberdade, os Países Baixos, rotas de projetos econômicos, editoriais e artísticos, a França, notadamente, Paris, como polo cultural, figuravam entre os destinos mais valorizados. Na outra ponta, o norte e o leste formavam a periferia da Europa, os territórios estéreis, extremos espaciais, mas também culturais. No interior do continente, eram apreendidos como ermos, limites da travessia e da produção de conhecimento³⁵.

Não obstante a variedade e a hierarquia de paisagens e arranjos sociais na Europa, um senso de unidade reunia esta dispersão, de sorte que um único continente como cenário de observação desvelou-se insatisfatório. Sedento de novas imagens, o olhar necessitava espriar-se para horizontes diversos. De acordo com Sergio Moravia, esta abertura geográfica e antropológica para o outro foi uma das condições epistemológicas para o desenvolvimento das ciências do homem no século XVIII³⁶.

A constatação de que o estudo da natureza humana não poderia se resumir ao branco, europeu e civilizado – embora reconhecesse a existência de escalas de civilização no continente – foi um marco do Setecentos. As investigações deveriam abarcar e repousar sobre características que excedessem estas divisas. O exame da diferença tornou-se imperativo para a produção de saberes setecentistas, já que

³⁵ Sobre a hierarquia entre os destinos na Europa, cf.: BERTRAND, Gilles. Op. cit., 2014.

³⁶ MORAVIA, Sergio. Op. cit., 1980, p. 257-265.

descortinara insuficiente encerrar-se no pensamento do mesmo. Uma vez que os repertórios familiares não bastavam mais para as inquietações do homem setecentista europeu, o confronto com o distante se apresentava como saída mais fértil.

Em períodos precedentes, o interesse por outros povos não esteve ausente, contudo, para autores como Moravia, não teria alavancado os níveis teórico e metodológico do conhecimento organizado sobre o outro, como ocorreria no Setecentos.

Aqui, faz-se necessária uma ligeira digressão, a fim de clarificar o argumento acima. No século XVI, as travessias a cantos mais remotos, especialmente, ao Novo Mundo desvelaram a existência de gentes que viviam à revelia dos padrões europeus. Narrativas extravagantes e, por vezes, fantasiosas reportaram aos europeus, para além do que os olhos de fato inspecionavam ou do que a razão certificava como crível, as terras anteriormente incógnitas, deslizando amiúde entre representações de um paraíso terrestre e de um desterro de bárbaros e monstros. Destacam-se duas primordiais leituras do outro desnudado nas viagens do século das grandes navegações: em uma, ele era subsumido ao mesmo, em nome de sua inteligibilidade na Europa³⁷, na outra, corporificava um oposto radical, encarnava um feitio sub-humano³⁸.

Ao tomar como exemplo *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, de Jean de Léry, publicado em 1578, após a estada no Rio de Janeiro de 1556 a 1558, Michel de Certeau avaliou a construção quinhentista de uma hermenêutica do outro, que ao rasgar o Atlântico, evidenciava uma fenda entre o Antigo e o Novo mundos. Os relatos de viagem à época contavam as peripécias da navegação oceânica, espantavam-se com as maravilhas, com os casos terrificantes e, ao descrever os episódios, entrelaçavam-nos a elementos cosmológicos. A cisão entre o “de cá” e o “de lá” traduzia o dessemelhante

³⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 211-242.

³⁸ MORAVIA, Sergio. Op. cit., 1980, p. 258

como um mero desvio do que se via no primeiro, ou como uma aglutinação de formas ocidentais. Assim, o texto da viagem fazia emergir um outro, que retornava ao mesmo, para tornar o distante palpável aos seus destinatários. Sob este ângulo, o ideário da conquista e conversão presente no relato assumia um duplo sentido: tanto o literal de adquirir um novo território e persuadi-lo a abraçar uma nova religião, quanto um mais metafórico de assimilar o novo ao velho continente e equacionar a dissimilitude em termos já conhecidos.

Nessa operação, o que aparentava completamente diferente reduzia-se ao mesmo e a estranheza se transferia para uma exterioridade por meio da qual se distinguia uma interioridade - “a única definição do homem”. Por conseguinte, o “de lá” não corresponderia à alteridade. Para Certeau, este mecanismo, repetido em muitos textos de etnologia da época, despontava em Léry na representação do mundo selvagem segmentado entre a Natureza - onde a estranheza se manifestava, correspondendo à exterioridade – e a sociedade civil – habitada por uma verdade do homem. Disso resultaria uma secção em que a diferença não estaria no homem, porque ele seria o mesmo, mas na natureza, o verdadeiro outro. A língua, que à primeira vista separava os europeus dos tupis, no relato de Léry, simbolizaria um entrave contornável pela tradução. A transformação linguística, portanto, recomporia a unidade substancial encoberta pelas cascas de heterogeneidade.

Se havia discursos nos quais se diluía a diferença, circunscrevendo o outro ao mesmo, também havia aqueles em que ela era exacerbada de tal maneira que privaria as gentes de outras bandas da terra de sua humanidade³⁹. O assombro provocado pelo contato com os selvagens gerava descrições amparadas na detração e negação dos atributos correntes na cultura dos colonizadores. Principalmente nas Américas, os

³⁹ MORAVIA, Sergio. 1980, Loc. cit.

nativos, tidos como inverso absoluto dos europeus, alimentaram os símbolos de lascívia, desvario, feitiçaria, munindo, inclusive, o discurso demonológico do Velho Mundo⁴⁰. De tão drástica, a diferença vertia os selvagens em sub-humanos, quando não em anti-humanos.

Ou seja, de modo geral, a diferença desvendada pelo encontro com o outro, nas viagens do século XVI, ou era domesticada e anulada, em prol da humanidade una, de sorte que as variações se dariam apenas na exterioridade, na Natureza, porque a interioridade dos homens seria idêntica; ou era exagerada ao limite de retirar a humanidade dos selvagens, mais próximos de criaturas bestiais do que dos europeus.

Ademais, como estes relatos quinhentistas desenvolviam uma crônica da travessia que costurava a gama cosmológica aos eventos, a narrativa girava em torno do céu, dos mares, da terra, da fauna, da flora, elementos a explicar os fatos. Por isso, para François Laplantine, os relatos de viajantes do XVI e também do XVII empreendiam uma sondagem mais cosmográfica do que etnográfica, uma vez que perquirir os hábitos e costumes dos homens não era a preocupação nuclear⁴¹.

Em traços cosmográficos, ora esmaecida ou negada, transformando os povos longínquos em versões – ainda que imperfeitas – dos europeus, ora sublimada, deslocando e expurgando aqueles da própria humanidade, a diferença não tinha gravidade epistemológica nas especulações sobre o homem, no contexto das viagens dos séculos XVI e XVII e de suas narrativas.

Somente a partir do século XVIII, a diferença ganharia relevância e tratamento científico. Por esta razão, embora em séculos anteriores, europeus já houvessem cruzado os mares e topado com os demais continentes, há uma especificidade da viagem no

⁴⁰ A respeito da demonologia e da heterologia nos discursos dos conquistadores e colonizadores europeus na América, cf.: SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁴¹ LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo : Editora Brasiliense, 2003.

Setecentos: é ela que, pela primeira vez, se destina à produção de conhecimento científico sobre o outro, reconhecendo a diferença, teórica e metodologicamente.

A elaboração de saberes no século XVIII exigia uma atitude disciplinada diante das diferenças, uma nova forma de olhar os povos. O simples recolhimento de elementos materiais de outros cantos da terra, reputados como extravagantes e excêntricos, não satisfazia mais as aspirações científicas do Setecentos. Gestava-se o outono da cultura da curiosidade, que contara com o trabalho de viajantes dos séculos XVI e XVII.

Na época moderna, a curiosidade nutria o acúmulo, por parte das elites cultas, de objetos variados, independentemente da relação entre eles, que, fora do seu contexto de uso, se tornavam alvo de contemplação ou peças de decoração. Agrupando o raro, exótico, bizarro e impressionante, os gabinetes de curiosidade serviam de espaço para se refletir sobre estas preciosidades, ao mesmo tempo em que ambicionavam reconstituir uma pequena prova, um microcosmo do teatro do mundo, em toda sua exuberância. Eram, portanto, lugares para meditar e maravilhar-se⁴².

Conquanto abundantes e de escorregadia tipologia, as curiosidades, de acordo com o historiador francês Gauthier Aubert, repartiam-se, principalmente, entre *chambre d'art*, as realizações do homem, e as maravilhas, obras de Deus⁴³. Estas últimas, extraídas dos reinos animal, vegetal e mineral, encenavam uma disposição do mundo orquestrada pelo criador. Os objetos feitos pelos povos do ultramar também ressoavam o universo natural, forjado pelo poder divino, porque importavam mais os materiais que os compunham do que as técnicas e as teias de sentido que envolviam sua confecção.

⁴²Sobre o papel dos curiosos na formação das coleções na idade moderna, cf.: POMIAN, Krzysztof. *Collectionneurs, amateurs et curieux*. Paris, Venise : XVI^e - XVIII^e siècle. Paris, Gallimard, 1987.

⁴³ AUBERT, Gauthier. « Un encyclopédisme oublié : la curiosité en ses cabinets ». In : *Atala*, Cultures et sciences humaines, n^o 14, «La culture générale», 2011. Disponível em: <http://www.lycee-chateaubriand.fr/cru-atala/publications/ATALA14/atala14Aubert.pdf>

Esse comportamento diante da coleta dos objetos se conecta com o dito acima a respeito dos relatos dos viajantes dos séculos XVI e XVII, em que o interesse residia mais na sinfonia do cosmos do que nos ritos, mitos e artefatos dos outros povos.

Com o alvorecer das requisições científicas do século das Luzes, as curiosidades atravessaram demandas de refinamento e adestramento. Expôs-se o amadorismo dos curiosos, os quais aglomeravam coisas, a despeito de qualquer ordem, mais por deleite e prestígio do que motivações científicas. Num cenário em que a razão imperava progressivamente, o bizarro e as criaturas extraordinárias retiraram-se para as fábulas. Para Gauthier Aubert, o desencantamento do mundo teria penetrado na esfera das curiosidades, desdobrando-se no declínio do maravilhoso. Em vez de um objeto único, excêntrico, as séries coligadas em função das aquisições da ciência moderna ascenderam às prateleiras e vitrines dos gabinetes e, pouco a pouco, ajudaram a formar coleções. Uma especialização ascendente privilegiava segmentos determinados, conjuntos de objetos que dialogavam uns com os outros, no seio de um mesmo universo temático.

A transição da mera curiosidade, recolhida aleatoriamente, para a pesquisa de um corpus documental de relevância cognitiva acompanhava o processo de alijamento da força criadora divina, dessacralizando o mundo e secularizando o tempo. Assim, com o recuo do sagrado, do maravilhoso e com o destronamento da curiosidade, o conhecimento do homem em sua existência empírica assumia a centralidade das pesquisas encampadas em terras distantes, de modo que o projeto da viagem científica passava a substituir as narrativas de viagem anteriores, cosmográficas, estetizantes ou fantasiosas.

Nos delineamentos da nova ciência da viagem, no Setecentos, em que as narrativas em trânsito popularizavam-se e integravam a formação de pensadores, interditavam-se, pouco a pouco, as concessões ao imaginário, para cravar a busca pelo

verdadeiro como imperativo maior dos deslocamentos. Por isso, mesmo os relatos de viagem do século XVIII não estavam imunes às críticas ao seu valor científico, por, eventualmente, flertarem com o romanesco ou tenderem a exageros. Sobretudo na segunda metade do Setecentos, enaltecia-se o mérito dos relatos para a confecção de um saber sobre o outro, mas, concomitantemente, registravam-se ressalvas acerca de sua fiabilidade.

Dentre os questionamentos à época, a nota X do *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité* (1754) de Rousseau apresentava um dos ataques mais vigorosos aos relatos de viagem. De acordo com o autor, o estudo do homem, no singular – isto é, da condição humana –, requeria lançar o olhar a certa distância, com o fito de observar as diferenças e demarcar suas propriedades. Apenas na medida em que se deslocava, o homem recrudescia o conhecimento sobre sua existência, traçando as semelhanças e diferenças entre os povos de outros cantos⁴⁴.

Para Rousseau, embora inundada de relatos de viagem, porque ávida de notícias sobre outras gentes, a Europa parecia não saber senão sobre si mesma. Os viajantes partiriam mais para referendar as lições que portavam de antemão do que para se permitirem o contato com o inédito. Soldados, marinheiros, mercadores e missionários obedeciam às expectativas inerentes à determinação de suas travessias: sem um olhar apurado, deixavam escapar à sua percepção os traços distintivos dos povos visitados e, como em um efeito de jogo de espelhos, viam no outro o reflexo de si mesmo.

⁴⁴ Sobre o tema dos relatos de viagem em Rousseau, cf.: ABRAHAM, Bertrand. « Rousseau, Diderot, Bougainville : protocoles de production et de lecture du récit de voyage au XVIII^{ème} siècle », *Semen*, n° 4, 1989. Disponível em: <http://semen.revues.org/6973?lang=en> ; GANNIER, Odile. « De l'usage des notes dans le *Discours sur l'inégalité* de Rousseau : récits de voyages et ethnographie ». In : *Loxias* 27, 2009. Disponível em : <http://revel.unice.fr/loxias/?id=3169>; ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1894. Consultado em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5801545j.r=>

As novidades do mundo, portanto, restavam envoltas em bruma. Para além do problema de um olhar que buscava mais ratificar do que descobrir, havia a falta de credibilidade de relatos que embaralhavam a observação direta com a de terceiros. Tarefa árdua, a superação destes entraves deveria ficar a cargo dos *philosophes*. À condição de viajante precedia a de *philosophe*, cujo olhar lapidado e especializado eximia-se das fraudes e do vício de encontrar no outro uma projeção mal acabada de si.

Publicada entre 1746 e 1759, a obra *Histoire générale des voyages*, encomenda oficial a Antoine François Prévost, costuma ser apontada como um monumento que modificou o estatuto da literatura de viagem, atribuindo-lhe nova dignidade. Prévost sugeria que, antes de tudo, os viajantes deveriam se portar como amantes esclarecidos, imbuídos do desejo supremo de conhecimento e da capacidade de observar o que interessaria aos seus leitores. A partir dos relatos destes viajantes, propunha um sistema geral de história e geografia modernas, que, no entanto, não se furtaria ao exame crítico das fontes disponíveis, notadamente, aquelas concernentes ao Novo Mundo. Era preciso desenvolver ferramentas que auxiliassem a avaliar criteriosamente o toque anedótico e a autenticidade dos documentos listados, a fim de expurgar a obscuridade, a ingenuidade e os testemunhos suspeitos⁴⁵.

Um pouco mais tarde, em 1765, Louis Jaucourt, um dos principais autores dos verbetes da *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* de Diderot e d'Alembert, sublinhava, no artigo *Voyage*, o objetivo essencial dos deslocamentos de buscar informações abundantes e interrogar os hábitos e costumes dos outros povos. Se o verbete acerca da viagem consistia em um elogio à atividade na difusão dos saberes, o teor do enunciado sobre o viajante era menos otimista e mais cauteloso no tocante aos riscos da publicação dos relatos. Na entrada *Voyageur*,

⁴⁵ Sobre a obra de Prévost, cf.: DUCHET, Michèle. *Anthropologie et Histoire au siècle des lumières*. Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius, Diderot. Paris: Flammarion, 1971, p. 81-95.

Jaucourt alertava sobre os virtuais prejuízos aos intentos da viagem, devido a pouca fidelidade aos fatos em sua transposição narrativa. Em numerosos casos, os autores apenas replicariam descrições de outros textos, sem qualquer verificação, perpetuando, pois, uma série de erros⁴⁶.

Em Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, extrai-se outro exemplo do ceticismo que rondava os usos dos relatos de viagem para a produção de conhecimento comprovadamente verídico. Em *Histoire naturelle*, publicada em 36 volumes entre 1749 e 1788, na parte consagrada à espécie humana, Buffon pontuava a importância dos relatos para a história natural, mas contestava sua credibilidade. Talvez para evadirem-se das agruras das travessias, os viajantes inclinavam-se para o fantasioso, sacrificando a exatidão do testemunho. Em vez de detalhamentos fieis, rendiam-se aos caprichos da composição literária. Como resposta, Buffon recomendava uma leitura atenta, que discernisse os recursos retóricos, as hipérboles, os fatos enganosos e toda sorte de elementos que aturdissem a verossimilhança, razão e as leis da natureza. Tanto maior seria a qualidade da análise quanto fosse a capacidade crítica do leitor. A astúcia dos interlocutores, porém, não bastava: para sanar, efetivamente, o problema de como fundar um saber autêntico a partir dos relatos, o viajante deveria relegar impressões não verificadas e os ornamentos, em nome de aspirações científicas. O *philosophe* corporificaria, então, este ideal de viajante ilustrado⁴⁷.

Rousseau, Prévost, Jaucourt e Buffon são alguns dos mais robustos exemplos da valorização da viagem como ocasião para produzir conhecimento sobre as diferenças que palmilhavam os diversos cantos do mundo e, ao mesmo tempo, do lamento sobre o

⁴⁶ A respeito de Jaucourt, cf.: KOVACS, Eszter. *La Critique du voyage dans la pensée de Diderot*. De la fiction au discours philosophique et politique. Paris : Champion, 2005.

⁴⁷ Sobre a relação entre Buffon e as viagens, cf.: WÅHLBERG, Martin. « Littérature de voyage et savoir : la méthode de lecture de Buffon. » In : *Dix-huitième siècle*, n° 42, 2010/1, p. 599-616. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2010-1-page-599.htm>

nível ainda impressionista e diletante de grande parte dos textos decorrentes destes deslocamentos. Neste contexto, a viagem incitada tão somente pelo deleite, pela vaidade de ser tomado por um oráculo em seu local de origem era considerada um trabalho estéril. Uma travessia suscetível aos encantamentos das paisagens, iludida pelas aparências e insensível à variedade humana prestava-se mais aos usos efêmeros da imaginação do que à elaboração de saberes que perdurariam e permitiriam decifrar a condição humana. Caso fossem guiados apenas por uma ingênua curiosidade, os viajantes retornariam tão ignorantes quanto em sua partida.

Desenhava-se, pois, um impasse em torno das viagens no Setecentos: conquanto se exaltasse sua finalidade e seus relatos firmassem uma importante voga na Europa, admitiam-se seus limites para as incipientes ciências do homem. Letrados do século XVIII mostravam-se insatisfeitos e temerosos quanto à sistematicidade e o rigor das informações colhidas, uma vez que mesmo quando às expedições essencialmente político-militares ou comerciais se juntaram as empreitadas de *savants*, os volteios da erudição e o despreparo dos viandantes obstavam uma fruição mais científica.

Em suma, os lineamentos da nova ciência da viagem cobravam um olhar treinado para detectar as singularidades dos outros povos e rechaçavam o diletantismo e amadorismo. No lugar da obsessão pela curiosidade, a perspicácia para capturar a diferença; em vez de angariar o excêntrico e vão, o representativo e útil. Por conseguinte, não apenas o alvo da observação se modificava, como também a postura metodológica diante dele. Esquivando-se da sedução das extravagâncias, coletadas randomicamente nos séculos XVI e XVII, o olhar deveria, agora, obedecer a critérios que se pretendiam racionais. O material a que as viagens forneciam acesso necessitava ser atentamente observado, analisado e comparado.

Gesto originário do saber, o ver não se limitava, portanto, a uma perspectiva sensorial, porque o entendimento do que os olhos inspecionavam dependia do estabelecimento de nexos, da elaboração de sentido para os fatos. Por isso, segundo Sergio Moravia, a comparação fundou-se como um dos atos cognitivos primordiais da moderna ciência do homem, uma vez que representava a possibilidade de interpretar e traduzir as diferenças coligidas⁴⁸. Não que anteriormente não se comparasse, mas, no século XVIII, forjava-se a comparação como um método aplicado ao estudo dos homens, o que, para Hélène Clastres, se baseava em um duplo postulado: haveria uma unidade do humano, o que lhe tornava permeável à instituição de paralelos; e o desenvolvimento histórico submeter-se-ia a leis, projetando nas ciências do homem as hipóteses do naturalismo⁴⁹. Na mesma linha, Claude Blanckaert afirma que a impotência da pura introspecção para compreender os homens empurravam-nos para comparações, aproximações e analogias⁵⁰.

Não gratuitamente, numerosos trabalhos à época continham, desde o título, a comparação, como *Mœurs des sauvages américains comparées aux mœurs des premiers temps*, publicado em 1724, fruto da estada de Joseph-François Lafitau entre 1712 e 1717, em Sault-Saint-Louis, na Nova França; e de *Le monde primitif comparé avec le monde moderne* de Antoine Court de Gébelin, publicado em 9 volumes entre 1773 e 1782. A importância do cotejo como operação intelectual no Setecentos aparece bem sintetizada na formulação de Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon:

O que é absolutamente incomparável é completamente incompreensível (...), tudo o que é suscetível de comparação, tudo o que nós podemos perceber por diferentes faces, tudo o que nós podemos considerar relativamente pode sempre ser da competência dos nossos conhecimentos; quanto mais objetos de comparação, de lados diferentes, de

⁴⁸ MORAVIA, Sergio. Op. cit., 1980.

⁴⁹ CLASTRES, Hélène. "Primitivismo e Ciência do Homem no Século XVIII". In: *Discurso*, n. 13, 1980, p. 187-208.

⁵⁰ BLANCKAERT, Claude. Op. Cit., 2000, p. 129.

pontos particulares sob os quais poderemos considerar nosso objeto, mais nós teremos meios para conhecê-lo e facilidade para reunir as ideias sobre as quais devemos basear o nosso juízo” (tradução nossa)⁵¹.

Este extrato ilustra a preocupação não apenas com a escolha do objeto a ser examinado, mas também com o uso de uma metodologia adequada, que preconizasse o confronto das dissonâncias e convergências. De maneira mais ampla, o trecho de Buffon insere-se no esforço de otimizar os conhecimentos oriundos das viagens, afastando as suspeitas de inexatidão e inverdade dos relatos.

Assim, na segunda metade do século XVIII, desenvolveram-se as instruções de viagem, capitais na investida em prol da cientificidade dos deslocamentos, para ordenar os modos de ver e narrar. Ao modelar o jeito como os europeus apreendiam e liam o mundo desvelado, estes documentos participaram do processo de converter a experiência individual do trânsito, sorvida em princípio tão somente pelo viajante, em patrimônio cognitivo de toda uma comunidade⁵².

Vale mencionar a diferença entre os guias dos quais os viajantes do *Grand Tour* dispunham e as instruções de viagem. Para Lorelai Kury, embora aqueles também insistissem na autenticidade das informações compiladas, destinavam-se à vivência particular na educação dos jovens das elites, bosquejando roteiros que propiciassem a aprendizagem pessoal. As instruções, por sua vez, envolviam saberes os quais não se

⁵¹Ce qui est absolument incomparable, est entièrement incompréhensible (...), tout ce qui est susceptible de comparaison, tout ce que nous pouvons apercevoir par des faces différentes, tout ce que nous pouvons considérer relativement, peut toujours être du ressort de nos connaissances ; plus nous aurons de sujets de comparaison, de côtés différents, de points particuliers sous lesquels nous pourrons envisager notre objet, plus aussi nous aurons moyens pour le connaître et de facilité à réunir les idées sur lesquelles nous devons fonder notre jugement. BUFFON, Georges-Louis Leclerc. « Histoire naturelle de l’homme ». In: *Œuvres philosophiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954, p. 293.

⁵²Sobre as instruções de viagem, cf.: DUCHET, Michèle. Op. cit., 1971; FILHO TORRÃO, Amilcar. “Imago Mundi: as instruções de viagem como educação do olhar e revelação do mundo, séculos XVIII e XIX.” In: *História*, São Paulo, v.34, n.2, julho-dezembro, 2015, p. 286-309; KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L’Harmattan, 2001.

restringiam aos viajantes, mas que lhes permitiam extrair o máximo proveito da situação de trânsito para a coletividade⁵³.

A esta distinção subjaz uma transição essencial: enredado na própria emergência da noção de indivíduo, o *Grand Tour* se traduzia como episódio de formação do sujeito, que, leitor de um guia, rascunhava uma narrativa de revelação do espaço, mas, sobretudo, de descoberta de si para si. Centradas na fruição do “eu”, à procura de sua elevação moral e intelectual, estas travessias circunscritas ao alcance razoavelmente familiar da Europa cederam lugar às experiências de viagem que almejavam o conhecimento organizado do outro, abrindo caminho para o incógnito, o longínquo, o inóspito. Estes viajantes pensavam na alteridade como lições para sua pátria, ou, de maneira mais ambiciosa, para a humanidade.

Neste contexto, frise-se que inúmeras viagens que zarpavam da Europa ocorriam no interior de disputas entre os poderios francês e britânico, ambos competindo pela ampliação de seu alcance naval, suas realizações militares e econômicas, mas também pelo avanço e solidez das ciências, em um novo horizonte de deciframento do mundo.

Dentre as grandes viagens do Setecentos, podem ser citados, ligeiramente, os exemplos de Charles Marie de La Condamine, que, entre 1731 e 1732, percorreu o Oriente Médio e, em 1735, foi enviado pela *Académie des sciences* de Paris à América do Sul, em uma missão para resolver o debate acerca da forma do globo terrestre⁵⁴; de Louis-Antoine de Bougainville, que partiu, em 1766, na primeira circum-navegação francesa, regressando em 1769⁵⁵; de Jean-François de La Pérouse, encarregado de

⁵³ KURY, Lorelai. Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830). *Revue d'Histoire des Sciences*, Paris, v. 51, n. 1, p. 65-91, 1998.

⁵⁴ Sobre a viagem de La Condamine, cf.: SAFIER, Neil. “Como era artiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009, p. 91-114. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a04v2957>.

⁵⁵ Com Bougainville seguia Philibert Commerson, que escreveu a instrução *Sommaire d'observations d'histoire naturelle présenté au ministre qui, à l'occasion du voyage proposé de faire autour du monde par M. de Bougainville, demandait une notice des observations qu'y pourrait faire un naturaliste*.

dirigir uma expedição pelas terras setentrionais, pela costa americana e asiática, que, em 1785, levando uma variedade de instruções, tais quais *Les Mémoires du Roi*, o texto de Michaelis, e outras provenientes de instituições como a *Académie des sciences* e a *Société royale de médecine*, embarcou com astrônomos, naturalistas e pintores, tendo desaparecido em 1788⁵⁶. Do lado inglês, para nomear um dos viajantes mais célebres, James Cook lançou-se em 1768, atingindo um ano mais tarde o Taiti e, em seguida, a Nova Zelândia; entre 1772 e 1775 realizou a circum-navegação no oceano Ártico e em 1776 explorou as costas do Pacífico na América do Norte e Sibéria.

Embora estas viagens setecentistas tivessem múltiplas e distintas motivações, havia, de maneira geral, propósitos minimamente científicos. Por isso, não se contentavam mais com informações ecoadas, porém jamais checadas, com as leituras cristalizadas pela tradição em detrimento das reflexões decorrentes da empiria. As instruções situavam-se, deste modo, em um quadro de especialização das viagens, em que se exigiam pesquisas exaustivas sobre os homens e a natureza nas distintas regiões do mundo, em um equilíbrio entre o abrangente e o específico, a generalidade e a minúcia.

Essas instruções mobilizavam um aparelho conceitual, listavam aptidões práticas e teóricas indispensáveis, com o fito de educar, direcionar os olhares dos viajantes, pautar sua atuação *in loco* e, simultaneamente, formatar a escritura da narrativa da viagem, obedecendo a critérios determinados antes da partida. Acompanhavam,

Segundo Sergio Moravia, tratava-se de um texto de uso mais privado, em uma expedição com motivações mais políticas e comerciais do que científicas. Michèle Duchet, porém, avalia que esta instrução continha um empenho de compreender os selvagens, articulando sua constituição física, sua cultura e o meio natural. Cf.: DUCHET, Michèle. Op. cit., 1971; KURY, Lorelai. Op. cit., 1998; MORAVIA, Sergio. *Scienza e filosofia in Francia (1780-1815)*. Florence: La Nuova Italia, 1974.

⁵⁶ Na jornada de La Pérouse, as embarcações tinham à disposição um conjunto não homogêneo de instruções, embora se detectassem diretrizes comuns: a importância que a história natural ganhava nas orientações sobre a viagem, tanto em função de conselhos do Estado quanto de filantropos; o peso da agricultura e da busca por produtos naturais exóticos; o trabalho da viagem a ser completado na Europa, com o exame do material coletado em estabelecimentos dedicados às pesquisas científicas. Sobre isso, cf.: KURY, Lorelai. Op. cit., 1998.

conforme a especificidade dos textos e de suas intenções, tanto viajantes em empreitadas coloniais, quanto em expedições propriamente científicas.

Neste sentido, de acordo com Kury, nas instruções de viagem, coexistiam dois tipos de demandas, uma endereçada aos desprovidos de treinamento científico e outra aos especialistas, o que sugere a ambivalência de um saber, concomitantemente, acessível e restrito. De um lado, as instruções, incentivadas pelos poderes públicos e pelos filantropos, colaboravam para o esclarecimento das elites, orientando-as em suas travessias. De outro, a novidade e a eficácia das pesquisas em trânsito requeriam conhecimentos cada vez mais aprofundados e uma formação preliminar para manejar as diversidades avistadas. Contudo, em ambos os casos, munidos de instruções, os viajantes eram instados a atribuir um caráter utilitário, filantrópico e, especialmente, público a seus deslocamentos, de sorte que os saberes migrassem da mera vivência pessoal para o benefício da sociedade⁵⁷.

Não obstante a heterogeneidade de seus leitores, as instruções, como manuais consagrados ao trabalho de campo, ensinavam, de modo geral, a escala de prioridade dos objetos a serem observados, como inventariar a natureza, quais os meios mais adequados para a coleta dos materiais, a fim de lhes preservar a integridade durante o trajeto, além de designarem os modelos classificatórios a serem adotados nas avaliações.

Embora houvesse uma atenção especial das instruções à história natural, inclusive porque muitas das orientações nelas contidas seriam, frequentemente, determinantes para compor os acervos dos museus dedicados ao tema que se formavam à época na Europa, não se encarava a natureza isoladamente. Importavam, na mesma medida, as interações dos homens com ela, seus costumes, tradições, as formas de

⁵⁷ KURY, Lorelai. Op. cit., 1998, p. 90.

organização social, a agricultura, a manufatura e o comércio. Embrenhar-se nestes distintos aspectos asseguraria aumentar a inteligência a respeito das coisas no mundo. Uma sociedade de homens mais sábios tornar-se-ia, consecutivamente, mais plena e feliz.

Uma das referências fundamentais no assunto, a *Instructio peregrinatoris*, de 1759, de Erik Nordblad, supervisionada por Carl von Linné, elencava as qualidades necessárias aos viajantes, que, versados em história natural, deveriam dominar técnicas de desenho, traçar mapas, ser cultos, bem informados e redigir um diário pormenorizado dos dados sobre os homens e elementos da natureza⁵⁸. O texto aconselhava a extrair, cuidadosamente, minerais, espécies vegetais e animais, para que fossem estudados pelos sábios de gabinetes e pelas academias. Ademais, a *Instructio peregrinatoris* elucidava como se urdiu a ideia de que ao se ampliar o conhecimento da natureza e das gentes de outros cantos, proporcionando a notícia e a exploração das riquezas do mundo, não se atendia, apenas, aos interesses individuais dos viajantes, mas também a um negócio público e ao intento dos governos.

Outro marco dentre as instruções, *Questions de statistique à l'usage des voyageurs*, de Constantin-François Chassebœuf, o conde de Volney, foi publicado em 1795 e almejava propor um sistema de pontos ordenados para conduzir as pesquisas dos viandantes. A sistematicidade defendida por Volney se mostrava desde o emprego - em nada fortuito - da estatística no título, que confluía para a tentativa, cara ao final do Setecentos, de estabelecer um repertório de processos que atrelassem o homem ao mundo conforme leis de causalidade, semelhanças e contrastes⁵⁹.

⁵⁸STAGL, Justin. *A History of Curiosity. The Theory of Travel 1550-1800*. London, New York: Routledge, 2006, p. 85.

⁵⁹ Sobre a era de ouro da estatística naturalista e seu lugar nas ciências do homem do Setecentos, cf.: BLANCKAERT, Claude. Op. cit., 2000.

Em obra anterior, *Voyages en Egipte et en Syrie pendant les années 1783, 1784, 1785*, publicada em 1787, como decorrência de sua estada no norte da África e na Ásia ocidental, Volney afirmara que, ao contrário das matérias imanentes, que dispensavam a observação imediata, *in loco*, havia fatos que reclamavam urgência nas análises. Para estes, somente a viagem autorizaria a palavra, porque ninguém que aspirasse a escrevê-los retroativamente, e, por óbvio, já com o presente esvaído, teria o mesmo sucesso daquele que viu e esteve lá. O extrato abaixo ilustra como o autor imputava às viagens a capacidade de deslindar os eventos sociais e políticos, costurando-as à história:

As viagens neste sentido atingem ao objetivo da história e elas aí funcionam com mais vantagem; porque tratando de objetos presentes, o observador pode melhor que o escritor póstumo ver o conjunto dos fatos, deslindar suas relações, dar-se conta das causas, em uma palavra, analisar o jogo complicado de toda a máquina política. (tradução minha)⁶⁰

Apesar da importância das viagens, Volney lastimava a ausência de um documento que ajudasse os sujeitos em trânsito a ler e organizar as informações absorvidas, com o intuito de potencializar a experiência e redigir algo mais complexo que um estado de lugar. Foi como recurso a esta insatisfação que escreveu *Questions de statistique*, sugerindo maneiras de esboçar um quadro comparativo entre os diversos contatos do mundo, a partir de interrogações acerca da máquina política, conjunturas administrativas, população, agricultura, bem como dos aspectos físicos dos lugares visitados, seu solo, clima e vegetação.

⁶⁰ « Les voyages en ce sens atteignent au but de l'histoire et ils y marchent avec plus d'avantage ; car, traitant d'objets présents, l'observateur peut mieux que l'écrivain posthume saisir l'ensemble des faits, démêler leurs rapports, se rendre compte des causes, en un mot analyser le jeu compliqué de toute la machine politique ». VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf. « Voyage en Syrie et en Egypte pendant les années 1783, 1784 et 1785 ». In. *Œuvres complètes*. Paris: Didot, 1837, p. 310. Disponível em : <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1041132.r=Volney%2C%20Constantin-Fran%2C%A7ois%20de%20Chasseboeuf>

Nesta instrução, Volney tinha por finalidade projetar respostas face às diferenças, que, descerradas nas viagens, desafiavam os observadores, porque, muitas vezes, um mesmo solo servia de morada a variados costumes, paisagens e inclinações morais. A verdade emergiria diante de um exame acurado e de um confronto dialógico das observações, pois, para o autor francês, somente fatos bem vistos e judiciosamente comparados mereceriam confiança, desembocando em relatos de viagem comprometidos com a utilidade pública e científica.

Segundo Volney, o escrutínio nas viagens deveria resistir às tentações do empirismo centrado na simples curiosidade e, igualmente, da exterioridade das especulações filosóficas. Sem os excessos de uma empiria aficionada em colecionar massivamente fatos exóticos, mas pouco emblemáticos, sem as idealizações distantes da concretude, os deslocamentos teriam um grande valor cognitivo e funcional nas sociedades ao final do Setecentos⁶¹. Nas palavras de Volney: “A arte de questionar é a arte de se instruir; mas para questionar bem é preciso já ter uma ideia dos objetos para os quais tendem as questões (...). No mundo sábio, uma classe essencialmente questionadora é a dos viajantes (tradução minha)”⁶².

Uma vez que a estada em campo consubstanciava um pujante laboratório, era imprescindível recensear cautelosamente os dados, interpelá-los e mobilizar sistemas de classificação para decodificá-los, a fim de confeccionar um conhecimento verdadeiro e útil.

⁶¹ Sobre Volney, cf. : DAMIEN, Robert. « Expertise et Etat : l'exemple de Volney l'idéologue/voyageur (1757-1820) ». In: *Politiques et management public*, vol. 9, n° 2, 1991. Disponível em: http://www.persee.fr/docAsPDF/pomap_0758-1726_1991_num_9_2_2994.pdf; FILHO TORRÃO, Amílcar. Op. Cit., 2015, p. 297-299.

⁶² No original : « l'art de questionner est l'art de s'instruire ; mais pour bien questionner, il faut déjà avoir une idée des objets vers lesquels tendent les questions... Dans le monde savant, une classe essentiellement questionneuse est celle des voyageurs ». VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf. « Questions de statistique à l'usage des voyageurs ». In: *Oeuvres*. Paris: Parmentier; Froment, 1825, p. 377. Consultado em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k201559b/f390.image.r=questions%20de%20statistique%20%C3%A0%20l'usage%20des%20voyageurs%20volney>

Em *Leçons d'Histoire*, obra publicada no mesmo ano de *Questions de statistique*, resultado do curso que ofereceu como professor da recém-criada École Normale, Volney corroborava que era o fruto da sabedoria e da utilidade que se recolhia das viagens, atando-as, mais uma vez, à compreensão do homem em seu engastamento histórico⁶³.

Em muitas acepções, a instrução de Volney – como outras de suas obras – parece representativa dos sentidos dos quais as viagens se revestiram gradualmente no Setecentos. Nessa ambiência, entretecia-se o conhecimento de uma nova maneira, o que repercutia, diretamente, nos contornos que as viagens ganhavam, em como eram realizadas, narradas e como os saberes adquiridos por meio delas eram preservados nas academias científicas, transmitidos em livros ou em notícias na imprensa. Mais do que regozijo e divertimento, ou autorrealização, elas seriam fonte basilar de informação sobre o homem e a natureza, forneceria a chance de questionar imagens prévias oriundas das divagações de gabinete e compará-las com as vicissitudes que apenas o exercício do olhar iluminava. Para isso, os falseamentos, os deslizos do imaginário deveriam ser rechaçados da experiência da viagem e sua narrativa posterior, em nome da verdade e da cientificidade.

Consecutivamente, não só em Volney o nível de conhecimento sobre o homem associava-se à fruição das viagens e à credibilidade dos relatos. Logo, nesse cenário, as instruções eram uma contribuição para o máximo sorver dos deslocamentos, para a circunscrição dos objetos dignos de observação e para a adoção de um método que garantisse a produção de saberes autênticos. Era fundamental assegurar que, como

⁶³ No original : « quand on a vu beaucoup d'hommes, quand on a comparé beaucoup d'opinions, l'on s'aperçoit que chaque homme a son prix, que chaque opinion a ses raisons, et l'on émousse les angles tranchants d'une vanité neuve pour rouler doucement dans le torrent e la société. Ce fruit de sagesse et d'utilité que l'on recueille des voyages, l'histoire le procure aussi. » VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf. « Leçons d'Histoire prononcées à l'École Normale » In. *Œuvres complètes*. Paris: Didot, 1837, p. 580 .Disponível em : <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81300p>

ocasião para ver bem e narrar o que se viu, as viagens incrementassem e difundissem conhecimento, servindo à pátria, mas também revelando amor à humanidade.

De fato, as discussões travadas ao longo deste capítulo e os exemplos elencados permitem seguir as pistas do processo de florescimento das ciências do homem, em que as viagens se fundavam como alicerce empírico. De contato consigo e anseio individual por erudição, elas passaram a demandar traços mais científicos, conforme as exigências culturais e políticas da época.

A ideia de um mundo vivenciado e o elogio à observação derivada do deslocamento se fortaleciam diante das “vãs reflexões metafísicas”, as quais tornariam o homem uma espécie de milagre intangível, impalpável. Na direção contrária à imensidão de hipóteses e sistemas descolados da experimentação, acreditava-se necessário formatar um programa de pesquisa que obedecesse à razão, estivesse sedimentado na descrição empírica, enfim, que não admitisse senão fatos.

Os engodos e as lacunas do conhecimento da condição humana precisavam ser superados, porque a ignorância lançaria todos às sombras, à violência e à sujeição. Urgia solver o enigma do que era o homem e qual seu lugar na natureza. Aqui, se reencontra a citação que inaugura este capítulo, em que um redator anônimo do *Magasin Encyclopédique* criticava o estágio tardio de desenvolvimento das ciências dos homens, sobretudo porque os esforços cognitivos estariam dispersos em uma pluralidade de objetos. A frase “É longe dele que o homem quase sempre direcionou seus olhares curiosos. (...) Ele existe e não se conhece” remonta a uma tópica que Claude Blanckaert identifica de Buffon a Virey, responsável por alimentar a vocação enciclopédica do Setecentos⁶⁴. O corrente lamento da insuficiência dos estudos do homem indicaria, pois, um direcionamento: em vez de estéreis especulações

⁶⁴ BLANCKAERT, Claude. Op. cit., 2000, p. 124-126.

dogmáticas, deveriam apoiar-se nas leis que regiam as ciências naturais, ou seja, a observação e a experiência.

Ora, o trecho do *Magasin Encyclopédique* convocava o envio de artigos para a *Société des Observateurs de l'Homme*, criada em dezembro de 1799, para se consagrar à história natural do homem, a colaborar com as expedições de descobertas e oferecer diretrizes para a análise das causas que distinguiam os povos, forjando em alguns a primitividade da espécie humana. Esta instituição empenhou-se singularmente para ordenar as observações sobre as diferenças e ocupou um posto de destaque no alvorecer das ciências do homem, mais notadamente, nos primeiros lineamentos da antropologia. O próximo tópico deste capítulo gravita em torno da constituição desse saber antropológico, no final do século XVIII e ao longo do XIX, notadamente para elucidar a questão dos outros povos, os selvagens.

Antes, porém, cumpre indagar, ainda que brevemente, qual papel a historiografia concedeu às viagens na troca de ideias e valores na Europa ilustrada, considerando que, no século XVIII, não se restringiam a um luxo reservado às elites, tampouco a uma atividade marginal.

Uma referência clássica acerca da potencialidade das viagens na transmissão cultural setecentista, Paul Hazard, em *La crise de la conscience européenne*, debateu o clima intelectual que marcara a transição de uma sociedade entranhada pelos sentidos de autoridade, ordem e fidelidade à Igreja e ao rei para uma Europa onde governariam a razão, a liberdade e a rejeição às verdades absolutas. No primeiro capítulo deste livro, Hazard atribuiu às viagens uma função definitiva para ruir o Antigo Regime e difundir as Luzes. Ingleses, franceses, italianos, alemães projetaram-se no espaço, como maneira de alargar seus horizontes, estimulados pelo gosto por novidade. O trânsito forneceria lições a respeito da sociedade visitada, mas também da originária, promovendo a

constatação das particularidades e da insuficiência de arquétipos universais, enunciados à distância pelos sábios de gabinetes. Aos dogmas, às noções petrificadas sobre os distintos povos contrapunham-se as provas colhidas durante a experiência descortinada pela visão. Exatamente por isso, as rotinas, os princípios, as artes, as paisagens e as religiões dos espaços percorridos submetiam-se a comparações, a questionamentos, de sorte que a relatividade emergia como o mais profundo ensinamento. Para Hazard, a consciência da perspectiva, possível em decorrência das viagens, teria permitido que conceitos anteriormente tomados como transcendentais fossem esvaziados e, como resposta, explicados pelas especificidades locais; que práticas justificadas por uma suposta razão fossem declaradas tão somente costumeiras; ou que hábitos tidos como extravagantes parecessem lógicos, se decodificados à luz de sua origem e seu meio.

Dessa maneira, intrínseca às viagens, a capacidade de contestar e de relativizar desafiava a ordem e a rigidez da sociedade do Antigo Regime, perturbava seu equilíbrio, por oferecer chaves para mudanças na concepção do mundo. Ou seja, o espírito erudito, irrequieto e curioso do viajante articulava-se ao desenvolvimento das Luzes na Europa, uma vez que seria, irremediavelmente, contrário à tradição, à estabilidade, à “velha consciência europeia” eivada de dogmas, abrindo portas para o movimento, para a fluidez de estruturas e categorias⁶⁵.

Em interpretação similar, René Pomeau, em *Voyage et Lumières dans la littérature française du XVIII^e siècle*, afirmou que os *philosophes* apropriaram-se das viagens deste século como fonte, devido às suas virtudes pedagógicas. Como apostavam que o conhecimento do homem derivava de uma dimensão empírica, os viajantes figurariam como agentes que desnudavam a realidade, ao exercitarem a observação

⁶⁵ HAZARD, Paul. Op. cit., 1935, p. 9-84.

direta. Assim, haveria um imbricamento entre a propagação das Luzes, a elaboração de saberes e a prática da viagem no Setecentos⁶⁶.

Outro grande expoente do tema, Sergio Moravia discorreu, em *La scienza dell'uomo del Settecento*, sobre os desdobramentos das viagens no século XVIII para a formação das ciências do homem. De acordo com o historiador italiano, seria inegável a influência da filosofia no delineamento das ciências humanas e, especificamente, de um olhar etnológico, mas, não menos contundente seria o aporte prático dos viajantes. Estes teriam sido fundamentais, pela tomada de consciência tanto do cunho cognitivo e científico que seus deslocamentos poderiam assumir, quanto da centralidade que a natureza humana deveria ocupar nestas perscrutações⁶⁷.

Moravia mobilizou como exemplo dos usos das narrativas de viajantes as *Encyclopédies* setecentistas, fulcrais na cultura iluminista. As descrições dos povos, da fauna, flora e dos costumes locais nestes textos desembocaram em entradas e verbetes de enciclopédias e, por conseguinte, auxiliaram a formatar sentidos sobre as sociedades visitadas e propagá-los. Logo, as viagens intrincavam-se à propriedade de alargar os campos de conhecimento e fragilizar as ideias forjadas em gabinete, desautorizando-as por não se assentarem sobre a empiria.

Michèle Duchet, em *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières*, debruçou-se sobre as produções intelectuais de *philosophes* que ajudaram a esboçar as ciências do homem no Setecentos. O segundo capítulo do livro, intitulado *L'information: de la littérature de voyage aux mémoires d'administration*, consagra-se a pensar em que medida as narrativas de viagem repercutiram entre os *philosophes*. Duchet advertiu que o contato dos europeus com a diferença foi, em muitas circunstâncias, enviesado,

⁶⁶ POMEAU, René. « Voyage et Lumières dans la littérature française du XVIIIe siècle ». In: *Studies on Voltaire and the eighteenth century*, n° 57, 1967.

⁶⁷ MORAVIA, Sergio. Op. Cit., 1970.

porque mediado, em especial, pelas notas de marinheiros, militares, missionários, que continham motivações comerciais, bélicas e religiosas. Imperaria uma leitura etnocêntrica e repleta de distorções, responsável por turvar a visão e dificultar a tradução da diversidade humana⁶⁸.

Ademais, para a autora, os *philosophes* acessariam de modo restrito os relatos de viagem no século XVIII, pois sua circulação seria limitada e não haveria muito espaço para eles em bibliotecas. Na contramão de Sergio Moravia, Duchet mitigou a interpretação de que a imagem de outros povos e suas singularidades, tracejada pelos *philosophes*, provinha substancialmente destes relatos. Além do problema do fluxo destas fontes, pairavam sobre elas muitas dúvidas concernentes a sua autenticidade, um reflexo das críticas do final do Setecentos ao estatuto científico e à verossimilhança das narrativas de viagens.

Com mais ressalvas às repercussões das viagens na história intelectual europeia, Françoise Waret interrogou-se, em sua tese, sobre o termo das trocas, da segunda metade do século XVII a primeira do XVIII, entre França e Itália, ou, mais precisamente, como as produções de uma apareciam na outra, quais eram as características das ciências francesa e italiana, como o conhecimento e as informações eram disseminados. Seguindo as pistas de catálogos de bibliotecas, fundos de livrarias, relatórios de periódicos, Waret concluiu pela sobrevalorização do papel imputado às viagens e aos viajantes no contexto examinado, já que outros canais faziam circular os trabalhos de eruditos franceses e italianos. Segundo a autora, as impressões, reedições e o mercado do livro teriam, muitas vezes, garantido o acesso a determinadas ideias e autores, antes mesmo da situação de trânsito. Ademais, a estada no exterior não serviria,

⁶⁸ DUCHET, Michèle. Op. cit., 1971.

necessariamente, para alimentar uma perspectiva original das coisas, pois, não raro, se manifestava como confirmação de imagens prévias e preconceitos⁶⁹.

Na historiografia mais contemporânea, destaca-se Didier Masseau, ao sustentar que, ao lado dos salões, academias e lojas maçônicas, as viagens foram decisivas para uma nova esfera de comunicação cultural no século XVIII. Ressaltando as travessias de cunho filosófico, no sentido de jornadas que visavam à produção de conhecimento, Masseau assinalou que aqueles que se lançavam nestas empreitadas analisavam os mecanismos sociais, as diferenças culturais, a natureza e técnicas para aproveitá-la e domá-la, e, desta maneira, teciam redes de temas e afinidades intelectuais entre demais viajantes. Estes encontros intelectuais, derivados do trânsito, teriam sido imprescindíveis para o incremento da ilustração na Europa⁷⁰.

Outro nome mais recente, Gilles Bertrand, organizador de *La République en voyage* e *La culture de voyage*, sustenta que os deslocamentos na Europa foram um fator de mudança e de redistribuição de hierarquias entre os espaços e os povos europeus, uma vez que definiram roteiros, instituíram centros e bordas e fizeram circular além de pessoas, valores, teorias e mercadorias. Elas teriam provocado metamorfoses e não deixaram seus atores impunes, transformando tanto as sociedades dos países que as acolheram, quanto dos países de origem. Quanto às viagens fora da Europa, estas participaram de uma remodelagem de identidades e seriam a chave para novos valores e formas de apreender o outro, alçado ao coração dos debates letrados setecentistas⁷¹.

⁶⁹ WAQUET, Françoise. *Le modèle français et l'Italie savante*. Conscience de soi et perception de l'autre dans la République des Lettres. Rome : École Française de Rome, 1989.

⁷⁰ MASSEAU, Didier. *L'Invention de l'intellectuel dans l'Europe du XVIIIe siècle*. Paris : Presses Universitaires de France, 1994; Id. "Republic of Letters". In: DELON, Michel. *Encyclopedia of Enlightenment*. New York: Routledge, 2001, p. 1141-1145.

⁷¹ BERTRAND, Gilles (Org). *La culture du voyage*. Pratiques et discours de la Renaissance à l'aube du XXIe siècle. Paris : L'Harmattan, Collection Logiques historiques, 2004 ; BERTRAND, Gilles ; SERNA, Pierre (Org). *La République en voyage, 1770-1830*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2013. Id.

Feitas estas breves considerações historiográficas sobre as viagens no Setecentos e como teriam atuado na troca de ideias na Europa ilustrada, o tópico a seguir retomará os rudimentos do saber antropológico em fins do século XVIII e no decorrer no XIX, intrincando-os às práticas de viagem oitocentistas.

1.2. O outro no espaço e no tempo: as viagens do século XIX e a escrita do selvagem

Na seção anterior, rastreei o argumento de que, no Setecentos, o homem existia sem se conhecer o bastante, de sorte que sua essência e seu lugar na natureza exigiriam condensar os maiores esforços nos domínios do saber. Conquanto o apelo e o convite à reflexão - e, mais especificamente, à observação - tivessem sido lançados, lastimava-se, ainda no final do século, a situação desses estudos e sua parca cientificidade. Nesse cenário de desvendamento do humano, imputou-se às práticas de viagem um grande peso, por terem tomado consciência do caráter cognitivo e científico que elas deveriam assumir e da centralidade que o homem adquiria como objeto das pesquisas encampadas em terras distantes.

Assim, o final do Setecentos e início do Oitocentos assistiram à proliferação de trabalhos sobre a história natural dos povos longínquos, sua morfologia, seus costumes, diagnósticos sobre as raças e as alterações em seu desenvolvimento conforme o clima. Segundo Blanckaert, por volta de 1800, na França, nasceram instituições científicas imbuídas do desígnio de regularizar e ordenar as observações e descobertas em curso,

« La place du voyage dans les sociétés européennes (XVI^e-XVIII^e siècle) ». In : *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*. Presses Universitaires de Rennes, tome 121, n° 3, 2014.

com relevo para a *Société des Observateurs de l'Homme*, a qual marcaria o ingresso das ciências do homem no primeiro plano das preocupações dos sábios e letrados⁷².

Fundada em Paris, em dezembro de 1799, tendo como secretário perpétuo o naturalista Louis-François Jauffret, a *Société des Observateurs de l'Homme* configurava um projeto científico de conhecimento do homem, em suas dimensões física, moral e intelectual. Nela congregavam-se sujeitos de distintas formações e modos de produção intelectual, espalhados em outras instituições, como o *Muséum d'histoire naturelle*, a *École de Médecine*, o *Institut des sourds-muets* e a *École spéciale des Langues orientales*⁷³. Em síntese, trava-se de um dos movimentos pioneiros em promover a reflexão, abrigada institucionalmente, sobre os homens em suas diferenças, acionando os rudimentos da etnografia para examinar, notadamente, os selvagens.

O texto redigido por Jauffret para a primeira sessão pública da *Société des Observateurs* comprometia-se, como outrora mencionado, com a história natural dos homens e com a discussão e difusão de saberes sobre os outros povos, cabendo a ela fornecer diretrizes para constatar e recolher as diferenças que separavam as gentes nos vários cantos do mundo, comparando-as ao final. Como consequência da utilidade dos debates por ela fomentados, promoviam-se o avanço das ciências e a felicidade dos homens.

Em 1800, encarregada de preparar teoricamente a expedição de Baudin para explorar o que hoje corresponde à costa da Austrália, a *Société des Observateurs*, por

⁷² Blanckaert assinala que alguns autores, como Condorcet e Volney, referiam-se, de maneira ideal, ao período como o da república universal das ciências, para reforçar o interesse da época na investigação científica do homem. Cf.: BLANCKAERT, Claude. Op. cit., p. 126-128.

⁷³ Há uma vasta lista de historiadores que se dedicaram à *Société des Observateurs de l'Homme*. Nesta tese, as principais referências são: BOUTEILLER, Michel. « La Société des Observateurs de l'Homme (1800-1805), ancêtre de la Société d'Anthropologie de Paris ». In : *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, 1956, vol. 7, n. 5 p. 448-465. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/bmsap_0037-8984_1956_num_7_5_9738; CERTEAU, Michel de. « L'opération historique ». In: LE GOFF, Jacques ; NORA, Pierre. (Org). *Faire de l'histoire*. Paris : Folio, 1987 ; CHAPPEY, Jean-Luc. *La Société des Observateurs de l'homme (1799-1804). Des anthropologues au temps de Bonaparte*. Paris : Société des Études Robespierriennes, 2002.

meio de *Note instructive sur les recherches à faire relativement aux différences anatomiques des diverses races d'homme*, de Georges Cuvier, e *Considérations sur les divers méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages*, de Joseph-Marie Degérando, o barão de Gérando, teve, assim, em seus movimentos iniciais, a incumbência prática de instruir viajantes.

O texto de Gérando, endereçado a Baudin, mas também a François Levaillant, em sua viagem à África, é, amiúde, apontado pela historiografia como um cânone no processo de planejar epistemológica e metodologicamente o saber antropológico. Nele, Gérando listava os erros das leituras anteriores sobre os selvagens e, para repará-los, aconselhava uma observação racional, livre das distrações estereis da curiosidade, que se concentrasse na linguagem, hábitos, entroncamentos dos homens com a natureza, relações familiares, estruturas políticas, econômicas e religiosas, em suma, na mais ampla gama de aspectos que elucidassem as dissimilaridades entre as sociedades humanas, as quais oscilavam em diferentes ritmos de progresso físico e moral. Estas distintas cadências situavam os homens ao redor do mundo em patamares diversos de civilização, de maneira que, ao cruzar as extremidades da terra, o viandante atravessaria o tempo. Ou seja, o deslocamento no espaço se desdobrava em recuo ao passado, porque os selvagens habitariam a infância do mundo, os primórdios do homem⁷⁴. Para Jean-Luc Chappey, a viagem em Gérando se apresentava como uma missão civilizatória, já que mais do que uma ciência de gabinete, a minuciosa observação *in*

⁷⁴ GÉRANDO, Joseph-Marie de. « Considérations sur les divers méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages ». In: COPANS, Jean; JAMIN, Jean (eds.). *Aux origines de l'Anthropologie Française*. Les mémoires de la Société des Observateurs de l'Homme en l'an VIII. Paris : Jean Michel Place, 1994, p.73-109.

loco, ao incluir os selvagens nos estudos sobre a humanidade, interferiria em sua posição na escala de progresso⁷⁵.

Além de provisionar a viagem de Baudin para as bandas austrais, com as recomendações de Cuvier e Gérando, a *Société* teve a ocasião de exercitar a observação direta e elaborar um registro, pelas mãos de Jauffret e Le Blond, do chinês Tchong-A-Sam, capturado de um navio inglês por um corsário francês; e de Victor, o jovem achado na floresta de Aveyron, que acumulando animalidade e infância, seria examinado por Jean Itard, para demonstrar o impacto da educação entre os selvagens. A diversidade desses textos oferece uma medida da composição multifacetada da *Société*, que, segundo Chappey, reunia figuras ilustres e outras secundárias, como viajantes menos afamados, pedagogos e bibliotecários, os quais, frequentemente, vulgarizavam e disseminavam teorias que circulavam em meios investidos de mais autoridade e refinamento⁷⁶.

Não obstante a pluralidade de trabalhos e vozes, os exemplos acima se amalgamam, desvelando que o escopo da instituição residiria na perquirição da essência do homem, tanto em sua versão selvagem, doente ou infantil. Consoante a revisão historiográfica de Chappey, apostava-se no aprofundamento das ciências do homem, sobretudo no que tocava a sua história natural⁷⁷. Retomando o conceito subjacente à

⁷⁵ CHAPPEY, Jean-Luc. « Les enjeux d'une anthropologie dans l'ordre des savoirs autour de 1800. Retour sur la Société des Observateurs de l'Homme ». In : BANDAU, Anja ; DORIGNY, Marcel ; VON MALLINCKRODT, Rebekka. *Mondes coloniaux à Paris au XVIII^e siècle*. Circulation et enchevêtrement des savoirs. Paris : Éditions Karthala, 2010, p. 97-119.

⁷⁶ CHAPPEY, Jean-Luc. « L'anthropologie et l'histoire naturelle de l'homme en 1800. Les enjeux d'un héritage ». In : *Annales historiques de la Révolution française*, n. 320, 2000, p. 47-54. Disponível em : <https://ahrf.revues.org/142?lang=fr>

⁷⁷ A hipótese mais tradicional sobre a *Société* aproxima a fundação de uma rigorosa e articulada ciência do homem à atividade filosófico-científica dos *idéologues*. Na leitura de autores como Sergio Moravia, o saber antropológico que inspirou o trabalho dos *Observateurs* descenderia em linha direta das investigações teóricas e práticas de Cabanis, Destutt de Tracy e Volney. Em sua tese de doutorado, Chappey refuta esta interpretação, seguida por Moravia e Jean Jamin, analisando todos os seus membros e os documentos das sessões, para demonstrar que Cabanis, Volney, Destutt de Tracy jamais pertenceram à *Société* e que, entre seus membros, afastavam-se o materialismo monista e a preponderância da fisiologia, contrariamente às concepções dos *idéologues*. Em verdade, a *Société* seria muito mais tributária de

frase de Gérando - “a ciência do homem é também uma ciência natural, uma ciência da observação, a mais nobre de todas”⁷⁸ -, Jauffret, na célebre *Introduction aux mémoires de la Société des Observateurs de l’homme*, lançada em 1801, ensaiou delimitar os saberes que compunham a incipiente antropologia e elencar os objetos sobre os quais competia à *Société* se debruçar, em uma síntese epistemológica e metodológica.

Chappey avalia este texto como uma estratégia de Jauffret para asseverar a originalidade do projeto antropológico da *Société* e a heterogeneidade de seu pessoal, em um quadro em que outras instituições também arrogavam para si a função de desenhar uma ciência do homem. Mais especificamente, ao intentar erigir uma identidade para o grupo – mesmo no seio de dessemelhanças entre seus membros – e reivindicar para a sua produção o estatuto de ciência profícua, Jauffret daria importantes passos para delimitação do saber antropológico, que se queria acessível ao público e passível de ser propagado, em virtude de sua utilidade.

A *Société*, porém, teve curta duração e, em 1804, encerrou suas atividades⁷⁹. Na historiografia mais contemporânea, Jean-Luc Chappey soma aos motivos de ordem política aqueles atinentes às mudanças na ambiência intelectual. A evolução nos domínios do saber, em um paulatino abandono da tradição enciclopédica ilustrada, com o surgimento de um novo ideal de especialização do conhecimento e divisão do trabalho intelectual teriam sido cabais para o alijamento de atores secundários e o

Buffon e teria na relação entre a antropologia nascente e a história natural sua principal chave de decifração. Cf.: CHAPPEY, Op. cit., 2002; Id. Ibid., 2010.

⁷⁸ GÉRANDO, Joseph-Marie de. Op. cit., 1994, p.75.

⁷⁹ As hipóteses mais comuns em torno de seu fechamento dizem respeito à conjuntura política. Nesta chave, uma referência que repercutiria na historiografia sobre os *observateurs*, Marcelle Bouteiller sustentou que as guerras no período napoleônico privaram seus membros de documentos antropológicos, desencadeando uma guinada para estudos em outras áreas, bem como o alinhamento ou não a Napoleão havia segmentado mais decisivamente seus membros, o que redundaria em seu término. BOUTEILLER, Marcelle. Op. cit., 1956.

desaparecimento da *Société* - e, na mesma linha, para a reorganização e o despontar de outras instituições, como o *Muséum d'Histoire Naturelle* de Paris⁸⁰.

Outras iniciativas também visavam a orientar as viagens e, com isso, estimular as ciências do homem, como a *Académie Celtique*, criada em Paris, em 1804 e extinta em 1812. Esta procurava as raízes celtas da árvore genealógica da nação francesa, escavando a linguagem, as tradições e todas as “antiguidades” permeáveis à comparação. Logo, a premissa da instituição era de que, ao cortar o espaço, atingia-se outra camada do tempo, a origem da história francesa, para explicar o seu presente⁸¹.

Embora esta última empreitada confinasse os trânsitos no seio da Europa, se colocada em perspectiva com a *Société des Observateurs de l'Homme*, ela clarifica os sentidos dos quais as viagens se impregnaram, como evento para aprofundar o conhecimento do homem, articulando as noções de espaço e de tempo, sobre as quais se assentaria o saber antropológico a partir de meados do Setecentos e no Oitocentos.

Cumprir lembrar que, na seção anterior deste capítulo, argumentei que as viagens insufladas no século XVIII erigiram a diferença como uma questão epistemológica e metodológica fundamental, no alvorecer das ciências do homem. Se, no século XVI, os viajantes cravaram nos povos não europeus uma imagem estrangeira à própria humanidade, os viandantes setecentistas admitiam a alteridade, sem lhes negar a condição humana, mesmo que, eventualmente, desenhassem-nos em feições brutas e animalizadas. Porque pertenciam à condição humana, estas gentes alhures poderiam ser

⁸⁰ CHAPPEY, Jean-Luc. Op. cit., 2002.

⁸¹ Na sessão inaugural, em março de 1805, a Academia atribuía a si a seguinte tarefa: « De recueillir, d'écrire, comparer et expliquer toutes les antiquités, tous les monumens, tous les usages, toutes les traditions ; en un mot, de faire la statistique antique des Gaules, et d'expliquer les temps anciens par les temps modernes. » Discours d'ouverture. Sur l'établissement de l'Académie Celtique, les objets de ses recherches et le plan de ses travaux ; lu à la première assemblée générale de cette Académie ; le 9 germinal an XIII, par le Secrétaire perpétuel. *Mémoires de l'Académie celtique*, tome I, 1807, p. 63-64. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k39610q.r>. Sobre a *Académie*, cf.: SENN, Harry. “Folklore Beginnings in France, the Académie Celtique: 1804-1813”. In: *Journal of the Folklore Institute*, v. 18, n. 1, jan. - apr., 1981, pp. 23-33.

comparadas e deveriam ser perscrutadas. Desta maneira, para cumprir com plenitude o plano de desvendar o homem em sua variedade, uma importante tradição de pensadores acreditava ser preciso viajar, pois só com o deslocamento as diferenças seriam desveladas.

Ao longo do século XIX, a fim de dar continuidade a este projeto epistemológico de deciframento da alteridade, fomentaram-se mais viagens, as quais passaram a ser claramente definidas como deslocamento no espaço e encontro com o outro. Tomando consciência do valor cognitivo do deslocamento e conferindo-lhe sentido, viajantes europeus, em especial, franceses, ingleses e alemães, partiram, com expectativas cada vez mais científicas, para elucidar outros povos e sua natureza.

Dentre o grande afluxo de viajantes que zarparam da Europa no século XIX, havia aqueles com preocupações utilitárias de exploração dos recursos locais; outros encarregados de inventariar cientificamente a natureza e recolher itens que reconstituíssem, em museus e coleções da Europa, como em uma operação metonímica, fragmentos da paisagem das terras remotas; e sujeitos interessados nas cenas pitorescas e nos graus de desenvolvimento civilizatório dos povos selvagens. Havia, ainda, situações em que todos estes intentos se embaralhavam.

Assim, os progressos materiais do século XVIII, recrudescidos no XIX, confluíram para um sentimento de potência do homem e de domínio da natureza, em uma tentativa de esquadramento da multiplicidade dos elementos do mundo, decorrente das explorações possíveis graças às viagens. Nas expedições encorajadas pelos avanços científicos do Oitocentos, demandavam-se dos viajantes não apenas descrições minuciosas das diferenças dos povos e de seu entorno, mas também dados que precisassem os recursos disponíveis e passíveis de serem extraídos, conferindo ao trânsito uma dimensão utilitária. Outras viagens prestavam-se, especialmente, à coleta

material, sendo orientadas por instruções, como ocorria no século XVIII, com notas rigorosas cientificamente, para coligir, conservar e transportar minerais, espécies animais e vegetais, os quais seriam examinados e expostos em coleções e museus, na Europa, como o outrora mencionado *Muséum d'histoire naturelle* de Paris. Em outros deslocamentos, eram os hábitos e costumes das gentes, em um entorno pitoresco, que mais atraíam a atenção de viajantes acompanhados de desenhistas e pintores.

Nesta tentativa de tomar as rédeas da natureza e elucidar o enigma de outros povos, ficava patente que a diferença descortinada no Setecentos e que o Oitocentos pretendia destrinchar correspondia, sobretudo, às cartografias ainda turvas das Américas. Por isso elas se tornaram terreno privilegiado de experimentação no século XVIII, com ênfase para a história natural⁸². A partir da segunda metade do século XIX, de acordo com Michel Bertrand e Laurent Vidal, haveria uma mutação no olhar dos viajantes, que migraria de uma esfera acentuadamente biológica para a social e a política⁸³. Este período que abarcava os processos de independências nas Américas voltou a atenção dos viandantes para o funcionamento das sociedades locais, para seus ritos e costumes, consagrando o homem, aqui em seu feitio selvagem, como o ponto nodal das emergentes ciências da época.

Em resumo, os mais importantes vazios nos mapas coincidiam com as Américas e os selvagens que se almejavam estudar eram, preferencialmente, os índios americanos. Somente porque se constatava um denominador comum, as diferenças que apartavam os selvagens dos europeus poderiam ser traduzidas e comparadas. O que se compartilhava

⁸² Para Hélène Clastres, a formação da etnografia no século XIX foi influenciada, principalmente, pelo americanismo, muito mais do que pelo orientalismo, africanismo e mesmo pelo oceanismo. Cf.: CLASTRES, Hélène. Op. cit.. 1980.

⁸³ BERTRAND, Michel ; VIDAL, Laurent. *À la redécouverte des Amériques*. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2002.

era o pertencimento à mesma linha temporal, aqueles mais próximos de seu princípio e os últimos, das etapas mais adiantadas.

Para Hélène Clastres, a grande inovação do século XVIII consistia exatamente em pensar os povos selvagens como primitivos, na acepção de originários, de precursores da espécie humana. A distância geográfica em que se encontravam os selvagens, ao vincar os espaços de caracteres distintos, como o clima e a vegetação, influía na sua qualidade diferencial, particularmente, no ritmo de progresso a que se encaixavam. O tempo, no qual todos se incrustavam de modo irremediável e ao qual cabia dar conhecimento das coisas, lançava os selvagens à fonte de tudo, aos fundos da humanidade. Neste sentido, os selvagens, recuados aos primórdios, em relação aos seus contemporâneos europeus, existiam paralelamente aos antigos, sem jamais neles esbarrar.

O aporte teórico de François Hartog também ajuda a compreender o jogo de aproximação e distanciamento entre selvagens, antigos e modernos. De acordo com o historiador francês, estreitar a alteridade a modelos gregos e romanos, em fusões entre o inédito e o familiar, significava uma estratégia de “amansar” os selvagens, para traduzi-los, em uma trama de referências cômodas e conhecidas. O recurso ao antigo proporcionava balizas e parâmetros para a geografia dos confins. Tratava-se de um meio para explicar àqueles que ficavam na Europa a realidade com que haviam topado os viajantes. Estabelecia-se um paralelismo e

ao proceder assim, contribuía-se imperceptivelmente para a construção da importante e nova ideia de que o afastamento no espaço equivale à distância no tempo. Com efeito, “ver” os selvagens, descrevê-los mediante referências antigas, conduziu, sem que se desse conta disso, a pôr a distância os antigos: a distância que nos separa deles seria medida quase fisicamente, e tornar-se-ia cada vez mais viva a ideia moderna da diferença entre os tempos⁸⁴.

⁸⁴ HARTOG, François. “O confronto com os antigos”. In: *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p. 131.

Consoante Hartog, as viagens que haviam desnudado o outro, mobilizando a atividade intelectual da comparação, teriam propiciado a disposição dos elementos em um mesmo nível temporal, segmentados, porém, por um “antes” e um “depois”. Esse raciocínio privilegiou os povos ditos civilizados, em detrimento daqueles que os antecederam, os não civilizados. Ou, em outras palavras, no processo de constatação de que alguns povos estariam mais adiantados que outros emergiam comparações, das quais decorriam tanto o postulado da aceleração, do progresso com acepção de qualidade do tempo, como a noção da concomitância cronológica de desenvolvimentos historicamente não contemporâneos. Neste cenário, o selvagem separou-se do antigo e se configurou como primitivo, devido à sua condição de anterioridade à marcha do progresso. Em suma,

Cabe notar que introduzir os selvagens no par antigos/modernos levou a aproximar os selvagens, a identificá-los, a localizá-los, a domesticá-los mediante jogos (de referências, de alusões, citações) que permitiam passar dos antigos aos selvagens. Ao mesmo tempo e, no mesmo movimento, distanciaram-se os antigos, por força da analogia pouco a pouco instaurada entre o afastamento no espaço e no tempo⁸⁵.

Ou seja, para Hartog, delineou-se um novo regime de historicidade, cujas texturas semânticas desembocaram no conceito moderno de história⁸⁶. Esta experiência projetou os deslocamentos espaciais como sinônimo de retorno na linha do tempo, de modo que os selvagens passaram a ser vistos como documentos privilegiados para se acessar os primórdios da história.

A viagem no espaço selvagem como mergulho no tempo e encontro com o primitivo firmou-se, portanto, uma tópica fundamental nos textos do século XVIII e

⁸⁵ Id. Ibid., p. 133-134.

⁸⁶ HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003. Para o moderno conceito de história, ver: KOSELLECK, Reinhart. “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento.” In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

XIX e, por ora, para ficar apenas em uma referência já mencionada, cito *Considérations sur les divers méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages* de Gérando:

O viajante filósofo que navega na direção das extremidades da terra atravessa, de fato, a sequência das idades; ele viaja no passado; cada passo que ele dá é um século que percorre. Estas ilhas desconhecidas que atinge são para ele o berço da sociedade humana. Esses povos que desprezam a nossa ignorante vaidade são revelados a ele como antigos e majestosos monumentos da origem do tempo: monumentos mil vezes mais dignos de nossa admiração e de nosso respeito que essas famosas pirâmides das quais as bordas do Nilo se orgulham (...). Aquelas retraçam o estado de nossos próprios ancestrais, e a primeira história do mundo⁸⁷ (tradução nossa).

Entretanto, do recurso de desenredá-los do presente e transformá-los em primitivos não resultariam os selvagens privados de uma História que pudesse explicá-los? Segundo Hélène Clastres, tramava-se uma aporia, porque, se os selvagens representavam um regresso ao começo dos tempos, não haveria precedentes para torná-los cognoscíveis historicamente. Por conseguinte, embora imersos em um tempo progressivo, naturalizado e secular, os selvagens, arrastados pela mesma história, não seriam efetivamente elucidados por ela. Para Clastres, seria a etnografia a responsável por fazer emergir, a partir do emprego de uma perspectiva racional e uma metodologia comparativa, o conhecimento possível sobre os primitivos⁸⁸.

Inexorável e fundadora da própria inteligibilidade da existência humana, a História se deparava com o problema de entender os selvagens, que não só não deixavam marcas e relatos escritos de suas origens, como também pertenciam a um tempo sem antecedentes. Sem balizas prévias para historiá-los, a etnografia surgia, pois, como uma alternativa de decifração. Assim, se, por um lado, foram os selvagens que

⁸⁷ « Le voyageur philosophe qui navigue vers les extrémités de la terre, traverse en effet la suite des âges ; il voyage dans le passé ; chaque pas qu'il fait est un siècle qu'il franchit. Ces îles inconnues auxquelles il atteint, sont pour lui le berceau de la société humaine. Ces peuples que méprise notre ignorante vanité, se découvrent à lui comme d'antiques et majestueux monumens de l'origine des temps : monumens bien plus digne mille fois de notre admiration et de notre respect que ces pyramides célèbres dont les bords du Nil s'enorgueillissent (...). Ceux-là retracent l'état de nos propres ancêtres, et la première histoire du monde. » GÉRANDO, Joseph-Marie de. Op. cit., 1994, p. 76.

⁸⁸ CLASTRES, Hélène. Op. cit., 1980.

fizeram despertar, em grande medida, a enunciação de um conceito de tempo linear, evolutivo e processual, por outro, eles significavam um impasse para a História como disciplina a se formar, em decorrência da dificuldade de inseri-los no tempo e na consciência histórica ocidental. A etnografia viria justamente como uma auxiliar incumbida de estabelecer os selvagens - isto é, os outros espaciais e temporais - como objetos de conhecimento, com aspirações cada vez mais científicas.

Johannes Fabian, ao se debruçar sobre a função elementar que o tempo assumiu nos delineamentos da antropologia e da etnografia anglo-americana e francesa, desenvolveu o argumento que os outros não coabitavam o tempo do sujeito observador, havendo sempre uma distância entre ambos, e, mais do que isso, uma inferioridade diacrônica da alteridade⁸⁹.

Essa relegação temporal do outro, com impactos epistemológicos e políticos, implicava, para Fabian, a negação da coetaneidade, ou a localização hierarquicamente afastada do outro, expulso da simultaneidade e da contemporaneidade do sujeito observador. Esta retórica de uma visão que alijava o outro do tempo presente, arremessando-lhe ao passado, estaria presente em categorias largamente empregadas pelos viajantes do século XIX, como a de bárbaro e primitivo, as quais demarcavam etapas do desenvolvimento dos povos alhures, na conformação do fazer etnográfico.

Analisando os deslocamentos no século XVIII e XIX e sua elevação como ciência, Fabian aponta que a viagem em si foi instituída como uma prática temporalizadora, em que a dispersão no espaço refletia o encadeamento no tempo. Por isso, as viagens realizadas durante este período interpretavam os outros fora do tempo do observador, de sorte que os selvagens seriam sobreviventes, vestígios do passado que poderiam vistos, anacronicamente, no presente. Portanto, enquanto a História se

⁸⁹ FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro*. Como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes, 2013.

tracejava como disciplina para o estudo do homem civilizado, o fazer etnográfico se forjava, no intento de compreender a plenitude e diversidade da condição humana, como meio de apreender os selvagens ou primitivos, que existiam em outro espaço, em outro tempo.

Desta maneira, diversos viajantes e instituições tanto na Europa, como a *Société des Observateurs de l'Homme*, no início do século XIX, quanto na América, como seria mais tarde, no caso brasileiro, o IHGB, passaram a empreender o estudo dos selvagens, através de um saber etnográfico, para perscrutar os outros, os selvagens, estas permanências do passado, antes que pudessem.

Em suma, este capítulo da tese pretendeu, até aqui, analisar a ambiência intelectual em que as viagens se apresentavam como modo de produção de conhecimento sobre o outro e como pressuposto mesmo da escrita. Para isso, realizei uma digressão a fim de mostrar como se constituiu uma ciência da viagem no século XVIII, incrementada no século XIX, em um contexto de florescimento das ciências do homem. Neste sentido, a experiência da viagem, por promover o contato direto com os objetos de estudo, tornava-se fundamental para garantir a autoridade do texto e desmontar as construções provenientes de gabinete.

Almejei, aqui, discutir como as viagens como condição epistemológica de descoberta do outro ensejaram a produção de um conhecimento específico sobre os distintos povos, sobretudo a partir do momento em que as viagens ao dito Novo Mundo tornaram-se mais frequentes. Os saberes produzidos sobre o funcionamento destas sociedades observadas, sobre sua natureza e a relação dela com sua gente, oriundos do contato direto e da experiência do olhar, estariam nas raízes dos primeiros movimentos do fazer etnográfico, imbricado com a História, em um momento em que ambos se tocavam, sem precisão disciplinar.

Acredito que, ao perquirir a construção do argumento de que a autoridade do conhecimento residiria na experiência do mundo e que, mais particularmente, o deciframento dos selvagens dependeria da viagem e de um olhar etnográfico, ampliam-se as possibilidades de compreensão dos trabalhos de Euclides da Cunha, de seus deslocamentos para os sertões baianos e para a região Amazônica, cruciais para a escrita de *Os sertões* e dos ensaios da primeira parte de *À margem da história*.

1.3. O observador e o viajante: olhar, deslocamento e as marcas da presença de Euclides da Cunha nos sertões e na selva

Desenhado o cenário em que as viagens proporcionavam a ocasião de encontro com a alteridade e a experiência do olhar imperava para a produção de conhecimento e garantia de autenticidade de um registro histórico, as incursões de Euclides da Cunha pelos sertões baianos e as selvas amazônicas, bem como sua escolha de retratar os bárbaros e primitivos sertanejos adquirem nova dimensão. Tratava-se, portanto, de uma opção intelectual por um objeto de investigação, mas também por um método de análise, que depositava sua autoridade na observação *in loco*, no exercício do olhar e apostava no registro circunstanciado da realidade presente para conferir autenticidade ao próprio texto.

Fruto da viagem de Euclides da Cunha à Bahia, entre os dias 07 de agosto e 16 de outubro de 1897, período durante o qual o autor tomou nota de quase tudo que o cercava, em caderneta de bolso, *Os sertões* abrem-se ao leitor desde um olhar que guia uma travessia. Logo nos lances iniciais da primeira parte da obra, intitulada *A Terra*, o narrador discorre sobre as mudanças na paisagem do planalto central do Brasil rumo ao norte, domínio do desconhecido e do insondável. Sucedem-se mares, rios em

correnteza, cordilheiras, chapadas, campos gerais, uma pluralidade de faces da natureza, um desfile de imagens, as quais, pouco a pouco, vão se ressequindo. No parágrafo que antecede a seção nomeada *A entrada do sertão*, anuncia-se o primeiro encontro com aqueles cantos ermos setentrionais: “E o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido...”⁹⁰.

Essa figura de um observador em trânsito aparece em toda a extensão do livro, das linhas que relatam a saída do litoral às cenas finais do conflito de Canudos. Como quem parte ou teve notícias de quem partiu, o narrador ora confunde-se com esse viajor, ora aparta-se dele, tal qual no trecho acima citado.

Algumas estratégias discursivas foram mobilizadas para demarcar a exterioridade do narrador em relação ao observador e, no mesmo ato, refletir sobre o próprio exercício da visão. Contumazes presenças no livro, um “caminhante”, um “forasteiro”, um “viandante” constituem um prisma privilegiado ao qual o narrador recorre para dar a ver e contar o sertão. Ao empregar a terceira pessoa do singular, ele se refere, portanto, a um tipo abstrato, a um hipotético viajante, que ocupa, na sintaxe, a posição de sujeito de verbos a indicarem deslocamento e a percepção da experiência do olhar, como nestes exemplos: “*o observador tem a impressão de seguir tornenando a truncadura malgradada da borda de um planalto*”⁹¹, “*avançando célere (...), o viajante mais rápido tem a sensação da imobilidade*”⁹², “*inesperado quadro esperava o viandante que subia, depois desta travessia em que supõe pisar escombros de terremotos*”⁹³, “*o viajor que abeirasse (...) acreditaria topar uma rancharia esparsa de vaqueiros*

⁹⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 79.

⁹¹ Id. Ibid., p. 83

⁹² Id. Ibid., p. 86.

⁹³ Id. Ibid., p. 98.

inofensivos”⁹⁴, “*volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança*”⁹⁵ (grifos meus). Também o pronome indefinido “quem” e os verbos em voz passiva sintética desempenham a função de balizar uma contemplação externa ao narrador: “quem o contorna (...) observa notáveis mudanças de relevos”⁹⁶, “quem se balança a atravessá-lo (...) não se surpreende a princípio”⁹⁷, “quem segue de Canudos para Jeremoabo depara, entretanto, com uma passagem única”⁹⁸, “vê-se que as cordas de serras, ao invés de se alongarem para o nascente (...) progridem para o norte”⁹⁹, “ao penetrar-se este Estado nota-se (...) lenta descensão geral para o norte”¹⁰⁰, “observa-se, então, que atenuados para o sul e leste, os acidentes predominantes da terra progridem avassalando os quadrantes do norte”¹⁰¹, “subindo-o tem-se a impressão de se chegar numa baixada”¹⁰².

Em outras ocasiões, essa voz impessoal, signo de certa distância, se retrai, cedendo lugar para a primeira pessoa no texto. Dentre os rastros de um “nós”, alguns foram empregados para situar o narrador e os objetos descritos - a terra e os sertanejos - no seio ou nos limites da nação; outros, para endereçar-se de maneira mais direta ao leitor. Aqui, interessa, especialmente, a enunciação vincada por subjetividade para sinalizar que narrador e observador-viajante se tocam, de sorte que o relato da travessia liberta-se de intermediários. Antes, porém, convém avaliar, brevemente, as circunstâncias dessas outras intervenções subjetivas em *Os sertões*.

Conforme acima mencionado, o despontar da primeira pessoa ocorre, com alguma frequência, para dizer a nacionalidade. O narrador que se lançou nos torrões

⁹⁴ Id. Ibid., p. 296.

⁹⁵ Id. Ibid., p. 171.

⁹⁶ Id. Ibid., p. 71.

⁹⁷ Id. Ibid., p. 84.

⁹⁸ Id. Ibid., p. 553.

⁹⁹ Id. Ibid., p. 95.

¹⁰⁰ Id. Ibid., p. 74.

¹⁰¹ Id. Ibid., p. 87.

¹⁰² Id. Ibid., p. 535.

ignotos conta para quem ficou - o público letrado - as agruras do solo desolado, os lamentos das gentes sertanejas. Percebendo a si mesmo como um adventício, em tudo alheio àquelas porções agrestes, esse narrador que, nesses momentos, deixa entrever sua estada em campo, busca decifrar qual lugar os sertanejos ocupavam no Brasil. Em um jogo de metáforas de dentro e fora, para designar esses sujeitos estranhos ao restante do país, porém seus frutos mais genuínos, ele lança mão de pronomes na primeira pessoa do plural: “nossa história”¹⁰³, “nossa gens”¹⁰⁴, “nossos rudes patrícios”¹⁰⁵. Supor um “nós”, que o irmana ao leitor e aos sertanejos, estes últimos descritos ao longo da obra como limite ou beira da experiência da nacionalidade, era, portanto, coser a ficção da nação, imaginar uma unidade para o que constatava, com desalento, existir como estilhaço.

Em outras situações em que manifesta uma voz subjetiva, o narrador, como um cicerone, comunica os objetivos de sua escrita, atrai a atenção para o que julga urgente e direciona os passos da leitura, - um uso, aliás, corriqueiro do narrador em primeira pessoa em composições textuais. Seus sinais estão logo na nota preliminar de *Os sertões*, ao indicar seu propósito de acusar o massacre das gentes sertanejas pelas forças republicanas, reivindicando o intento vingador de sua obra. Em suas palavras: “aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”¹⁰⁶. No decurso do livro, continua a apontar caminhos e instruções aos leitores, a sugerir avanços e recuos para a compreensão da trama, em frases como: “deixemos, porém, este divagar pouco atraente. Prossigamos...”¹⁰⁷. E, nas

¹⁰³ Id. Ibid., p. 140, 168, 316, 355.

¹⁰⁴ Id. Ibid., p. 153.

¹⁰⁵ Id. Ibid., p. 203.

¹⁰⁶ Id. Ibid., p. 67.

¹⁰⁷ Id. Ibid., p. 204.

linhas derradeiras, declara o desenlace tanto da refrega, quanto de sua missão de historiá-la:

Fechemos este livro. (...) Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos. Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...¹⁰⁸

Esse trecho desvela ainda como o narrador se insere, na cena descrita, na condição de observador. Do cimo de uma montanha, a amplidão provoca reações ambíguas, pois, concomitantemente a certo aturdimento ou assombro, há a clareza do olhar sem rédeas, sem intervenção de outrem.

No decorrer da obra, recolhem-se outros exemplos de um narrador a erigir sua presença, a fim de atestar a veracidade das informações e sua legitimidade de enunciador e analista dos eventos. Na primeira parte, *A Terra*, para assinalar uma apreciação da natureza sem anteparos, algumas particularidades do quadro geológico, hidrográfico ou climático foram introduzidas por um “atravessamos”, um “vimos” que garantem sua autoridade frente a estudos anteriores de “geógrafos descuidados”¹⁰⁹. De igual modo, ao traçar o desenho do arraial onde se desenrolou a guerra, detalhando a disposição do rio, da igreja e das casas, o narrador-viandante revela sua parada em campo: “Lá dentro se apertavam os casebres, atulhando toda a baixada, subindo, mais esparsos, pelas encostas de leste, transbordando, afinal, nas exíguas vivendas que vimos salpitando (sic), raras, o alto dos cerros minados de trincheiras”¹¹⁰.

¹⁰⁸ Id. Ibid., p. 778-779.

¹⁰⁹ Sobre a descrição da terra, alguns exemplos deste encontro de narrador e observador: “De fato, as camadas anteriores, que vimos superpostas às rochas graníticas, decaem, por sua vez sotopondo-se a outras, mais modernas de espessos estratos de grés”. Mais a frente: “Ostentam em plano vertical, sucedendo-se a partir da base, as mesmas rochas que vimos substituírem em alongado roteiro pela superfície”. Para sustentar as diferenças entre a mestiçagem no litoral e no sertão, o narrador-observador apresenta a caracterização deste último: “Vimos-lhe a fisionomia original: a flora agressiva, o clima impiedoso, as secas periódicas, o solo estéril crespo de serranias desnudas, insulado entre os esplendores do majestoso araxá do centro dos planaltos e as grandes matas, que acompanham e orlam a curvatura das costas.”. Id. Ibid., p. 75; 76; 196-197.

¹¹⁰ Id. Ibid., p. 297.

Anos depois, esse ondulante foco narrativo e o ponto de vista de um observador-viandante se repetem nos textos amazônicos de *À margem da história*, obra publicada em 1909, cuja primeira parte, *Terra sem história (Amazônia)*, resultou da empreitada de Euclides da Cunha como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, entre dezembro de 1904 e outubro de 1905. No ensaio inaugural, *Impressões gerais*, o narrador ambienta o leitor ao cenário, apresentando-lhe as primeiras apreensões e surpresas ao deparar-se com a selva. Em *Rios em abandono*, versa sobre o Purus, curso d'água enjeitado, entregue às solidões interiores do Brasil. *Um clima caluniado*, por seu turno, pretende demonstrar que, embora afugentassem certos povoadores, as resistências impostas pelos ares da floresta selecionavam os mais aptos a confrontá-las e a sobreviver. O ensaio *Os caucheiros* trata da barbárie e da ruína em que viviam os exploradores da borracha. Em *Judas-Asvero*, em tons mais poéticos, pinta-se a tradição daquelas gentes de esculpir um Judas, ao qual lhe remetem as feições, atirando-o na correnteza, em um ritual que vingava a própria miséria da existência. Em *Brasileiros*, discutem-se o povoamento violento, as tensões fronteiriças e o nomadismo da população. Por fim, *A Transacriana* propõe a construção de uma estrada de ferro como via possível a atar os recantos ermos da selva a um ideal de nação civilizada. Em todos esses ensaios, a interlocução com os relatos de viagem estreita-se, de forma que a narrativa sempre se conduz pela perspectiva de um observador em trânsito, seja ele expresso em terceira pessoa, seja em primeira.

Para delinear o impacto de adentrar a floresta, o narrador se vale, frequentemente, e de maneira bastante similar a *Os sertões*, de um viandante hipotético, estrangeiro à realidade amazônica. Pelos olhos dele, a imponência da vegetação, os sinais do tempo na natureza, a volubilidade do rio, a energia humana para domar o deserto e habitá-lo são assim descritos: “*quem segue* pela mata, vai com a vista

embotada no verde-negro das folhas; (...) *tem a sensação* angustiosa de um recuo às mais remotas idades”¹¹¹; “*o observador errante* que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos *sente* (...) *a impressão* de circular em um itinerário fechado”¹¹², “*o recém-chegado do Sul* chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária e, de ordinário, sucumbe. (...) *Sente-se deslocado*”¹¹³; “*o viajante atravessa* os grupos agitados e as surpresas não cessam”¹¹⁴ (grifos meus).

Mais do que mera conjectura ou interlocutor imaginário, o viajante, por vezes, era corporificado. Nas *Notas complementares ao Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, cujas informações serviram de fonte para os ensaios amazônicos de *À margem da história*, Euclides elencou as conclusões que William Chandless teria formulado, caso houvesse seguido o trecho que sua comissão completou. O inglês, que cruzara o rio Purus entre 1864 e 1865¹¹⁵ e publicara artigos na *Royal Geographical Society*, não avançara no precisar da autonomia das bacias dos rios Madre-de-Dios, Ucayali e Purus, em virtude de sua rota¹¹⁶. Euclides simulou, então, Chandless, em outro itinerário, para convertê-lo em emissor da afirmação, a que ele próprio havia chegado, sobre a independência das nascentes¹¹⁷.

¹¹¹ CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 2.

¹¹² Id. *Ibid.*, p. 12.

¹¹³ Id. *Ibid.*, p. 30.

¹¹⁴ Id. *Ibid.*, p. 46.

¹¹⁵ A carta do Rio Purus por Chandless pode ser consultada na Bibliothèque Nationale de France.

¹¹⁶ ISHII, Raquel Alves. Viagens do homem que virou rio: narrativas, traduções e percursos de William Chandless, pelas Amazônias, no século XIX. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – UFAC, 2011; SANTANA, José Carlos Barreto. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo: Hucitec – Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, p. 171-172.

¹¹⁷ Nas palavras de Euclides: “Tendo estudado com segurança quase todo o Purus e o Aquiri, Chandless em virtude de um ligeiro desvio de sua rota, nas cabeceiras do primeiro, não pôde assegurar, de um modo decisivo, o *divortium* entre elas e as dos mananciais do Madre-de-Dios e do Ucayali. (...) O desenlace de seus esforços seria então surpreendedor, porque ao mesmo passo e num só dia chegaria a muitas conclusões valiosíssimas: a) Mostraria a independência da bacia do Purus e o alongamento máximo das suas origens para o sul, sem atingir o paralelo de 11°; b) Veria que as nascentes do Madre-de-Dios e do Ucayali, naquelas bandas, divergentes a partir do estreito istmo de Fiscarrald, justificam com tal

A fluidez dos planos de enunciação, com o texto deslizando para a primeira pessoa, se constata, sobretudo, quando o narrador exprime as opiniões que a selva despertou ou quando visa a certificar seu comentário, decorrente de sua experiência *in situ*. No primeiro ensaio de *À margem da história*, anotou: “a impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é um intruso impertinente”¹¹⁸. Em *Rios em abandono*, exibindo um quadro com as distâncias numéricas entre alguns rios do norte e seus declives, acrescenta que, à exceção de um item, “os demais elementos, devemos-los aos trabalhos de William Chandless e às nossas observações recentes”¹¹⁹. Já em *Um Clima caluniado*, declara seu testemunho do cuidado com que certos povoadores do Acre dedicavam-se aos afazeres da terra: “e os homens são admiráveis. Vimo-los de perto, conversamo-los”¹²⁰. Ou, nesse mesmo ensaio, para refutar quem maldizia os ares do norte e confirmar sua tese de que as temperaturas selecionavam aqueles que ali podiam restar, cita o capitão alemão Hoefner, sob cujo comando estiveram Charles Barrington Brown e William Lidstone no baixo Purus¹²¹, como exemplo de rigidez e triunfo nas bandas de clima vaporoso: “E o capitão Hoefner lá está (...). Vimo-lo, em fins de 1904, na confluência do Acre. (...) Se

proximidade, em parte, os velhos erros que sobre elas durante tantos anos perduraram; c) Comparando-as com as do Purus, que ali apenas se separam por uma ondulação de menos de dois quilômetros de varadouro, não só justificaria os que tantas vezes confundiram o grande afluente amazônico com o Madre-de-Dios, como revelaria o fato geográfico, absolutamente sem par, desse irradiar das origens de três grandes artérias fluviais, a partir de uma reduzíssima área, fora da sublevação andiana, de altura relativa inapreciável, e não tendo talvez sobre o nível dos mares a diferença de quinhentos metros.” Cf.: CUNHA, Euclides da. “O Rio Purus”. In: *Obra Completa*. vol. II. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966, p. 787-788.

¹¹⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 2.

¹¹⁹ Id. Ibid., p. 18.

¹²⁰ Id. Ibid., p. 38.

¹²¹ O geólogo Charles Barrington Brown e o engenheiro civil William Lidstone estiveram a serviço da Amazon Steam Navigation Company, entre 1873 e 1875. Em decorrência dessa viagem, elaboraram *Fifteen thousand miles on the Amazon and its tributaries*, publicado em 1878, texto ao qual Euclides fez referência em seus relatórios e em *À margem da história*. Cf.: Obituary, Charles Barrington Brown, Assoc. R.S.M., F.G.S, 1917. *Geological Magazine*, 4(5), p. 235-237. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/S0016756800136301>

aparecesse em Berlim, mal lhe descobririam na pele (...) o sombrio estigma dos trópicos”¹²².

Longe de simples minudência, o oscilante plano de enunciação em *Os sertões* e *À margem da história* suscita um debate importante. Leopoldo Bernucci considera que as várias vozes naquele livro, a ressoarem um vaivém entre objetividade e subjetividade do narrador, indicariam seu perfil pouco histórico, ou pouco científico. Essa multiplicidade de ponto de vista do narrador, atípica do discurso sociológico ou histórico do período, faria, para Bernucci, sobrelevar a dimensão de literariedade da obra do autor fluminense¹²³.

Em interpretação diversa, Fernando Nicolazzi, analisando *Os sertões*, pondera que a criação do personagem de um observador-viajante em sua função na primeira pessoa cumpriria o papel de garantir que a procedência do relato derivava da presença *in loco*. Por outro lado, a atribuição do exercício do olhar a um terceiro, não só proporcionaria um juízo exterior e crítico da observação, como também serviria para contornar o fato de parcela significativa das informações, notadamente as concernentes à primeira parte de *Os sertões*, *A Terra*, decorrer de outros autores, configurando, portanto, um conhecimento indireto. De acordo com Nicolazzi, o manejo euclidiano da coincidência e do desencontro entre narrador e observador-viajante desvenda seu intento de urdir um único e pretensamente imparcial olhar legitimador¹²⁴.

Além de empregar um subterfúgio para o conhecimento mediado, acredito que, ao alternar o foco narrativo, ora convocando um viandante imaginado, ora descortinando a si mesmo como sujeito em trânsito, Euclides dialogava com uma

¹²² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 39.

¹²³ BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 22.

¹²⁴ NICOLAZZI, Fernando. “O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*”. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009.

tradição de relatos de viagem, acenava para as crescentes demandas de objetividade científica da época e, simultaneamente, engendrava uma estratégia de afirmação da verdade, baseada na visão e no contato direto.

O recurso de eleger um viajor hipotético como ponto de mirada, menos do que uma exclusividade de Euclides, parece um traço comum aos relatos de viajantes do século XIX. Vestígio de uma *persona* narradora, esse indivíduo abstrato em situação de deslocamento, que dirige seu olhar à natureza circundante, seria, conforme Mary Louise Pratt, bastante ilustrativo da experimentação discursiva de Alexander von Humboldt – de quem Euclides era leitor e a quem se reportava constantemente. Do ensaio humboldtiano *Sobre as estepes e os desertos*, integrante de *Quadros da natureza*, Pratt destaca um trecho no qual esse viajante orienta as apreensões da paisagem:

Quando o viajante se afasta dos vales alpinos de Caracas e o lago de Ticarigua, salpicado de ilhas, cujas águas refletem as formas das bananeiras vizinhas – ao deixar os campos vicejantes com o verde claro e suave das canas-de-açúcar taitianas ou a sombra dos coqueiros – seus olhos repousam no sul sobre os Estepes, cujas aparentes elevações desaparecem no horizonte distante. Saindo da rica exuberância da vida orgânica, o espantado viajante se vê repentinamente na lúgubre margem de um ermo sem árvores¹²⁵.

A figura do viandante a percorrer os relatos de expedições ou empreitadas ilustradas particulares foi também examinada por Flora Süssekind, em *O Brasil não é longe daqui*. Consoante a autora, marca dos relatos de viagem com aspirações científicas, esse narrador que pouco se define, quando fala de si mesmo, se fala, deixa entrever apenas as emoções suscitadas pela experiência de capturar uma paisagem que o arrebatou. Em geral, como uma voz impessoal e sempre em movimento, o “eu” que

¹²⁵ Embora tenha consultado a versão inglesa do texto de Humboldt, cito, aqui, um trecho selecionado por Pratt. Cf.: HUMBOLDT, Alexander von. *Views of Nature*, 1850 *apud* PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Editora EDUSC, 1999, p. 214. Para a tradução inglesa de Alexander von Humboldt, conferir: <https://archive.org/stream/viewsnatureorco00bohngoog#page/n37/mode/2up>

narra se dilui, chegando quase a se apagar e o narrador se representa em uma imagem genérica, atemporal, etiquetando-se como “o viajante”¹²⁶.

Esse modo de narrar distanciado, sob o ângulo de um transeunte hipotético de voz impessoal, sugere, além de uma interlocução com os relatos de viagem, um propósito de objetividade e de alegação do verídico. No século XIX, acirraram-se os debates em favor de uma história imparcial, de contenção do sujeito que discorre. Conforme analisou Sabina Loriga, em artigo sobre as tensões entre objetividade e subjetividade na escrita da história, ganhava densidade, nessa época, o argumento de que o “eu” esmaecido de um historiador sem paixões deixaria as coisas falarem por si. Desta forma, seria possível ambicionar um saber seguro, estável e definitivo¹²⁷.

Ricardo Benzaquen igualmente refletiu sobre as emergentes exigências de imparcialidade e neutralidade que repercutiram na ocultação do narrador na moderna narrativa histórica. Como avaliou Benzaquen, uma vez eclipsado o “eu” que narra, a escrita ficaria ao abrigo das falsificações e dos julgamentos tendenciosos. Desse posto neutro, o real poderia ser verbalizado e apreciado, garantindo o lugar de autoridade e o poder de persuasão do texto¹²⁸.

Esta pode ser mais uma chave de leitura para os casos de retração da subjetividade e de enunciações impessoais em *Os sertões* e *À margem da história*. Empalidecendo o emitente e lançando o foco para a retidão daquilo que se anuncia, o narrador espalha, ao longo dessas obras, formulações como “vê-se que” ou “nota-se”,

¹²⁶ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 111.

¹²⁷ LORIGA, Sabina. “O eu do historiador”. In: *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, dezembro, 2012, p. 247-259.

¹²⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. “Ronda noturna. Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu”. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 28-54. Ver tb: CARDOSO, Eduardo Wright. *Em busca da cor local: os modos de ver e fazer ver nas obras de José de Alencar e Euclides da Cunha*. Tese de doutorado. Puc, Rio de Janeiro, 2016, nota 28, p. 204.

que forjariam um olhar onipresente, pressuporiam um consenso e converteriam o descrito em fato iniludível, em imposição da verdade.

Por outro lado, em outros momentos, a verdade residiria justamente na certificação de um “eu” que viu e “esteve lá”. Como nos primeiros lineamentos de um saber etnográfico, o “ter estado lá” se convertia no próprio argumento de autoridade, aqui pensada como as estratégias acionadas pelo autor para erigir sua presença, assegurando, tanto em termos epistemológicos, quanto de poder, a legitimidade sobre o discurso acerca do contexto social e cultural a ser representado¹²⁹.

Em razão disso, os artifícios de neutralização do discurso acima referidos convivem não em oposição, mas em complementaridade, com irrupções da primeira pessoa no texto euclidiano. Ao revés de um descuido ou de uma falha, já que, pelo menos para o caso de *Os sertões*, Euclides corrigiu com afinco até a terceira edição¹³⁰, a polaridade dos planos de enunciação parece uma estratégia discursiva.

Em uma passagem da segunda parte de *Os sertões*, há uma discreta, porém relevante circunscrição de sua presença, mobilizada com o fito de autorizar ilações sobre Antônio Conselheiro. Contando o início da peregrinação, na Bahia, daquele a

¹²⁹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Apresentação”. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, p. 13.

¹³⁰ A respeito do esmero de Euclides já com a primeira edição de *Os sertões*, é interessante mencionar o trecho de uma carta, de outubro de 1902, a Francisco de Escobar, intendente municipal de São José do Rio Pardo, de quem ficara amigo, enquanto construía a ponte na cidade e escrevia. Pouco antes da publicação do livro, Euclides relatara sua aflição com alguns erros: “Tenho passado mal. Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus *Sertões*, fui lê-lo com mais cuidado – e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? Imagina que lá encontrei *à falcão*, *à pranchada*, *braço à braço*, *tempos à tempos*, etc. etc. Não te posso dizer como fiquei”. Escritor aficionado pelos detalhes, as três edições por ele corrigidas somam 10 mil emendas, totalizando 180 páginas de variantes, todas relativas à linguagem e ao estilo, conforme Walnice Nogueira. Portanto, parece pouco provável que o ondulante plano de enunciação seja decorrente de um deslize de escrita, uma vez que foi mantido após os reparos. O mesmo vale para aos ensaios de *À margem da história*, embora o autor tenha morrido depois da revisão da primeira prova. Cf.: “A Escobar – Lorena, 19 de outubro de 1902.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 141; GALVÃO, Walnice Nogueira. *Lançamento de Os sertões, edição crítica e organização*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2016 (comunicação oral).

quem chamava de monstro, o narrador menciona as notícias que um sertanejo capturado lhe fornecera: “um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-me algo a respeito (...). Das palavras desta testemunha, concluí que Antônio Maciel, ainda moço, já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos”¹³¹. Já nas derradeiras páginas do livro, no capítulo *Últimos dias*, da parte *A Luta*, acerca da rendição de um grupo de sertanejos na iminência do desfecho do combate, apresenta sua estada sub-repticiamente, pois, em vez da afirmativa direta “vi”¹³², cita um fragmento do caderno de campo, acrescentando que suas notas foram “escritas à medida que se desenrolavam os acontecimentos”¹³³.

Afora essa caderneta, as missivas de Euclides enviadas ao jornal *O Estado de S. Paulo*, matéria-prima fundamental para a elaboração de *Os sertões*, carregam, por seu turno, marcas mais acentuadas do “eu-observador”. Porque registrava como correspondente, incumbido de introduzir o público leitor do sul à ambiência sertaneja e aos acontecimentos da guerra, no momento mesmo em que eles se desenrolavam, prepondera um plano de enunciação subjetiva, com os pormenores do deslocamento de um espectador atento, próximo aos eventos decisivos. Por isso, entre essas correspondências, espraiam-se obstinados alertas, com algumas variantes, a fim de validar o discurso: “observei de perto”, “vi de perto”, “eu percorri”, “eu inquirei”¹³⁴.

Em relação aos ensaios de *À margem da história*, além dos correntes “vimos” outrora citados, diversos excertos prestam-se a confirmar a lisura das considerações do narrador, devido à alegação de presença. Por exemplo, em *Rios em abandono*, esmiúça-se o fenômeno das terras decaídas a desembocar no amontoamento de galhos, troncos e

¹³¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 267.

¹³² NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., 2009, p. 83.

¹³³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 771.

¹³⁴ CUNHA, Euclides de. *Diário de uma expedição*. GALVÃO, Walnice Nogueira. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 71; 73; 75; 78; 85; 89; 168; 177.

massas argilosas nos rios, o que obstaría a navegabilidade na região. Com o objetivo de comprovar sua tese sobre o estreitamento dos cursos d'água amazônicos e os sucessivos entraves à presença do homem, o narrador arremata, lembrando seu próprio malogro: “Dizemo-lo baseando-nos em penosa experiência culminada por um naufrágio”¹³⁵.

Outrossim, o “ter estado lá” aparece indicado por sinais dos itinerários seguidos por Euclides, tanto nos sertões, quanto na Amazônia. Sobre sua viagem à Bahia, a caderneta de campo e as missivas a *O Estado de S. Paulo* conservam os rastros das localidades, que repercutiram, sutilmente, em *Os sertões*. Em seu canhenho da cobertura do conflito no arraial, não obstante a ausência de um encadeamento objetivo e cronológico das páginas, Euclides registrava os passos da campanha, a entrada em cidadezinhas, demarcando listagens de suas atividades com data e horário. Logo na primeira folha, gravou, no topo, “Diário de uma expedição”, assinalando, portanto, seu intento de converter este caderno em destino das informações que colhia, em materialização de sua experiência de trânsito. Imediatamente abaixo, há a breve notícia da partida do Rio de Janeiro e de um soldado que se atirou ao mar, como mero incidente a distender a viagem. No princípio da página seguinte, escreve *A nossa Vendeia*¹³⁶ e, na linha posterior, repete “Diário de uma expedição”, para, depois e nas próximas cinco páginas, rascunhar a carta de 07 de agosto, a primeira redigida na Bahia para o jornal paulistano, na qual discorre sobre a jornada no navio, a vista da embarcação, o sentimento dos soldados e as expectativas em torno da empreitada das forças republicanas¹³⁷.

¹³⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 24.

¹³⁶ *A nossa Vendeia* foi o título de sua primeira contribuição sobre o confronto de Canudos para *O Estado de S. Paulo*, em março de 1897, e, depois, de seu segundo artigo para o jornal, em julho do mesmo ano. Euclides partiu, portanto, com uma visão pré-concebida da região e com um nome prévio para sua caderneta e para o livro que escreveria.

¹³⁷ Para a primeira missiva ao jornal enviada na Bahia, consultar: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 63-68.

Ao longo de toda a caderneta, entremeados às listas de vocabulários, notas a respeito da natureza, excertos de quadras populares, referências à obra de Humboldt e rudimentos de correspondências para *O Estado*, encontram-se, com riqueza de detalhes, os lances da travessia, a qual abrangeu, além de Salvador, Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansanção, Quirinquinquá, Monte Santo e Canudos, aonde chegou em 16 de setembro e permaneceu até 03 de outubro. Em cada pequeno povoado e no epicentro da guerra, relatou as idas e vindas de soldados, os ataques dos jagunços, as estratégias militares e os perigos aos quais se submetia.

Por exemplo, em sua caderneta, nas páginas 10 e 11¹³⁸ bosquejou a entrada em Tanquinhos e Cansanção, em 04 e 05 de setembro, respectivamente. Na primeira parada, apontou as atividades do dia, seu ligeiro repouso sob a sombra de uma árvore, o céu estrelado, a audaciosa tentativa de saciar a sede na água insalubre e a medição da altitude e da temperatura. Cotejando a versão do canhenho com a do jornal, é possível perceber a manutenção do traçado das etapas da viagem, mas o aperfeiçoamento da redação da última. Acerca de Cansanção, mais do que sofisticar o texto, Euclides alterou alguns dados. A busca por um efeito de realidade e por uma escrita que transparecesse fiel a seus interlocutores norteou a correção do instrumento de medição e o preciosismo de certos retoques, os quais dilataram a hora e redesenharam a disposição do povoado. Apesar de longos, os trechos da caderneta e das missivas ao jornal, comparados na sequência – e enfatizados em itálico – parecem reveladores do processo de composição de Euclides da Cunha:

Dia 4. Chegamos a Tanquinho à 1 hora da tarde acampamos e partimos às 6 da manhã do dia 5. *Tanquinho lugarejo insignificante – uma casa velha e um rancho inutilizado – Dormi sob um pé de juazeiro.* Despertei às dez horas. Às duas horas da madrugada

¹³⁸ Para o sistema de citações desta tese, indico as referências em: CUNHA, Euclides da. *Caderneta de Campo*. ANDRADE, Olímpio de Sousa (Org.). São Paulo; Brasília: Cultrix, 1975.

*Órion brilhava no Oriente com brilho extraordinário. Jantamos às três horas magnificamente. Água infame, infamíssima, de um poço pequeno onde há seis meses bebem todos os cavalos, banham-se todos os cavalos e lavam-se todas as feridas. Fiquei aterrado vendo os resíduos do meu filtro Chamberlain. Uma crosta de lodo na qual devem (sic) haver todas as sortes de algas. (...) O meu aneróide registrou uma altura de 30 metros sobre Queimadas. Temperatura à madrugada, termômetro exposto 16°. Dia 5. Partimos de Tanquinho às 6 horas e chegamos às 8 e meia a Cansanção. Lugar melhor que Tanquinho; dois armazéns, melhor água. Cansanção – uma rua pequeníssima com oito casas apenas. Aí estão dois frades. Ouvimos missa às 9 horas numa saleta com menos de 10 metros quadrados. (...) Ouvi missa! (...) E por que não satisfazer a crença ingênua dos rudes moradores?*¹³⁹ (grifos meus)

Tanquinhos, 4 de setembro. São dez horas da noite. *Traço rapidamente estas notas sob a ramagem opulenta de um juazeiro, enquanto, em torno, todo o acampamento dorme. Tanquinho é positivamente um lugar detestável e o viajante que vence as cinco léguas que o separam de Queimadas tem a pior das decepções ante esta lúgubre tapera de duas casas abandonadas e destruídas (...). Chegamos à uma hora da tarde, depois de cinco horas de viagem sob um sol abrasador, através das caatingas intermináveis, por uma estrada magnífica, é certo, mas cujo leito arenoso multiplica enormemente os ardores da canícula. Trouxe longamente sofreada uma sede indefinível. Não se pode avaliar de longe, o que é uma viagem nestas regiões estéreis onde não se encontra o mais exíguo regato, o mais insignificante filete de água. Apenas em raros pontos deparamos com minúsculas lagoas, já numa transição perfeita para pântanos, com a superfície líquida revestida da vegetação característica. Em uma delas — surgindo como todas nos pontos em que afloram, rompendo as camadas de grés, largas bossas de terreno granítico — aventurei-me a satisfazer a sede. Ao desarmar, porém, subseqüentemente o filtro Grand-jean, fiquei aterrado ante a crosta impura deposta sobre a placa: um microscópio vulgar ali descobriria dez espécies de algas. (...) Alguns doentes, que seguem para Queimadas, ali pousavam e, acesas na fogueira em torno das quais passam a noite, formavam à claridade indistinta das chamas — acorados uns perto do fogo, caminhando outros claudicantes e vagarosos mais longe, projetando sobre a superfície das águas as sombras disformes — um conjunto trágico e interessante. Ao abeirar-me sequioso da borda do pântano, uma múmia coberta de trapos ergueu-se, tentando fazer a continência militar. (...) Às 8 horas todo o acampamento dormia. Consulto o meu aneróide e vejo que estamos a 30 metros sobre Queimadas. Escritas estas notas, não sei se poderei dormir. (...) Órion fulgura prodigiosamente belo a pequena altura sobre o horizonte, e eu irei afugentar as saudades profundas evocando noções quase apagadas de astronomia, percorrendo numa romaria olímpica os céus — perdido, entre as estrelas...*

Cansanção, 5 de setembro. *Aqui chegamos às 9 horas da manhã — esplêndida manhã! — caminhando duas léguas a partir do Tanquinho. Cansanção, felizmente, já merece o nome de povoado. Tem onze casas, algumas cobertas de telhas, e um armazém paupérrimo no qual entramos com a mesma satisfação com que aí se penetra no “Pregredior”. Sentimo-nos deslumbrados ante as prateleiras toscas e desguarnecidas. (...) E assisti à missa numa saleta modesta, tendo aos cantos espingardas, cinturões e cantis e um selim suspenso no teto — servindo uma mesa tosca de altar e estando nove décimos dos crentes fora, na rua, ajoelhados. E ajoelhei-me quando todos se ajoelharam e bati, como todos, no peito, murmurando como os crentes o mea culpa consagrado. Não me apedrejeis, companheiros de impiedade; poupai-me livres pensadores, iconoclastas ferozes! Violento e inamalgável na luta franca das idéias, firmemente abroquelado na única filosofia que merece tal nome, eu não menti às minhas crenças e não trai a nossa fé, transigindo com a rude sinceridade do filho do sertão...*¹⁴⁰ (grifos meus)

¹³⁹ CUNHA, Euclides. Op. cit., 1975, p. 10-11.

¹⁴⁰ CUNHA, Euclides de. Op. cit., 2000, p. 148-153.

Quase enfadonhos, esses fragmentos ilustram as minúcias de um relato pleno de pistas do caminho, de encadeamento de ações, de ritmo por vezes dramático, como a confeccionar uma intriga cujo desfecho guarda certo espanto.

Em virtude do caráter de registros circunstanciados e regulares da caderneta de campo e das correspondências ao jornal, a sinalização dos trajetos nestas fontes é mais evidente do que em *Os sertões*. Contudo, na obra-mestra de Euclides, também se depreende a delimitação de rotas da viagem, sobretudo em *A Terra*, que descortina a entrada nos sertões, e em *A Luta*, a partir do capítulo *Quarta expedição*, que equivale ao período em que Euclides participou da campanha militar ao arraial. A propósito, o internar-se nos sertões de solo incandescente e a parada em Tanquinhos, acima transcritos, saltaram do material elaborado *in loco* para a seção *Na estrada de Monte Santo*, no capítulo *Nova fase da luta*. Ao retratar a chegada do ministro da guerra e de demais oficiais às cercanias de Canudos, a narrativa impregna-se de ação e retoma a descrição de Tanquinho, sua aparência desprezível, seus casebres esquecidos e o mesmo episódio sobre o vagar aterrador de uma gente desenxabida que ensaiava uma continência militar:

Naquela travessia folgada, feita em três dias, antolhara-se-lhe em cada volta da vereda um traço lúgubre da guerra, cuja encenação a par e passo se acentuava, acompanhando a aspereza crescente da terra calcinada e estéril. O primeiro pouso em que parara, o Tanquinho, prefigurara os demais. *Era o melhor e era inatural: um sítio meio destruído, duas casas em abandono*, imersas na galhada fina do alecrim-dos-tabuleiros, de onde irrompiam cereus esguios e melancólicos. (...) *À noite, sobretudo, acesas as fogueiras rebrilhantes na superfície d'água escura, eles [os homens] formavam, uns acorados junto ao fogo e tiritando de maleitas, arrastando-se outros vagarosos e claudicantes e projetando sobre a tela unida da lagoa as sombras disformes, conjunto trágico e emocionante. Oficiais que se abeiravam sequiosos da ourela do pântano davam de chofre com espectros mal apurados tentando fazer-lhes a continência militar: e volviam entristecidos. Dali por diante os mesmos quadros: pelos caminhos os mesmos retirantes abatidos, e, à beira dos pântanos verde-negros, recamados de algas, os mesmos agrupamentos miserandos*¹⁴¹. (grifos meus)

¹⁴¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 682-683.

“Travessia”, “volta de vereda”, “a par e passo”, “primeiro pouso”, “de chofre”, “dali por diante” e os verbos em gerúndio são pequenas amostras de como se entranha a perspectiva do movimento na narrativa euclidiana. Há uma cadência, um crescendo no texto para traduzir a dinâmica do trânsito. Não raro, o narrador prepara cada novo cenário exibido ao leitor com advérbios de modo e de lugar, pausas, reticências, para reverberar neste a experiência que ele tivera. Esta artimanha, segundo Mary Louise Pratt, seria típica de relatos de viajantes de finais do século XVIII e do século XIX. Atentando-se para a análise que Pratt faz da escrita de Alexander von Humboldt, com o inventário de ações exaustivas, fluxos e refluxos, progressão e tons por vezes dramáticos, é possível detectar pontos de contato entre esse modo de narrar e o de Euclides¹⁴².

No mesmo sentido dessa aproximação, Gínia Maria Gomes avalia que, em *Os sertões*, o autor espalhou pistas dos lugares por onde passara, empregou verbos atinentes à visão e ao deslocamento e semeou modalizadores de espaço, tais quais, “aqui”, “ali”, “adiante”, “ao longe”. Consoante Gomes, estes seriam alguns dos principais indícios das marcas da viagem na escrita de Euclides e permitiriam a conclusão sobre seu diálogo com os relatos de viandantes do século XIX¹⁴³.

Por igualmente decorrerem de uma vivência de deslocamento, os textos da primeira parte de *À margem da história* também propagam alguns sinais do percurso, os quais, por sua vez, constavam no produto imediato da expedição da qual Euclides fizera parte, isto é, o *Relatório da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus*, assinado em Manaus, em dezembro de 1905. Por exemplo, na divisão dessas notas, o capítulo denominado *A viagem* elenca as principais etapas da empreitada, da partida de Manaus,

¹⁴² PRATT, Mary Louise. Op. cit., 1999, p. 214-216.

¹⁴³ GOMES, Gínia Maria de Oliveira. “O viajante de Os sertões”. In: *Organon*, UFRGS, Porto Alegre, v. 17, n.34, 2003, p. 133-156.

em 05 de abril de 1905, ao retorno a esta capital, em outubro do mesmo ano. Euclides especificou o trajeto, informando as datas e os horários em que atingira determinado local, as milhas alcançadas, as distâncias das próximas paradas e as temperaturas que medira. No fragmento abaixo, mencionou um dos pontos mais críticos da travessia, cujos percalços culminaram no encalhe da lancha Cunha Gomes, devido ao avolumar de madeiras e argilas que se emaranhavam nas águas:

Depois da embocadura do Iaco, que foi alcançada a 11 de maio, e em cujas cercanias encontramos o Netuno (o último vapor que conseguira descer livrando-se da vazante excessiva do rio) a singradura tornou-se irregularíssima, impondo constantes sondagens e paradas, em virtude não somente dos paus, que avultavam numerosíssimos, desde Novo Destino, como também dos baixios de argila vermelha endurecida, que com os nomes locais de “torrões” e “salões” iam continuamente tornando mais duvidosa a travessia. Em Terruã e Catiana a *Cunha Gomes* imobilizou-se encalhada nesses bancos¹⁴⁴.

Os indicadores de data e hora, que, à maneira de um diário, se disseminavam no capítulo *A viagem* do relatório, se apagaram nos ensaios da primeira parte de *À margem da história*. Todavia, outros rastros do trajeto foram preservados. Desde *Impressões gerais*, ou seja, desde o primeiro encontro com o rio Amazonas, ao último ensaio, *A Transacreana*, o narrador perscruta a hidrografia, o clima, a exploração dos caucheiros, a festa do sábado de aleluia, o perverso regime de trabalho imposto aos seringueiros e a possibilidade de uma solução técnica para levar a civilização àquelas paragens. Esses temas se encadeiam, como se, à medida que o observador-viajante avançasse pelos rios, ampliassem os conhecimentos sobre a selva. As balizas desse trafegar são assinaladas por léguas, quilômetros, entrâncias dos rios ou mesmo pela altura em que se aglomeram maiores empecilhos para desbravar os cursos d’água.

¹⁴⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 755.

No ensaio *Rios em abandono*, o narrador julga-se apto a advertir para a necessidade de intervenção no Purus, a fim de preservar-lhe a navegabilidade, porque pôde constatar *in situ* o processo de corrosão operado pelo próprio rio, corroborado pelo atravancamento de sua embarcação. Para isso, além de deixar entrever sua estada em campo, conforme outrora aludido, o narrador precisa os trechos onde as águas do rio arrastam troncos, blocos argilosos e repulsam os navios. Aqui, Euclides retomou, em maior riqueza de detalhes e refinamento de uma escrita preñe de movimento, o que já estava, em embrião, no capítulo citado, *A viagem*, integrante do *Relatório da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus*.

O fato é vulgaríssimo. Conhecem-no todos os que por ali andam. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatando-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra. São, de fato, “as terras caídas”, das quais resultam sempre duas sortes de obstáculos: de um lado o inextricável acervo de galhadas e troncos, que se entrecruzam à superfície d’água, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas argilosas, ou argilo-arenosas, que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se nas minúsculas ilhotas dos “torrões”, ou, mais prejudiciais, nos rasos bancos compactos dos “salões”, impropriando a passagem aos mais diminutos calados. Não precisamos insistir neste fato. A sua gravidade é intuitiva. E considerando-se que ele se reproduz em toda a extensão de 480 quilômetros, que vai da embocadura do Iaco à do Curiúja, onde se acumulam cada vez mais aqueles entraves, indefinidamente crescentes, chega-se a concluir que o Purus (...) está, agora, a pouco e pouco perdendo a maior parte dos seus requisitos superiores, com o progredir de um atravancamento em larga escala, que o tornará mais tarde inteiramente impenetrável. (...) Sobretudo além da embocadura do Chandless, multiplicam-se tanto estes empecilhos de todo estranhos à “tectônica” especial do rio, que em longos “estirões” com a profundidade média de cinco a seis pés, nas vazantes, onde passariam carregadas as mais poderosas lanchas, mal pode deslizar uma montaria ligeira. (...) Notemos apenas que a partir do tributário precitado até à bifurcação Cujar-Curiúja, o Purus em vários lugares parece correr por cima de uma antiga derrubada. Vai-se como entre os galhos estonados e revoltos de uma floresta morta.¹⁴⁵

Nessas linhas, o narrador apresenta o percurso a partir dos obstáculos que constroem a navegação, convertendo-os em divisas. Todos os que ali se aventurassem as reconheceriam, já que veriam e sentiriam o desmoronamento de terras,

¹⁴⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 24-25.

frondes e galhos. “Fato vulgaríssimo”, essa experiência incontornável, em uma dimensão a que o saber livresco não atingiria, atestaria a paulatina impenetrabilidade dos rios amazônicos.

Haveria, portanto, uma sorte de conhecimento que somente o campo revelaria. Esse argumento se repete ao longo dos ensaios amazônicos de *À margem da história*, em distintas formulações. Em *A Transaccreana*, recolhe-se uma referência econômica e tangencial, mas altamente reveladora do olhar do narrador-observador como premissa do acesso a um conhecimento verdadeiro: “A história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se. *Não se lê, vê-se*. Resume-se nos longos e tortuosos riscos do Purus, do Juruá e do Javari” (grifos meus)¹⁴⁶. Ou seja, para historiar aquelas bandas seria imprescindível ter estado lá, confrontar as adversidades da selva, rascunhar seu traçado, não bastando o conhecimento indireto.

Conquanto fosse um leitor de relatos de viajantes, obras de cronistas, teses de cunho histórico e científico, mapas e relatórios sobre a Amazônia, Euclides apontava a necessidade de lançar-se nos rios, aventurar-se em suas contingências, contemplar o quadro, para a completude do saber. Isso porque, embora as leituras prévias, notadamente as dos viajantes do século XIX, auxiliassem em sua formação intelectual e compusessem parte significativa de sua rede de interlocutores, elas fomentariam, amiúde, imagens idealizadas e utópicas que predeterminariam o olhar.

Em grande medida, Euclides atribuía à imaginação dos viajantes e às memórias literárias por eles evocadas o desencontro entre o que acreditava saber e o que de fato pôde constatar. Geradas pelas leituras - abrigos de palavras e de imagens alheias -, as expectativas e as paisagens sonhadas se dissolviam desencantadas, quando confrontadas com a própria experiência.

¹⁴⁶ Id. *Ibid.*, p. 71.

Em diversos registros, manifestou o fosso entre as prefigurações e o (suposto) real palpável. Nos primeiros meses de sua estada em Manaus, enviou uma carta a Oliveira Lima, de quem ficara amigo quando de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras em 1903 e por cujo intermédio junto ao ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, fora nomeado para a Comissão de Reconhecimento do Purus¹⁴⁷, expondo sua desilusão ao avistar o rio Amazonas. Nela escrevera:

Falta-me tempo para a felicidade de uma longa conversa consigo. Quanta coisa a dizer! – o desapontamento que me causou o Amazonas, menos do que o Amazonas que eu trazia na imaginação; a estranha tristeza que nos causa esta terra amplíssima, maravilhosa e chata, sem um relevo onde o olhar descanse; e, principalmente, o tumulto, a desordem indescritível, a grande vida à gandaia dos que a habitam... estou numa verdadeira sobrecarga de impressões todas novas, todas vivíssimas e empolgantes. Preciso de uma situação de equilíbrio para o espírito¹⁴⁸.

Essa decepção instantânea ecoaria também no discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, proferido em dezembro de 1906, cujas linhas iniciais narram justamente o primeiro contato com a Amazônia e a descoberta de que prefigurara grande o diminuto. Inibida pelo subjetivismo e pelo conforto das fórmulas preliminares, a literatura sobre a região não se deixaria impregnar por aquilo que efetivamente via, queixava-se Euclides. Somente na medida em que os observadores se desprendessem das rédeas das ficções, saltariam diante deles, límpidas, as percepções da realidade. Em suas palavras:

¹⁴⁷ Oliveira Lima contou, em *Recordações pessoais*, que lhe fora enviado um exemplar de *Os sertões* pela casa Laemmert, em 1902, quando estava no Japão. Ao retornar ao Rio de Janeiro, recebeu uma carta de Euclides, datada de 09 de julho de 1903, solicitando-lhe o voto para a Academia Brasileira de Letras. A partir daí, teriam estabelecido amizade. Com o intermédio de José Veríssimo, Oliveira Lima sugeriu o nome de Euclides para a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus ao Barão do Rio Branco. No período em que mais se correspondeu com Euclides, era embaixador em Washington. Cf.: LIMA, Oliveira. “Recordações pessoais”. In: *Por protesto e adoração. In Memoriam de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, p. 252-274. Especificamente sobre as correspondências entre Euclides e Oliveira Lima, cf.: SKIDMORE, Thomas E.; HOLLOWAY, Tomas H. “New light on Euclides da Cunha: letters to Oliveira Lima, 1903-1909”. In: *Luso-Brazilian Review*, (Madison), University of Wisconsin Press, v. 8, n. 1, p. 30-55, 1971.

¹⁴⁸ “Ao meu ilustre amigo dr. Oliveira Lima – Manaus, 16 de janeiro de 1905.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 254-255.

Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou as impressões “gloriosas” de Walter Bates, retraí-me a um recanto do convés e alinhei nas folhas da carteira os mais peregrinos adjetivos, os mais roçagantes substantivos e refulgentes verbos com que me acudiu um caprichoso vocabulário... para ao cabo desse esforço rasgar as páginas inúteis onde alguns períodos muito sonoros bolhavam, empolando-se, inexpressivos e vazios. (...) No perpétuo desequilíbrio entre o que imaginamos e o que existe, verificamos, atônitos, que a idealização mais afogueada apagam-no-la os novos quadros da existência¹⁴⁹

A missiva a Oliveira Lima e as passagens do discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras planeiam o tom de decepção que estaria, anos mais tarde, no ensaio *Impressões gerais*, na abertura de *À margem da História*.

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par, capaz daquele terror a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a *Hylae* prodigiosa, com um espanto quase religioso — sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob este aspeto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à Ponta do Munduba¹⁵⁰.

Malgrado o enfado que o horizonte amazônico lhe despertara inicialmente, a singularidade e a profusão da natureza teriam empurrado os viandantes precedentes a flertar com o delírio, o exagero, desviando-os da realidade. A “hipertrofia da imaginação”, que faria vacilar mesmo a sólida razão dos viajantes que admirava, decorreria de uma tentativa de apreender de algum modo a novidade da paisagem. Como continuou a afirmar em *Impressões gerais*:

¹⁴⁹ CUNHA, Euclides da. “Discurso de recepção de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 7, em 08 de dezembro de 1906”. In: *Obra completa*, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966, p. 229; 232.

¹⁵⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 1.

às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. E figura-se alguma vez em idealizar aforrado o que ressaí nos elementos tangíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desensofrido se encontre bem, na parceria dos sábios deslumbrados¹⁵¹.

Cumprе frisar que Euclides não aludia, aqui, aos relatos fantasiosos ou imputados mentirosos do século XVI, nos quais a existência de um Criador organizava e tornava possíveis as maravilhas e o inverossímil, de modo que o lastro interno do relato dependesse de sua capacidade retórica, não do controle da verificação¹⁵². Euclides tampouco se remetia aos viajantes do século XIX que, rotulados como farsantes, eram motivos de caricatura ou desconfiança na prosa brasileira oitocentista, seja pela trapaça de nada ter visto, seja pelos devaneios de exotismo, conforme analisou Flora Süssekind¹⁵³. A reserva do autor dizia respeito à tentação da imaginação que espreitava até aqueles imbuídos de interesses científicos, como Frederick Hartt, Walter Bates, Alfred Russel Wallace, Alexander von Humboldt, apenas para retomar os viajantes mencionados nos excertos acima.

Não apenas as excessivas figurações e as concessões literárias obstariam o conhecimento, mas também a pressa ou a superficialidade com que alguns viajantes se atiravam nos cantos ermos do Brasil. Tanto os sertões baianos, quanto as selvas amazônicas pediam demora, um pouso mais dilatado, para a solução dos enigmas da terra e das gentes. Todavia, Euclides sustentava, como se depreende na *Nota preliminar* de *Os sertões*, evocando Frei Vicente do Salvador, que o movimento desde os primórdios da colonização seria o de deter-se no litoral, de caranguejar a costa,

¹⁵¹ Id. Ibid., p. 4.

¹⁵² Sobre as reclamações contra os delírios dos viajantes e as crescentes demandas de legitimação da experiência individual com o avançar dos tempos modernos, ver: LIMA, Luiz Costa. “História e literatura”. In: *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997, p. 215-219.

¹⁵³ Acerca desses viajantes ditos mentirosos no século XIX, cf.: SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990, p. 50-55.

relegando à solidão as demais porções da terra¹⁵⁴. Avançando no tempo, mesmo o incremento de viagens pelo Brasil e a imersão em novas trilhas, no século XIX, não teriam reparado a escassez de saberes, conforme alegou no terceiro capítulo de *A Terra*, intitulado *O Clima*, em sua obra-mestra:

Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir. Martius por lá passou, com a mira essencial de observar o aerólito, que tombara à margem do Bendegó e era já, desde 1810, conhecido nas academias européias, graças a F. D. Mornay e Wollaston. Rompendo, porém, a região selvagem, *desertus australis*, como a batizou, mal atentou para a terra recamada de uma flora extravagante, *silva horrida*, no seu latim alarmado. Os que o antecederam e sucederam palmilharam, ferretoados da canícula, as mesmas trilhas rápidas, de quem foge. De sorte que, sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo¹⁵⁵.

Nos sertões, portanto, nenhum viajante teria ousado prolongar-se, ou avançar mais profundamente, sobretudo em função das adversidades. Esse saber rasteiro, que carecia de tempo e cautela, se repetiria no caso da Amazônia. Em *À margem da história*, o autor insistia no argumento de que a ciência, acostumada a parar nas beiras do país, ia, quando muito, até os trechos mais acessíveis dos rios. De maneira similar a *Os sertões*, afirmava:

Daí esta singularidade: é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt a Em. Goeldi — do alvorecer do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos. Pois bem, lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d’Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a geniais escrevedores de monografias¹⁵⁶.

Em uma nação ainda ignota, nem seus sertões, nem suas selvas, incluindo sua natureza e gente, teriam sido devidamente trilhados e examinados. Portanto, segundo

¹⁵⁴ Ao afirmar que os filhos do mesmo solo, “vivendo parasitariamente à beira do Atlântico”, haviam deixado desconhecidos os sertanejos, Euclides, apesar de não citar diretamente, evocava a imagem criada por Frei Vicente do Salvador, em *História do Brasil*. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 66.

¹⁵⁵ CUNHA, Euclides da. Id. Ibid., p. 102.

¹⁵⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 3.

Euclides, a fragilidade do conhecimento sobre essas paragens residiria ou no demasiado flerte com o imaginário, ou na curta e estreita parada dos viajantes anteriores, que, ademais, teriam se limitado a temas específicos, afastando-se de um saber totalizante. Ora, citando somente alguns desses viandantes que lhe “acudiram na primeira linha”, o naturalista francês Alcide d’Orbigny partira da França em 1826, para percorrer a América, retornando oito anos depois. O geólogo Frederick Hartt fizera diversas viagens pelo Brasil: como membro da Expedição Thayer, de 1865 a 1866, em que acompanhara Agassiz; de maneira independente em 1867; nas Expedições Morgan, em 1870 e 1871; e como membro da Comissão Geológica do Império, entre 1875 e 1878¹⁵⁷. O naturalista inglês Alfred Russel Wallace estivera na Amazônia, de 1848 a 1852, em intensa pesquisa e coleta¹⁵⁸. Companheiro de parte do trajeto deste último, o também inglês Henry Walter Bates se deslocara no norte do Brasil de 1848 a 1859. Logo, eles não só tinham elevadas pretensões científicas, como também se demoraram em campo, para confeccionar os seus relatos – frequentemente despendendo mais tempo nessas viagens do que o próprio Euclides.

Ao reiterar as insuficiências desses e de outros viajantes, Euclides se colocava em posição de vantagem em comparação a seus predecessores, valorizando o percurso que desembocara em sua escrita e acenando para o objetivo de incrustar sua obra no cenário intelectual nacional. Graças a suas travessias, desvendava o inédito. Nos sertões baianos, dizia ter revelado as favelas, arbustos típicos da caatinga, “anônimas ainda na ciência – ignoradas dos sábios”¹⁵⁹, ausentes da tipologia das plantas de Humboldt, porém amplamente conhecidas entre os moradores do sertão. Nessa passagem, por

¹⁵⁷ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de D. Pedro II*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

¹⁵⁸ LIMA, Carla Oliveira de. “Alguma terra bem distante onde brilha um sertão constante: as interações do viajante britânico Alfred R. Wallace com a natureza e as sociedades do Rio Negro”. In: *Historiae*, Rio Grande, v. 4, n.1, 2013, p. 65-78.

¹⁵⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 121.

exemplo, Euclides parecia insinuar ter acessado aquilo que anteriormente era domínio exclusivo do saber local. Em outras ocasiões, arrogava-se a tarefa de corrigir “os garbosos neologismos”¹⁶⁰, “os exageros descritivos”¹⁶¹, “a meia-ciência difundida num extravagar de fantasias”¹⁶², que afetavam tanto os quadros da natureza, quanto as descrições dos habitantes desses cantos inóspitos. De seu olhar milimétrico nem o “ilustre Martius” escaparia: em *Os sertões*, na seção *Em caminho para Monte Santo*, de *A Terra*, Euclides propôs emendar o desenho da serra, com cimos mais pontiagudos, “perfil de todo oposto aos redondos contornos” que o viajante bávaro tracejara¹⁶³.

Analisando *Os sertões*, Gínia Maria Gomes considera que, como resultado da incongruência entre os conceitos prévios que estudara e o que viu, Euclides teria deslizado para a dimensão literária, apesar de buscar obedecer, diante de seu objeto de estudo, aos imperativos científicos de identificar, classificar e descrever. Se as ciências mostravam-se limitadas ou saturadas de impasses, a possibilidade de explicação viria do aceno para a arte. Para Gomes, onipresente, o olhar do poeta, em *Os sertões*, ou ladeava a veia de cientista ou a sobrepujava. Consequentemente, a literariedade do texto seria sua marca distintiva¹⁶⁴.

Em sentido contrário a Gínia Gomes, Fernando Nicolazzi pontua que, em *Os sertões*, Euclides não teria desacreditado a ciência no entendimento da realidade, mas descartado algumas teorias ou leituras, interpretação com a qual concordo e que estendo aos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Ao revés de escapar da perspectiva científica - notadamente aquela oriunda das viagens -, Euclides a ajustaria a partir da experiência em campo. Retificar as visões científicas dos viandantes que lhe

¹⁶⁰ Id. Ibid., p. 204.

¹⁶¹ Id. Ibid., p. 73.

¹⁶² Id. Ibid., p. 155.

¹⁶³ Id. Ibid., p. 86.

¹⁶⁴ GOMES, Gínia Maria. Op. cit., 2003, p. 146-147.

antecederam implicava mobilizar uma retórica que forjava não apenas um sujeito que havia visto, mas que sabia ver melhor¹⁶⁵.

Sustento, portanto, que a relação de Euclides com a tradição de viagens científicas do século XIX e as teses delas decorrentes seja mais complexa do que de mero mimetismo ou rejeição, para a elaboração de *Os sertões* e dos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Se, por vezes, identificava equívocos ou concessões ao imaginário por parte desses viajantes, a ponto de consertá-los, isso não o impedia de tê-los como interlocutores e mediadores de seu olhar. Um curioso exemplo desse diálogo está, novamente, no discurso de recepção da Academia Brasileira de Letras. Pouco após confessar o desencanto ao entrar pela primeira vez nos rios amazônicos, menores e menos admiráveis do que nas “impressões gloriosas de Walter Bates” e nas páginas repletas de “lirismo de Frederico Hartt”, Euclides contou que conheceu Emílio Goeldi¹⁶⁶ e o botânico suíço Jacques Huber, ocasião em que recebeu uma monografia deste último¹⁶⁷. Em seguida à leitura, avistou a paisagem de maneira inteiramente diversa, compreendendo, por fim, a grandiosidade do rio Amazonas:

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis. (...) O que se me afigurara um bracejo angustioso era um arranco de triunfo¹⁶⁸.

¹⁶⁵ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., 2009, p. 77-78.

¹⁶⁶ Euclides entrou em contato com Goeldi por intermédio de José Veríssimo. Em carta a este último, datada de 13 de janeiro de 1905, escreveu que o “doutor Goeldi” o recebera atenciosamente durante duas horas, em um dos “mais notáveis arquivos do mundo”, o Museu Paraense. Cf.: “A José Veríssimo. Manaus, 13 de janeiro de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 252.

¹⁶⁷ Jacques Huber chegou ao Pará em 1895, a convite de Emílio Goeldi, para assumir o posto de chefe da seção de botânica do Museu Paraense de História Natural e Etnografia. A partir de então, realizou viagens, que abarcaram o litoral paraense, o Alto Purus e Baixo Acre, além do rio Ucayali. Cf.: CASTRO, Anna Raquel de Matos. “Entre a decadência e a esperança: Jacques Huber e seus estudos sobre a borracha na Amazônia (1907-1914)”. In: *XXV Simpósio Nacional de História: História e ética*, 2009, Fortaleza. *XXV Simpósio Nacional de História: História e ética*, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1324.pdf>

¹⁶⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 230.

Assim, o olhar que corrigia permitia-se ser corrigido. No trecho acima, o reparo se fez necessário, sob o pretexto de o observador não estar devidamente apto para absorver o ineditismo da paisagem. Instruindo-se, armando-se, o olhar volvia para o horizonte, com o propósito de melhor decifrá-lo. Tratava-se, pois, de uma observação interessada, que, conforme atentou Flora Süssekind a respeito dos viajantes com inclinações científicas do século XIX, significava deslocar-se com itinerários, objetivos e “modos-de-ver” previamente delineados. Impulsionados por pretensões científicas, esses herdeiros do projeto de viagens ilustradas - abordado na primeira parte deste capítulo - visavam a coletar material, encetar contato com as gentes locais, esboçar as linhas da natureza, em uma lógica de apreensão útil do entorno¹⁶⁹. O avesso, em suma, dos olhos ao léu dos viajantes aventureiros, daqueles que erravam simplesmente em busca de si ou do acúmulo de curiosidades.

Euclides se enredou nos sertões e nos rios amazônicos, não por meio de um olhar distraído, a se reter em elementos curiosos e excêntricos, mas sim por um uma mirada disciplinada, que intentava classificar, ordenar e descrever. Almejava um saber total, no qual natureza e homem se intrincavam, por isso criticava os “escrevedores de monografia”, confinados em suas especialidades.

Como enviado de *O Estado de S. Paulo* para a cobertura do conflito na Bahia e adido ao Estado-maior do ministro da Guerra, Euclides teria perquirido as filigranas das paisagens com tanto zelo, indicativo de seu olhar municiado, que foi assunto para Alfredo Silva, correspondente, na Bahia, do jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro. Na seção sobre Canudos, nos dias 21 e 22 de setembro de 1897, Alfredo Silva relatou que Euclides fazia daquela uma “verdadeira viagem de instrução”, obrigando o grupo que o acompanhava a “viajar quatro horas para fazer légua e meia, parando para examinar a

¹⁶⁹ SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1999, p. 104-129.

flora e a fauna e que não podia resistir a grandes explicações científicas, todas as vezes que encontrava uma pedra, uma flor, um fruto ou um pássaro”¹⁷⁰. Em reportagem de 23 de outubro de 1897, outro correspondente, esse do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, divulgou que Euclides escrevia um livro, *A nossa Vendeia*, que amalgamaria o exame da terra e dos sertanejos. Depois de transcrever algumas linhas do esboço do índice de *A natureza e O homem*, a reportagem findava: “É, como se vê, um estudo importante, pretendendo-se a uma concepção geocêntrica do nosso tabaréu”¹⁷¹.

Durante suas travessias nos sertões baianos, nas missivas a *O Estado* e mesmo em sua caderneta de campo, até em linhas que não seriam rascunhos para o público do jornal, Euclides gravava um “a verdade é que”, cuja obtenção atribuída à sua acurada observação. Porque estivera em “longas investigações diariamente feitas pelos arredores”¹⁷², lhe seria permitido escrever com “inteiro conhecimento de causa”¹⁷³.

Não obstante a constância com que Euclides afirmava, nas correspondências ao jornal e em seu canhenho, a autoridade dos elementos coligidos, disseminam-se nelas notas de sobreaviso do tumulto do cenário, diametralmente oposto à calma das avaliações distantes, daqueles que se cercavam apenas de livros. As urgências da guerra, somadas ao fato de acompanhá-la ao lado das forças militares, interpelavam-no, constringendo a postura que se pretendesse friamente científica diante do caos. A correspondência de 13 de agosto de 1897 a *O Estado de S. Paulo* condensa essa tônica de ressalva:

Aguardando ainda, aqui, a próxima partida para os sertões, e sob a sugestão perene dos quadros que tenho exposto, mal releio as linhas que escrevo, longe da tranquilidade de

¹⁷⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1994, p. 427. A referida reportagem do jornal *A notícia* foi consultada também no site da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830380&pasta=ano%20189&pesq=Euclides%20da%20Cunha>

¹⁷¹ Id. *Ibid.*, p. 339-340.

¹⁷² CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 2000, p. 172.

¹⁷³ Id. *Ibid.*, p. 99.

um gabinete de estudo e da inspiração serena dos livros prediletos. É possível que das notas rápidas de um diário, em que os períodos não se alinham corretos, disciplinados e calmamente meditados, ressumbrem exageros; é possível mesmo que eu os releia mais tarde com surpresa. Mas nessa ocasião estarei como os que agora as leem – fora do círculo hipnótico de um entusiasmo sincero e não terei, como agora tenho, diante de mim a visão deslumbrante de uma pátria regenerada.¹⁷⁴

Essa prudência ressoou no narrador de *Os sertões*. Em determinadas circunstâncias, ele se apresenta escusando-se por eventuais falhas. Como uma prevenção às críticas, faz algumas reservas sobre defeitos, devidos à peculiaridade das condições de observação e do caráter de exceção daquilo que presenciara. Defende-se, *a priori*, para inserir sua obra no cenário nacional, não como primado de uma imaginação literária, mas como registro para a história das “sub-raças sertanejas”¹⁷⁵, dos “desconhecidos singulares”, com quem topara ao seguir “a celeridade uma marcha militar”¹⁷⁶.

No terceiro capítulo de *A Terra*, na continuação da advertência de que nenhum pioneiro da ciência teria suportado as inclemências do sertão, arriscando apenas trilhas breves, o narrador, em primeira pessoa, expõe sua travessia, em estio ardente, prejudicada pelos “dados de um termômetro único e de um aneroide suspeito, misérrimo arsenal científico com que ali lidamos”¹⁷⁷. Mais adiante, a ausência de aparato técnico adequado levaria a análise da secura da atmosfera ao extremo: porquanto não dispunha do “rigorismo de processos clássicos”¹⁷⁸, restavam-lhe os corpos sequiosos de mortos fustigados pelo sol como higrômetros.

Nessa sequência, o narrador enaltece sua empreitada, posicionando-se como raro, se não único, observador-viajante que enfrentou as mazelas do sertão, apesar de, ao fim, alertar sobre a contingência de lapsos, impostos pelas adversidades à avaliação

¹⁷⁴ Id. Ibid., p. 92- 93.

¹⁷⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 65.

¹⁷⁶ Id. Ibid., p. 205.

¹⁷⁷ Id. Ibid., p. 102.

¹⁷⁸ Id. Ibid., p. 105.

científica. Portanto, a ênfase na singularidade dos eventos e do próprio sertão pretendia distinguir a observação, que se dera em “meio contraposto à serenidade do pensamento”¹⁷⁹, e, concomitantemente, arredar as críticas que só poderiam ser oriundas de gabinetes.

A ida a Manaus, na condição de chefe da expedição de Reconhecimento do Alto Purus, recrudesciu as exigências de uma inspeção cuidadosa, provida de leituras e equipamentos. Considerando que a abertura dos caminhos da Amazônia não era somente uma ocasião para reunir material para escrever seu segundo livro vingador, mas também para exercer sua profissão de engenheiro e elaborar documentos técnicos sobre a região, a justeza das informações era o norte a ser seguido. Sobretudo nas correspondências destinadas ao ministro das Relações Exteriores, o barão do Rio Branco, ao longo do trajeto, Euclides prestava contas da expedição, noticiava um “sem número de dados”¹⁸⁰ pesquisados, obtidos graças a medições sistemáticas, “repetidas vezes aferidas”¹⁸¹, com o auxílio de lunetas, bússolas, sextantes. Frequentemente, reclamava de causas perturbadoras da exatidão, como no manuscrito ao barão, redigido em Manaus, já no final da campanha. Nela, queixava-se por não ter embarcado com o teodolito astronômico, pois as rudimentares canoas que serviam de transporte mal cabiam os alimentos, não tendo capacidade para o seu peso, motivo pelo qual foi obrigado a portar outro instrumento que perdia em precisão¹⁸².

Em tom de certo lamento, o narrador dos ensaios amazônicos de *À margem da história* igualmente entrevê a chance de alguma inexatidão, por força das

¹⁷⁹ CUNHA, Euclides. 2011, Loc. cit.

¹⁸⁰ “Ao Exmº Sr. barão do Rio Branco. Manaus, 20 de março de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 276.

¹⁸¹ “Ao Exmª Sr. barão do Rio Branco. Manaus (sem data)”. In: CUNHA, Euclides da. Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos. ROCHA, Hildon (Org.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000, p. 225.

¹⁸² Id. Ibid., p. 226.

especificidades em que a observação se deu. É que, nas selvas, em sua “inconstância tumultuária”¹⁸³, não se escapa da fronteira do erro. Ainda assim, ou talvez justamente por isso, havia o mérito do narrador-observador de internar-se nos cantos inóspitos, de ver aquilo que nunca fora desvelado ou analisado em tempo e profundidade merecidos.

Em *Os sertões* e nos ensaios da primeira parte de *À margem da história*, a retórica engendrada pelo narrador, quando se anuncia em primeira pessoa, como observador em trânsito, afiança sua autoridade por ter estado em campo, e, consecutivamente, por dar a conhecer a terra ignota e os patrícios solitários de uma porção do Brasil esquecida. Consoante avaliou Luciana Murari, Euclides advogava pela reversão do olhar da elite nacional em direção ao interior, a fim de superar a distância que separava essas regiões dos centros urbanos¹⁸⁴. Da incorporação dos sertões dependeriam a unidade nacional e sua entrada na rota do progresso. Contudo, considerados parques por Euclides, os conhecimentos a respeito desses cantos atrelavam-se, especialmente, a uma ciência estrangeira, aos inúmeros viajantes que palmilharam o território brasileiro, sobretudo, a partir de 1808, com a abertura dos portos.

A prioridade de que gozavam os viajantes estrangeiros o inquietava, pois redundaria na produção de um saber em detrimento da perspectiva local. Pistas dessa crítica podem ser rastreadas ao longo de sua obra. No artigo *Plano de uma cruzada*, publicado pela primeira vez no jornal *O País*, do Rio de Janeiro, em maio de 1904¹⁸⁵, portanto, antes de sua ida à Amazônia, Euclides argumentava a imperiosidade de romper o confinamento no litoral e travar uma batalha para domar o deserto. Posto que

¹⁸³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 9.

¹⁸⁴ MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d’Os sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007, p. 52-65.

¹⁸⁵ Em 1907, *Plano de uma cruzada* foi publicado em uma reunião de artigos, sob o título *Contrastes e Confrontos*, pelos editores portugueses, Lello & Irmão (Lélo, na grafia à época), Livraria Chardron, com prefácio de José Pereira de Sampaio (Bruno). O livro agrega artigos publicados nos jornais *O País* (*O Paiz*, na grafia à época) e *O Estado de S. Paulo*, alguns inéditos e o discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras. Tratam da temática amazônica, antes da viagem do autor à região, os artigos *Conflito inevitável*, *Contra os caucheiros*, *Entre o Madeira e o Javari* e *Contrastes e Confrontos*.

as secas a martirizarem o norte fossem previsíveis, porque periódicas, predominaria a imprevidência sobre a questão, com respostas tentadas apenas quando a aridez irrompia já drasticamente. Para sanar o suplício do clima, Euclides sustentava que a ação governamental deveria se compatibilizar com os dados adquiridos por um minucioso estudo na região, realizado em longa estada, para desvendar a natureza ignorada. Como quem, de certa forma, se habilitasse para o posto, Euclides dizia que à “nossa engenharia” competiria a elevada missão de definir a base física da nacionalidade e de maquinar um plano estratégico contra o deserto. No entanto, a terra, notadamente a dos confins do Brasil, havia permanecido relegada, perscrutada quase que tão somente por viandantes estrangeiros, cujo legado, embora relevante, continha o limite de um ponto de vista estranho à vida nacional. Em suas palavras:

Mas, precisamente ao adquirirmos a autonomia política - talvez porque com ela illogicamente se deslocasse toda a vida nacional para os litorais agitados - olvidamos a terra; e os esplendores do céu, e os encantos das paisagens, e os deslumbramentos recônditos das minas, e as energias virtuais do solo, e as transfigurações fantásticas da flora, entregamo-los numa inconsciência de pródigios sem tutela, à contemplação, ao estudo, ao entusiasmo, e à glória imperecível de alguns homens de outros climas. Ao nosso nativismo nascente - e já ouriçado com os estilhaços dilaceradores da noite das garrafadas, não escandalizaram os ww ensarilhados, os yy sibilantes, e o estalar dos kk, e o ranger emperrado dos rr de alguns nomes arrevesados e estranhos. Koster, John Mawe, Wied-Newied, Langsdorf, Aug. Saint-Hilaire... primeiros termos de uma série, onde aparecem, num constrangimento de intrusos, raros nomes brasileiros - e que veio quase interrupto até Frederico Hart, e que aí está contínua, imperecível e fecunda com Eugen Hussack, Orville Derby e Emilio Goeldi. Ora, quaisquer que sejam os inestimáveis serviços deste grupo imortal de abnegados, são desanimadores. Não lhes admiremos o brilho até à cegueira. Porque afinal é lastimável que ainda hoje procuremos nas velhas páginas de Saint-Hilaire... notícias do Brasil. Alheamo-nos desta terra. Criamos a extravagância de um exílio subjetivo que dela nos afasta, enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido¹⁸⁶.

Mesmo em suas correspondências pessoais, persistia essa queixa. O tema aparece em carta a José Veríssimo, redigida em Manaus, a 02 de fevereiro de 1905, enquanto aguardava para explorar o Purus. Euclides, não sem alguma acidez, expressou

¹⁸⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 157-158.

seu descontentamento, ao comparar o auxílio que Chandless obtivera do governo brasileiro para sua empreitada. “E estávamos em pleno fervor da Questão Christie! E Chandless era inglês! E Chandless era um simples sócio viajante da Sociedade Geográfica de Londres!”¹⁸⁷. Ele, por seu turno, não desfrutava de conjuntura tão favorável, deparando-se com entraves que retardavam sua expedição: “Nós, brasileiros, revestidos de uma comissão oficial, encontramos empecos indescritíveis”¹⁸⁸.

No prefácio escrito em 1907 para *Inferno Verde*¹⁸⁹, livro de contos de Alberto Rangel, seu companheiro na Escola Militar e anfitrião durante sua parada em Manaus, Euclides retomou a indispensabilidade de se conquistar uma emancipação do conhecimento, com o propósito de que a nação fosse interpretada a partir de uma lógica interna. No desenrolar do texto, citou Humboldt, Martius, Jacques Huber, Walter Bates, Frederick Hartt, o que confirma, mais uma vez, esses viajantes como seus fundamentais interlocutores. Ao final, no entanto, lastimou a preponderância de “reagentes alheios ao gênio da nossa raça”¹⁹⁰ na decifração nacional. Autônomo política, porém não intelectualmente, o país construía suas ideias com alicerces forasteiros, em parte úteis nas ciências, graças a seus “reflexos filosóficos superiores”, mas insuficientes para alcançar a genuína impressão da alma nacional. Nos parágrafos derradeiros do prefácio, sentenciou: “a frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano depereceria, inexpressiva, na desordem majestosa do Amazonas”¹⁹¹.

¹⁸⁷ “A meu bom amigo Dr. José Veríssimo. Manaus, 02 de fevereiro de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 261.

¹⁸⁸ Id. Ibid., p. 262.

¹⁸⁹ Junto a uma carta, Euclides enviou, em 27 de agosto de 1907, o prefácio a Alfredo Rangel. Cf.: “A Rangel. Rio, 27 de agosto de 1907”. Id. Ibid., p. 337.

¹⁹⁰ CUNHA, Euclides da. “Prefácio de O Inferno verde”. In: *Obra Completa*. vol. II. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966, p. 498.

¹⁹¹ CUNHA, Euclides. 2011, Loc. cit. Aqui, vale uma ligeira observação. Embora Euclides sustente que Ernest Renan não poderia tracejar o perfil do caucheiro, o autor francês foi mobilizado algumas vezes em *Os sertões*, especialmente para descrever as prédicas de Antônio Conselheiro. Apoiando-se em Renan,

Segundo Luciana Murari, com a intenção de reforçar a importância de intelectuais nativos se debruçarem sobre o próprio país, Euclides exageraria a exclusividade de viandantes estrangeiros a cruzarem o território brasileiro¹⁹². Em seus textos, o autor referiu-se explícita e abundantemente os viajantes adventícios, enquanto as citações às empreitadas brasileiras são mais escassas ou veladas, sobretudo em *Os sertões* e nos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Isso não significa, entretanto, que não tenha havido investimentos internos no sentido de investigar as diversas porções do país, nem que Euclides os ignorasse.

Um dos principais responsáveis por afirmar a necessidade de levantamentos dos aspectos físicos e geográficos do território nacional, bem como estudos históricos e etnográficos, foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Conforme Manoel Salgado, a coleta de fontes históricas, o reconhecimento das características naturais e a fixação e garantia das fronteiras consistiam em mote fundamental no processo de delineamento da nação, motivo por que o instituto estimulou a coleta e o envio de material de outras regiões, para esquadrihar o país. Distintos cantos passaram, então, pelo escrutínio do olhar de sujeitos impelidos a angariar dados, notadamente, sobre a paisagem, as potencialidades de aproveitamento econômico dos bens naturais e o estado das populações indígenas¹⁹³.

O financiamento do IHGB, destinado a matérias que atraíam o Estado imperial, proporcionaria expedições com contornos culturais, para a pesquisa e seleção de registros históricos, etnográficos e arqueológicos; com objetivos práticos, para a sondagem da viabilidade de exploração de riquezas; e com escopo político, a fim de

Euclides deslocou temporalmente as práticas religiosas sertanejas, alegando que se aproximariam das seitas dos primeiros séculos. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 254-255; 275-276.

¹⁹² MURARI, Luciana. Op. cit., 2007, p. 55.

¹⁹³ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil. 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 158-154.

definir as fronteiras, protegê-las e, por conseguinte, interiorizar a civilização. Ademais, o apoio a essas empresas ajudaria a moldar a imagem de um monarca comprometido com o desenvolvimento das ciências e das artes, como salientaria a petição de 07 de novembro de 1841 dirigida a dom Pedro II, na qual o instituto empenhou-se pelo projeto do cônego baiano Benigno José de Carvalho e Cunha, para localizar uma “cidade antiga”, abandonada no sertão da Bahia¹⁹⁴. Essas incursões, portanto, congregariam interesses múltiplos, deslizando entre etnografia, arqueologia, história natural e geografia, saberes que se uniriam pelo intento de edificar uma nação e um Estado centralizado.

Focalizando o conteúdo da revista trimestral do IHGB, Manoel Salgado percebeu que, perdendo apenas para a questão indígena, as viagens e as expedições científicas representavam a segunda temática de maior incidência. Em terceiro lugar, vinha a história regional. Esses teores se intricavam, na medida em que seria preciso lançar-se nas diferentes regiões, vê-las de perto, para apreender o âmago do país, inventariar as populações indígenas e fundar uma imaginação comum de nação, um senso de organicidade. Quer dizer, ao transitar pela extensão do Brasil, com olhos voltados precipuamente para os índios e as zonas limítrofes, essas expedições sondariam fundamentos para um passado compartilhado e demarcariam a identidade físico-geográfica da nação, concorrendo para sua unidade simbólica e territorial¹⁹⁵.

Os viajantes que viessem a rumar Brasil adentro precisariam dirigir sua mirada com esmero e sistematicidade. Assim, seriam imprescindíveis orientações para municiar o olhar e as coletas. Nesse sentido, o cônego Januário da Cunha Barbosa escreveu, em 17 de dezembro de 1838, *Lembrança do que devem procurar nas províncias os sócios*

¹⁹⁴ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 19.

¹⁹⁵ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Op. cit., 1988, p. 23-24.

do Instituto Histórico Brasileiro, para remeterem à sociedade central do Rio de Janeiro, que servia de instrução, como o título sugere, para o que cumpria coligir nas diversas regiões do país. Remetendo-se aos recentes associados, Cunha Barbosa dividiu as sucintas recomendações em uma parte histórica e uma geográfica. Na primeira, demandava apontamentos biográficos de eminentes brasileiros, cópias de documentos históricos, dados sobre o modo de viver dos índios, sobre o comércio, a indústria e a literatura das províncias, descrição das condições dos portos e da navegação, além de notícias sobre fenômenos e elementos naturais, preferencialmente com suas nomenclaturas científicas. Na segunda parte, requeria a medição da amplitude das províncias, suas fronteiras, seus dilemas administrativos, bem como o arrolamento de suas riquezas naturais e o envio de plantas, sementes e raízes para futuros exames¹⁹⁶. As instruções de Januário da Cunha Barbosa sinalizam que apenas os olhos que não vagassem e não se perdessem, porque disciplinados e instruídos por saberes complementares, seriam capazes de historiar o Brasil.

Anos mais tarde, a ideia de uma ciência itinerante ganhou um célebre apologista, Karl von Martius. Em texto que lançou as bases metodológicas para as pesquisas historiográficas do IHGB, premiado em 1847, mas publicado anteriormente pela revista do instituto, o bávaro Martius defendeu a relevância das viagens para a escrita da história da nação emergente. Em *Como se deve escrever a história do Brasil*, o sócio correspondente do IHGB manifestou o desejo de que a seus membros fossem facultados meios para “fazer sacrifícios em favor das investigações arqueológicas: especialmente prestando auxílio a viajantes”, com a finalidade de encontrar vestígios de civilizações e

¹⁹⁶ BARBOSA, Januário da Cunha. “Lembrança do que devem procurar nas províncias os sócios do Instituto Histórico Brasileiro, para remeterem à sociedade central do Rio de Janeiro (1838)”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomo 1, n. 3, 1908. p. 109-110.

fragmentos olvidados da história do Brasil¹⁹⁷. De acordo com Lúcio Menezes Ferreira, a acepção de viagem arqueológica mobilizada por Martius nesse trecho diz respeito aos relatos das origens, das coisas antigas, que, por meio da história natural e da arqueologia, perseguiram o passado mais longínquo do espaço geográfico brasileiro e das populações indígenas¹⁹⁸.

Cruzando-se a tese de Martius e a criação da primeira Comissão de Arqueologia e Etnografia Indígena em 1847 e da seção conjunta de Arqueologia e Etnografia, oficializada nos Novos Estatutos do IHGB em 1851¹⁹⁹, tem-se que esses saberes auxiliares despontavam como uma maneira de narrar os primórdios da nação, desprovidos de marcos escritos. Ou seja, acreditava-se que um capítulo da história do Brasil só se completaria com uma ciência itinerante que perscrutasse aquilo que as fontes históricas tradicionais, os arquivos, não forneceriam.

Em suma, coerente com o desígnio de elaborar o quadro da nação, o IHGB sustentou a importância da promoção de viagens pelo Brasil, em especial pelo interior e áreas fronteiriças, com o intuito de recolher material que subsidiasse a história nacional. Para isso, aliavam-se saberes diversos, como a história natural, que tratava a natureza como testemunho do passado e, concomitantemente, inventariava as riquezas do presente; a arqueologia, a qual inquiria o espaço como chave para desvendar épocas remotas; a etnografia, como meio de estudo das populações indígenas, dos selvagens

¹⁹⁷ MARTIUS, Karl Friederich Phillipe von. “Como se deve escrever a história do Brasil” [10/01/1843]. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia* [1844]. Alemanha: Kraus Reprint, Tomo 6, n. 24, 1973. p. 381-403.

¹⁹⁸ FERREIRA, Lúcio Menezes. “Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial”. In: *História, ciência, saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.13, n.2, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000200005

¹⁹⁹ Sobre a criação da seção de Arqueologia e etnografia do IHGB, cf.: KODAMA, Kaori. « La section d’Ethnographie de l’Institut Historique et Géographique Brésilien (1840-1860) ou la « Place » De l’Indien dans l’histoire du Brésil ». In: *L’Atelier du Centre de recherches historiques*, abril, 2011. Disponível em: <http://acrh.revues.org/3724>

sem história que consubstanciavam uma sorte de resquícios pretéritos que atingiram o presente.

Afora o incentivo do IHGB às viagens, comissões compostas por engenheiros cruzaram o país, no bojo de um projeto modernizador, que visava a aplacar uma percepção de atraso colonial durante o Segundo Reinado e, mais tarde, de retrocesso que o Império passava a significar, no alvorecer da Primeira República²⁰⁰. Identificados como “profissionais da observação”, consoante analisou Regina Abreu, os engenheiros seriam dotados de um olhar competente, hábil na tarefa de organizar um exercício de observação científica e convertê-lo em relatórios, os quais configurariam as diretrizes para as propostas de modernização da nação²⁰¹.

Partilhando, de maneira geral, de princípios científicos positivos e de uma crença na evolução, apreendidos no processo de formação nas escolas de engenharia, esses profissionais assumiam, mormente, a tarefa de levar o progresso aos recantos do país, de incorporar as margens a uma temporalidade regida pela aceleração. Em decorrência de aptidões técnicas e do alinhamento às expectativas do progresso, os engenheiros foram chamados para comandar missões incumbidas de integrar o território, plantear ferrovias e redes de telégrafo, construir pontes, delimitar fronteiras, criar redes de saneamento. Em síntese, as viagens coordenadas por engenheiros ao longo do século XIX desempenharam papel expressivo para o conhecimento do território nacional e, ainda, para o encontro com seus habitantes, reputados por bárbaros.

Essa breve digressão sobre o impulso das viagens, no seio do IHGB e nas comissões de engenharia, como ocasião para ampliar as notícias da natureza e das

²⁰⁰ A respeito do processo, no crepúsculo do Império, em que a difusão de uma cultura democrática e científica forjava a República como oposição ao passado monárquico e como uma promessa de futuro, cf.: MELLO, Maria Tereza Chaves de. “A Modernidade Republicana.” In: *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 25-41, 2009. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v13n26a02.pdf

²⁰¹ ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998, p. 84-105.

gentes do Brasil, presta-se a dimensionar as afirmações de Euclides da Cunha sobre o silêncio dos brasileiros acerca de sua nação. Não só de viandantes estrangeiros se alimentavam os saberes sobre o país. Ao exacerbar o lugar dos estrangeiros na produção de conhecimento sobre as coisas e sujeitos locais, Euclides pretendia chamar atenção para a imprescindibilidade de uma inteligência soberana, apta a urdir uma história a partir de dentro. Habilitava-se, portanto, para falar da nação e desenveredar o outro - geográfico e antropológico - interno. Ao afirmar uma ausência de investimento das elites locais cosmopolitas, apontaria um campo em aberto para o escrutínio de seu olhar e a espera de uma terra e gentes ignotas, que deveriam ser desveladas, arrebatadas das margens e, assim, incorporadas à nação. Urgia que intelectuais brasileiros, comprometidos com a causa da nação e da República, como o próprio Euclides, preenchessem essa lacuna.

Ademais, as iniciativas locais anteriores talvez fossem silenciadas ou minimizadas por Euclides, por estarem, em grande medida, associadas ao projeto de nação levado a cabo pelo IHGB e pelo estado imperial. Como notou Rodrigo Turin, o conceito de nação passou a se revestir de sentidos diferentes na linguagem política, a partir das décadas de 1860 e 1870²⁰². A imaginação nacional tramada pelo IHGB foi sistematicamente desqualificada por autores que sustentavam o abandono de uma história retórica e vazia, para, em seu lugar, confeccionar uma história profunda e autêntica. Evocando, ainda, Ângela Alonso e Maria Tereza Chaves de Melo, tem-se que as ditas novas ideias do cientificismo e positivismo rivalizavam com as instituições e as produções letradas cristalizadas no Segundo Reinado²⁰³. A estas se colavam os rótulos

²⁰² TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)”. In: *Intellèctus* (UERJ. Online), v. Ano 8, p. 1-36, 2009.

²⁰³ ALONSO, Angela. “Apropriação de Ideias no Segundo Reinado.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.). *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 83-118; MELLO, Maria Tereza Chaves de. Op. cit., 2009.

de atraso, de ausência de rigor científico, motivo pelo qual seria imprescindível repensar, sob novas bases, o saber sobre a nação e sobre suas gentes. Quer dizer, é provável que Euclides pouco mencionasse ou comentasse os viajantes brasileiros que lhe antecederam, porque parte significativa deles atrelava-se às buscas ligadas aos interesses do estado imperial. Impulsionados pelo ideal de nação veiculado pelo Segundo Reinado, esses viajores, alegadamente, iludidos com as figurações de um indianismo ingênuo e desprovidos de refinamento científico, teriam permanecido distantes de um Brasil profundo, de suas solidões selvagens. Euclides empenhava-se, assim, na consagração de uma narrativa para a nova história da recente República, em que cavava um espaço de destaque para sua obra.

Uma pista do descrédito desses projetos anteriores pode estar, além do silenciamento, em uma referência à empreitada do cônego Benigno José de Carvalho, na Bahia. Euclides apontou, em *Os sertões*, que as feições da Serra do Cambaio teriam nutrido um mito acerca de uma cidade antiga. Disseminada pelos rudes sertanejos, essa crença havia encorajado viagens de perquirição, que, para ele, seriam disparatadas. Sem citar o cônego expressamente, indicando apenas a Revista do IHGB em nota de rodapé, afirmou: “As lendas das ‘cidades encantadas’, na Bahia, que têm conseguido dar à fantasia dos matutos o complemento de sérias indagações de homens estudiosos, originando pesquisas que fora descabido relembrar, não têm outra origem”²⁰⁴. Essa imaginação acabaria “iludindo tanto a expectativa dos graves respigadores que por ali têm perlustrado, levando ansioso anelo de sábias sociedades ou institutos”²⁰⁵. Isto é, empreitadas sem lastro de cientificidade, movidas por fantasias, se confundiam com as lendas dos matutos e contribuía para a manutenção de um véu de ignorância sobre a

²⁰⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 389.

²⁰⁵ Id. Ibid., p. 390.

vastidão e as profundezas do país. No mesmo passo em que emudecia ou desqualificava as travessias precedentes, Euclides reforçava a importância e a autoridade das suas.

Romper com o desconhecimento acerca dos cantos ermos e participar do processo de incorporação do Brasil ignoto à civilização eram, pois, a missão elevada a que se incumbia. Sobre seu propósito de rasgar os sertões e as selvas e, assim, redefinir os caminhos da nação, Euclides escreveu, em setembro de 1908, a Vicente de Carvalho, para quem prefaciara *Poemas e canções*, em 1907. Na carta, ao mencionar o livro de Alberto Rangel, comprazia-se de ter aberto as trilhas recônditas do país e inculido a discussão sobre os temas nacionais:

Já leste o *Inferno verde*? Nesta pergunta há uma vaidade encantadora: é o livro do meu primeiro discípulo, alentando-me na convicção de que abri uma *picada*, levando a outros rumos o espírito nacional... Que infinito prazer para um antigo engenheiro de estradas²⁰⁶.

Em resumo, essa seção do capítulo pretendeu avaliar como a narrativa de *Os sertões* e dos ensaios amazônicos de *À margem da história* se desenrola, sobretudo, desde a perspectiva de um observador em trânsito. A leitura conduzida pelo olhar de um viandante, em uma ondulação entre a terceira e a primeira pessoa, reflete seu diálogo com uma tradição de relatos de viajantes e a primazia conferida por Euclides à observação *in loco* para a produção de conhecimento. Por isso, os textos impregnam-se de traços do itinerário, de uma cadência cuja progressão marca a entrada nos sertões baianos e nas selvas amazônicas.

Nesse sentido, o olhar e o “ter estado lá” se transmutam no próprio argumento de autoridade, isto é, nas estratégias mobilizadas pelo autor para instituir sua presença, garantindo, tanto em termos epistemológicos, quanto de poder, a legitimidade do

²⁰⁶ “A Vicente. Rio, 18 de setembro de 1908”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 376.

discurso destinado a representar certo contexto social e cultural. Assim, em Euclides da Cunha, a circunscrição de seu posto de observador divulga ao seu público que as veredas para conhecer aqueles desertos do país foram abertas por ele. No decorrer de seus textos, os diversos “vimos que” deste autor que renunciara aos gabinetes, para se enredar em solos inóspitos, atuavam como uma espécie de empréstimo do olhar ao leitor, que, persuadido pelo prisma de quem presenciou os eventos, restaria convencido da narrativa.

Outra maneira de apresentar-se como perspicaz observador intrincava-se à insistência com que propalava a distância entre o prefigurado e o visto e a singularidade dos eventos diante de seus olhos. Nada do que vira antes se equiparava à realidade circundante e mesmo a tradição de viagens e a literatura científica, apesar de sua relevância, não davam conta de quão ímpar era a tela dos sertões e das selvas. Se até os viajores que lhe precederam cometeram equívocos, ou por inclinarem-se para a fantasia, ou por não terem avançado no espaço e no tempo em suas sondagens, aqueles que jamais pisaram nos solos ermos estariam irremediavelmente fadados ao desconhecimento. De longe, não se aquilataria a estranheza que os cantos inóspitos despertavam.

A autoridade do olhar euclidiano passava, também, pela afirmação da urgência de se perquirir o Brasil segundo uma lógica interna. Os viajantes estrangeiros do século XIX foram interlocutores obrigatórios da produção historiográfica local e ocuparam, com destaque, os textos de Euclides. No entanto, atravessar o país, esquadrihar a paisagem e colher tradições dos habitantes longínquos não poderia ser empreitada exclusiva de observadores de climas e línguas diversos. Competia aos brasileiros imprimir o seu tom ao contar suas outras terras e outras gentes.

2. Terra ignota, paraíso perdido: a alteridade geográfica dos sertões e das selvas

Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas
dos campos estendem sempre para mais longe.
João Guimarães Rosa

Neste capítulo, discutirei, preliminarmente, como se forjou uma mirada disciplinada para capturar e traduzir a natureza em Euclides da Cunha. Após rastrear algumas de suas leituras sobre o tema e seu contato com figuras do meio científico, analisarei sua caderneta de campo da Bahia e suas correspondências ao jornal *O Estado de S. Paulo*, que fornecem pistas de sua apreensão útil da natureza e constituem documentação central para minha hipótese de que a confecção de *Os sertões* deveu-se, substancialmente, à sua viagem. Em seguida, dedicarei a atenção ao retorno de Canudos, quando Euclides imergiu na tarefa de historiar o que havia visto e, assim, publicou sua obra-mestra. Encetou um novo projeto, o de embrenhar-se na selva amazônica, assunto sobre o qual versa outra seção deste capítulo. Nela, recuperarei os vestígios do olhar lançado ao meio em suas cartas e relatórios, matéria-prima para os ensaios da primeira parte de *À margem da história*. Por fim, procurarei avaliar a construção da natureza como alteridade geográfica, nos sertões e nas selvas, a partir do exercício do olhar municiado de Euclides.

2.1. Conformando o modo de ver: o olhar municiado de Euclides e a abertura das veredas dos sertões baianos

Por ocasião do fracasso da terceira expedição a Canudos, comandada por Moreira César, Euclides da Cunha manifestou-se publicamente sobre o tema, pela

primeira vez, no artigo *A nossa Vendaia*, de 14 de março de 1897, estampado na primeira página de *O Estado de S. Paulo*²⁰⁷.

Esse título evoca o paralelo que Euclides pretendia traçar entre a gente insurreta no arraial e a rebelião camponesa, monarquista e católica da Vendaia, entre 1793 e 1796, em desagravo à derrubada do Antigo Regime na França. Para ele, se assemelhavam tanto o “heroísmo mórbido” dos sublevados franceses e dos sertanejos, quanto o terreno onde se processavam ambas as lutas. Em seus dizeres:

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob o ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendaia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império. A mesma coragem bárbara e singular e o *mesmo terreno impraticável* aliam-se, completam-se²⁰⁸. (grifos meus)

Segundo Euclides, o “arraial maldito” era para a República brasileira o que a Vendaia fora para a França revolucionária: terreno que repelia as forças centrípetas, empecilho à unidade, sombra a obscurecer a luz, freio a estacionar o progresso. No entanto, a guerra de Canudos se apresentava como circunstância limite, um teste capaz de revigorar sua crença na República e dissolver o tom de desalento, depreendido em suas correspondências, no tocante aos descaminhos da nação²⁰⁹. No mesmo dia em que

²⁰⁷ CUNHA, Euclides da. *A nossa Vendaia*. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 14 de março de 1897, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18970314-6694-nac-0001-999-1-not>

²⁰⁸ CUNHA, Euclides da. “A nossa Vendaia (1)”. In: *Diário de uma expedição*. GALVÃO, Walnice Nogueira. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 51.

²⁰⁹ Euclides, que havia estudado no curso de engenharia da Escola Militar e, assim, circulado entre meios que difundiam o ideário republicano e a corrosão da monarquia, teve a República como tema, ao longo de sua obra. Alguns de seus primeiros artigos, publicados pelo jornal *Província de S. Paulo*, faziam uma apologia à República, apontada como estágio inescapável do desenvolvimento natural da sociedade. A propósito, a colaboração para o jornal decorreu de um episódio de insubordinação de Euclides. Em novembro de 1888, por ocasião da chegada ao Rio de Janeiro do republicano Lopes Trovão, os cadetes foram submetidos a uma inspeção, para impedir a saída e a adesão a um comício contra a monarquia. Durante a revista, Euclides da Cunha protestou diante do ministro da Guerra, Tomás Coelho, e se tornou objeto de notícias em jornais os quais retratavam o descompasso entre os militares, a manifestação de suas opiniões políticas e o regime monárquico. Em razão deste episódio, Euclides foi desligado do Exército no mesmo ano. Este afastamento compulsório ensejou o convite para escrever no jornal *Província de S. Paulo*, embrião de *O Estado de S. Paulo*. Todavia, o fervor pela República dos tempos da mocidade militar esmoreceu-se paulatinamente e, sobretudo em suas correspondências, é possível rastrear

publicou o artigo, escreveu uma carta, em São Paulo, a João Luís Alves, em alusão à guerra nos sertões:

Procurando ser otimista (difícil coisa nestes tempos maus!) vejo nesta situação dolorosa um meio eficaz para ser provada a fé republicana. Não achas que ela resistirá brilhantemente – emergindo amanhã, rediviva dentre um espantoso acervo de perigos? Eu creio sinceramente que sim²¹⁰.

Contudo, as forças republicanas sagrariam vitoriosas, apenas na medida em que domassem as entrâncias e os labirintos agrestes. Como o terreno inóspito onde a República tinha sua provação se despontava como um inimigo físico para as tropas militares e o êxito da campanha dependia do conhecimento da região, Euclides iniciou o artigo que trata da peleja, conferindo ênfase aos aspectos do meio, considerado, ademais, o definidor do homem naquelas paragens.

Logo nas primeiras linhas, citou o relatório de José Carlos de Carvalho, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e chefe da comissão incumbida de transportar o meteorito de Bendegó da Bahia para o então Museu Imperial²¹¹; os trabalhos de Joaquim Monteiro Caminhoá, médico, botânico e professor de história natural no Internato do Imperial Colégio de Pedro II, autor de *Elementos de Botânica Geral e Médica*²¹²; “algumas observações” de Martius, em provável referência a *Viagem pelo Brasil*, obra escrita em parceria com Johann Baptist von Spix, fruto da expedição

esse desencanto. Às vésperas de sua ida a Canudos, o conflito parecia um pretexto para reafirmar sua convicção republicana. O desfecho da refrega, contudo, alimentou em Euclides um tom crítico a respeito do demasiado emprego de força militar para debelar o arraial. Sobre a revisão da República por Euclides, ver, especialmente, um de seus biógrafos, Roberto Ventura. Cf.: VENTURA, Roberto. “Euclides da Cunha e a República”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 10 (26), 1996, p. 274-291. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v10n26/v10n26a24.pdf>

²¹⁰ Euclides tornou-se amigo de João Luís Alves, durante sua estada em Campanha. João Luís havia sido juiz e professor de legislação de terras na cidade, na época. “A João Luís. São Paulo, 14 de março de 1897”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 104.

²¹¹ “CARVALHO, José Carlos de”. In: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

²¹² CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/camjoamon.htm>

científica de ambos entre 1817 e 1820²¹³; e Saint-Hilaire, que percorrera o Brasil entre 1816 e 1822²¹⁴, e escreveu *Flora brasiliae meridionalis*²¹⁵.

De acordo com Euclides, essas leituras fariam com que não fosse “de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia”²¹⁶, delimitada pelo rio Vaza-Barris, em cujas margens se travavam cenas da contenda que arremetia Canudos para a história. Sem ter pisado no solo sertanejo, o autor validava, portanto, sua apreciação do arraial, em virtude de seu olhar municiado pelos estudos.

Na primeira parte do texto, preponderam informações acerca do solo, dos ventos, do clima, do relevo e da vegetação. Com uma redação demasiadamente descritiva e visual, que objetivava provocar uma sensação de real, Euclides apresentou a natureza do sertão através da “nota lúgubre da máxima desolação”²¹⁷. Estéril e depauperada, a terra revestia-se de plantas escassas e deprimidas. A ação benéfica dos ventos seria barrada pela disposição topográfica dos sertões, a qual, por seu turno, explicaria a seca e as temperaturas causticantes. Não mais pertencente a um Brasil edênico, sem acidentes naturais, aquela porção de terra, a alteridade geográfica do paraíso, foi igualada a um terreno transfigurado por um terremoto e um subsequente incêndio.

Apesar de acentuar a inclemência do meio ressequido e das poucas chances de se sobreviver, Euclides admitia existirem trechos em que os olhos poderiam pousar e se fascinar. Em suas palavras: “Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza

²¹³ Sobre a expedição de Spix e Martius, cf.: LISBOA, Karen Macknow. “Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização”. In: *Revista Brasileira de História*, v. 15, p. 73-91, 1995.

²¹⁴ KURY, Lorelai Brilhante. “Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar”. In: *Intellèctus* (UERJ), Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, 2003, p. 1-11.

²¹⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 43-44.

²¹⁶ CUNHA, Euclides. 2000, Loc. cit.

²¹⁷ Id. Ibid., p. 46.

parece oscilar entre dois extremos – da maravilhosa exuberância à completa esterilidade.”²¹⁸

Essa variação da natureza, entre miséria e pujança, seria importante para decifrar o homem, na segunda parte do artigo, porque, concebido à semelhança do meio, ele se moldava como bárbaro e corajoso, desenxabido e forte. Assim, as notas preliminares sobre a terra no artigo cumpriam a função de explicitar suas repercussões nas gentes e configurar o “tabuleiro” sobre o qual os sertanejos se agitavam.

Alguns meses depois, Euclides voltou a se pronunciar acerca do conflito, em outro artigo, sob o mesmo título, publicado em 17 de julho de 1897, ocupando três colunas da primeira página de *O Estado de S. Paulo*²¹⁹. As barreiras com as quais o Exército, mais uma vez, se deparou para debelar Canudos insuflaram em Euclides uma nova incursão textual a respeito do arraial. Discorrendo acerca das táticas rudimentares de guerra utilizadas pelos sertanejos que, amalgamados ao cenário natural, obtinham vantagens frente aos militares, Euclides salientava os erros da metodologia das forças oficiais. Insistia na imprescindibilidade de esquadrihar a região, com apuro científico, sem negligenciar a topografia, a geologia e a vegetação locais. Firmando-se como alguém que estudara a região e tinha aptidão suficiente para avaliar o terreno, em sua condição de engenheiro militar, autorizava a si mesmo a tecer críticas sobre os equívocos das estratégias militares e a contrapor expedientes alternativos.

Em síntese, Euclides advogava que os reveses das expedições republicanas deviam-se, essencialmente, à inadequação dos métodos à morfologia da natureza sertaneja. Todas as descrições, que não poupavam adjetivos, acentuavam a imagem de um meio físico incompreendido, impenetrável, impraticável, caótico e palmilhado de

²¹⁸ Id. *Ibid.*, p. 48.

²¹⁹ CUNHA, Euclides da. A nossa Vendaia. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17 de julho de 1897, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18970717-6818-nac-0001-999-1-not?success=true>

obstáculos aos forasteiros. Lá, os sertanejos zombavam dos espinhos, tiravam proveito da desordem do relevo e faziam das irregularidades do solo suas próprias trincheiras. Imediatamente após a primeira ocorrência do termo jagunço entre seus escritos sobre os sertões, vincado por um grifo conotativo do estranhamento, Euclides condensou em uma frase a dificuldade de deter o homem irmanado ao seu entorno: “Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso, abrupto”²²⁰.

Conforme ponderaram Walnice Nogueira e Regina Abreu, a veiculação desse segundo artigo se deu em um contexto de defesa de uma nova e decisiva incursão ao arraial, após sucessivas derrocadas²²¹. Nele, Euclides se credenciava como perspicaz intérprete dos acontecimentos, motivando, desta maneira, o convite para cobrir a guerra como correspondente de *O Estado de S. Paulo*. Em telegrama datado de 29 de julho de 1897, Júlio Mesquita, diretor do jornal, solicitou ao presidente Prudente de Moraes a nomeação de Euclides como adido ao Estado-Maior do ministro da Guerra, o marechal Machado Bittencourt. No dia 30 de julho, na seção Canudos, na primeira página de *O Estado*, noticiou-se:

Devia ter sido ontem nomeado para o estado-maior de S. Exa. o ministro da guerra o engenheiro militar dr. Euclides da Cunha. O ilustre moço, que é um dos nossos mais distintos colaboradores, partirá para o Rio no vapor em que embarcar o 1º batalhão. Por contrato firmado com esta empresa, o dr. Euclides Cunha [sic] nos enviará correspondências do teatro das operações e, além disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro. (...) O Dr. Euclides da Cunha é, como todos os nossos leitores sabem, um escritor brilhante e perfeitamente versado nos assuntos que vai desenvolver. O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a história nacional²²².

²²⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 57.

²²¹ ABREU, Regina. Op. cit., 1998, p. 117; GALVÃO, Walnice Nogueira. “Introdução”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 12.

²²² Canudos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de julho de 1897, p. 1. Consultado no acervo on-line do Estadão. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18970730-6831-nac-0001-999-1-not?success=true>

“Versado nos assuntos que vai desenvolver”. Aqui, a autoridade do correspondente residia, pois, em seus saberes como engenheiro militar, como escritor e em sua potencialidade de elaborar um “trabalho de fôlego”, em parte demonstrada nos artigos *A nossa Vendaia*. O rol de autores elencados nesses textos fornecia indícios de sua proximidade com o conhecimento científico difundido à época.

Cumprе destacar que Euclides ingressara no curso de engenharia civil, em 1885, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, prestou exames para engenharia na Escola Militar da Praia Vermelha. Seus estudos foram interrompidos em 1888, quando foi expulso devido à sua insurgência diante da revista do ministro da Guerra, mas retomados pouco depois da proclamação da República. Durante esse período, familiarizou-se, nos cursos, com o aprendizado de lições de botânica, mineralogia, geologia, física e matemática.

Além de sua formação na Escola Militar – ademais, um centro de propagação de ideias positivistas, evolucionistas e republicanas -, contribuíram para o cabedal científico de Euclides os seus estudos preparatórios para a Escola Politécnica de São Paulo²²³ e suas leituras, quando de sua estada em Campanha, Minas Gerais, e em São Paulo.

Em março de 1894, com a tarefa de ocupar-se de obras no prédio da Santa Casa, o qual se transformaria em quartel para alocar regimento do Exército, Euclides fora nomeado auxiliar da Diretoria de Obras Militares e transferido para a cidade mineira²²⁴,

²²³ De acordo com Roberto Ventura, entre 1892 e 1894, enquanto lecionava na Escola Militar, na Praia Vermelha, e, depois, durante sua estada em Campanha, Euclides preparava-se para uma possível cadeira de astronomia da Escola Politécnica de São Paulo. Fez outra tentativa de ocupar um posto na instituição, em 1896, quando era engenheiro do estado de São Paulo. O biógrafo sustentou que seus artigos críticos, publicados em 1892, em *O Estado de S. Paulo*, ao projeto de criação da Politécnica, elaborado por Antônio Francisco de Paula Souza, teriam inviabilizado completamente seu ingresso. Cf.: VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 108-114.

²²⁴ Euclides foi transferido para Campanha, devido às repercussões de alguns de seus artigos, durante a Revolta da Armada. Em 18 de fevereiro de 1894, escreveu uma carta, à *Gazeta de Notícias*, contra o senador João Cordeiro, o qual clamava por uma retaliação aos rebeldes presos na Revolta da Armada,

onde permaneceu até maio de 1895. Em Campanha, dedicou-se à mineralogia e à geologia, por demandas da profissão, tendo em vista que, para executar os serviços de construção, era preciso proceder ao levantamento da região, avaliar as condições de trabalho, considerando, pois, as interações da natureza, conforme pondera José Carlos Barreto²²⁵. Esses domínios do saber foram ainda incrementados, como parte do projeto de concorrer à vaga na Escola Politécnica de São Paulo.

Roberto Ventura, biógrafo de Euclides, também ressaltou a crescente atenção conferida à natureza, seja pela observação direta, seja por intermédio de descrições alheias²²⁶. Foi nesta época que leu *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*, do francês Emmanuel Liais, escrito após viagem de exploração ao país, na década de 1860²²⁷, e publicado em 1872. Para José Carlos Barreto, autores como Liais, juntamente com Frederick Hartt, forneceram informações centrais sobre a natureza do sertão, convertidas por Euclides em teorizações sobre os aspectos mesológicos e a antiguidade do continente americano²²⁸.

Embora o interesse pela descoberta das regiões interiores do Brasil gravitasse, sobremaneira, em torno das leituras de viajantes do século XIX, Euclides lia, ainda,

caso não fossem identificados e punidos os autores do protesto contra a redação do jornal *O Tempo*. A opinião de Euclides de que o governo deveria agir na estrita legalidade e, assim, evitar chafurdar em uma “represália ainda mais criminosa” e impedir “a revivência do barbarismo antigo” provocou desconforto no Exército, sobretudo porque Euclides estava a serviço da Diretoria Geral de Obras Militares, nesse período. Cf.: CUNHA, Euclides da. “A dinamite”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1894. Consultado em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=Euclides%20da%20Cunha. Sobre a transferência para Campanha, ver: VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 116-128.

²²⁵ SANTANA, José Carlos Barreto. “Cotidiano e Geologia em Euclides da Cunha”. In: *Cadernos do IG*, UNICAMP, Campinas, v. 5, n.2, p. 140-157, 1995.

²²⁶ Id. Ibid., 2003, p. 134.

²²⁷ Emmanuel Liais participou da Comissão de Estudos Hidrográficos do Alto São Francisco, organizada pelo governo imperial, para estudar a Bacia do São Francisco, desde sua nascente até a foz do Rio das Velhas, juntamente com os brasileiros Eduardo José de Moraes e Ladislau de Souza Melo Neto. Liais dirigiu ainda, entre 1871 e 1881, o Observatório Astronômico. Euclides frequentaria o Observatório entre os anos 1892 e 1893, quando lecionava na Escola Militar.

²²⁸ SANTANA, José Carlos Barreto de. “Naturalistas e cientistas: algumas fontes de *Os Sertões*”. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 161-178.

cronistas da época colonial, dos séculos XVII e XVIII, atento, em particular, às incursões de bandeirantes²²⁹. Em uma breve temporada em Belém do Descalvado, depois de sua estada em Campanha, ele enviou uma carta a seu amigo Reinaldo Porchat, na qual solicitava “qualquer folheto, qualquer velho alfarrábio”²³⁰ que tratasse do tema.

Mais tarde, Euclides mudou-se para São Paulo, após a solicitação de licença ao Exército, por motivos de saúde. Na capital paulista, começou a trabalhar como engenheiro na Superintendência de Obras Públicas, em 1895. Em carta de 26 de setembro ao amigo João Luís, contou a preponderância do empirismo naqueles tempos, sua dedicação aos estudos das ciências e aos “assuntos sérios” da engenharia, como quem não se distrai com pormenores superficiais, mas se concentra na missão de seu ofício:

Tenho-me dado perfeitamente na vida estudiosa que levo – muito contraposta à existência tranquila demais da roça. A vida ativa de engenheiro, mas de engenheiro a braços com questões sérias e não cuidando de emboços e reboços em velhos pardieiros – veio convencer-me que tinha ainda muito a aprender e que não estava sequer no primeiro degrau de minha profissão. Por aí vêes que a minha atividade intelectual agora converge toda para os livros práticos – deixando de lado provisoriamente os filósofos, o Comte, o Spencer, o Huxley, etc. – magníficos amigos por certo, mas que afinal não nos ajudam eficazmente a atravessar essa vida de tropeços e dominada quase que inteiramente pelo mais ferrenho empirismo. Infelizmente é uma verdade: as páginas ásperas dos *Aide-Mémoires* ou dos *Engineer's pocket book* são mais eloquentes, neste fim de século, do que a mais luminosa página de nosso mais admirado pensador²³¹.

Outros dados biográficos ajudam a decifrar essa “vida estudiosa” a que se referiu. Euclides não se cercou apenas de lições de engenharia ou de matérias práticas, durante seu período em São Paulo, como a carta pode insinuar, embora elas tenham sido centrais. Na Superintendência de Obras, estreitou laços com o engenheiro Teodoro

²²⁹ VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p.133-136.

²³⁰ “A Porchat. B. do Descalvado, 15 de maio de 1895.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 76-77.

²³¹ “A João Luís. São Paulo, 16 de setembro de 1895”. In: Id. Ibid., p. 84-85.

Sampaio²³², que, formado na primeira turma da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, havia participado, em 1879, da Comissão Hidráulica do Império, chefiada pelo engenheiro norte-americano William Milnor Roberts, percorrendo Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais²³³. Em 1886, ele integrara a recém-criada Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, dirigida por Orville Derby, explorando os rios Itapetininga e Paranapanema. Importante interlocutor de Euclides, Teodoro Sampaio recomendou-lhe leituras, que o estimularam a debruçar-se, mais uma vez, sobre relatos de viajantes, tais quais os de Saint-Hilaire, Alexander von Humboldt, Martius, além de estudiosos brasileiros das coisas nativas, que iam de Francisco Adolfo de Varnhagen a Joaquim Monteiro Caminhoá²³⁴.

Como resultado desses saberes acumulados sobre ciências e natureza, Euclides publicou, em 04 de março de 1897, o artigo *Distribuição dos vegetais no estado de São Paulo*, em *O Estado de S. Paulo*²³⁵. Queixava-se da “deplorável inanidade de nosso ambiente intelectual”, frisando a ideia de um vácuo de conhecimento sobre as coisas do país, notadamente sobre sua natureza. Segundo ele, não obstante os contornos gerais do mundo vegetal nos trabalhos de Humboldt e de Martius, em sua *Flora brasiliensis*, a botânica de parte do Brasil carecia ainda de um exame mais íntimo. Por isso, o boletim da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, chefiada por Orville Derby e da

²³² Teodoro Sampaio, filho de uma escrava, nasceu em janeiro de 1855, no município de Santo Amaro, na Bahia. Seu sobrenome advém do capelão do engenho Canabrava, padre Manuel Fernandes Sampaio, que o registrou e, apesar de não ter assumido sua paternidade, responsabilizou-se por sua criação. Aos nove anos de idade foi mandado para o Rio de Janeiro, onde estudou no Colégio São Salvador. Em 1871, matriculou-se na Escola Politécnica, finalizando o curso de engenharia civil, em 1876. Cf.: GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. “Teodoro Sampaio: geógrafo e intérprete de mapas.” In: SAMPAIO, Teodoro. *São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978, p. 24-41; SAMPAIO, Teodoro. “Por ele mesmo”. In: Id. *Ibid.*, p. 54-57; “SAMPAIO, Teodoro”. In: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SAMPAIO,%20Teodoro.pdf>

²³³ Como fruto desta viagem de, aproximadamente, dois mil quilômetros, Sampaio escreveu *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, publicado pela primeira vez em 1906.

²³⁴ VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 137.

²³⁵ CUNHA, Euclides da. “*Distribuição dos vegetais no estado de São Paulo*”. In: CUNHA, Euclides. Op. cit., 1966, vol. I, p. 527-530.

qual Teodoro Sampaio fez parte, erigia-se como um marco no tema. Dissertando sobre as contribuições de Albert Lofgren²³⁶ para esse boletim, Euclides exibiu certa familiaridade com conceitos de geologia e botânica e apontava sua concordância com a conclusão da comissão de que a aridez da vegetação deprimida de São Paulo poderia ser sanada. Um sistema de irrigação artificial e de formação de represas reverteria a esterilidade e desencadearia o aproveitamento dos solos, a fim de cumprir o “valor e o papel que lhes destina o futuro”. Esse artigo parece revelador não apenas do arsenal científico de que Euclides vinha se munindo, como também do delineamento da tese da ignorância sobre o próprio Brasil. Seria indispensável tomar as rédeas das ciências e perscrutar as entrâncias do país, esquadrihá-lo, para, assim, alavancá-lo rumo ao progresso e às promessas do porvir.

Em 05 de março de 1897, um dia após a publicação de *Distribuição dos vegetais...*, por intermédio de Teodoro Sampaio, Orville Derby e Albert Lofgren, o nome de Euclides foi proposto como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo²³⁷, embora sua posse tenha ocorrido em 1898. Esse episódio oferece pistas das teias de relações costuradas entre Euclides, os homens de ciência e as instituições fundadas para abrigar pesquisas e propagar o papel das ciências no progresso nacional²³⁸.

²³⁶ O sueco Albert Lofgren veio para Brasil para participar da expedição dirigida pelo naturalista Hjalmar Monsén, entre 1874 e 1877, que explorou a botânica das regiões de São Paulo e de Minas Gerais. Em 1883, passou a organizar o acervo do Museu Sertório, futuro Museu Paulista. Em 1886, coordenou o serviço botânico e meteorológico da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. Cf.: LÖFGREN, Johan Albert Constantin. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/lofgal.htm>

²³⁷ Criado em 1894, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo incumbia-se da missão de fundar uma escrita nacional, a partir do exemplo paulista. Formado pela elite paulista, o instituto privilegiou o bandeirante como símbolo identitário, como passado glorioso que demandava ser escrito e divulgado. Sobre o IHGSP, cf.: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 12-133; FERRETTI, Danilo Jose Zioni. *A Construção da paulistanidade: Historiadores, identidade e política em São Paulo (1856-1930)*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH, USP.

²³⁸ SANTANA, José Carlos Barreto. Op. cit., 2001, p. 83-84 ; VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 183-185.

Dias depois, Euclides escreveu, como outrora mencionado, *A nossa Vendeia*, em 14 de março de 1897, e publicou o segundo artigo de mesmo título, em 17 de julho deste ano. Às vésperas de sua partida para cobrir a guerra de Canudos, encontrou com Teodoro Sampaio, que além de haver sugerido seu nome para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e aconselhado leituras, quando trabalhavam no mesmo órgão, munuiu-o de um mapa e informações sobre o interior da Bahia.

Sampaio relembrou o episódio em que, vindo anunciar-lhe a viagem ao arraial e despedir-se, Euclides tivera contato com seu material a respeito de Canudos e do rio Vaza-Barris, em discurso proferido no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, em memória ao décimo aniversário de morte de Euclides:

Levou-me algumas notas das que eu lhe ofereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes dele em 1878. Pediu-me cópia de um meu mapa ainda inédito, na parte referente a Canudos e vale superior do Vaza-Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lha forneci como forneci ao governo de S. Paulo que dela tirou mais de um exemplar, remetido para o Rio, ao Ministério da Guerra²³⁹.

Segundo José Carlos Barreto, os trabalhos oferecidos a Euclides, provavelmente, englobariam o artigo *A respeito dos caracteres geológicos do território compreendido entre as cidades de Alagoinhas e a de Juazeiro pelo trajeto da linha férrea em construção*, publicado na *Revista de Engenharia*, em 1884, com comentários de Orville Derby, e as *Notas sobre a geologia compreendida entre o Rio S. Francisco e a Serra Geral (do Espinhaço) nas imediações da cidade do Juazeiro*²⁴⁰, cuja escrita teria sido demandada por Derby²⁴¹ a Sampaio, no mesmo ano.

²³⁹ SAMPAIO, Teodoro. “À memória de Euclides da Cunha no décimo aniversário de sua morte”. In: CUNHA, Euclides da. Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos. ROCHA, Hildon (Org.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000, p. 88.

²⁴⁰ SANTANA, José Carlos Barreto. Op. cit., 2001, p. 92-93.

²⁴¹ Vale lembrar que Orville Derby participara da Comissão Hidráulica do Império, criada em 1879, da qual fizera parte Teodoro Sampaio. No período em que comentou um artigo de Sampaio e solicitou a redação de outro - aos quais Euclides, possivelmente, haveria tido acesso mais tarde -, Derby estava

Essas considerações apontam, em linhas breves, para o instrumental científico com que Euclides guardava contato, de sorte que, quando surgiu a oportunidade de ver a natureza dos sertões, suas gentes e os golpes da luta, tinha o olhar municiado, dirigindo, *in loco*, sua atenção a lances específicos. Divergindo de Nelson Werneck Sodré, para quem a precariedade do conhecimento sobre as ciências da natureza – não das ciências do homem – sobressairia no material de campo da Bahia ²⁴², alinho-me à interpretação de Regina Abreu, de acordo com a qual Euclides se lançara nas trilhas áridas sabendo “para onde e como olhar”²⁴³. Porque, se é verdade que *Os sertões* foi um livro decantado, cuja escrita se urdiu entremeadada a muitas leituras em São José do Rio Pardo, sua feitura dependeu, substancialmente, do olhar previamente treinado, que, *in situ*, angariava sua matéria-prima.

2.2. Entrada nas trilhas sertanejas, notas sobre a natureza: a matéria-prima para a *Os sertões*

Com uma mirada municuada, Euclides partiu, então, do Rio de Janeiro, em 03 de agosto de 1897, no navio *Espírito Santo*, com a quarta e última expedição, e chegou a Salvador, no dia 07 do mesmo mês. Até a sua saída do arraial de Canudos, não deixou de registrar em sua caderneta as tensões da guerra, as estratégias adotadas pelas forças oficiais, seu contato com os jagunços, os vocábulos dos sertanejos que lhe soavam

ligado ao Museu Imperial, como pesquisador e organizador das coleções de mineralogia e de paleontologia, componentes do acervo da instituição. Dentre suas atividades no museu, compilou e sistematizou os estudos realizados na Amazônia, quando participara, entre 1870 e 1871, da Expedição Morgan, chefiada por Charles Frederick Hartt, então seu professor nos Estados Unidos. Mais tarde, Derby e Hartt estiveram juntos, novamente, na Comissão Geológica do Império (1875 a 1877). A respeito de Derby, cf.: DERBY, Orville Adelbert. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/derbyorv.htm>

²⁴² SODRÉ, Nelson Werneck. “Revisão de Euclides da Cunha”. In: CUNHA, Euclides. Op. cit., 1966, p. 30-35.

²⁴³ ABREU, Regina. Op. cit., 1998, p. 147.

estranhos, seus trajes, as ondulações do terreno, a aparência do solo, as plantas nativas. Nesta seção, irei me dedicar às notas sobre a natureza, que serviriam de matéria-prima para a elaboração de *Os sertões*.

Euclides relatava, sumariamente, os lances do trajeto, para, depois, sofisticá-los e comunicá-los à redação de *O Estado de S. Paulo*. As missivas ao jornal abarcam o período de 07 de agosto a 03 de outubro. O seu esmero, no entanto, esbarrou no extravio de mensagens, ocasionando um hipotético silêncio no período em que adentrou em Canudos²⁴⁴. Por isso, embora tenha enchido algumas folhas de sua caderneta com o roteiro da viagem de 13 a 23 de setembro, demarcando a listagem de suas atividades com data e horário, as edições do jornal depararam-se com um vácuo entre os dias 11 e 24 do mesmo mês²⁴⁵.

No caderno de anotações que levava consigo, registrou sua impressão da natureza, logo quando desembarcou na capital baiana. A princípio, os olhos do observador habituado ao sul espantaram-se ao encontrar beleza no que imaginava rude e simplório. Na segunda e terceira páginas da caderneta, nas quais narra momentos da travessia, rascunhou:

Escrevo rapidamente, mui rapidamente mesmo, acotovelado de quando em vez, por passageiros que passam, num coro de interjeições festivas, e nas quais meia dúzia de línguas se fundem no mesmo entusiasmo. É a admiração perene e ruidosa pela natureza extraordinária e belíssima.

E realmente o quadro é surpreendedor. Acostumado ao aspecto imponente do litoral do sul em que as serras altíssimas e denteadas de gneiss recortam vivamente o espaço investindo soberanas as alturas, é singular que encontre aqui o observador a mesma majestade e a mesma beleza, sob aspectos mais brandos, as serras arredondando-se em linhas que recordam as voltas suavíssimas das volutas e afogando-se no espaço sem transições bruscas entre o verde glauco das matas e o azul puríssimo dos céus²⁴⁶.

²⁴⁴ Além do extravio das mensagens, as publicações nem sempre seguiram a sequência do envio e o jornal divulgou, somente após o término da campanha, o material redigido em Canudos.

²⁴⁵ Obtém-se esta conclusão ao se compararem as páginas 52 a 56 da caderneta, que dão conta da saída de Monte Santo, da entrada em Canudos e das primeiras observações no arraial, e a as correspondências para *O Estado de S. Paulo*, interrompidas no intervalo de 11 a 24 de setembro. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 52-56; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 173-182.

²⁴⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 2-3.

Esse trecho foi o bosquejo da primeira correspondência em solo baiano, enviada a *O Estado*, em 07 de agosto de 1897. Nela, há o aprimoramento das sentenças e o realce da ligeireza com que anota, em uma retórica de delinear-se como um escritor alerta ao ocorrido, que, apesar de sempre a postos, não se furtava a construir cuidadosamente suas frases. Na missiva ao jornal, a natureza aparece ainda mais portentosa, intrincada à promessa de uma nacionalidade por vir: a magnitude de uma prefiguraria a grandeza da outra. Eram as linhas do início da jornada, que ressoavam a tônica de *A nossa Vendaia*, isto é, a expectativa de perscrutar a natureza e domar os sertões, para fazer triunfar a República.

Escrevo rapidamente, direi mesmo vertiginosamente, acotovelado a todo instante por passageiros que irradiam em todas as direções sobre o tombadilho, na azáfama ruidosa da chegada, através de um coro de interjeições festivas no qual meia dúzia de línguas se amoldam ao mesmo entusiasmo. É a admiração perene e intensa pela nossa natureza olímpica e fulgurante, prefigurando na estranha majestade a grandeza de nossa nacionalidade futura.

E, realmente, o quadro é surpreendedor.

Afeito ao aspecto imponente do litoral do Sul onde as serras altíssimas e denteadas de gnaisse recortam vivamente o espaço investindo de um modo soberano as alturas, é singular que o observador encontre aqui a mesma majestade e a mesma perspectiva sob aspectos mais brandos as serras arredondando-se em linhas que recordam, as voltas suavíssimas das volutas e afogando-se, perdendo-se no espaço, sem transições bruscas numa difusão longínqua de cores em que o verde-glaucos das matas se esvai lentamente no azul puríssimo dos céus...²⁴⁷.

O exame mais acurado dos traços da natureza dos sertões tardaria, entretanto, alguns dias, pois Euclides teve que aguardar em Salvador, na casa de seu tio, até tomar, efetivamente, as veredas rumo a Canudos. Nesse interstício, levantava a “poeira do arquivo”²⁴⁸, estudava a região e comentava, em especial, sobre o número de canudenses e soldados feridos, a tática de ambos os lados, a expectativa da população quanto aos destinos do embate, conversas com oficiais, além de seus receios, emendados a vivas à

²⁴⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 63-64.

²⁴⁸ Id. Ibid., p. 117.

República. Em correspondência de 20 de agosto ao jornal, declarou, não sem alguma impaciência, sua espera para ver o meio selvagem:

Creio que partimos afinal por esses dias. Ajuizarei então, *in situ*, acerca do que até agora tenho sabido através de narrativas que nem sempre se ajustam nas mesmas conclusões. E que aquela natureza selvagem, mas interessante, aquele recanto bárbaro da nossa terra, sob a atração persistente de seu aspecto ainda desconhecido, torne ligeiras e rápidas estas horas de saudade que não posso definir²⁴⁹.

Em 31 de agosto, dirigiu-se para o interior da Bahia, alcançando Alagoinhas. Na missiva desse dia a *O Estado*, afirmou que pôde “observar com segurança a região atravessada”, a transição do litoral para o “solo clássico do deserto” e a rarefação da flora²⁵⁰. Desta maneira, como se houvesse descoberto os sertões, alongou-se, pela primeira vez, ao contar a formação geológica e a vegetação daquelas paragens e, procurando conferir precisão ao texto, sublinhou texturas, cores, nomes de espécies, nomenclaturas científicas, como se constata no requinte das linhas abaixo:

A flora é variada e muda continuamente de aspecto - esparsa e rarefeita nos tabuleiros em que se alevantam as árvores pequenas das mangabeiras de folhas delicadas e cajueiros de galhos retorcidos, salpicada pelas flores rubras e caprichosas das bromélias – ela ostenta-se, nos terrenos em que despontam as rochas primitivas, exuberante, em grandes cerrados impenetráveis, sobre os quais oscilam as copas altas dos *dendezeiros* (*Elaeis guineensis*)²⁵¹.

À medida que ingressava nos cantos mais profundos da Bahia, a presença e o detalhamento da natureza se tornaram mais intensos, em seus registros. Assim, a partir deste trecho até Canudos, o interesse pelos flagrantíssimos da terra o impeliu a descrever, minuciosamente, tanto na caderneta, quanto em suas missivas, as ondulações do terreno, o feitio das espécies vegetais, as temperaturas dos sertões, os caminhos dos rios, para desnudar o cenário ao qual os sertanejos foram compelidos a se adaptar.

²⁴⁹ Id. *Ibid.*, p. 116.

²⁵⁰ Id. *Ibid.*, p. 127.

²⁵¹ Id. *Ibid.*, p. 128.

No desalinho da caderneta, em que minutas das correspondências e de telegramas enviados para *O Estado de S. Paulo* se entremeiam ao exame das coisas ao redor, sem, contudo, nenhum encadeamento objetivo e cronológico, pinçam-se, na página 10, uma breve anotação sobre os céus, algumas árvores, o exame da água lamacenta de Tanquinho e a medição da altitude com um aneroide – um rascunho da missiva do dia 04 de setembro ao jornal - e, na página 12, a primeira ocorrência mais detalhada do retrato da terra sertaneja. Nela, Euclides comentou o traçado da serra do Cambaio e os elementos que formavam essa massa rochosa. Desnudam-se, nesse trecho, sua atenção pela geologia, pela arqueologia e sua preocupação em demarcar o que não lhe era inteiramente familiar, como a expressão *sine calcis linimento*, para caracterizar as serras como fortalezas intermináveis²⁵². Essa mesma imagem de uma muralha ininterrupta, desenhada pelas elevações no solo, repercutiu na correspondência de 08 de setembro, em que reportava sua entrada em Monte Santo²⁵³ e, mais tarde, em seu livro-emblema, em *Baluartes sine calcis linimento*, no capítulo III de *Travessia do Cambaio*, a primeira subdivisão de *A Luta*²⁵⁴.

O olhar miúdo de Euclides voltava-se também para a vegetação, como se depreende nas crescentes referências acerca do tema em suas missivas ao jornal, desde a partida de Salvador. No tumulto de seu canhenho, listou, na página 36, designações científicas e alcunhas populares de qualidades de plantas, embaralhadas a expressões comuns entre os sertanejos e espécies animais típicas, como neste trecho, que cito, para melhor exemplificar:

Unha-de-gato – leguminosa (onomis speciosa)
Mucunan lisa cipó que verte água –

²⁵² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 12.

²⁵³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 170.

²⁵⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 390-392.

Caracará ou carcará
Mucunã lisa – leguminosa – papilionácea – de flores roxas, cipó de folíolos trifoliados
Mulungu – árvore frondosa, de espinhos.
A desmancha – moer a mandioca –
Manipueira – líquido venenoso que se extrai da mandioca e do qual os índios fazem o cauim
A goma rósea mucunã deve ser lavada sete vezes para perder os princípios tóxicos.
Aroeira – Angico –²⁵⁵

Nas páginas 37 a 39, fez remissões a uma obra não nomeada de Humboldt, que Olímpio de Souza Andrade acreditava ser *Quadros da Natureza*²⁵⁶, com um lembrete de páginas a verificar posteriormente. Mais a frente, na página 50, no topo da 51 e na página 81, continuou a pormenorizar a flora. Na página 71, as anotações provavelmente decorrem de leituras em botânica, com um rol de variedades de formas de raízes e folhas, algumas seguidas de desenhos.

As notas na caderneta acerca dos mulungus, cactos, quixabas, umbus, juazeiros e favelas foram aproveitadas em *Os sertões*, especialmente, após a discussão sobre a seca e sua gênese, no capítulo IV de *A Terra*. Nessa obra, uma vez apresentado o flagelo do estio, o narrador trata da flora ajustada à escassez do meio, dos frutos e folhagens que conseguiram vingar e existir nos sertões. Como quem visa a planejar um quadro repleto de vivacidade, ele cita inúmeras espécies vegetais, demora-se nas descrições, menciona Saint-Hilaire e Humboldt, mas acautela que algumas plantas, como as favelas, não teriam sido vistas nem por este último, retomando, como salientado no capítulo anterior, a vantagem que o narrador imputava a si mesmo diante de outros viajantes.

Ao cotejar as páginas 39 e 81 do canhenho com a seção sobre o umbuzeiro no quarto capítulo de *A Terra*, em *Os sertões*, é possível verificar que, em campo, a natureza ia sendo decifrada e o futuro livro, rascunhado:

²⁵⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 36.

²⁵⁶ ANDRADE, Olímpio de Souza. “Comentários”. In. CUNHA, Euclides. Op. cit., 1975, p. 172.

O umbuzeiro está para o sertanejo do norte como a Mauritia para os garaúnos dos llanos²⁵⁷.

Umbu – Raízes fasciculadas desdobrando-se horizontalmente no solo, expandindo-se muitas em tubérculos repletos de seiva – Provém disto a facilidade com que caem ante as grandes ventanias. O terreno presta-se muito pouco a raízes *pivotantes* etc. duro, pouco, decomposto, tendo a ligeira película à superfície só comporta plantas de raízes fasciculadas –

Deve-se acreditar que a disposição das raízes de Umbu exprimem uma adaptação, transformação de raiz pivotante em uma fasciculada, pela atrofia inevitável daquela e fácil expansão lateral das radículas secundárias²⁵⁸.

O Umbuzeiro

É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto — e veio descaindo, pouco a pouco, numa interdecadência de estios flamívomos e invernos torrenciais, modificando-se à feição do meio, desinvoluindo, até se preparar para a resistência e reagindo, por fim, desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas das reservas guardadas em grande cópia nas raízes.

E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquele trato de sertão, tão estéril que nele escasseiam os carnaubais tão providencialmente dispersos nos que o convizinhos até ao Ceará, estaria despovoado. O umbu é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a mauritia para os garaunos dos llanos²⁵⁹.

Assim, à proporção que se entranhava nos sertões, o contato direto com a terra adquiria consistência, de sorte que Euclides aplicava-se a averiguações que se pretendiam científicas, como a coleta de areia para análise posterior²⁶⁰ e a medição regular dos índices térmicos. Nas páginas 51, lançou as temperaturas de 1º a 13 de setembro, prosseguindo na página 57, com os dias 15 de setembro a 03 de outubro. Entre as páginas 77 e 80, Euclides copiou as temperaturas, a pressão e a altitude colhidas pelo tenente-coronel Siqueira de Meneses, que chegara à região antes dele. O chefe da comissão dos engenheiros, que ambicionava publicar, conforme o *Jornal de Notícias* de 27 de outubro de 1897, um trabalho “militar, político, social e religioso”²⁶¹

²⁵⁷ CUNHA, Euclides. Op. cit., 1975, p. 39.

²⁵⁸ Id. Ibid., p. 81.

²⁵⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 128.

²⁶⁰ Em correspondência a O Estado de S. Paulo, Euclides escreveu, de Queimadas, em 02 de setembro: “Recolhi um pouco de areia claríssima, destinada ao exame futuro de pessoa mais competente”. In. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 145.

²⁶¹ GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1994, p. 191.

do arraial e havia mostrado seus esquemas prévios a Euclides, foi citado na correspondência de 28 de setembro, redigida em Canudos, para *O Estado de S. Paulo*. Nela, Euclides comentava a andança de ambos, com o fito de produzir um levantamento pioneiro acerca do clima local:

Para não perder tempo, continuo com o tenente-coronel Siqueira de Meneses - um tipo interessantíssimo e notável, ao qual mais longamente me referirei - a observar sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos. Faremos com todo o cuidado estas observações que são as primeiras realizadas nestas regiões e das quais se derivará a definição mais ou menos aproximada do clima destes sertões²⁶².

O tom elogioso ao escrutínio da natureza operado por Siqueira de Meneses não se restringiu ao material confeccionado *in loco* por Euclides, repercutindo também em *Os sertões*. Em *A Luta*, ao abordar a quarta expedição ao arraial, o narrador discorreu sobre a tarefa imputada à comissão de engenharia de adequar as trilhas sertanejas à passagem das tropas e da artilharia, aplainando e retificando as inconstâncias do terreno. Para isso, o trabalho de Meneses fora fundamental, porque ele soubera enredar-se naquele solo, examinar suas singularidades e decodificar suas armadilhas. Não por acaso, o tenente-coronel foi apresentado no livro como “o olhar da expedição”, um exemplo de como observar e, conseqüentemente, domar o deserto ignoto:

Ninguém até então compreendera com igual lucidez a natureza da campanha, ou era mais bem aparelhado para ela. Firme educação teórica e espírito observador tornavam-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara. Percorrera-a quase só, acompanhado de um ou dois ajudantes, em todos os sentidos. Conhecia-a toda (...). Largava pelas chapadas amplas, perdia-se no deserto referto de emboscadas, observando, estudando e muitas vezes lutando. Cavalgando animais estropiados, inaptos a um meio galope frouxo, afundava nos grotões; varava-os; galgava os cerros abruptos, em reconhecimentos perigosos; e surgia no Caipã, em Calumbi e no Cambaio, em toda a parte, mais preocupado com a carteira de notas e os croquis ligeiros do que com a vida. Atraía-o aquela natureza original. A sua flora estranha, o seu fâcies topográfico atormentado, a sua estrutura geognóstica ainda não estudada — antolhavam-se-lhe, largamente expandidas, em torno, escritas numa página revolta da terra que ainda ninguém lera. E o expedicionário destemeroso fazia-se, não

²⁶² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 197.

raro, o pensador contemplativo. Um pedaço de rocha, o cálice de uma flor ou um acidente do solo, despeavam-no das preocupações da guerra, levando-o à região remansada da ciência²⁶³.

Para tornar-se mais completa, a apreciação da natureza, na perspectiva de Euclides, demandava a elaboração de desenhos, de contornos que dessem conta do que o olhar absorvia. Por essa razão, na página 54 de sua caderneta, apontou: “Dia 18 – fiz diversos croquis e copio um esquema de Canudos - Dou um passeio pelas imediações”²⁶⁴. Em seu canhenho, são 18 desenhos, os quais se estendem, difusamente, entre os dados coletados. Alguns, mais singelos, rabiscam apenas as linhas das serras contempladas de certa distância; outros trazem silhuetas mais definidas das colinas, juntamente com seus nomes. Dois croquis delineiam a vista de Canudos: um, a partir da encosta do morro da Favela, mostra a disposição das casas e, o outro, os destroços das capelas do arraial, com a inscrição “ruínas das igrejas”. Desenhar, aqui, significava posicionar o objeto da investigação, para entrecruzar o terreno à interpretação da gente e de suas táticas no conflito. Cartografar era, portanto, uma maneira de aliar os interesses do autor viandante aos conhecimentos do engenheiro.

Misturada aos croquis, aos indicadores térmicos, aos arbustos típicos dos sertões, mais uma pista do maquiagem de uma obra e do cuidado com o clima, os vegetais, os rios, os riscados do terreno e sua datação está inserida na caderneta. Na página 49, há um esquisso do que seria o índice de *A Terra*, na obra de 1902. Abaixo, a comparação:

A natureza

Sumário – A temperatura – O solo árido – Elementos geognósticos e geológicos. Região infecunda de estepe (1.^a categoria de Hegel) – Poucas chuvas – As secas – Flora – Fauna – Frutificação incerta e temporária – Rios e riachos de enchentes súbitas, correndo entre gargantas, sem fertilizar a terra. Aspecto das chapadas e tabuleiros. As *caatingas* impenetráveis. Fisionomia da terra. Transparência do ar. Relevo do solo. A vegetação. O firmamento. As trovoadas e as chuvas. Impenetrabilidade da região. Estado higrométrico. As paisagens. Disposição bizarra dos planos das chapadas. O Rosário. O Rancho do Vigário. Serra do Cumbe. Caipan. Cocorobó. Monte Santo. As secas. Plantas

²⁶³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 520-521.

²⁶⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 54.

providenciais. Riqueza mineralógica. Uma observação de Martius. Da *seca ao verde* transição imensa e rápida. Um paraíso no deserto – surgindo e desaparecendo breve. As travessias. Fortalezas *sine calcis linimento*²⁶⁵.

A Terra

- I. Preliminares. A entrada do sertão. Terra ignota. Em caminho para Monte Santo. Primeiras impressões. Um sonho de geólogo.
- II. Golpe de vista do alto de Monte Santo. Do alto da Favela.
- III. O clima. Higrômetros singulares.
- IV. As secas. Hipóteses sobre a sua gênese. As caatingas. [O juazeiro]. [A tormenta]. [Ressurreição da flora]. [O umbuzeiro]. [A jurema]. [O sertão é um paraíso]. [Manhãs sertanejas].
- V. Uma categoria geográfica que Hegel não citou. Como se faz um deserto. Como se extingue o deserto. O martírio secular da terra²⁶⁶.

Quando se confrontam ambos, é possível concluir que a trama para confeccionar *Os sertões* e explicar a natureza daqueles cantos distantes começou a ser costurada em campo: as secas, que fustigavam aquelas bandas, abrasavam os ares, exsicavam o solo, mingravam os cursos d'água e, por conseguinte, selecionavam as plantas capazes de brotar e os animais aptos a resistir na aridez. Por isso, há uma sequência da apresentação do problema: a terra, o clima, o estio, a flora e a fauna. Esta última não ganhou um título específico no índice da obra de 1902, mas foi tratada na seção *O sertão é um paraíso*, como se a vida animal se desentocasse na retração da esterilidade, quando as chuvas traziam bem-aventurança às terras. Além desse detalhe, há outra diferença no tocante à ordem dos itens no esquema da caderneta e no livro: ao contrário do canhenho, Euclides optou por desvelar, em *Os sertões*, o caminho até Canudos, de modo a, primeiramente, ambientar o leitor às cidadezinhas da Bahia, para, só depois, destrinchar as adversidades impostas àqueles cantos pela natureza.

Por fim, nesse cotejo, no sumário prévio da caderneta já constavam a afirmação da impenetrabilidade da região, a ideia de que o cenário martirizado poderia se reverter

²⁶⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 49.

²⁶⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 69.

em paraíso, quando as chuvas caíam, e a menção a Hegel, que ganharia uma seção no capítulo V da primeira parte do livro.

Os lampejos dos olhos vertidos na caderneta em notas sobre a natureza cessaram com a saída de Euclides de Canudos. Em 1º de outubro, relatou uma derradeira volta naquele arraial, ardente e labiríntico, em sua última missiva ao jornal, que teve alguns trechos esboçados no canhenho:

Quando eu voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizam manchados de poeira e sangue...²⁶⁷

Acometido por uma febre, sua permanência em campo foi interrompida, na manhã de 03 de outubro de 1897. Neste mesmo dia, não sem ambiguidade, enviou dois telegramas a *O Estado*: em um noticiou o espetáculo desolador que assolava o arraial; em outro saudou os batalhões que cercavam os inimigos, manifestando certo júbilo: “A vitória é infalível. A República é imortal”²⁶⁸. Euclides retirou-se, pouco antes do extermínio decisivo de Canudos. Não assistiu, pois, ao seu incêndio, ao morticínio dos últimos prisioneiros, ao achado dos manuscritos de Antônio Conselheiro, à exumação de seu cadáver e sua degola, para que seu crânio fosse examinado por Nina Rodrigues, na presença do médico da expedição militar, Miranda Cúrio²⁶⁹.

Euclides chegou a Salvador em 13 de outubro de 1897. No dia 14, remeteu o último telegrama para *O Estado de S. Paulo*, contendo o plano de assalto de Canudos, e escreveu o poema *Página vazia*, cujas estrofes, impregnadas de desalento, exprimem um eu lírico comovido e assombrado por ter retornado de um cenário atroz. Não restava

²⁶⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 218.

²⁶⁸ O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou apenas no dia 25 de outubro a correspondência de Euclides do dia 1º. de Id. Ibid., p. 264-265.

²⁶⁹ Sobre a avaliação do cérebro de Conselheiro, ver nota do *Diário de Notícias* da Bahia, de 27 de outubro de 1897, transcrita em: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 107.

beleza para “quem volta da região assustadora”: da pena do poeta só saíam versos “mal feitos e tristes”²⁷⁰. O título do soneto evoca o terror a reverberar-se em espanto silenciador e anuncia uma tônica desiludida, que contrasta com a dureza das palavras do artigo *A nossa Vendeia*, ou mesmo com os últimos telegramas à redação do jornal, os quais celebravam o êxito da República. Parece o prelúdio da comiseração de Euclides, isto é, de uma virada na mirada de Canudos e de sua gente, possível apenas para quem conheceu o quadro aterrador e dele não conseguia se olvidar. Contudo, se os versos tendiam a se calar, a experiência *in loco* recrudescer a ideia de um longo ensaio por vir.

Embarcou a 16 de outubro para o Rio de Janeiro, a bordo do *Brasil*²⁷¹, e, de acordo com o *In Memoriam de 1919*, Euclides carregava na bagagem um cinto de couro, uma caixa para tabaco de chifre de boi e uma faca, utensílios daqueles cantos de um Brasil remoto.

De sua chegada à Bahia até sua retirada de Canudos, Euclides preencheu as folhas de sua caderneta, com lances da guerra, impressões da vida sertaneja e da natureza. Nesta seção, destaquei a apreensão desta última como objeto de perquirição,

²⁷⁰ O poema Página Vazia:
Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da Guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditrambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso Álbum gentil, minha Senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedestes-me esta página, a nobreza
Da vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: "Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?"
CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 276-277.

²⁷¹ Sobre a saída de Canudos e a partida para o Rio de Janeiro, cf.: CALASANS, José. “Euclides da Cunha nos jornais da Bahia”. In: *Revista de Cultura da Bahia*, n. 4, julho-dezembro de 1969. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/17.pdf>

que, por meio das ciências, poderia ser observada, descrita e classificada. Munido de binóculo, aneroide e até filtro para verificar a impureza da água, Euclides ansiava capturar a natureza em diversas frentes, conjugando a constituição geológica, topográfica, climática e botânica dos sertões. Em campo, o olhar mensurador, previamente armado, direcionava-se para a “paisagem útil”, que forneceria dados para a construção da natureza em *Os sertões*.

2.3. Das veredas aos igapós

Após seu retorno, a primeira manifestação concernente aos eventos no arraial foi o artigo *O batalhão de São Paulo*, publicado em 26 de outubro de 1897, na primeira página de *O Estado de S. Paulo*. Nesse texto, evocou sua presença na cena onde se travou a guerra, sem mencionar nem o quadro da natureza, nem as gentes sertanejas. Alegando que aquele era o “depoimento simples e sincero de uma testemunha pouco afeiçoada à lisonja banal e inútil”²⁷², limitou-se a exaltar a valentia dos soldados, que relembavam as aventuras e as arrancadas dos bandeirantes paulistas nos sertões, séculos antes.

Já em São Paulo, como indicam suas correspondências e os estudos biográficos sobre o autor²⁷³, iniciou a escrita do seu livro a respeito de Canudos. Demandou uma licença da Superintendência de Obras até janeiro de 1898, e, em Belém do Descalvado, onde seu pai tinha uma propriedade, Euclides endereçou, em 23 de dezembro de 1897, uma carta a Domingos Jaguaribe Filho, um dos fundadores do Instituto Histórico e

²⁷² CUNHA, Euclides da. “O batalhão de São Paulo”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 de outubro de 1897, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18971026-6919-nac-0001-999-1-not?success=true>

²⁷³ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002, p. 186-188; VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 183-184.

Geográfico de São Paulo, contando seu desânimo diante da tarefa de redigir a obra que almejava: “olho as páginas em branco do livro que pretendo escrever e parece-me às vezes que não realizaria o intento”²⁷⁴.

Apesar do lamento a Jaguaribe Filho, o seu trabalho de narrar os sertões prosseguia e, na capital paulista, Euclides recebeu visitas de Teodoro Sampaio, com quem discutia sobre as porções áridas que ambos haviam visto. Naquele discurso outrora citado em memória ao falecimento de Euclides, pronunciado, em 1919, no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, do qual Sampaio era sócio correspondente, ele contou a decisão do amigo de protestar, como um patriota revoltado, contra a tragédia lúgubre que presenciara. Sublinhando o aturdimento de Euclides após o contato com uma realidade antes impensável, Sampaio atribuía ao livro o sentido de apreender os lances da terra sertaneja em uma tela, que desse a ver aos outros o que o olhar do autor capturara:

o escritor másculo, que ia ele se revelar, vinha pleno das mais desencontradas impressões. As cenas daquelas terras, devastadas pelas secas periódicas e pela cólera insana dos homens, revelavam-se-lhe de um imprevisto inimaginável e ele como que se sentia com forças para fixá-la na tela de uma obra imperecível²⁷⁵.

Ainda na sequência do discurso, Sampaio discorreu sobre as leituras conjuntas de trechos dos primeiros capítulos, que se empenhavam em elucidar “a natureza física dos sertões, geologia, aspecto, relevo”²⁷⁶. De acordo com ele, embora pendesse para o emprego de termos desusados, motivo de gracejo entre os dois, Euclides não abusava da adjetivação em seu estilo. Perseguia, como objetivo máximo, uma impressão de nitidez, imiscuindo ao texto expressões dos sertanejos, a fim de que a linguagem espelhasse os

²⁷⁴“Ao ilustre Domingos Jaguaribe. B. Descalvado, 23 de dezembro de 1897”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 113.

²⁷⁵ SAMPAIO, Teodoro. Op. cit., 2000, p. 89.

²⁷⁶ SAMPAIO, Teodoro. 2000, Loc. cit.

contornos daquelas paragens, porque “falar assim é que é falar com a natureza”²⁷⁷, conforme Euclides dizia a Sampaio.

A escrita da terra ia ganhando corpo na obra e o discurso de Sampaio deixa entrever a tessitura de alguns aspectos cruciais para decifrar a apreensão da natureza realizada por Euclides. No trecho abaixo, estão presentes pontos importantes da interpretação euclidiana, que ajudam a forjar a terra sertaneja como espaço incógnito, como domínio de uma alteridade geográfica, tais quais: a dimensão da surpresa provocada pelo contato com o quadro natural; a noção de um sertão indomado, selvagem, que o homem ainda não lograra lapidar; a natureza a rivalizar com as gentes, forçando-as a resistir e, por conseguinte, promovendo uma seleção dos mais aptos; e o tracejar do tabuleiro geológico dos sertões, com peso para as leituras de Hartt e Derby, como condição para explicar as secas, o isolamento e a idade daqueles recantos. Leia-se a preleção de Sampaio:

Tinha eu viajado os sertões muito antes de que Euclides os conhecesse, e daí o assunto predileto das nossas palestras domingueiras, revivendo na memória cenas que ambos contemplamos e que para ele eram *tão novas e tão fundamentalmente impressionantes*. Passávamos em revista essas *terras adustas do Nordeste Brasileiro que o homem ainda não subjogou e em que a natureza de contínuo vítima o homem, selecionando-o pela energia e resistência* que ele opõe às crises periódicas da seca e da fome. *Recordávamos a geologia por meio dos estudos de Hartt e Derby*, e neste examinar contemplávamos aquelas extensões de terras salgadas, ou com inflorescências salinas, na caatinga como nas margens do S. Francisco, passávamos dos depósitos calcários, da calheira silicosa das várzeas onde dos rios temporários só se vê o sulco profundo e estéril, que as águas abandonaram, ao relevo antiplano das montanhas de quartzito e de xistos cristalinos do divisor das águas; revíamos de memória aquele cenário imenso das planuras sertanejas com os seus *cerros isolados*, de um pitoresco sem par, *perdidos na caatinga* como se foram ilhas num mar petrificado, revíamos os tabuleiros onde por léguas não se encontra uma baixada úmida que sirva de refrigério (grifos meus)²⁷⁸.

²⁷⁷ Id. Ibid., p. 90.

²⁷⁸ Id. Ibid., p. 90-91.

Neste ínterim, enquanto redigia o livro, publicou, em 19 de janeiro de 1898, em *O Estado de S. Paulo*, *Excerto de um livro inédito*²⁷⁹, uma versão preliminar da célebre descrição dos jagunços, constante de *O Homem*. Em fevereiro do mesmo ano, Euclides tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde leu *Climatologia dos sertões na Bahia*, trecho que seria aproveitado posteriormente em *Os sertões*.

A redação do livro prosseguiria em São José do Rio Pardo, para onde Euclides mudou-se, em março de 1898, a fim de acompanhar a reconstrução de uma ponte que desabara. Lá, visitou-o Orville Derby, interlocutor, em especial, das matérias da natureza, que lhe indicou, ainda, a leitura de Capistrano de Abreu, conforme reportou Euclides, em carta a Pedro de Aquino, médico naquela cidade²⁸⁰. Aos poucos, nas intermitências de seu trabalho de engenheiro, valendo-se dos estudos compilados, de sua caderneta e dos artigos produzidos durante sua cobertura da guerra na Bahia, nascia sua obra.

Em 09 de setembro de 1899, endereçou a Reinaldo Porchat uma missiva informando o término de seu “decantado livro”, faltando, porém, revisá-lo²⁸¹. Dedicou-se, a partir de então, às correções e publicou, em *O Estado de S. Paulo*, dois artigos, que conteriam análises próximas às de *A Terra*. O primeiro, denominado *As secas do Norte*, dividia-se em três partes, estampadas na primeira página do jornal, nos dias 29 e 30 de outubro e 1º de novembro de 1900²⁸², ressoando na seção *As secas*, no quarto capítulo

²⁷⁹ CUNHA, Euclides da. “Excerto de um livro inédito”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 de janeiro de 1898, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18980119-7003-nac-0001-999-1-not?success=true>

²⁸⁰ “Ao amigo dr. Aquino. São José do Rio Pardo, 23 de março de 1899”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 116.

²⁸¹ “A Porchat. São José do Rio Pardo, 09 de setembro de 1899. In: Id. Ibid., p. 117.

²⁸² CUNHA, Euclides da. “As secas do Norte”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 de outubro de 1900, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19001029-8010-nac-0001-999-1-not>; CUNHA, Euclides da. “As secas do Norte”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de outubro de 1900, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19001030-8011-nac-0001-999-1-not>; CUNHA, Euclides da. “As secas do Norte”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º de novembro de 1900, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19001101-8013-nac-0001-999-1-not>

da primeira parte de *Os sertões*. O segundo, *Fazedores de deserto*, lançado em 21 de outubro de 1901²⁸³, abordava a intervenção do homem da natureza, como agente geológico, que empobrecia o solo com a prática das queimadas, no estado de São Paulo. Esse mesmo argumento, com o enfoque nos sertões baianos, ganharia, em sua obra-mestra, o título *Como se faz um deserto*, no quinto capítulo de *A Terra*. Em 25 de dezembro de 1901, escreveu a Escobar relatando a entrega de sua obra, nomeada *Os sertões*, prevista para publicação em abril de 1902, pela editora Laemmert²⁸⁴.

Após diversas emendas e provas, o livro saiu, finalmente, em 02 de dezembro de 1902. As ideias nele articuladas a respeito de um Brasil olvidado pelo litoral, aliadas à potência da escrita de Euclides contribuíram para sua enorme repercussão. Esse sucesso estrondoso, que, de acordo com Sílvio Romero, teria feito-o dormir anônimo e despertar famoso²⁸⁵, foi responsável por esgotar a primeira edição e apressar a segunda, como Euclides reportou ao pai, em 19 de fevereiro de 1903²⁸⁶.

A repercussão de *Os sertões* propiciou o ingresso em instituições cujo acesso se restringia a um seleto grupo de notáveis, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras. Para o primeiro, sua indicação como sócio

²⁸³ O artigo *Fazedores de deserto* seria, depois, incluído na seleção de *Contrastes e Confrontos*, livro publicado pela editora portuguesa Lello & Irmão, em 1907. Cf.: CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 6ª ed., 1923, p. 201-209.

²⁸⁴ Em carta ao amigo Escobar disse: “Estive no Rio e lá deixei entregue ao Laemmert, os meus *Sertões* – título que dei ao livro que aí te li em parte. O contrato que fiz, não precisava dizer, foi desvantajoso – embora levasse à presença daqueles honrados saxônicos um fiador de alto coturno, José Veríssimo – de quem sou hoje devedor, pela extraordinária gentileza com que me tratou. Subordinei-me a todas as cláusulas leoninas que me impuseram, e entre elas a de dividir com eles – irramente pela metade os lucros da publicação – e isto ainda depois que a venda os indenizasse do custo da impressão. Aceitei. No entanto, me garantiram no Rio que ainda fiz bom negócio – porque hoje só há um animal a quem o livreiro teme, o escritor! Por uma das cláusulas, sairá à luz, em fins de abril do [ano] vindouro.” Cf.: “A meu caro Escobar. Lorena, 25 de dezembro de 1901.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 129.

²⁸⁵ ROMERO, Sílvio. “Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras.” In: NASCIMENTO, José Leonardo do FACIOLI, Valentin (Orgs.). *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p. 123-158.

²⁸⁶ “A meu pai. Lorena, 19 de fevereiro de 1903”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 148.

ocorreu em maio de 1903, por meio de ofício do comendador Henrique Raffard²⁸⁷, e a cerimônia de posse se deu em 20 de novembro. Em junho do mesmo ano, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras e, então, dedicou-se a escrever a seus membros, para solicitar-lhes o voto. Em setembro, a Academia o elegeu, com 24 dos 31 votos, na sucessão de Valentim Magalhães, para a cadeira de número 7, cujo patrono era Castro Alves²⁸⁸. A posse na instituição só viria, contudo, em dezembro de 1906, após seu retorno da Amazônia²⁸⁹.

Ingressou, pois, na república das letras, consoante Roberto Ventura, estabelecendo relações com figuras como José Veríssimo, Araripe Júnior e Oliveira Lima²⁹⁰. O reconhecimento no cenário intelectual não redundou, no entanto, em estabilidade profissional e financeira. Em dezembro de 1903, demitiu-se da Superintendência de Obras de São Paulo e teve uma rápida passagem pela Comissão de Saneamento de Santos, de janeiro a abril de 1904.

Irrequieto e de ímpeto andejo, continuava cavando chances profissionais e nutrindo a vontade de lançar-se pela vastidão do país, mormente, à região amazônica, área marcada por um crescimento econômico e alvo de disputas diplomáticas. Rastreia-se a primeira vez em que Euclides sublinhou sua inclinação para enveredar-se pelo norte do Brasil, poucos meses após a publicação de *Os sertões*, em carta de 20 de fevereiro de 1903 ao engenheiro belga Louis Ferdinand Cruls²⁹¹, diretor do Observatório

²⁸⁷ “A Max Fleiuss. Lorena, 29 de maio de 1903.” In: Id. Ibid, p. 163; “A Max Fleiuss. (?) junho de 1903.” In: Id. Ibid., p. 164.

²⁸⁸ Euclides concorreu com Domingos Olímpio, Silvino Gurgel do Amaral e Xavier Marques. Cf.: CUNHA, Euclides da. *Trabalhos Esparsos de Euclides da Cunha*. FILHO, Alberto Venancio; FRANCO, Affonso Arinos de Mello, CARVALHO, José Murilo de. (Orgs.). Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 4.

²⁸⁹ Em dezembro de 1904, Euclides encaminhou ofício ao presidente da Academia Brasileira de Letras, informando sua impossibilidade de tomar posse, em virtude da viagem ao Alto Purus. Cf.: “Ao presidente da Academia Brasileira de Letras. Rio, dezembro de 1904”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 244.

²⁹⁰ VENTURA, Roberto. Op. cit., 2002, p. 221-227.

²⁹¹ O engenheiro belga viera ao Brasil em 1874. Foi membro da Comissão da Carta Geral do Império e Levantamento do Município Neutro (1868-1872). Assumiu, em 1881, a direção do

Astronômico, frequentado por Euclides quando instrutor da Escola Militar. Cruls estivera, entre 1901 e 1902, à disposição do Ministério das Relações Exteriores, no posto de diretor da Comissão de Reconhecimento e limites do Alto Javari, para precisar as fronteiras entre Brasil e Bolívia²⁹². Nessa correspondência, Euclides escusava-se por não lhe ter encaminhado um exemplar de *Os sertões*, prometendo-lhe, no entanto, um da segunda edição. Emendou a esse comentário o anseio de rumar ao Acre, como em um pedido de quem, ao mesmo tempo em que demanda, alega rejeitar a influência alheia para obter êxito:

Alimento há dias o sonho de um passeio ao Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nestas terras, para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isto a aspiração – é que talvez pudesse prestar alguns serviços²⁹³.

Antes desse primeiro indício de sua intenção de enredar-se nas porções mais setentrionais do Brasil, Euclides havia se pronunciado sobre a região no artigo *Fronteira Sul do Amazonas. Questão de limites*, na primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 14 de novembro de 1898²⁹⁴. Comentando o livro homônimo de Manuel Tapajós, elogiou a argúcia do autor ao retrair a controvérsia envolvendo as divisas

Observatório Astronômico, após o afastamento de Emmanuel Liáis. Em 1892, Cruls foi designado para chefiar a Comissão Exploradora do Planalto Central, determinada por Floriano Peixoto, a fim de realizar estudos para cumprir um dispositivo constitucional que previa a mudança da capital. Em 1894, recebeu a incumbência de uma segunda missão, para instalar uma estação meteorológica, implementar uma rede telegráfica, proceder ao reconhecimento da ligação férrea da região e ao levantamento sobre o clima, abastecimento de água, topografia e natureza do terreno. Em 1901, foi nomeado para chefiar a Comissão de Limites entre o Brasil e Bolívia, encarregada de explorar as nascentes do rio Javari. Cf.: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. “Biografia ‘Luís Cruls’”. *Brasiliana eletrônica*. Disponível em: http://www.brasiliana.com.br/pop/pop_bio/5/afba619da1406881d3dfd6e5b11ca4c8

²⁹² Cf.: SANTANA, José Carlos Barreto de. “Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 7, Suplemento, 2000, p. 903. VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha - Esboço Biográfico*: Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha. CARVALHO, Mário César; SANTANA, José Carlos Barreto de (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 233.

²⁹³ “Ao amigo dr. Cruls. Lorena, 20 de fevereiro de 1903”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 149.

²⁹⁴ CUNHA, Euclides da. “Fronteira Sul do Amazonas. Questão de limites”. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 14 de novembro de 1898, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18981114-7300-nac-0001-999-1-not>

entre Mato Grosso e Amazonas e ao ratificar, mediante a exposição de uma série de documentos, a posse e a jurisdição do perímetro contestado em favor deste último. Assim, Tapajós, por meio de seu estudo, “mais do que prestar um serviço a seu Estado, prestou um bom serviço a nossa terra”²⁹⁵. Quer dizer, seriam sinais de devoção patriótica os impulsos de perquirir e destrinchar os litígios concernentes às feições do Brasil, notadamente as do extremo norte, que permaneceram alheias e isoladas, desde os primórdios do período colonial. Ao longo do texto, diversas afirmações confluem para apresentar a Amazônia como uma terra ainda ignorada. No entanto, Euclides ressaltava que o desconhecimento no qual ela jazia teria sido rompido parcialmente por um “viajante ilustre” enviado à América do Sul, em 1735, o francês Charles-Marie de la Condamine, cuja travessia lhe conferira a “feição nobilitadora de um precursor de Humboldt”²⁹⁶. Ao cruzar aqueles cantos velados, vencendo os perigos dispostos no caminho, La Condamine pôde reportar resultados à Europa, como se “notificasse a aparição de um novo mundo”. Logo, equivalente à descoberta de um novo capítulo da humanidade, sua viagem teria ultrapassado sua missão inicial e o “invejável esforço feito em prol da ciência teve um prolongamento inesperado na história”. Isso porque, consoante Euclides, a expedição de La Condamine teria inspirado a política metropolitana, com a ascensão do Marquês de Pombal, a fomentar viagens como aquelas promovidas pela *Académie des Sciences de Paris*. A partir de então, ocorreram explorações científicas do vale do Amazonas, como as de Alexandre Rodrigues Ferreira, “grande homem”, no tom lisonjeiro de Euclides, que realizara “trabalhos brilhantes”, propulsionados pelo estado português para desbravar a natureza e coletar informações sobre seus recursos e suas gentes. Em síntese, para emitir sua opinião

²⁹⁵ CUNHA, Euclides da. “Fronteira Sul do Amazonas. Questão de limites”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 535.

²⁹⁶ Id. Ibid., p. 532.

favorável ao livro de Manuel Tapajós, Euclides recuou no tempo para salientar a insipiência do Brasil sobre si mesmo e a importância do tema das fronteiras. Pare ele, se não fossem os empreendimentos levados a cabo precipuamente por estrangeiros, as terras amazônicas continuariam um vácuo de saber.

Esse artigo indica a primeira incursão textual de Euclides na temática amazônica, mas foi após a carta em nada desinteressada a Cruls, em fevereiro de 1903, que se debruçou com mais afinco nos dilemas atinentes à região.

Vale lembrar que a fim de demarcar os limites entre Bolívia e Brasil, no período de 1895 e 1901, foram comissionadas três expedições brasileiras à porção ocidental da Amazônia, tendo Louis Cruls atuado em uma delas²⁹⁷. A questão fronteiriça envolvendo os dois países desembocara na assinatura, em novembro de 1903, do Tratado de Petrópolis, segundo o qual a Bolívia cedia o território do Acre ao Brasil, que, por sua vez, se comprometia a construir uma ferrovia para ligar o porto de Santo Antônio, no rio Madeira, a Guajará-Mirim, no rio Mamoré, garantindo uma saída da Bolívia para o Atlântico. Após a assinatura do tratado de Petrópolis, persistia, entretanto, uma tensão entre o Brasil e o Peru, porque, desde a década de 1890, caucheiros peruanos, atravessando o rio Javari, no limite entre os dois países, ocupavam os vales do Alto Purus e Alto Juruá.

Nesse cenário de nebulosidade de fronteiras, Euclides publicou, em maio de 1904, os artigos *Conflito inevitável*, *Contra os caucheiros* e *Entre o Madeira e o Javari*, em *O Estado de S. Paulo*, e *Contrastes e confrontos*, em *O País*, nos quais discutia a querela entre o Brasil e o Peru, e que, mais tarde, foram reunidos no livro *Contrastes e*

²⁹⁷ A respeito dessas três comissões brasileiras, cf.: VERGARA, Moema de Rezende. “Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901”. In: Boletim do Museu do Pará Emílio Goeldi. Belém, v. 5, n. 2, maio-agosto de 2010, p. 345-361.

Confrontos, de 1907. À semelhança do que ocorrera quanto a Canudos, Euclides manifestava-se na imprensa sobre a Amazônia, sem nunca tê-la visto.

Em *Conflito inevitável*, publicado em 14 de maio de 1904, em *O Estado de S. Paulo*, a natureza emergia como chave elucidativa dos problemas sociais e políticos. Como se pudesse ver as paragens por meio dos viandantes precedentes, Euclides descrevia as inconstâncias de relevos, climas e vegetações do território peruano, a desembocarem na falta de um traço nacional incisivo. O autor acreditava que o desequilíbrio das forças naturais, causado pela multiplicidade de paisagens não harmônicas, irradiava nas gentes e na ordem política. Segundo ele, “quem quer que contemple através da visão prodigiosa de um Humboldt, ou da clara inteligência de C. Wiener, todo o trato de terras (...) compreende que os destinos do Peru oscilam entre dois extremos”²⁹⁸: ou a corrosão da nacionalidade, promovida pelo intenso afluxo de estrangeiros, ou um “desdobramento heroico para o futuro” com a entrada na portentosa Amazônia. Desta maneira, vingar e transpor a cordilheira em direção ao oriente redimiria as gentes, aproximando-as do seu verdadeiro mar. Isto é, Euclides via na saída para o oceano Atlântico, através da conquista do rio Purus, uma solução para a fratura social e política peruana. Avaliava que, como parte dos peruanos havia concluído por essa alternativa e o processo de ocupação da Amazônia já se desenrolava, se instaurava, por conseguinte, uma contenda inexorável no Purus.

Em *Contrastes e Confrontos*, publicado, em 21 de maio, em *O País*²⁹⁹, jornal do Rio de Janeiro, Euclides retomava a premissa de *Conflito Inevitável* e sustentava que a disposição geográfica do Peru, país cercado pela imensidão de cordilheiras e mares convertidos em barreiras, bloqueava as gentes e fragmentava a coesão nacional. Com o

²⁹⁸ CUNHA, Euclides da. “Conflito inevitável”. In: Id. *Ibid.*, p. 179.

²⁹⁹ Cunha, Euclides da. “Contrastes e confrontos.” *O País*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1904, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq= .

fito de referendar seu argumento sobre o desdobramento das terras no homem, principiou o texto com a estratégia, abordada no primeiro capítulo desta tese, de acionar um viandante que projeta o olhar no entorno: “Quem vai com Humboldt através das serras e das gentes do Peru observa um paralelismo interessante. Copiam-se, refletem-se. A história, ali, parece um escandaloso plágio da natureza física”³⁰⁰. Uma vez que a natureza explicaria o homem, a primeira parte do artigo destina-se a apresentar as linhas do relevo peruano, as cordilheiras de feições torturadas, os regimes das chuvas, a variedade de paisagens, para, na sequência, explanar sobre a ausência de unidade etnológica do peruano contemporâneo, seu parasitismo e deficiência de energia. Os fatos sociais, consoante o autor, demonstravam-se decalques dos fatos inorgânicos e, em um país fisicamente diverso, sua gente se configurava como uma “ficção etnográfica”³⁰¹.

No seguimento dos artigos, em 22 de maio de 1904, veio a público, em *O Estado de S. Paulo, Contra os caucheiros*, cujo propósito gravitava em torno da condenação da estratégia de remeter batalhões ao Alto Purus, para assegurar os limites do Brasil na Amazônia, porque, ali, a natureza só reservava a derrota para as táticas tradicionais. Euclides ponderava que, além de sobrecarregar as finanças do país e fragilizar o Tratado de Petrópolis, o uso de tropas militares com a finalidade de afiançar a unidade nacional mostrara-se um equívoco em momentos pretéritos. Sem especificar um episódio da história nacional do qual se retirariam exemplos para a ação no presente, porém, provavelmente incluindo uma alusão a Canudos, declarava: “está passado o tempo em que a honra e a segurança das nacionalidades se entregavam, exclusivamente, ao rigor de tropas arregimentadas”³⁰². A mim soa pertinente que Euclides tenha evocado,

³⁰⁰ CUNHA, Euclides da. “Contrastes e confrontos”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 175.

³⁰¹ Id. Ibid., p. 177.

³⁰² CUNHA, Euclides da. “Contra os caucheiros.” In: Id. Ibid., p. 182.

embora não explicitamente, a experiência do arraial, não apenas em virtude das ilações a que o autor chegou, ao final daquela campanha, sobre a desproporção das forças republicanas e sobre o crime perpetrado contra a nacionalidade, mas também em razão da ineficácia de batalhões enfileirados diante de um tabuleiro caótico, impetuoso com os adventícios.

Em *Contra os caucheiros*, assim como no artigo *A nossa Vendeia*, o autor deteve-se nos elementos do relevo, do clima, da flora, para elucidar as tensões, em uma narrativa descritiva e com apelo visual. Em ambos os textos, retratou a natureza como inimiga, um labirinto inextricável, definido pela impropriedade à existência humana. Nos sertões, os espinhos dos cactos, a secura dos ares e o sol sem trégua golpeavam e repeliam aqueles que tentavam debelar o arraial insurreto. Nas selvas amazônicas, o clima vaporoso, o emaranhado das folhagens e uma série de doenças tornariam penosa a adaptação das tropas. A aridez ou a umidade, o cenário depauperado ou exuberante agiria para expulsar os intrusos. Ao revés dos soldados oficiais, os combatentes locais, reconciliados com as inclemências do meio, conheciam-no à exaustão e sabiam refreá-lo. Naquelas bandas ao norte, sustentava Euclides, não aguardavam tropas alinhadas, mas caucheiros mimetizados ao espaço, que deslizavam velozes nas correntes das águas, surgiam na “orla dos igapós”, desapareciam nos “paraná-mirins”³⁰³, entrelaçavam-se nas ramagens das árvores.

Por último, Euclides publicou *Entre o Madeira e o Javari*, em 29 de maio de 1904, em *O Estado de S. Paulo*. O artigo versa sobre a necessidade de incorporar a região amazônica ao território brasileiro e de levar-lhe, definitivamente, a civilização. Canto “remotíssimo”, que “ninguém procurou”, onde nem as atividades missionárias teriam vingado, aquele trecho da Amazônia era apontado pelo autor como um deserto

³⁰³ Id. *Ibid.*, p. 184.

relegado ao olvido. Apenas no século XIX algumas investidas, como as de Tavares Bastos, William Chandless e Manuel Urbano, teriam rompido esse abandono, dando a conhecer as matas e os rios outrora ocultos. Ademais, a opulência da natureza atrairia, paulatinamente, ondas de migrantes, para explorar o látex, o cacau, a copaíba e os óleos vegetais. Não obstante a riqueza e a magnitude do quadro natural, a aclimação requeria esforços e impingia sacrifícios aos vindouros. Entre a profusão de línguas e sotaques, os “caboclos no norte” mostravam-se mais bem ajustados, sobrepujando os forasteiros, em número, robustez, “equilíbrio orgânico” e na destreza com que lidavam com os perigos. Uma vez mais bem amalgamados à natureza, os homens do norte poderiam impor a língua e os costumes brasileiros, afastando as forças dispersivas da nacionalidade. Dentre os artigos dedicados à Amazônia, este é aquele em que Euclides mais se voltou para suas gentes e seu processo de ocupação, repercussões diretas do meio. Em sua leitura, a Amazônia brasileira, espaço inicialmente ignoto, em função de suas distâncias, proporções e empecilhos à estada, tornou-se, aos poucos, convidativa devido à abundância da natureza, que, por sua vez, afugentava alguns e escolhia quem permanecia. Portanto, Euclides imputava à natureza daqueles cantos longínquos a seleção dos mais capacitados, os caboclos do norte, para acomodar-se a ela e, conseqüentemente, preservar a predominância da nacionalidade brasileira na região. À seleção natural deveriam somar-se planos governamentais no sentido de integrar as circunscrições do Alto Purus, Alto Juruá e do Acre, porque ali se travavam lutas de ímpeto centrífugo, que visavam a descolar a Amazônia do restante do Brasil³⁰⁴.

Em conjunto, esses quatro artigos tratavam do isolamento da Amazônia e da urgência em arrebatá-la à nação. Naquela zona fronteiriça, um conflito latente se instaurava, em decorrência da afluência de estrangeiros, movidos pelas riquezas

³⁰⁴ CUNHA, Euclides da. “Entre o Madeira e o Javari”. In: CUNHA, Euclides. Op. cit., 1966, p. 186-189.

naturais, e das tensões com o Peru. De acordo com Euclides, a natureza do país vizinho delineava-se, simultaneamente, como problema e solução: a heterogeneidade das paisagens insulava parte da população e fraturava a unidade nacional, todavia, do outro lado, as florestas amazônicas prometiam o futuro e redimiriam as gentes. Na ótica do autor, enquanto esse avanço em direção ao oriente significava, para os peruanos, mirar no porvir, para os brasileiros, implicava fragilizar as fronteiras e a integridade nacional. Em vez de apregoar o envio de tropas para assegurar os limites, o autor o condenava, sugerindo, como alternativa mais perspicaz, o conhecimento da área e a ocupação brasileira. A presença nacional vinha sendo favorecida pela própria natureza, que expulsava alguns e elegia os aptos a fincarem os pés por lá. A energia dos caboclos do norte e a sua afinança com o entorno não manteriam sozinhas, no entanto, a soberania nacional na Amazônia, de sorte que um projeto de governo se fazia indispensável. No lugar das armas, o saber e a permanência garantiriam a unidade nacional. Aquelas terras setentrionais, plenas de contrastes, porque magníficas e arriscadas, demandavam ser conhecidas, examinadas e, assim, domadas. Ao posicionar-se sobre o tema na imprensa, Euclides se credenciava, mais uma vez, como intérprete das coisas nacionais, em especial, dos espaços remotos e ignorados, das solidões selvagens que ansiavam por alguém que as desenveredasse.

Paralelamente a esses artigos, as articulações para sua viagem rumo ao norte foram sendo urdidas, com o intermédio de Oliveira Lima e José Veríssimo, responsável por indicar Euclides ao ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco. Em missiva de 24 de junho de 1904 ao crítico literário, expressava gratidão pelo apoio e reiterava sua aspiração de cruzar a selva e tirar das sombras as terras que o próprio Brasil esquecera:

Por uma carta, neste momento recebida, de Oliveira Lima, vi com a maior satisfação que o Sr. aplaude o meu intento de seguir para os *remotos pontos de nossa terra que desejo ver e estudar de perto*. Ainda mais, sei que intervirá eficazmente para o sucesso pleno da minha tentativa. Venho agradecer-lhe a boa vontade e o valioso concurso. (...) Para mim esse seguir para Mato Grosso, ou para o Acre ou para o Alto Juruá, ou para as ribas extremas do Mahú, é um meio admirável de ampliar a vida, de torná-la útil e talvez brilhantíssima. Sei que farei muito. Aquelas paragens, hoje, depois dos últimos movimentos diplomáticos, estão como o Amazonas antes de Tavares Bastos; e se eu não tenho a visão admirável deste, tenho o seu mesmo anelo de *revelar os prodígios de nossa terra*. Se por acaso for tardia a organização das comissões demarcadoras dos nossos limites, poderei seguir só – com o objetivo de dizer sobre os *aspectos físicos e riquezas essenciais daquelas regiões*. Não creio que seja coisa difícil. (...) Além disto, se as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, *que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?* (grifos meus)³⁰⁵

Pouco depois, endereçou, em 07 de julho, nova correspondência a José Veríssimo, dizendo-se esperançoso de concretizar seu “ideal de bandeirante”. Delineando a si mesmo como um devotado aos assuntos nacionais, afeto às rudezas dos sertões, em vez do cosmopolitismo espelhado na Europa, Euclides afirmava-se ávido para as aventuras prometidas pela viagem, para se lançar, como um precursor, no coração da selva: “Que melhor serviço poderei prestar à nossa terra? Além disso, não desejo Europa, o *boulevard*, os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada, e a vida afanosa e triste de pioneiro”³⁰⁶.

Deste modo, os artigos veiculados em jornal a respeito da região e dos impasses diplomáticos, bem como algumas articulações políticas foram basilares para sua candidatura, em meados de 1904, junto ao ministro das Relações Exteriores, à tarefa de demarcar os limites ao norte. Em 06 de agosto de 1904, foi nomeado, pelo barão do Rio Branco, chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, incumbida de promover o levantamento cartográfico das cabeceiras do rio.

No dia 08 de agosto, redigiu uma carta a seu pai, comunicando sua nomeação. Garantia que não obstante a distância que se imporia entre ele e a família, a jornada

³⁰⁵ “A meu ilustre confrade e amigo dr. José Veríssimo. Guarujá, 24 de junho de 1904.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 207-208.

³⁰⁶ “A meu ilustre amigo dr. José Veríssimo. Guarujá, 07 de julho de 1904.” In: Id. Ibid., p. 211-212.

alavancaria sua profissão e, no mesmo passo, promoveria o benefício de perlustrar a nação, precisar-lhe os contornos e projetar luz às selvas incógnitas. Em suas palavras: “só tenho a lucrar – como brasileiro que vai prestar um serviço à sua terra, como engenheiro que não pode ter um trabalho mais digno, e como escritor que não poderá ter melhor assunto”³⁰⁷.

Enquanto corriam os preparativos para a incursão ao norte, Euclides se instruíra para a empreitada, com a leitura de William Chandless, que atravessara o rio Purus, entre 1864 e 1865, e cuja monografia o diplomata Domício da Gama, secretário do barão do Rio Branco, lhe fornecera³⁰⁸. Informava-se, também, a respeito das adversidades naturais, como Louis Cruls, em encontro, o preveniu dos riscos e “malignidade” da região, de modo que, em missiva de outubro de 1904 a seu primo Arnaldo Pimenta da Cunha, por ele sugerido como engenheiro da comissão, alertava:

Em conversa, ontem, com o dr. Cruls, soube, por exemplo, que da comissão por ele dirigida ninguém, absolutamente escapou à malária ou ao beribéri; alguns morreram e outros (entre os quais o próprio dr. Cruls) ainda agora sofrem as conseqüências da viagem. Ora, isto me aterra – não por mim, já meio cansado desta vida, mas por ti que vais nela estrear, e pelo tio José, e afinal por todos, que nunca me desculparão no caso de um desastre³⁰⁹.

Nesta e em outras correspondências antes de partir, as selvas se afiguravam como cenário inóspito, aviltado por doenças e repleto de perigos. Entretanto, afirmava constantemente que aquelas terras ignoradas pelo restante do país, presságios de “máximos sacrifícios”³¹⁰, não o dissuadiriam de seu “mais belo e arrojado ideal”³¹¹.

³⁰⁷ “A meu pai. Guarujá, 08 de agosto de 1904.” In: Id. Ibid., p. 219.

³⁰⁸ “A meu ilustre confrade e amigo Domício da Gama. Guarujá, 22 de agosto de 1904”. In: Id. Ibid., p. 222; “A meu ilustre amigo dr. Domício da Gama. Guarujá, 27 de agosto de 1904.” In: Id. Ibid., p. 224.

³⁰⁹ “A Arnaldo. 4 de outubro de 1904”. In: Id. Ibid., p. 238.

³¹⁰ “A Escobar. Rio, 11 de dezembro de 1904.” In: Id. Ibid., p. 243.

³¹¹ “A meu ilustre amigo dr. José Veríssimo. Guarujá, 06 de setembro de 1904”. In: Id. Ibid., p. 230.

2.4. Nas entranhas da hileia maravilhosa

Os primeiros passos do ideal de cruzar as selvas efetivaram-se em 13 de dezembro de 1904, com a partida do Rio de Janeiro para a Amazônia, a bordo de *Alagoas*. Euclides seguia com a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, acompanhado do primeiro-tenente Alexandre de Argolo Mendes, do auxiliar-técnico, o engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, do engenheiro Manoel da Silva Leme e do médico Tomás Catunda, aos quais mais tarde se juntaria o fotógrafo Egas Florence.

No trajeto, Euclides passou alguns dias em Recife, na companhia de Oliveira Lima, e em Fortaleza. No dia 26 de dezembro, desembarcou na cidade de Belém, onde, em visita ao Museu Paraense, travou conversa com Emílio Goeldi, por recomendação de José Veríssimo, e com Jacques Huber, de quem recebeu uma monografia sobre botânica amazônica. Continuou a travessia, chegando a Manaus nos últimos dias do ano.

Diferentemente do período na Bahia, em que se concentrou na cobertura para *O Estado de S. Paulo*, Euclides manteve, nesta viagem, uma correspondência pessoal e oficial mais intensa, esta, notadamente, com o ministro, o barão do Rio Branco, por força de sua posição de chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Nessas cartas, além de comunicar seu estado, suas inquietações, suas expectativas a amigos e familiares e de informar os trâmites da viagem às autoridades, gravou impressões sobre a natureza, confeccionando algumas ideias que, depois, comporiam os ensaios amazônicos de *À margem da história*.

Logo nos contatos iniciais, ao contrário da boa imagem que retivera de Belém, cujas avenidas largas, ladeadas de árvores, encantaram-no³¹², Euclides escreveu que

³¹² Euclides teceu elogios a Belém, em carta escrita a seu pai, assim que chegara a Manaus. Cf.: “A meu pai. Manaus, 30 de dezembro de 1904”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 249.

Manaus o entediava, devido ao seu cosmopolitismo artificial e ao clima, particularmente desagradável no princípio de sua estada. Em carta a Afonso Arinos, de 12 de janeiro de 1905, contou o mal-estar de que ali padecia, ocasionado pelas temperaturas e pela umidade, e exprimiu sua impaciência com a demora em desbravar o Purus:

Eu escrevo doente. Consequências dos *glorious clime* de não sei se ilustre ou ingênuo Bates. Este delicioso clima traduz-se em permanente banho de vapor – e quem o suporta precisa ter nos músculos a elástica firmeza das fibras dos buritis e nas artérias o sangue frio das sucruuiúbas. Não o suporte. (...) Daí a minha ânsia de partir, buscando forte diversão do meu duelo com o deserto na majestosa arena de 500 léguas que nos dá o Purus³¹³.

No dia seguinte, endereçou uma correspondência a José Veríssimo, retomando suas queixas ao clima – considerado muito diverso das descrições do viajante naturalista Henry Walter Bates – e à árdua adaptação ao ambiente, que exigia dos homens músculos tais quais as fibras dos buritis. A natureza compelia-os a constantes desafios, porque fora surpreendida, enquanto ainda se formava, por uma ocupação precipitada. Segundo Euclides, esse traço essencial do *habitat*, descoberto à custa de sua própria experiência, haveria de ser por ele demonstrado, sinalizando, pois, seu intento de elaborar um estudo acerca da região. Abaixo, um fragmento da missiva:

Escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre esse singularíssimo clima da Amazônia – e embora ela, já de si mesmo valiosa, tenha o reforço de Wallace Walleis, Maury e quantos cuidaram deste assunto, não posso forrar-me à experiência dolorosa neste instante (...) [que] me revela as exigências excepcionalíssimas de uma aclimação difícil. Em carta neste momento escrita ao Arinos disse que quem resiste a tal clima tem nos músculos a elástica firmeza das fibras dos buritis e nas artérias o sangue frio das sucruuiubas. E, sem o querer, achei o traço essencial deste portentoso *habitat*. *É uma terra que ainda está se preparando para o homem – para o homem que a invadiu fora do tempo, impertinentemente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso*. Hei de tentar demonstrar isto. Mostrarei, talvez, esteiando-me nos mais secos números meteorológicos, que a natureza, aqui, soberanamente brutal ainda na expansão de suas energias, é uma perigosa adversária do homem. Pelo menos em nenhum outro ponto lhe impõe mais durante o regime animal. *Neste perpétuo banho de vapor todos nós compreendemos que se possa vegetar com relativa vantagem, mas o que é inconcebível, o que é até perigoso pela soma de esforços exigidos, é a delicada vibração do espírito e a tensão superior da vontade a cavaleiro dos estimulantes egoísticos*. É possível que uma maior acomodação me faça pensar de outro modo, mais tarde. Neste momento,

³¹³ “A Afonso Arinos. Manaus, 12 de janeiro de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 250.

porém – em que a pena me escorrega dos dedos inundados – não sei como traduzir o *glorious clime* de Bates. Não há exemplo de um adjetivo desmoralizado (felizmente em inglês!). (grifos meus)³¹⁴

Opulenta, porém caótica e em desalinho, a natureza, ainda aprontando-se para o homem, mostrava-se hostil, repleta de óbices, os quais, por consequência, exauriam as energias das gentes, abalavam sua presteza e dinâmica. Essa ideia fundamental para a compreensão euclidiana do meio e da rudeza das gentes na Amazônia, bosquejada na carta anterior, reverberou em *Impressões gerais*, o ensaio de abertura de *À margem da história*. Comparem-se os trechos acima grifados e estes:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem ali é intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...³¹⁵

No perpétuo banho de vapor, de que nos fala Bates, compreende-se sem dúvida a vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das idéias, nem a tensão superior da vontade nos atos que se alieiem dos impulsos meramente egoísticos³¹⁶.

Esse clima vaporoso, que tanto o exasperava, acabou por lhe soar mais ameno, à medida que se prolongava seu pouso em Manaus. Em outra carta enviada a José Veríssimo, em 02 de fevereiro de 1905, declarava, como quem se adaptava aos enigmas do entorno: “Já compreendo um pouco o *glorious clime* de Bates, o *delightful clime* de Wallace e até *o céu de opalas* de Mornay. Desde o dia 13 que não aponto a temperatura sequer de 28°!”³¹⁷.

Ademais da medição dos índices térmicos, como esse extrato permite notar, coligia outras informações sobre a natureza, enquanto aguardava as recomendações do

³¹⁴ “A José Veríssimo. Manaus, 13 de janeiro de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 251-252.

³¹⁵ CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 1999, p. 2.

³¹⁶ Id. *Ibid.*, p. 11.

³¹⁷ “A meu bom amigo dr. José Veríssimo. Manaus, 02 de fevereiro de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Op. cit.*, 1997, p. 262.

Itamaraty para dirigir-se ao Purus. Hospedado na chácara Vila Glicínia, onde moravam os engenheiros Alberto Rangel e Firmo Dutra, este último cumprindo missão militar no rio Juruá, Euclides debruçava-se, novamente, nos textos de Humboldt, Martius, Spix, Agassiz, Tavares Bastos e, com especial atenção, no relatório da expedição de William Chandless.

Orientava-se, por exemplo, sobre os aspectos do solo, conforme reportou ao barão do Rio Branco, em 14 de janeiro: “Colhi um sem número de outros dados sobre a estrutura e a importância mineralógica de alguns terrenos que atravessaremos (...). Tais esclarecimentos, nem sempre uniformes, aceito-os apenas como indicação para o exame local, mais tarde”³¹⁸. Alguns dias mais tarde, em 23 de janeiro, redigiu nova correspondência ao ministro das Relações Exteriores, reforçando seu compromisso de reunir elementos sobre a região do Purus, porém com a advertência: “nenhum deles, a meu parecer, exclui a observação direta”³¹⁹.

No interstício entre a espera e a partida para a selva, rastreiam-se, em missivas de 10 de março a Coelho Neto e a José Veríssimo³²⁰, as primeiras referências ao projeto, jamais concretizado, de escrever *Um paraíso perdido*, que, tal qual *Os sertões*, promoveria a desforra daquelas terras longínquas e homens preteridos. Com maiores detalhes sobre sua apreensão da natureza amazônica, o plano contado a José Veríssimo e a Coelho Neto de “vingar a Hiloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII”³²¹ foi mencionado, ainda, em carta a Artur Lemos:

³¹⁸ “Ao barão do Rio Branco. Manaus, 14 de janeiro de 1905”. In: Id. Ibid., p. 253.

³¹⁹ “Ao barão do Rio Branco. Manaus, 23 de janeiro de 1905”. In: Id. Ibid., p. 259.

³²⁰ “A José Veríssimo. Manaus, 10 de março de 1905”. In: Id. Ibid., p. 268.

³²¹ “A Coelho Neto. Manaus, 10 de março de 1905”. In: Id. Ibid., p. 266.

Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do caos incompreensíveis e tumultuárias, uma mistura formidável de vastas florestas inundadas de vastos céus resplandecentes. Entre tais extremos está, com suas inúmeras modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido... Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem. Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas: é um infinito que deve ser dosado. Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei. (...) Se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu seus maiores erros. Escreverei *Um Paraíso Perdido*, ou qualquer outro e cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira.³²²

Nesse extrato, a natureza emerge regida pelo caos e pelo excesso. Suas filigranas e nuances não se deixariam capturar inteiramente, de sorte que sempre restariam resguardados alguns de seus sigilos. O meio, exterior e fugidio ao olhar escrutinador, era, portanto, o território da alteridade. O observador, representado por um forasteiro, como o próprio Euclides, sentiria a vertigem da profusão amazônica, em que tudo lhe soava novo e incógnito. A ele caberia ensaiar a ordenação do emaranhado do quadro natural, equilibrando um olhar microscópico, focado nas minudências, a um mais geral, capaz de extrair uma síntese. Deveria, porém, estar ciente da incompletude dessa tarefa ou do tempo dilatado que ela demandava. Somente uma vida inteira para decifrar a complexidade da Amazônia, que recordava o título dado por John Milton: paraíso perdido, canto de terra e de águas maculado e esquecido.

Exatamente porque a análise da região reclamava tempo e a natureza oferecia resistência, uma tônica comum em suas correspondências pessoais é a de confidenciar-se desassossegado com o retardo de sua jornada às selvas ignotas. Embora aproveitasse o intervalo em Manaus para aprofundar o municamento de seu olhar, Euclides impregnava as cartas remetidas a seus amigos de um desprezo pela capital e de uma avidez de tomar o rio. Averso aos ruídos, ao sufocamento e ao tédio lúgubre da cidade,

³²² “A Artur Lemos. Manaus, 1905 (sem data).” In: Id. *Ibid.*, p. 268-269.

dizia ansiar a amplidão da natureza no Purus, descrita como um deserto, terra desconhecida, misteriosa e bravia. Triunfava, pois, a imagem de uma natureza inóspita, que sobre ele exercia um fascínio quase fatal, segundo escreveu a Edgard Jordão, em 22 de janeiro de 1905: “Estou a dois passos do deserto e nas vésperas de uma viagem, inçada de tropeços, dessas em que a gente leva carta de prego para o desconhecido. Talvez, não volte. Falo, portanto, como quem se confessa”³²³.

Em carta de 18 de março a Machado de Assis, na qual comunicava seu voto para uma nova eleição na Academia Brasileira de Letras, deu notícias, em linhas que dividiam “grandes esperanças” e saudade, da proximidade de sua “missão temerária” “para o desconhecido”³²⁴. Em outra missiva, uma das últimas emitidas de Manaus, despedindo-se de Alberto Rangel, anunciou a hora de atravessar “rumo feito para o desconhecido”. Contou que depois de receber as derradeiras instruções do ministério das Relações Exteriores, sua frota experimentou uma provação inicial, uma tempestade como liturgia de batismo. O rio, que desde o primeiro encontro descrevera como monótono, cujo curso d’água aparentava demasiadamente lento ou quase estático, surpreendeu-o com ondas agitadas tais quais as de um mar:

Nunca imaginei que este rio morto escondesse traiçoeiramente, ondas tão desabridas. Uma rajada viva de sudoeste imprimiu-lhe as crispações ensofregadas de um mar, e que mar! um mar entre barrancos, em que as vagas desencadeadas se desatam em cordilheiras impetuosas de torrentes... Felizmente resistiram gallardamente os meus navios. (...) Realmente, creio tanto no meu destino de bandeirante, que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metafísica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda...³²⁵

³²³ “A Edgard Jordão. Manaus, 22 de janeiro de 1905.” In: Id. Ibid., p. 258.

³²⁴ Nesta carta, Euclides declarava seu voto em Vicente de Carvalho ou em Heráclito Graça para a cadeira de José de Patrocínio na Academia Brasileira de Letras. “A meu grande mestre e amigo Machado de Assis. Manaus, 18 de março de 1905”. In: Id. Ibid., p. 273.

³²⁵ “A Rangel. Manaus, 20 de março de 1905.” In: Id. Ibid., p. 276.

Nesse ensaio de tomar o rio, narrou o prólogo das adversidades que o aguardavam, mas que já se prenunciavam desde os momentos iniciais de sua missão. Nas correspondências de caráter pessoal, destacava, reiteradamente, as dificuldades naquelas quadras, que, entretanto, não o dissuadiriam. Ao bosquejar os empecilhos da natureza, escrevia, de certa maneira, também sobre si, delineando-se como um sujeito determinado, cujo “destino de bandeirante” não se abalaria nem com os entraves do meio. Retira-se de uma carta outrora citada a José Veríssimo uma forma lapidar de como afirmava sua resolução de embrenhar-se na selva: “certo não se me fraqueará o ânimo: marcharei a pé para o meu objetivo”³²⁶.

De fato, conforme se alargava sua estada em Manaus, tornavam-se menos propícias as condições de navegabilidade. Nas correspondências oficiais ao barão do Rio Branco, Euclides lastimava o atraso ocasionado pelo lapso das instruções do ministério das Relações Exteriores e pela demora no reparo da lancha peruana, uma vez que havia o pedido para que as duas comissões seguissem juntas. Comunicava ao ministro seu receio de que a saída coincidisse com a época da vazante dos rios, o que redundaria em óbices à navegação a vapor e no aumento dos trechos a serem transpostos em canoas.

Justamente na baixa do rio, Euclides partiu de Manaus, em 05 de abril de 1905, com a flotilha brasileira, composta de duas lanchas, a *Nº 4* e a *Cunha Gomes*, e a embarcação *Manuel Urbano*, encarregada de levar mercadorias e alimentos. A Comissão Brasileira tinha à sua disposição “um teodolito astronômico de Bruner, três cronômetros, dois sextantes e respectivos horizontes, duas bússolas prismáticas, uma bússola prismática azimutal, uma luneta de Lugeol, dois termômetros, um psicrômetro de August, um barômetro de Fortin, dois aneroides, um teodolito topográfico; duas

³²⁶ “A José Veríssimo. Manaus, 10 de março de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 267

máquinas fotográficas, um micrômetro de reflexão, um molinete de Waltman, um passômetro”. Euclides e a comissão zarpavam em uma empreitada que deveria cumprir as instruções recebidas do ministro das Relações Exteriores do Brasil e do ministro peruano, Guilherme Seonani:

A comissão incumbida da exploração do rio Purus, partirá de Manaus e verificará o curso desse rio, fazendo um simples reconhecimento hidrográfico até o barracão Cataí, cujas coordenadas geográficas determinará, assim como as de alguns outros pontos interessantes no trajeto.

Daí para cima, até aos varadouros que vão ter ao Ucayali e que deverão ser explorados em toda a sua extensão, se fará um levantamento expedito do Alto Purus, determinando-se aproximadamente as coordenadas da boca de todos os seus principais afluentes, sobretudo as dos chamados Curanja, Curiúja e Manuel Urbano. A Comissão Mista corrigirá e completará, como puder, a planta levantada por W. Chandless, e verificará a correspondência da nomenclatura geográfica que nela se acha com a atualmente em uso. No regresso determinará as coordenadas da confluência do Purus³²⁷.

Na primeira parte do trajeto, viajou dia e noite, observando e registrando as extensões percorridas, deixando as revisões para o retorno, quando navegaria apenas pela manhã e pela tarde, segundo reportou ao barão do Rio Branco³²⁸. Entretanto, à medida que avançava pelo Purus, na confluência com o rio Chandless, os reveses se avolumavam, razão pela qual se suspenderam as jornadas noturnas.

Também à proporção que adentrava o rio, retificando os equívocos dos mapas prévios e esclarecendo o desenho dos terrenos, rareavam-se suas missivas de cunho pessoal. Dentre essas, Euclides prestou, ligeiramente, notícias a seu pai, mencionando a travessia penosa, em referência ao naufrágio de suas embarcações, e a sensação de estar “fora da nossa terra”³²⁹, retomando, pois, a ideia do alheamento das profundezas amazônicas.

³²⁷ Relatório da Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus. Manaus, 15 dez. 1905. Original no Arquivo Histórico do Itamaraty. Disponível também em: CUNHA, Euclides da. Comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus. Rio Branco: Printac, 2006, p. 5-6.

³²⁸ “Ao barão do Rio Branco. Boca do Acre, 04 de maio de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 279.

³²⁹ “A meu pai. Novo Lugar (acampamento da Comissão Administrativa Brasileira), 5 de junho de 1905.” In: Id. *Ibid.*, p. 283.

Imerso nas diligências da viagem, priorizou os telegramas, para comunicar-se com o barão do Rio Branco, porém as cartas, mesmo que mais espaçadas, não deixaram de transmitir-lhe os pontos alcançados – cuja constituição dizia ser “absolutamente desconhecida da ciência”³³⁰ –, os incidentes enfrentados e o desconforto em relação à Comissão Peruana e seu chefe, Pedro Alex Buenaño, diante dos conflitos entre peruanos e brasileiros em propriedades no Purus.

Ademais das correspondências desse período amazônico, até aqui comentadas, outros três documentos se mostram relevantes para rastrear os indícios da perquirição do meio efetuada por Euclides e de suas apreensões da natureza: um esboço de relatório ao barão do Rio Branco, o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* e as *Notas complementares ao Relatório*.

O primeiro deles, um manuscrito reservado ao barão do Rio Branco, incompleto e redigido em Manaus depois do regresso do Purus, visava a elencar os “fatos capitais”, “os mais dignos de nota que deverão ser pormenorizados ou esclarecidos mais tarde”³³¹. Assim, contém um resumo dos lances do trajeto, por vezes sinalizados com dias e horários, um brevíário das passagens mais delicadas, onde paus, pedras e bancos de areia entulhavam e atravancavam o rio, forçando, inclusive, um naufrágio, a continuidade de trechos a pé e o abandono dos víveres que pesavam as embarcações. Nele, Euclides listou, também, os instrumentos utilizados para o levantamento hidrográfico, para a observação astronômica e para a medição de alturas a fim de aferir latitudes e longitudes.

Além de expor o tumulto das argilas, galhos e troncos entrelaçados na corredeira do rio, que consistiram em um grande desafio à empreitada, Euclides comentou as

³³⁰ “A Rio Branco. Novo Destino, 17 de maio de 1905”. In: Id. *Ibid.*, p. 280.

³³¹ Relatório reservado ao barão do Rio Branco. Original no Arquivo Histórico Itamaraty. É possível consultá-lo também em: CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. ROCHA, Hildon (Org.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

mudanças de temperatura de acordo com os trechos, responsáveis por tornar o clima benéfico e tonificante em certas paragens, o tipo de vegetação característica das margens dos rios e a composição geológica do terreno, cujos traços não se assemelhavam a formações muito antigas e cuja combinação de materiais geraria os segmentos encachoeirados do rio. Sobre a variação da navegabilidade, em decorrência das sucessivas quedas no fluxo das águas, anotou: “não quero abusar da paciência de V. Ex^a relatando monotonamente a subida de 73 (setenta e três) cachoeiras”³³².

Por se tratar de rascunho inconcluso de um primeiro relatório da expedição ao ministro das Relações Exteriores, o texto poupava as miudezas sobre a natureza, concentrando-se nas condições do entorno que, de alguma maneira, influíram na viagem. Os detalhes do olhar dirigido à natureza viriam no *Relatório da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus*, que vinha sendo finalizado em Manaus, conforme divulgou ao ministro, em carta de 30 de novembro de 1905³³³.

Depois de proceder ao reconhecimento do rio Purus, de abril ao final de outubro, ao longo de três mil e duzentos quilômetros, Euclides preparou as cartas hidrográficas e concluiu, em 15 de dezembro, o relatório de 99 páginas, em português e traduzido em espanhol pelo comissário peruano Pedro Buenaño, dividindo-o nestas partes: *Organização; Instruções; A viagem; O rio Purus e seus afluentes. Aspecto geral; Levantamento hidrográfico. Determinação das coordenadas dos pontos principais; Clima; Considerações gerais sobre os caracteres físicos da região e sobre os seus povoadores; Anexos*³³⁴.

³³² Id. Ibid., p. 238.

³³³ “Ao Exm^o Sr. Barão do Rio Branco. Manaus, 30 de novembro de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 292. Note-se que coube ao chefe da comissão peruana apenas traduzir para o espanhol o relatório, como atestam as cartas de Euclides ao Barão e sua observação à minuta do comissário peruano, constante no Arquivo Histórico do Itamaraty.

³³⁴ Relatório da Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus. Manaus, 15 dez. 1905. Original no Arquivo Histórico do Itamaraty. Publicado também em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, v. I, p. 753-780; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 243-280.

Uma vez expostas as orientações do ministério das Relações Exteriores para guiar a comissão, Euclides discorreu, no capítulo *A Viagem*, sobre as etapas cumpridas, desde 05 de abril até o cessar das atividades, no retorno a Manaus. Na primeira pessoa do plural, à maneira de um diário, com o fixar de horas e datas, narrou a sucessão dos acontecimentos, salientando os empecilhos, os quais, consoante atentado no primeiro capítulo desta tese, atuavam como marcos para precisar o trajeto. Em determinado momento, por exemplo, Euclides citou as temperaturas como desafio ao levantamento hidrográfico, revelando, no mesmo passo, a medição de índices térmicos, operação crucial para seu juízo acerca da adaptação do homem naquele *habitat*. Abaixo, um extrato do relatório:

Assim, no dia 14 de junho tivemos de acampar às 3 horas, violando o programa preestabelecido. A manhã rompera fria depois de chuva torrencial que despertara, à noite, os dois acampamentos, arrancando-lhes as barracas em fortíssimas lufadas, e, contra o que era de esperar-se, a temperatura, ao invés de subir, começou a descer pelo correr do dia. Marcando 24° às 9 horas da manhã, indicava o termômetro 21,5° às 11 horas e 21° às 2 da tarde, continuando nesta descensão até à noite, em que deve ter caído consideravelmente, porque reatamos a marcha, na manhã de 15, às 6 horas e 20 minutos, com a temperatura absolutamente anômala em tal latitude, de 13,8° C³³⁵.

Não só as temperaturas converteram-se, por vezes, em adversidades. Igualmente prejudicaram as atividades da comissão a vazante do rio e o emaranhamento de árvores e argila nas águas, fatores que culminaram em um naufrágio, evocado, anos mais tarde, no ensaio *Rios em abandono* de *À margem da história*, a fim de validar o argumento euclidiano da urgência de intervenção no rio, para preservar-lhe a navegabilidade.

Nos dois subseqüentes capítulos do relatório, nomeados *O rio Purus e seus afluentes. Aspecto geral e Levantamento hidrográfico. Determinação das coordenadas dos pontos principais*, Euclides debruçou-se sobre os contornos do rio, traiçoeiros a uma observação ligeira. De acordo com seu alerta, à primeira vista, o Purus afigurava-se

³³⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 759.

estável, contudo, ao se entranhar em seu curso, seu perfil se desnudava significativamente variável e em constante mutação. Ao contrário do que o contato inicial fazia crer, o rio estava em “plena evolução geológica”³³⁶, acomodando-se ainda. Isso explicaria os pequenos desencontros entre sua carta hidrográfica e a de Chandless, cujo trabalho Euclides exaltava. Os pontos divergentes deviam-se, pois, não aos equívocos daquele viajante, mas ao atributo divagante do rio, à reconfiguração a que a própria natureza se incumbia. Nas palavras mais técnicas do relatório:

De fato, comparando-se a carta de William Chandless, de 1865, com a nossa, (...) vê-se que, conservada a orientação geral do rio, sofreram os seus trechos, parceladamente examinados, modificações profundas, ora definidas pelos circos de erosão conhecidos sob os nomes locais, peruano e brasileiro, de *tipiscas* e *sacados*, ora pela intensa degradação das partes côncavas onde se aprumam os barrancos coincidindo com os aterros das partes convexas onde se dilatam as praias. Este fenômeno, largamente generalizado, dá ao Purus o caráter de rio *divagante*, consoante o dizer da fisiografia moderna³³⁷.

Essa observação acerca da permanente volubilidade do Purus, aplicável a outros rios da região, repercutiu na primeira parte de *À margem da história*, como uma chave essencial para elucidar a interpretação euclidiana da natureza amazônica. Não gratuitamente, o ensaio de abertura, *Impressões gerais*, já em seus parágrafos iniciais, retrata o tédio preliminar do observador diante do Amazonas e da monotonia das planuras da paisagem, para, em seguida, descortinar a surpresa provocada pelo caos e pela opulência de uma natureza não integralmente delineada, pelos rios sempre em transição. A natureza iludiria, portanto, aqueles que se detivessem nas bordas, nas cabeceiras dos rios, mostrando-lhes somente seu enfado. A outra face, a da inconstância de seus traços, se guardava para os que se aventurassem selva adentro. O argumento a

³³⁶ Id. Ibid., p. 765.

³³⁷ Id. Ibid., p. 764.

respeito dos volteios do rio, presente no trecho acima destacado, assim reaparece no livro de 1909:

Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em sacados, cujos istmos a revezes se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspetos se confundem; ou expandindo-se em furos que se anastomosam, reticulados e de todo incharacterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos. Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo³³⁸.

As considerações desses dois capítulos do relatório foram ainda a base para a confecção de *Rios em abandono*, o segundo ensaio de *À margem da história*. Com a finalidade de sustentar uma intervenção no Purus, retirando-o do isolamento e transformando-o em instrumento do progresso nacional, Euclides expôs suas medidas, derivadas de sua experiência *in loco*, e destrinchou suas principais singularidades. Sintetizou as feições oscilantes do rio, resgatando, de maneira muito simular, a formulação apresentada no relatório: “o Purus, um dos mais tortuosos cursos d’água que se registram, é também dos que mais variam de leite. Divaga, consoante o dizer dos modernos geógrafos”³³⁹. Do mesmo modo, os troncos, galhos e ramos que se atavam e entulhavam a superfície da água saltaram do relatório para o ensaio em questão, como um óbice à navegação, para o qual Euclides oferecia uma resposta: a simples remoção desses resíduos inconvenientes promoveria o aproveitamento do rio, convertendo-o em veia útil de comunicação e transporte.

Na continuidade do relatório, o capítulo *O clima* apontou dados sobre a umidade e a medição de temperaturas, inclusive com o registro da ocorrência da friagem, marcada pela queda brusca dos índices térmicos. Apesar desse fenômeno, a principal

³³⁸CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 2.

³³⁹ Id. Ibid., p. 21.

conclusão a respeito do clima parece ter sido a repercussão de sua fixidez na possibilidade de ocupação daquelas terras. Nem a umidade, nem o calor inviabilizariam, de todo, a metamorfose da selva em morada. Nesse sentido, o parecer do médico Tomás Catunda, integrante da Comissão Brasileira, transcrito ao término desse capítulo do relatório, afiançava: “o bom êxito da nossa expedição ao Purus (...) é prova de que aquela região é perfeitamente habitável”³⁴⁰. De acordo com o médico, se, por um lado, os graus térmicos e hidrométricos favoreciam a proliferação de uma microfauna e microflora propícias para certas epidemias, por outro, os cuidados com a “higiene tropical”, como uso de proteção mecânica contra insetos, boa alimentação, moderação no trabalho e a não ingestão de bebidas alcoólicas, garantiriam as condições para uma vida saudável. Assim, esse capítulo do relatório findava avalizando às autoridades brasileiras que o clima, com precauções basilares, não constituiria um impedimento à ocupação. Seria viável, portanto, domar o deserto e transformá-lo em domicílio.

Mais uma vez, comparando-se o material produzido *in situ* com a primeira parte de *À margem da história*, constata-se que as informações sobre as temperaturas e a umidade do relatório fundamentaram *Um clima caluniado*, cujo argumento central rejeita a tese da condenação do desenvolvimento naquelas paragens vaporosas e ardentes, para, no lugar, sustentar a seleção dos mais aptos, conduzida pela própria natureza. No ensaio, os múltiplos entraves espalhados entre os rios e as florestas, dentre os quais o quadro nosológico – tributário das informações do médico Tomás Catunda, sem, todavia, lhe render citação –, teriam difamado o clima, como se ele fosse o causador de um desfalecimento moral, quando, na perspectiva de Euclides, a severidade do meio teria operado em direção contrária. Em vez de acolher homens cujas energias ali se esvaíam, a natureza os repelia e elegia aqueles mais aptos a driblar seus reveses.

³⁴⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 773.

No último capítulo do relatório, *Considerações gerais sobre os caracteres físicos da região e sobre os seus povoadores*, Euclides dedicou-se “à estrutura da terra, à flora que a reveste, à fauna que a povoa”³⁴¹, prevenindo que, em função da atividade principal de reconhecimento hidrográfico, teria despendido um tempo mais curto para a análise desses dados sobre a natureza. Feita essa ressalva, o texto assinala a averiguação das camadas do solo e a coleta de material rochoso, remetido ao Museu do Pará, com o intento de determinar sua datação e de obter lições de geologia. Posteriormente, o relatório se concentra na flora, novamente acautelando as restrições à observação de “tão amplo departamento das ciências naturais”. Segundo Euclides, a primeira impressão do conjunto era a da floresta amazônica como uma massa verde, em que mesmo a profusão de espécies não esmoreceria sua maçante homogeneidade. Em suas palavras:

Notamos para logo uma circunstância que a uniformidade estrutural da região em grande parte explica: a constância do aspecto geral da floresta, que até às cercanias de Cataí não varia, dilatando-se por todo o desenvolvimento do rio com inalterável monotonia; o mesmo tom verde-escuro das folhagens e os mesmos renques de árvores de troncos quase retilíneos e unidos, distendidos pelo alto das barracas³⁴².

Desse ponto em diante, a descrição migra de uma escala mais ampla, a do quadro geral da selva, para uma mais particular, mencionando o nome das espécies vistas. São imbaúbas, samaúmas, cumarus, perobas, maçarandubas, que, além dos usos corriqueiros na região, seriam passíveis de aproveitamento industrial, como na fabricação de papel, tecido e embarcações, consoante sublinhou Euclides. Em um trecho que alia as notas sobre a grande oferta de tipos vegetais e sua apropriação pelas gentes, registrou:

³⁴¹ Id. Ibid., p. 774.

³⁴² Id. Ibid., p. 775.

(...) Entre as palmeiras: a *paxiúba*, que desde a foz do Purus até às suas cabeceiras é a árvore mais empregada nas construções conhecidas daqueles lugares, onde as casas, barracões, ou *tambos*, desde a cobertura ao soalho e aos esteios são exclusivamente feitas de suas folhas e estípites; a *jaci* e o *uricuri*, empregados na defumação da borracha; o *jauari*, profusamente disseminado e distinguido por este fato aquela flora da do Baixo Amazonas, onde escasseia; a *jarina* e o *patauí*, também aplicados na cobertura das vivendas; o *murumuru*, de estípite e folhas espinhosas; o *buriti*, aparecendo em geral afastado dos rios às margens dos igarapés; os *açaís*, de troncos flexíveis e altos. São os mais comuns. Escusamo-nos de dar-lhes os nomes científicos por demais sabidos, assim como as variadas e complexas aplicações que fazem os habitantes, de suas fibras, folhas e frutos³⁴³.

Essas informações prestadas no relatório, como tenho procurado afirmar, configuram importantes pistas para o maquiinar dos ensaios amazônicos de Euclides. Do trecho sobre a perspectiva geral da selva ressoou, na primeira parte de *À margem da história*, a noção de monotonia, que desempenhou um papel relevante na apreensão euclidiana da natureza, conforme discutirei na próxima seção. Deste último extrato citado, os nomes das espécies vegetais, grafados obliquamente no relatório, foram empregados nos ensaios amazônicos, perdendo, inclusive, o grifo, o que talvez sinalize o forjar de uma familiaridade do autor com o meio.

O relatório não se completaria, porém, sem um apanhado das duas espécies, que, consoante Euclides, determinaram o desbravamento e o povoamento das terras amazônicas: a seringueira (*hevea brasiliensis*) e o caucho (*castilloa elastica*). Como esse capítulo do documento pretendia tracejar também um panorama das gentes ali assentadas, Euclides consignou, sucintamente, as distinções entre as duas árvores, que reverberariam em diferentes formas de extração e de relação do homem com o meio:

Sujeitos sempre aos dados das nossas próprias observações, indiquemos desde já, no último [o caucho], um caráter mais cosmopolita que o da primeira. De fato enquanto a *castilloa*, a partir dos vales do Madre-de-Dios e do Ucayali, se derrama para o norte transpondo o *divortium aquarum* do Amazonas para ir florescer quase até além do Ituxi e outros rios do Baixo Purus – a *hevea* parece ir apenas até Cataí. A natureza de ambas

³⁴³ Id. *Ibid.*, p. 776-777.

determinou a do povoamento. De fato é geralmente sabido que o caucho, depois dos golpes oblíquos com que o sangram, e dos talhos nas sapopembas, mui poucas vezes resiste. A árvore morre de incisão, onde se geram logo inúmeros carunchos que a atrofiam. Por isto o caucheiro não a conserva numa exploração permanente: derruba-a logo para aproveitar, por meio de incisões circulares, de meio em meio metro, todo o leite que ela possui. A seringueira, pelo contrário, resiste indefinidamente quase aos talhos metodicamente dispostos nas *arriações* conhecidas – embora a degenerescência da casca nos pontos feridos e, ao fim de alguns anos, o aspecto das frondes estioladas e pobres de folhas, denunciem o enfraquecimento geral da árvore. De qualquer modo, porém, resiste; e um trabalho inteligente atenua consideravelmente os males destas sangrias anuais. Por isso o seringueiro a conserva³⁴⁴.

Nessa passagem, condensa-se a premissa do ensaio *Os caucheiros de À margem da História*. Para Euclides, residiria na natureza, mais especificamente, na distribuição do caucho e da seringueira e nas singularidades da extração da borracha, a explicação para os variados modelos de povoar a Amazônia. Por isso, para discorrer sobre os modos de vida de caucheiros e seringueiros, fazia-se necessário aclarar o contraste entre as árvores. Abaixo, o eco do relatório no ensaio do livro publicado em 1909:

Esta missão histórica advém-lhes da fragilidade de uma árvore. O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária, porque a *castilloa elastica* que lhe fornece a borracha apetejada não permite, como as *heveas* brasileiras, uma exploração estável, pelo renovar periodicamente o suco vital que lhe retiram. É excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definha durante largo tempo, inútil. Assim o extrator derruba-a de uma vez para aproveitá-la toda. Atora-a, depois, de metro em metro, desde as sapopembas aos últimos galhos das frondes; e abrindo no chão, ao longo do madeiro derrubado, rasas cavidades retangulares correspondentes às secções dos toros, delas retira, ao fim de uma semana, as *planchas* valiosas, enquanto os restos aderidos à casca, nos rebordos dos cortes, ou esparsos a esmo pelo solo, constituem, reunidos, o “sernambi” de qualidade inferior³⁴⁵.

Entrelaçando o homem à natureza, Euclides concluiu, em Manaus, o relatório, fruto de suas “próprias observações”, como acentuou. Nestas últimas páginas desta seção, detive-me na descrição deste documento e no seu cotejo com os ensaios de *À margem da história*, porque acredito que esse relatório lance luzes para historicizar a composição dos textos amazônicos de Euclides. Sustento a tese de que seu olhar municiado e sua experiência empírica na selva proporcionaram a coleta de informações

³⁴⁴ Id. Ibid., p. 778-779.

³⁴⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 42.

e conformaram suas impressões sobre aqueles cantos ignotos do Brasil, ensejando a tessitura de suas hipóteses explicativas da natureza amazônica.

Mesmo o encaminhamento das questões nos ensaios amazônicos do livro de 1909 – de cuja organização Euclides participou ativamente, embora não tenha assistido à sua publicação – parece tributário do material produzido *in loco*. O relatório, em virtude de seu caráter de documento oficial da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, apresenta, inicialmente, as condições da viagem, para, em seguida, abordar as características do rio, o clima na região, os elementos da terra, com ênfase na flora e o desdobramento da vegetação na ocupação do território. De certa maneira, esse ritmo parece ter ditado a ordem de apresentação dos ensaios amazônicos: preliminarmente, as impressões gerais, um plano aberto sobre o Amazonas e a selva. Depois, o foco se volta para os rios, notadamente o Purus, porque os cursos d'água teriam preeminência no desenvolvimento das nações³⁴⁶; na continuidade, a mirada segue para o clima, a vegetação e, por último, para as gentes, seus modos de ocupar o espaço, seu trabalho e seu isolamento do restante do país.

Evidentemente, não pretendo sugerir amarras analíticas ou uma interpretação esquemática dos textos amazônicos, como meros decalques do material confeccionado *in situ*, inclusive porque, em cada ensaio, Euclides permitiu-se certa fluidez: para falar do clima, lembrou a vegetação e evocou as gentes; para falar das gentes, voltou ao rio e à flora. O que aponto é uma progressão dos temas no encadeamento dos ensaios, isto é, uma variação de escalas, em que a decifração da natureza – a feição de suas terras, a sinuosidade de seus rios, o calor de seus ares e a exuberância de suas matas – antecede a elucidação do homem.

³⁴⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 5.

Levado a termo, em 15 de dezembro de 1905, o relatório até aqui esmiuçado, encerraram-se, no dia seguinte, as atividades da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Euclides retornou, então, à capital, em janeiro de 1906, com a saúde fragilizada, porque contraíra malária durante sua jornada ao extremo norte.

No período em que esteve na Amazônia, de dezembro de 1904 a dezembro de 1905, Euclides empenhou-se em ver e compreender a natureza, para elucidar também suas gentes. Logo no princípio de sua empreitada, manifestou, em sua correspondência pessoal, uma impaciência em lançar-se no deserto, mergulhar no labirinto de igapós e varadouros e confrontar as imagens prefiguradas, fomentadas pelas leituras de viajantes, com o traçado real da selva. Nessas cartas, delineava a si mesmo como um bandeirante entediado com a monotonia de Manaus, apenas uma prévia da Amazônia. Era um peregrino à espera do encontro com a natureza, com os ermos selvagens.

Quando, finalmente, internou-se em um trecho da Amazônia, ao longo do Purus, teve a ocasião para angariar elementos sobre a natureza e sobre as populações. Nesse trajeto, persistiu a imagem da região como um deserto e, de volta a Manaus, Euclides contou a José Veríssimo a peleja que encetara contra aquele torrão inóspito:

Meu ilustre amigo, afasto por um momento a papelada que me esmaga, para escrever-lhe esta, num cantinho da minha mesa de trabalho. Mas ainda desta vez nada lhe poderei contar, senão que estou bom, embora pressinta que os longos dias de ansiedade, de misérias e triunfos passados nas cabeceiras do Purus me prejudicaram a vida. Misérias e triunfos... somente à viva voz lhe poderei contar como fundi aquelas coisas antinômicas, numa batalha obscura e trágica com o deserto³⁴⁷.

Em outro registro documental, Euclides reportou às autoridades, por meio do rascunho do relatório confidencial ao Barão do Rio Branco e do relatório final da comissão, os atropelos da viagem, as passagens obstruídas do rio, suas especificidades

³⁴⁷ “A José Veríssimo. Meu ilustre amigo. Manaus, 08 de novembro de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 290.

em função de um leito que ainda se acomodava na terra, as temperaturas e os aspectos mais destacáveis da flora. Havia, portanto, além do levantamento hidrográfico, um esforço de compilação para entender a natureza amazônica, em múltiplas frentes.

No retorno ao Rio de Janeiro, Euclides publicou, em janeiro de 1906, *Entre os seringais*, seu primeiro artigo sobre a Amazônia, após tê-la experienciado, na revista *Kosmos*, que, nesta edição, contava com textos de José Veríssimo e Olavo Bilac. Como esse artigo aborda, precipuamente, a exploração da borracha e o modo de trabalho no norte, irei discuti-lo no próximo capítulo da tese. Por ora, no que concerne ao escopo do presente capítulo de rastrear as apreensões euclidianas da natureza, vale lembrar as *Notas complementares ao Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, escritas enquanto Euclides esteve vinculado ao Itamaraty como cartógrafo e terminadas em 10 de março de 1906, com publicação no mesmo ano pela Imprensa Nacional³⁴⁸.

Esse adendo ao relatório de 1905 contém 76 páginas e consta de três partes: a primeira, *Apontamentos sobre a história da geografia do Purus*, subdivide-se em *Da foz às cabeceiras*, *Nas cabeceiras* e *Os varadouros*; a segunda, *Povoamento*, segmenta-se em *Da foz às cabeceiras* e *Nas cabeceiras*; e a última, *Navegabilidade do Purus*, em *Trechos que devem ser melhorados* e *Urgência da navegação regular até as cabeceiras*.

Consideradas por Euclides um “esboço em largos lineamentos, mas absolutamente fiel”, que poderia ser “avivado em vários pontos; em nenhum, corrigido”³⁴⁹, as *Notas complementares* se iniciam com a ratificação da alteridade geográfica – e histórica – do rio no qual havia se enredado: “a exemplo da grande

³⁴⁸ Este relatório foi publicado também em 12 de abril de 1913, na *Revista da Academia de Ciências Brasileiras*.

³⁴⁹ CUNHA, Euclides da. *Notas Complementares: Observações sobre História da Geografia do Purus. O Povoamento. Navegabilidade do Purus*. 1905. Original do Arquivo Histórico do Itamaraty. Pode ser consultado também em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 810.

maioria dos tributários da margem direita do Amazonas, o Purus parece inteiramente estranho à nossa história”³⁵⁰. Ao insistir na insipiência em que jazia esse rio, Euclides contestava as leituras de cronistas coloniais e de viajantes do século XIX sobre seu traçado e, em especial, sobre seu manancial. Enquanto o flerte com o maravilhoso dos primeiros produziu uma geografia mais mitológica do que real, os desvios dos últimos obstaram a precisão científica dos contornos do Purus. Somente a partir da década de 1860, as fantasias e os equívocos cartográficos foram corrigidos por um estrangeiro, responsável por retirar a sombra de desconhecimento que invisibilizava aquele curso d’água. Euclides referia-se a William Chandless, cujos estudos haviam-no acompanhado em sua missão amazônica.

Apesar das contribuições decisivas do inglês para uma carta mais acertada, havia ainda uma dúvida sobre a nascente do rio, porque Chandless não atingira os pontos mais extremos de sua cabeceira. Foi a comissão brasileira, chefiada por Euclides, que, em trilha distinta daquela de Chandless, subiu o Cavaljani, um dos galhos bifurcados do Purus, e desbravou um trecho inédito, obtendo “conclusões valiosíssimas”³⁵¹ a respeito da independência da bacia do Purus em relação ao Madre-de-Dios. Conforme comentei no primeiro capítulo da tese, Euclides empregou, nesse relatório adicional, o artifício de simular o viajante inglês no caminho que ele próprio havia cruzado, para anunciar o “fato geográfico, absolutamente sem par”³⁵². Consoante José Carlos Barreto, com essa estratégia, Euclides pretendia enfatizar o valor de sua realização e seus desdobramentos para os saberes sobre a Amazônia. Esse seria um indício de que ele almejava o

³⁵⁰ Id. *Ibid.*, p. 780.

³⁵¹ Id. *Ibid.*, p. 788.

³⁵² CUNHA, Euclides da. 1966. *Loc. cit.*

reconhecimento da comunidade científica, por ter revelado ao mundo culto uma descoberta de grande monta³⁵³.

As *Notas Complementares* cumpriam, assim, a função de selar a querela sobre a nascente do Purus e fornecer mais dados acerca da Amazônia. Nessas linhas redigidas no Rio, mas fruto de sua viagem de perquirição ao extremo norte do Brasil, Euclides advogava que se iluminava uma região esquecida do país e se atraía a “atenção dos poderes públicos para este assunto de relevância intuitiva”³⁵⁴. O rio outrora obliterado havia se mostrado navegável, domesticável e seu aproveitamento representaria um passo imprescindível para a integração do território nacional.

Tanto o *Relatório da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus*, quanto as *Notas complementares ao Relatório* indicam a vontade de Euclides de uma descrição da natureza que fosse cientificamente correta e precisa e que, embora concentrada no levantamento hidrográfico, não se furtasse a capturar a configuração da terra, do clima e da vegetação. A partir das informações coligidas em campo, Euclides ambicionava uma visão de conjunto da Amazônia, que julgava ser “o fecho de toda a História Natural”³⁵⁵. Pretendia um estudo que extrapolasse as simples monografias, para aclarar uma fatia do Brasil que vivia incógnita. No entanto, para Franklin de Oliveira e José Carlos Barreto, caberia relativizar a aspiração totalizante de Euclides, porque, apesar de ter pesquisado a navegabilidade do rio, as formações rochosas, as temperaturas e a flora, ele não haveria saído do curso do Purus³⁵⁶. Desta maneira, absorto pelo mesmo rio, incorreria em limitação similar àquela que imputava aos viajantes predecessores.

³⁵³ SANTANA, José Carlos Barreto. Op. cit., 2001, p. 172.

³⁵⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 810

³⁵⁵ CUNHA, Euclides da. “Prefácio de O inferno verde”. Op. cit., 1966, vol. II, p. 493.

³⁵⁶ OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: a Espada e a Letra*. São Paulo: Paz e Terra, 1983, p. 98; SANTANA, José Carlos Barreto. Op. cit., 2001, p. 178-179.

De todo modo, desempenhando sua profissão de engenheiro, Euclides teve a oportunidade de reunir dados que lhe seriam úteis como escritor e como intelectual que imputava a si mesmo a tarefa de desvendar seu país. Conforme sintetizou Willi Bolle, Euclides cumpriu dois objetivos conectados nessa viagem: realizou a missão diplomática e científica de reconhecimento do Alto Purus e inaugurou os preparativos para a escrita de um livro em desagravo à Amazônia³⁵⁷.

Um Paraíso Perdido, prenunciado a Coelho Neto, José Veríssimo e Artur Lemos, em Manaus, como sua segunda obra vingadora das solidões interiores do Brasil, jamais se concretizou. Autores como Franklin de Oliveira, José Carlos Barreto e Willi Bolle, para citar alguns, sustentaram que este projeto teria sido interrompido, em razão do assassinato de Euclides em agosto de 1909³⁵⁸. De acordo com eles, os ensaios amazônicos de *À margem da história* estariam para *Um paraíso perdido*, assim como *Diário de uma expedição* estaria para *Os sertões*. Em interpretação distinta, Francisco Foot Hardman alega que este propósito foi abandonado, ao menos momentaneamente, quando Euclides resolveu organizar *À margem da história*³⁵⁹. Não obstante a publicação póstuma desse livro, Euclides participou decisivamente de sua ordenação, selecionou apenas seus textos amazônicos posteriores à viagem – os anteriores, como já mencionado, foram publicados em *Contrastes e Confrontos*, em 1907 –, excluindo, porém, o artigo *Entre os seringais*. Se, quanto a *Um paraíso perdido*, o terreno parece movediço para afirmar seu bosquejo nos ensaios compilados em 1909 ou sua desistência, quanto *À margem da história*, há indicativos seguros de que sua urdidura deveu-se, substancialmente, à sua travessia, aos escritos *in loco*, como o relatório oficial

³⁵⁷ BOLLE, Willi. “O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides.” In: *Revista USP*, São Paulo, n.66, junho/agosto 2005, p. 144.

³⁵⁸ BOLLE, Willi. Op. cit., 2005; OLIVEIRA, Franklin de. Op. cit., 1983; SANTANA, José Carlos Barreto. Op. cit., 2001.

³⁵⁹ HARDMAN, Francisco Foot. *A Vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

e mesmo algumas de suas cartas. Como procurei discutir nesta seção, se puxarmos os fios da presença euclidiana, cosidos entre relatórios e correspondências, historicizamos a trama de *À margem da história*, sua vingança possível do deserto.

2.5 A natureza como capítulo primeiro: outras terras, outros quadros

A natureza nos escritos euclidianos aparece, constantemente, como porta de entrada para a compreensão da realidade local e dos dramas humanos. Os artigos *A nossa Vendaia*, *Conflito inevitável*, *Contrastes e confrontos*, *Contra os caucheiros e Entre o Madari e Javari*, o primeiro anterior à viagem à Bahia e os demais, à região amazônica, têm no meio, imaginado pelas leituras do autor, a chave explicativa para a conformação das gentes e de seus dilemas. Por isso, a frequência, nesses textos, da caracterização da natureza como um tabuleiro, um teatro ou palco, onde as peças ou atores se movimentavam.

Conforme aponte ao longo deste capítulo, com suas travessias aos ermos baianos e às selvas, Euclides teve a ocasião para exercer seu olhar municiado, desfazer ou confirmar suas expectativas e recolher flagrantes do quadro natural, os quais ressoaram na composição de *Os sertões* e de *À margem da história*.

Na caderneta de campo da Bahia, Euclides rascunhou a estruturação dos dados coligidos sobre a natureza, em um roteiro preliminar do que seria, futuramente, o índice de *A Terra*, em sua obra-mestra. A escolha desta como a parte inaugural de *O sertões* indica, mais uma vez, a proeminência do ambiente na concepção euclidiana. É, ainda, sintomático que antes de iniciar o texto, imediatamente após o sumário de *A Terra*, Euclides tenha optado por um mapa, para recepcionar o leitor. Nele, há um panorama do estado baiano e de suas divisas, hachurado segundo as eras geológicas, somado ao

elenco de autores responsáveis por sua composição, como Teodoro Sampaio, Spix, Martius, Hartt, Derby, Newied, dentre outros³⁶⁰, com quem dialogou no correr do livro. Logo, ilustrava suas palavras e cumpria a função de principiar o público que julgava leigo nas coisas do sertão, prepará-lo para compreender as engrenagens da gênese étnica do sertanejo e descortinar o anfiteatro da batalha de Canudos.

Quase um senso comum entre seus estudiosos, a divisão interna de *Os sertões* em *A Terra*, *O Homem* e *A Luta* derivaria da formulação de Hippolyte Taine, autor bastante difundido entre intelectuais brasileiros do século XIX, seduzidos pela voga cientificista, de acordo com Luciana Murari e Lilia Schwarcz³⁶¹.

O método crítico de Taine, tributário das ciências naturais, consistia em agregar amostras das espécies a serem analisadas, segundo suas qualidades determinantes. Esse pressuposto de reunião de faculdades fundamentais, originariamente da botânica, se espraiava das plantas para os animais, os homens e os fatos sociais, em virtude do princípio da unidade dos fenômenos. Por conseguinte, tal como os vegetais, os indivíduos apresentariam propriedades definidoras de sua identidade, determinada, entre estes últimos, pela raça. Essas disposições naturais, com desdobramento no aspecto físico e na estrutura moral dos sujeitos, continham alguma margem para modificação pelo condicionamento histórico ou pelo ambiente. Por isso, os ditames analíticos de Taine seriam a raça, o momento e o meio.

Luciana Murari avalia que a apropriação de Taine pelos intelectuais brasileiros incumbidos de pensar a nação no século XIX se devia à operacionalização desses três fatores: a raça ensejaria o debate acerca da composição étnica e o lugar de negros, índios e brancos nesse caldeamento; o momento evocaria a história nacional, suas

³⁶⁰ Estão listados os autores do mapa, nesta ordem: Teodoro Sampaio, Spix e Martius, Hartt, Derby, Gardner, Burton, Halfeld, Rathbun, Allen, Ayres de Casal, Príncipe Newied, Wells, Bulhoes, Bailys, Lopes Mendes.

³⁶¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2011, p. 63; MURARI, Luciana. Op. cit., 2007, p. 37-38.

balizas, glórias, tensões, conflitos e obstáculos à unidade; e o meio lançaria luzes para o exame do território, suas feições e singularidades, elementos constituintes da base física da nacionalidade. A partir desses três eixos, seriam deduzidas regularidades não apenas para a produção de um conhecimento científico sobre a nação, mas também para o controle e o planejamento social. A ciência desempenharia, portanto, simultaneamente, um papel explicativo e interventor³⁶².

Euclides tomou emprestada de Taine a segmentação em raça, momento e meio, subvertendo, porém, a sequência de apresentação desses ditames analíticos. Na primeira parte de *Os sertões*, *A Terra*, dedicou-se à formação geológica, ao clima e à flora, primordiais para a convergência da seca endêmica naquelas paragens. Da configuração desértica, o autor passou, em *O Homem*, às origens do sertanejo e de sua miscigenação, para avaliar-lhe o comportamento e a gênese de líderes como Antônio Conselheiro. Por fim, em *A Luta*, cuidou do momento, da impiedosa batalha travada, responsável por dizimar parcela significativa da população baiana, ocasião em que se teriam combinado fatores naturais, étnicos e históricos³⁶³.

Segundo Luiz Costa Lima, para a ordenação diversa desses fatores em *Os sertões* pode ter contribuído a obra de Alexander von Humboldt. Em *Quadros da Natureza*, Humboldt propusera uma visão panorâmica do todo da natureza e uma inter-relação das forças do meio e do homem. A fim de atingir a completude desse saber, não bastava o mero testemunho do observador, porque se impunha um exame acurado e baseado em medição. Ao naturalista caberia, portanto, olhar, mensurar e aferir,

³⁶² MURARI, Luciana. Op. cit., 2007, p. 38.

³⁶³ Leopoldo Bernucci sugere, ainda, a influência de Victor Hugo, para a divisão de *Os sertões*. Inspiração para o artigo *A nossa Vendeia* de Euclides, o escritor francês, em *Quatrevingt-treize*, dividira o primeiro livro da terceira parte, nomeado *En Vendée*, dentre outros subtítulos, em: *Les forêts*, *Les Hommes* et *Leur vie en guerre*. Cf.: BERNUCCI, Leopoldo. Op. cit., 1995, p. 28.

exaustivamente, a flora, a fauna, o solo e o clima das terras desconhecidas³⁶⁴. Em outra obra, intitulada *Kosmos*, Humboldt precisara o significado dessa totalização e de uma ciência descritiva do cosmos: a ciência deveria ser orientada para descobrir leis, o princípio de unidade que se revelava na vida universal da natureza³⁶⁵.

O modelo humboldtiano de observação detalhada, de esquadramento do entorno teria repercutido em Euclides, consoante Costa Lima. Ademais, para Euclides, a ciência almejava apreender as leis que governavam as totalidades, as quais se encaixariam umas nas outras, como em um quebra-cabeça, forjando totalidades maiores. A natureza, contemplada e medida, seria essa totalidade primeira, a que se ajustariam as demais, como a raça e o momento. Por essa razão, Costa Lima argumenta a plausibilidade de supor um eco da perspectiva humboldtiana na inversão dos fatores de Taine e no privilégio concedido à terra na estrutura de *Os sertões*.

Acredito na importância de Humboldt para a escrita de *Os sertões*, em consonância com a hipótese de Costa Lima, mas também, de modo mais amplo, da história natural para a inteireza da obra euclidiana. Como discuti na primeira parte do capítulo anterior desta tese, o momento naturalista das ciências do homem ambicionava provar que ele e o teatro de suas ações seriam indissociáveis. Nesse processo de busca de um conhecimento totalizante da ordem do humano, a descoberta do meio e a mundanização do homem implicavam questionar de onde ele vinha, o que a natureza fazia dele e como ela articulava os motores de seu destino. Nesse sentido, considero que as pistas lançadas no primeiro capítulo acerca dos esforços de deciframento da interação do homem com a natureza ajudam a entender o universo de referências de Euclides e algumas fontes para o enquadramento de seu olhar e a confecção de suas obras.

³⁶⁴ LIMA, Luiz Costa. Op. cit., 1997, p. 99-101.

³⁶⁵ Id. Ibid., p. 219-231.

Sustento que a natureza, como riscado inicial, encontra ressonância também na composição dos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Por intermédio da descrição do terreno, das ondulações do rio e da profusão das matas, se opera o primeiro contato do leitor com a Amazônia. As informações colhidas em sua viagem embasaram essa apresentação da terra, dos cursos d'água, do clima, da vegetação, para, só em seguida, tratar da presença humana. Portanto, à medida que avança a leitura da primeira parte do livro de 1909, sente-se uma progressão em que os meandros da natureza conduzem às gentes.

Assim, a natureza observada, classificada e catalogada em campo tornava-se objeto narrável e cena introdutória em *Os sertões* e nos ensaios amazônicos de *À margem da história*, seguindo as trilhas da tradição de conhecimento naturalista. Desenvolvido em meados do século XVIII, o sistema proposto por Karl von Linné radicalizou a produção de saber, ao planejar a coleta de espécies, sua identificação e a construção de coleções, a fim de classificar e organizar a natureza. A partir de Linné e, mais tarde, com a concorrência do esquema classificatório totalizador de Buffon, a história natural se converteu na descrição do visível. O olhar do cientista passou, dessa maneira, a atuar como um princípio ordenador do caos, como ponderou Mary Louise Pratt. Ao nomear e sistematizar, o cientista dava origem à realidade da ordem e retirava o mundo natural de seu tumulto originário. Uma vez domável em decorrência do escrutínio da ciência, a natureza poderia constituir uma sequência de eventos, ou mesmo estruturar um enredo, transformando-se em base narrativa do relato sobre uma região³⁶⁶.

Euclides entrara em contato com a história natural e suas lições, em virtude de disciplinas cursadas na escola militar e de suas leituras de relatos de viagem. Durante suas viagens à Bahia e à Amazônia, praticou esse olhar mensurador, ao recolher

³⁶⁶ PRATT, Mary Louise. Op. cit., 1999, p. 41-75.

amostras de areia e material rochoso, desenhar inclinações da superfície e a curvatura dos rios, medir os índices térmicos e pluviométricos, detalhar os formatos das espécies vegetais, empregando, inclusive, nomenclaturas científicas. Sua missão seria a de traduzir esses dados e compor uma ordem, para, em *Os sertões* e nos ensaios de *À margem da história*, historiar a natureza, fragmentada em “miniaturas do caos incompreensíveis e tumultuárias”³⁶⁷.

Na passagem das informações angariadas *in loco* para os textos finais dessas obras euclidianas, a taxonomia e a pretensão de uma exatidão descritiva se aliavam, embora hierarquicamente, a uma estetização da natureza. A conciliação do discurso científico com algum tratamento estético sugere outra confluência de Euclides com a tradição naturalista de Humboldt³⁶⁸, a qual haveria repercutido, ainda, em Martius e Spix. Além de pousar o olhar minucioso sobre a natureza e transcrevê-la com fidelidade, esses viajantes ansiavam por transmitir suas percepções e por verter no papel os sentimentos do homem tocado pelo meio. Karen Macknow Lisboa nota que, se, por um lado, os pressupostos de Linéé forneciam um ponto de partida para decifrar, inequivocamente, o mundo natural – esse todo identificável e classificável –, por outro, os estados de ânimo completariam o quadro dos fenômenos observados³⁶⁹. Destarte, inspirado por essa matriz de Humboldt, cuja “expressão sempre elegante”³⁷⁰ elogiava, Euclides almejava um retrato grandioso da natureza. Contudo, Costa Lima pontua que, em vez de harmonizar a dimensão estética e o discurso científico em momentos textuais

³⁶⁷ “A Artur Lemos. Manaus, 1905 (sem indicação de dia e mês)”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 268.

³⁶⁸ Sobre a estetização da natureza em Humboldt, ver também: PRATT, Mary Louise. Op. cit., 1999, p. 213.

³⁶⁹ LISBOA, Karen Macknow. Op. cit., 1995.

³⁷⁰ CUNHA, Euclides da. “A nossa Vendaia (I)”. In. Op. cit. 2000, p. 45.

distintos, como procurava Humboldt, Euclides subordinaria o primeiro ao segundo, no corpo do mesmo texto, limitando a camada poética à função de ornamento³⁷¹.

Em uma pista do tratamento estetizante da natureza, o narrador de *Os sertões* relata, sob um ângulo panorâmico, os lances da viagem, desde o litoral em direção ao sertão e, depois, já na Bahia, a partir de um “golpe de vista do alto de Monte Santo”, título, aliás, de uma seção do segundo capítulo de *A Terra*. A escolha dessa perspectiva remontaria, novamente, a Humboldt, pois, segundo Willi Bolle, pertenceria à tradição dos quadros da natureza humboldtiana situar o observador em um ponto topográfico onde a mirada abarcaria a amplitude da paisagem³⁷². Tal como o “jogo de câmera” do naturalista, que alternava posição e foco, o narrador de *Os sertões* lança o olhar para um horizonte mais largo, abrindo seu campo visual, para, em seguida, contrai-lo e deter-se nas minudências dos arredores de Canudos³⁷³.

Assim, a captura estética da natureza, que espanta, aterroriza e enleva, pode ser apreendida na obra-mestra de Euclides, já no encontro inicial do observador com a paisagem. No parágrafo imediatamente anterior à seção *A entrada do sertão*, no primeiro capítulo de *A Terra*, o narrador conta o pasmo do viandante com o contraste visual do entorno, impelindo-o a “estacar surpreendido”³⁷⁴. O acabamento estético, no entanto, se sujeita logo ao anseio de retidão científica: pouco após a expressão de atordoamento, retoma-se a frieza dos dados, com a latitude e a longitude das cercanias do arraial.

³⁷¹ LIMA, Luiz Costa. Op. cit., 1997, p. 136-151.

³⁷² BOLLE, Willi. Op. cit., 2005, p. 145. A respeito dessa mudança de foco em Humboldt, ver também: PRATT, Mary Louise. Op. cit., 1999, p. 216.

³⁷³ Leopoldo Bernucci, no prefácio da edição crítica de *Os sertões*, comenta o efeito ótico de zoom e close-up de Euclides. Cf.: BERNUCCI, Leopoldo. “Prefácio”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 17.

³⁷⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 79.

À proporção que adentra nos cantos ressequidos, o narrador-viandante percebe o estranhamento que lhe desperta a natureza dos sertões, com suas formas excepcionais e improváveis. A terra, diferente de tudo que vira, revela a quem se disponha a cruzá-la “transições imprevistas”³⁷⁵ e, recorrentemente, descortina “uma paragem impressionadora”³⁷⁶.

Se cada dobra do sertão parece espreitar o viandante com o inusitado e o espanto, também o aguarda com monotonia e melancolia. Ladeando paragens portentosas, havia o “quadro tristonho de um horizonte monótono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo queimado das caatingas”³⁷⁷. Mesmo mais adiante no livro, em *A luta*, no capítulo destinado à expedição de Moreira César, o narrador retraça o caminho monocórdio dos soldados rumo a Canudos, na seção *Em marcha para o Angico*: “por toda a parte, o mesmo tom nas paisagens a um tempo impressionadoras e monótonas: a natureza imóvel, caída num grande espasmo, sem uma flor sobre as ramagens nuas, sem um bater de asas nos ares quietos e serenos”³⁷⁸.

A tristeza entranhada nessas linhas devia-se, em grande medida, à seca e ao sol causticante que empalideciam o verde das folhas, roubavam-lhes a seiva e rachavam o solo. As espécies vegetais observadas e rascunhadas na caderneta de campo migraram para as páginas de *Os sertões*, com seus nomes populares e científicos, com as explicações para as formas das folhas, frutos e troncos, ganhando o desalento e o marasmo como adornos literários. Nesse elencar de plantas, o narrador preocupa-se em pormenorizar suas feições e necessidades, e, simultaneamente, garantir uma impressão

³⁷⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 81.

³⁷⁶ Id. Ibid., p. 87.

³⁷⁷ Id. Ibid., p. 84.

³⁷⁸ Id. Ibid., p. 451.

do todo: na estiagem, uma flora moribunda; nos períodos chuvosos, a natureza despontava majestosa, deleitando os transeuntes.

Os mandacarus “despidos e tristes, como espectros de árvores”³⁷⁹, “a flora agonizante”³⁸⁰, que impertinente, resistia e a terra chatamente alaranjada antecipavam a caracterização do homem e da luta ali entabulada: os sertanejos seriam mais tarde definidos no livro por sua pele ocre, suas feições desgraciosas e magras, seus rostos sulcados, por sua vestimenta do mesmo couro pardo. A guerra, tal qual o cenário onde se sucedia, seria igualmente descrita como campanha de uma monotonia dolorosa e tristonha.

A ênfase na terra desolada, pauperizada pelo estio, aproxima, mais uma vez, Euclides da tradição de viajantes do século XIX. O próprio narrador admite que, antes dele, Saint-Hilaire acertara na imagem acabrunhada dos sertões³⁸¹. Para Gínia Gomes, o autor comungaria com outros viajantes, como Martius, Spix e Neuwied, a percepção da uniformidade e do enfado do deserto sertanejo³⁸².

Nesse sentido, embora fisicamente diversa, a natureza dos sertões, árida e de vegetação escassa, guarda similitude com a apreensão euclidiana da natureza amazônica, aquosa e de matas abundantes. Desde o transcorrer das viagens à Bahia e ao extremo norte, Euclides imprimira em seus registros *in situ* a novidade, a perplexidade, convivendo com a homogeneidade e melancolia das duas paragens.

Em ocasiões anteriores, comentei que o espanto de Euclides, ao deparar-se com o rio Amazonas pela primeira vez, adveio da decepção, do horizonte extenuante e da calmaria irritante das águas. Ele repetiu os contornos apáticos da Amazônia em cartas aos amigos, mesmo na linguagem mais técnica do relatório da comissão de

³⁷⁹ Id. *Ibid.*, p. 85.

³⁸⁰ Id. *Ibid.*, p. 116.

³⁸¹ Id. *Ibid.*, p. 125.

³⁸² GOMES, Gínia Maria. *Op. cit.*, 2003, p. 145-146.

reconhecimento do Alto Purus, no discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, proferido após seu retorno, e nos ensaios de *À margem da história*. Essa soava, portanto, uma chave profícua para sua tradução da natureza. Em *Impressões gerais*, o ensaio de abertura do livro de 1909, gravou o fastio provocado pela ausência de relevos agudos e de elementos que entretivessem o olhar:

como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inatural e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares³⁸³.

Ao revés da beleza imaginada em virtude das leituras de viajantes e cronistas, toda aquela massa de insipidez provocava náusea. Antitética, porém, a natureza passava das planuras fatigantes à “inconstância tumultuária do rio”³⁸⁴ e à opulência da floresta que assombrava pelo desarranjo. Ou seja, não obstante a “imensidade deprimida”, as “paisagens de uma só cor, de uma só altura e de um só modelo” e a “sucessão das aparências exteriores, uniformes”³⁸⁵, à medida que se embrenhava nos segredos da selva, o viandante “atravessa os grupos agitados e as surpresas não cessam”³⁸⁶, topa com o imprevisto, “surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o”³⁸⁷.

De maneira similar ao procedimento narrativo de *Os sertões*, nos ensaios amazônicos, o narrador-viandante, como um fotógrafo a trocar de lentes, alarga e comprime seu campo visual, avalia de cima e depois se acerca, a fim de reter tanto a visão panorâmica da Amazônia, quanto as miudezas dos igapós e varadouros. É possível traçar um paralelo entre a seção *Primeiras impressões* do primeiro capítulo de

³⁸³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 2.

³⁸⁴ Id. Ibid., p. 9.

³⁸⁵ Id. Ibid., p. 29.

³⁸⁶ Id. Ibid., p. 46.

³⁸⁷ Id. Ibid., p. 19.

A Terra com o ensaio *Impressões gerais de À margem da história*³⁸⁸, porque ambos reportam o arrebatamento primevo diante do quadro mais geral, para, depois, seguir no processo de imersão, em que a natureza se alteia e se abaixa, mostra-se cansativa e maravilhosa, fazendo, continuamente, o observador estacar e voltar a caminhar.

Como formulou Costa Lima a respeito de *Os sertões*, talvez a inquietação de Euclides fosse: “há uma ciência capaz de dizer de tão estranha terra, sujeita a tamanhas oscilações?”³⁸⁹. Parece que a ondulante apreensão da natureza, ora vultosa, ora desenxabida, derivava, sobretudo, da tentativa de mobilizar diferentes estratégias para dar conta desses espaços extraordinários, que se achavam desconhecidos pela intelectualidade brasileira. Recordando a discussão do capítulo precedente, um dos artifícios de afirmação de autoridade do narrador euclidiano consistia em sublinhar que poucos viajantes teriam se arriscado nessas porções do Brasil e os raros a se aventurar não teriam ultrapassado suas bordas. Essa retórica se articula ao *topos* da terra ignota, irmanando, mais uma vez, a natureza sertaneja à amazônica.

De tão inexplorados, os sertões baianos configuravam um vácuo nos mapas, um abismo no território. Na seção *Terra ignota*, do primeiro capítulo de *A Terra*, logo quando o narrador ajusta seu foco às profundezas áridas, ele afirma: “As nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, lá têm um claro expressivo, um hiato, *terra ignota*”³⁹⁰. Ausentes da cartografia, aquelas bandas haviam sido desprezadas pelo litoral e pelas vagas humanas: “Nenhuma lá se fixou. Não se podia fixar. O estranho

³⁸⁸ Para Willi Bolle, haveria, ainda, outro paralelo entre *A Terra*, em *Os sertões*, e a descrição da natureza nos ensaios amazônicos de *À margem da História*. Ao recepcionar o leitor, o narrador da primeira obra optara por uma “apresentação não-linear, mas espacial-territorial”, com tempos de longa duração. A abertura dos ensaios amazônicos seguiu por trilhas similares, em razão do afastamento da narrativa linear e da adoção de uma narrativa “fluvial”, tão divagante quanto o rio. A exceção seria o último ensaio da primeira parte de *À margem da história*, *A transacreatana*, em que o problema seria conduzido de modo sequencial. Cf.: BOLLE, Wille. Op. cit., 2005, p. 148-149.

³⁸⁹ LIMA, Luiz Costa. Op. cit., 1997, p. 153.

³⁹⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 80.

território, a menos de quarenta léguas da antiga metrópole, destinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos da nossa história”³⁹¹.

Os sertões existiam à revelia dos mapas, dos ímpetus civilizatórios e das ciências. Arredios mesmo às proposições de Hegel. Se, na caderneta de campo, no sumário nomeado *A natureza*, Euclides anotara “região infecunda de estepe (1º categoria de Hegel)”, na obra de 1902, esse tópico transformou-se na primeira seção do quinto capítulo de *A Terra: Uma categoria geográfica que Hegel não citou*. Isso porque, à primeira vista, os sertões se equiparariam às estepes no estio, mas, nas estações chuvosas, floresciam esplendorosos. “Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes”³⁹², aquelas terras variavam entre o inferno e o paraíso, o deserto e a fertilidade, fugindo das determinações científicas já existentes.

Ruptura com qualquer familiaridade, os sertões seriam, portanto, a alteridade geográfica, os “recessos do país”³⁹³, onde a nação não lograra chegar. Quando o narrador, mais adiante, em *A nova fase da luta*, na última parte do livro, relata a entrada das tropas do exército naquele rincão perdido, salta a dimensão da terra como um outro. Não gratuitamente, a seção intitula-se *Fora da pátria*.

Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta *transição violenta*. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba a unidade nacional. *Viam-se em terra estranha*. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca. *Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil*. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria. (...) O que ia fazer-se era o que haviam feito as tropas anteriores — uma invasão — *em território estrangeiro. Tudo aquilo era uma ficção geográfica*³⁹⁴ (grifos meus).

³⁹¹ Id. Ibid., p. 81.

³⁹² Id. Ibid., p. 134.

³⁹³ Id. Ibid., p. 159.

³⁹⁴ Id. Ibid., p. 677-678.

Euclides compartilhava o juízo das forças republicanas de estar em terras alheias, estrangeiras, experimentando, por conseguinte, a posição de um forasteiro. Como a “sensação de não estar de todo” de que fala Flora Sussekind³⁹⁵, agravada por ser um brasileiro a vivenciar a estranheza das vicissitudes da nação, de estar sem pátria, dentro da pátria. Se, consoante avaliou Luciana Murari, operar com o ditame analítico do meio, oriundo de Taine, permitia volver luzes para perscrutar territorialmente a base física da nacionalidade, o diagnóstico euclidiano do escrutínio da natureza era o de um abismo no território a fraturar o espaço nacional³⁹⁶. Dito de outra forma, os sertões baianos evidenciavam as fronteiras e limites internos para a experiência da nacionalidade. Provas da descontinuidade e de lapsos na unidade nacional, aquelas paragens desdobravam-se na cisão em dois Brasis: um, moderno, encaixado na rota da civilização, o outro, perdido, entregue à selvageria.

Porquanto aquelas faixas estivessem entregues ao abandono e à indiferença pelas engrenagens do progresso, pelas ciências e elites intelectuais, Euclides detectava a necessidade de se arrebatá-las, minando o estranhamento que suscitavam, para, então, integrá-las, como espaço nacional.

Ora, os ensaios amazônicos do livro publicado em 1909 devem-se à viagem de Euclides, cuja finalidade oficial era justamente demarcar fronteiras e elaborar um levantamento cartográfico do Purus, rio que atravessa o Brasil e o Peru. Como chefe da comissão de reconhecimento, ele se incumbiu de solver a inexatidão de um trecho do mapa ao extremo norte do país, desvendando o mistério sobre a independência das bacias do Madre-de-Dios, Ucayali e Purus. A campanha da qual participara visava, de certa maneira, a suprir a ausência de saberes sobre a região, queixa que atravessava seus

³⁹⁵ SUSSEKIND, Flora. Op. cit., 1999.

³⁹⁶ MURARI, Luciana. Op. cit., 2007, p. 90-97.

artigos sobre a Amazônia em *O Estado de S. Paulo* e *O País*, anteriores à sua empreitada.

No ensaio *Impressões gerais*, o narrador engastou a Amazônia à imagem de terra incógnita, ao declarar: “é de toda a América a paragem mais perlustrada pelos sábios e é a menos conhecida”³⁹⁷. Como apontei em outras circunstâncias, Euclides sustentava que os viandantes que por ali passaram, todos de outras línguas e sotaques, ou não teriam deixado a calha do rio, ou teriam se limitado a estudos monográficos, insuficientes para a totalidade por ele pretendida. Mesmo atraindo viajantes, movidos, em especial, pelo interesse econômico que as riquezas naturais suscitavam, a região permanecia oculta e careceria de um esquadramento que a aproximasse do restante do país.

O desconhecimento se agravava, porque a natureza despontava antitética, “é portentosa, mas incompleta”, “tem tudo e falta-lhe tudo”³⁹⁸. A vezes ao que figurava nos anais das ciências e da história, aquelas terras eram, como os sertões da Bahia, uma alteridade geográfica. Enquanto em outras partes do mundo, haveria um “encadeamento lógico” das “energias naturais”, constantes das páginas de Heródoto às de Gaston Maspero, de sorte a se contemplar “a gênese de uma civilização de par com a de um delta”³⁹⁹, na Amazônia processava-se o inverso, pois seu principal rio carregava consigo o destino de degradação e desembocava, irremediavelmente, na barbárie. Se os sertões baianos escapariam às definições de Hegel, as selvas amazônicas se insurgiriam até contra as lições do pai da história.

³⁹⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 5.

³⁹⁸ Id. Ibid., p. 3.

³⁹⁹ Id. Ibid., p. 5.

Neste ponto, o narrador de *Impressões gerais* menciona as “terras decaídas”, citadas em *A geologia do Pará*, de Frederick Hartt⁴⁰⁰. Descrito inicialmente no relatório da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, sem a menção a Hartt e sem essa denominação, esse fenômeno, uma espécie de decadência espontânea, implicava o desabamento de árvores e bancos de argila no leito do rio e a diluição das terras do continente nas águas do Amazonas, sem que fosse possível restituí-las ao território nacional. Tratava-se de um curso d’água que canibalizava a terra, um elemento natural que devorava o espaço nacional. Este fluxo hidrográfico que lava e leva a terra para fora da pátria ilustrava o modo como os rios amazônicos refletiam a história daqueles cantos, pois “tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta”⁴⁰¹. Assim, o Amazonas despedaçava e dissipava o Brasil: “rio que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, o menos brasileiros dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite, à faina de solapar a própria terra”⁴⁰².

O escoamento detalhado encenava, física e simbolicamente, uma fuga da terra, que resultava no desamparo do homem. Quando essas bandas amazônicas se evadiam, era a nação mesma que se retraía:

o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando em terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: *a terra sem a pátria*. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem⁴⁰³ (grifos meus).

A Amazônia, ficção física, não passava de uma imaginação da extensão nacional. O argumento de sua alteridade geográfica e de seu olvido continua no

⁴⁰⁰ HARTT, Frederick. “A Geologia do Pará”. In: *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Belém, n.1, 1894, p. 257-273. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1071>

⁴⁰¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 9.

⁴⁰² Id. Ibid., p. 6.

⁴⁰³ Id. Ibid., p. 7.

encadeamento dos ensaios de *À margem da história*, uma vez que, na sequência do ensaio acima referido, situa-se *Rios em abandono*, dedicado a denunciar a solidão do Purus. “Uma das maiores dádivas entre tantas que nos esmaga uma natureza escandalosamente perdulária”⁴⁰⁴, seu curso d’água, no entanto, carregava obstáculos à navegação e ao seu aproveitamento, em função das massas argilosas e dos galhos que nele tombavam – a propósito, um dos tópicos mais frequentes em seu relatório sobre a comissão. Urgia romper o ciclo de desamparo do Purus, um rio “enjeitado”, e “incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores”⁴⁰⁵.

Em *Um clima caluniado*, o meio também emerge tão outro, que ao narrador parecia haver “alguma coisa de extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza”⁴⁰⁶. Ela teria se prolongado, indefinidamente, impenetrável e ignota, “se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas”⁴⁰⁷. O narrador valia-se, aqui, de idêntico pressuposto do relatório da comissão, segundo o qual a especificidade do caucho impulsionava uma extração momentânea, que não deitava raízes. No ensaio, alertava, portanto, que, desentranhada e lembrada apenas para ter suas riquezas sugadas, a região voltava ao descaso, uma vez exaurida sua seiva.

Por fim, nos ensaios *Os caucheiros* e *Judas-Asvero*, o narrador designa a Amazônia como “sertões remotíssimos”⁴⁰⁸ e “sertões profundos”⁴⁰⁹, atando os sentidos de alteridade geográfica, afastamento espacial e fronteira interna da nação. O fato de aglutinar terrenos ressequidos e farpados a outros abundantemente aquosos denota que

⁴⁰⁴ Id. Ibid., p. 26.

⁴⁰⁵ Id. Ibid., p. 28.

⁴⁰⁶ Id. Ibid., p. 29.

⁴⁰⁷ CUNHA, Euclides. 1999, Loc. cit.

⁴⁰⁸ Id. Ibid., p. 42.

⁴⁰⁹ Id. Ibid., p. 53.

não eram, exata ou exclusivamente, as temperaturas, o relevo, a hidrografia ou a vegetação os elementos a condicionar seu pertencimento aos sertões, mas sim a apreensão de uma natureza *outra*, selvagem e antitética. Tampouco havia uma rígida delimitação espacial, a precisar o que no Brasil eram os sertões e seu contrário. Menos do que um perímetro severamente desenhado, importava um recorte, em que os sertões figuravam como periferia, bordas do progresso, ou, como os ignotos Brasis, estranhos, enfeitados e arredios.

Naquelas terras onde a nação não alcançara, a natureza espalhava seus empecilhos. O narrador de *Os sertões* dizia: “acreditava-se que a região incipiente ainda está preparando-se para a vida”⁴¹⁰; em *Impressões gerais*, em *À margem da história*, a formulação se repetia: “[o homem] chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o mais luxuoso salão”⁴¹¹. Surpreendida, invadida antes do tempo, a natureza revidava, lançado desafios àqueles que aspirassem apreendê-la e àqueles que ousassem se firmar.

A tópica da dificuldade de observação, presente desde o campo, tanto nas correspondências a *O Estado de S. Paulo*, quanto na caderneta de Euclides, foi retomada em *Os sertões*. Na seção *As caatingas*, do quarto capítulo de *A Terra*, o cenário afugentava quem pretendesse escrutiná-lo, como se lê abaixo:

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...⁴¹²

⁴¹⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 94.

⁴¹¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 2.

⁴¹² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 116.

Mais à frente, no terceiro capítulo de *O Homem*, uma metáfora sobre o embaraço de olhar as paragens sertanejas está, não gratuitamente, em *Insulamento no deserto*:

Uma moléstia extravagante completa a sua desdita — a hemeralopia. Esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reações da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua. É uma plethora do olhar. Mas o Sol se esconde no poente a vítima nada mais vê. Está cega. A noite afoga-se de súbito, antes de envolver a Terra. E na manhã seguinte a vista extinta lhe revive, acendendo-se no primeiro lampejo do levante, para se apagar, de novo, à tarde, com intermitência dolorosa⁴¹³.

Apenas quem se insula no deserto embriaga-se com a luz do sertão. O embaralhamento da vista, entretanto, não era perene e o observador, depois de ofuscado, reabilitava-se. Este recado de Euclides sugeria sua própria superação: por ter estado lá e experienciar, a perseverança lhe recompensava com a iluminação da verdade.

Para Costa Lima, a flutuação de imagens fascinantes e assustadoras e a insistência às ilusões ópticas poderiam ameaçar, na narrativa, “o olho ciclópico que procura conhecer e explicar tudo o que se vê”⁴¹⁴. De acordo com Fernando Nicolazzi, essa estratégia peculiar aplicada em *Os sertões* acenava para o objetivo do autor de incrustar sua obra no cenário letrado nacional, salientando a competência do observador e valorizando o percurso que desembocara em sua escrita⁴¹⁵.

A ênfase em quão laborioso era historiar aqueles cantos poderia, ainda, estabelecer uma característica comum a Euclides e seus contemporâneos. Rodrigo Turin sustentou que, ao lado da sinceridade e da cientificidade, a dificuldade consubstanciava um *topos* caro à operação historiográfica oitocentista. Privativa para as mãos e penas mais capacitadas, a escrita da história da nação impingia sacrifícios e um devotamento absoluto à verdade, de modo a canalizar forças hercúleas no trabalho de coleta, crítica e exposição das fontes. Dar a conhecer a trajetória de um objeto de estudo garantiria ao

⁴¹³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 235-236.

⁴¹⁴ LIMA, Luiz Costa. Op. cit., 1997, p. 152.

⁴¹⁵ NICOLAZZI, Fernando Felizardo. Op. cit., 2009, p. 72-73.

leitor a reconstrução dos difíceis passos da pesquisa, de sorte a engrandecer o produto final e alijar quaisquer rumores sobre sua utilidade para gerações vindouras. Como destacou Turin, esse *topos* perpassou a tradição histórica imperial, com autores como Varnhagen e von Martius, e se fundiu à remodelação historiográfica no alvorecer da República, aderindo à retórica de figuras como Silvio Romero⁴¹⁶.

A resistência ao exame da natureza amazônica – como o clima vaporoso que deixara Euclides em febre, conforme contou em cartas aos amigos, ou como o atravancamento do rio e o naufrágio, reportados no relatório da comissão – se espalhou em alguns ensaios da primeira parte de *À margem da história*, para reforçar a impenetrabilidade da selva e sua alteridade geográfica. Em *Impressões gerais*, a imponência da floresta conduzia a hipérboles, ao delírio⁴¹⁷. Em *Rios em abandono*, a natureza evocava a definição de Milton, como escrevera a Artur Lemos, escondendo-se a si mesma. Uma travessia árdua, tão tumultuada quanto as feições do rio, aliava-se ao meio que não se deixava apreender: “A altura em que se vê não lhe basta a despertar os horizontes, ou a atalaiar as distâncias. É inapreciável. Não há abrangê-la com a escala mais favorável dos mapas”⁴¹⁸.

Ademais de uma tópica em consonância com a historiografia brasileira oitocentista, a obstinação em frisar a dificuldade promove mais um contato da obra euclidiana com a tradição de relatos de viagens. Não adstrita aos naturalistas, a alusão aos empecilhos permearia as narrativas de viagem de maneira mais abrangente. Mary Louise Pratt destaca mesmo a existência de um gênero específico, a literatura de sobrevivência, em que os sofrimentos e perigos enfrentados pelo viandante seriam uma

⁴¹⁶ TURIN, Rodrigo. “Uma nobre, difícil e útil empresa: o *ethos* do historiador oitocentista.” In: *Revista de História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009, p. 12-28.

⁴¹⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 4.

⁴¹⁸ Id. Ibid., p. 20.

das temáticas privilegiadas⁴¹⁹. Na vertente naturalista de relatos, quando se acentuavam os riscos, pretendia-se, em certa medida, afastar as críticas de gabinete. Mais precisamente sobre a dificuldade de percorrer os sertões, em especial, em decorrência da seca, Flora Sussekind e Gínia Gomes apontam *Viagem pelo Brasil*, de Spix e Martius, autores, aliás, dos quais Euclides foi leitor⁴²⁰.

Difícil de olhar e de viver. Naquelas alturas, a natureza – tabuleiro onde existiam as gentes – só seria traduzível em imagens antitéticas: às vezes, “o sertão é um paraíso”⁴²¹, em outras, o vale do inferno de Dante⁴²². A Amazônia, ora “última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”⁴²³, “um paraíso perdido”⁴²⁴, ora um “inferno verde”⁴²⁵, “uma fisiologia monstruosa”⁴²⁶. Terra outra, vincada de contrastes, ela exigia uma penosa adaptação dos homens, que, aos poucos, porém, iam se amoldando e resistindo, em um desterro de esquecimento.

Assim, embora a apreensão paradoxal da natureza, simultaneamente magnífica e caótica, estivesse em embrião no artigo *A nossa Vendeia* e se desdobrasse em seus escritos subsequentes às viagens à Bahia e à Amazônia, uma nota parece variar de modo significativo entre esses textos. Enquanto nesse artigo, a natureza, porque maior aliada dos jagunços, consubstanciava um inimigo a ser debelado pelas táticas de guerra e uma prova da qual a República deveria sair triunfante, nos registros ulteriores à experiência de Canudos, o meio, menos do que domado pelas armas, precisaria sê-lo pelas ciências, pela engenharia e história. Em vez de amansar essa outra terra pela bala, Euclides passou a preconizar o amansamento pelas veias da civilização.

⁴¹⁹ PRATT, Mary Louise. Op. cit., 1999, p. 41-75.

⁴²⁰ GOMES, Gínia Maria de Oliveira. Op. cit., 2003; SUSSEKIND, Flora. Op. cit., 1999, p. 108-109.

⁴²¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 130.

⁴²² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 216.

⁴²³ CUNHA, Euclides da.

⁴²⁴ “A José Veríssimo. Manaus, 10 de março de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) 1997, Loc. cit.

⁴²⁵ CUNHA, Euclides da. “Prefácio de O inferno verde”. Op. cit., 1966, vol. II, p. 495.

⁴²⁶ Id. Ibid., p. 494.

Assim, como analisou Murari, a imagem inicial de uma natureza invencível foi paulatinamente substituída, nos registros euclidianos, pela ideia de isolamento, olvido e pela sugestão de que o substancial obstáculo à ocupação e ao instituir de rédeas civilizatórias não estaria tanto na supremacia da natureza, quanto na ausência de uma atuação organizada nestas áreas⁴²⁷.

⁴²⁷ MURARI, Luciana. Op. cit., p. 90-97.

3. Outra gente, à margem da história: os sertões e as selvas como alteridade temporal

Sertão velho de idades (...). Ali envelhece vento.
João Guimarães Rosa

3.1 O sertanejo de Vendaia: “uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos”

“Uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos”. Assim se referiu Euclides aos canudenses, em carta ao amigo João Luís, em 14 de março de 1897. No mesmo dia, no artigo *A nossa Vendaia*, publicado em *O Estado de S. Paulo*, justificou o paralelo entre a região insurreta na França, entre 1793 e 1796, e o sertão baiano⁴²⁸, em função do solo impraticável e do fanatismo religioso. Tanto quanto o terreno naquele país transformava os revoltosos em “heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas”⁴²⁹, as veredas dos ermos brasileiros conferiam astúcia para os sertanejos se esquivarem das balas e entrincheirarem as tropas do exército. Além do solo, uma índole de paladino ludibriado por sua fé assemelhava as gentes, separadas por um século e um continente de distância. Segundo Euclides,

O *chouan* fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados⁴³⁰.

⁴²⁸ A referência ao movimento contrarrevolucionário indica, a contrapelo, a fascinação de Euclides pela Revolução Francesa. Presente em seus poemas da mocidade, o tema voltava, em algumas pistas, em suas obras. Para os poemas de Euclides, ver: CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009. Sobre a Revolução Francesa como tema, cf.: GALVÃO, Walnice Nogueira. “Euclides e a Revolução Francesa”. In: *Gatos de outro saco*. Ensaios críticos. São Paulo, Brasiliense, 1987; MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *Canudos era a Vendéia: o imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões*. São Paulo: Annablume, 2009;

⁴²⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 51.

⁴³⁰ CUNHA, Euclides da. 2000, Loc. cit.

Como procurei sustentar no capítulo anterior desta tese, a natureza como explicação precedente ao homem perpassa a inteireza da obra de Euclides e se verifica nessa primeira tentativa de interpretar o sertão baiano. Em *A nossa Vendeia*, apenas depois de desfilarem seus saberes sobre o meio, assimilados em leituras de Martius, Humboldt, Saint-Hilaire e Caminhoá, o autor descreve – porém mais sinteticamente – o sertanejo. Nestas linhas, o homem emerge todo em couro, espelhando a rispidez e a resistência da terra que o engendrou:

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e durante as estações de águas, na azáfama ruidosa e álcere das vaquejadas os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido - das amplas perneiras ao chapéu de abas largas - tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada, e pendente, à cinta, a comprida faca de arrasto, com que investe e rompe intrincados cipoais. Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam⁴³¹.

Em 17 de julho de 1897, Euclides posicionou-se, novamente, sobre a guerra de Canudos, em artigo de mesmo nome, em *O Estado de S. Paulo*, enfatizando os equívocos das estratégias militares ao não considerarem a morfologia do cenário e o mimetismo à natureza dos adversários. Como no trecho acima destacado, o sertanejo surge associado à cultura boieira e com uma vestimenta típica, sua armadura contra os espinhos.

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgraçoso chapéu de abas largas e afeiçãoado aos arriscados lances da vida pastoril, o jagunço traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais⁴³².

⁴³¹ Id. Ibid., p. 50.

⁴³² Id. Ibid., p. 57.

Feito na mesma forja que a natureza, por isso, “bárbaro, impetuoso, abrupto”⁴³³, o sertanejo encarnava um obstáculo tão grave à campanha republicana quanto os de ordem física. Porque acostumado às inclemências do meio, o homem do sertão não se assombrava, arriscando sua vida em uma abnegação que, para Euclides, só poderia ser fruto de um transe.

O *jagunço* é uma tradução justilinear quase do *iluminado* da Idade Média. O mesmo despreendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo. Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias⁴³⁴.

Se, no primeiro artigo *A nossa Vendeia*, Euclides emparelhou o sertanejo ao rebelde francês de mais de cem anos antes, nesse segundo, lançava uma analogia ainda mais recuada no tempo. Agora, além da comparação expressa no título, o jagunço correspondia a uma tradução do homem medieval, o que implicava alojá-lo em uma era sombria, cega pelas matérias da fé, quando o progresso não constava sequer no léxico.

Euclides escreveu sobre os sertanejos amotinados, no calor da hora, após a derrota da terceira expedição, comandada por Moreira César. No entanto, os primórdios do confronto datam de 1893 e, desde o envio da primeira expedição à Bahia, em novembro de 1896, o arraial e os canudenses haviam se convertido em tema nos grandes jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Muito antes de Euclides, as andanças de Antônio Conselheiro despertaram a atenção de Machado de Assis. Em 22 de julho de 1894, em *Gazeta de Notícias*, ele se interrogara quem era o homem, “dizem que fanático”, responsável por levar consigo quase dois mil legionários, alertando, contudo, contra as impressões falseadas

⁴³³ CUNHA, Euclides da. 2000. Loc. cit.

⁴³⁴ Id. Ibid., p. 58.

propagadas pelos jornais⁴³⁵. Em 06 de dezembro de 1896, pouco depois da remessa da primeira tropa a Canudos, Machado voltou ao assunto, porque Conselheiro irrompia nas páginas dos jornais como “o homem do dia”. Como o beribéri, alardeava-se seu alastramento no restante do país. Machado estranhava, lhe parecendo, ironicamente, que, se fosse o caso, Conselheiro não teria atinado para as vantagens de persistir sua obra em “sítio devoluto”. O cronista intrigava-se com o modo de viver daqueles “sectários”, nos desvãos do país, e confessava saber apenas do seu despreendimento para matar e morrer, inspirado na credulidade em Conselheiro.

A verdade é que vivem. A crença no chefe é grande; Antônio Conselheiro tem tal poder sobre os seus amigos, que fará deles o que quiser. Agora mesmo, no primeiro ataque da força pública, sabe-se que eles, baleados, vinham às fileiras dos soldados para cortá-los a facão, e morrer⁴³⁶.

Canudos restava nebuloso e a cruzada contra Conselheiro poderia ser questionável – não obstante o personagem lhe soasse “detestável” –, porque as informações não chegavam corretas ao restante do país e os analistas do conflito, apartados de seu foco, se restringiam à capital baiana e ao ouvir dizer. Na crônica de 31 de janeiro de 1897, Machado alegava faltar um testemunho ocular, um correspondente apto a capturar com fidelidade as gentes. A respeito das anedotas ou inverdades que obstavam o conhecimento da motivação dos sertanejos sediciosos, escreveu:

O correspondente da Gazeta de Notícias mandou ontem notícias telegráficas, cheias de interesse, que toda gente leu, e por isso não as ponho aqui; mas, em primeiro lugar, escreve da capital da Bahia, e, depois, *não se funda em testemunhas de vista, mas de oitiva*; deu-se honesta pressa em mandar as novas para cá, tão minuciosas e graves, que chamaram naturalmente a atenção pública. Outras folhas também as deram; *mas serão todas verdadeiras?* Eis a questão. (...) Nenhum jornal mandou ninguém aos Canudos. Um repórter paciente e sagaz, *meio fotógrafo ou desenhista*, para trazer as feições do

⁴³⁵ ASSIS, Machado de. “A semana”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1894, p. 1.

⁴³⁶ ASSIS, Machado de. “A semana”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1894, p. 1.

Conselheiro e dos principais sub-chefes, podia ir ao centro da seita nova e colher a verdade inteira sobre ela⁴³⁷ (grifos meus).

Se sobre as gentes sertanejas e sua fé pairavam dúvidas, sobre a celebridade de Conselheiro transbordavam indícios. Em 14 de fevereiro de 1897, onze dias após a partida das tropas sob a chefia de Moreira César, Machado principiou seu texto com o episódio de “uma mulher simples” pedindo ao vendedor de gazetas um “retrato desse homem que briga lá fora”. Irreconhecível tão somente para um leitor obtuso, o rosto era o do “Messias do sertão”, o “homenzinho” cujo nome impactava até os fundos brasileiros em Nova York e Londres. Um corte, e a narrativa prossegue com uma crítica a *Sertão*, de Coelho Neto⁴³⁸. A qualidade deste autor o habilitaria “um dia, anos depois de extinta a seita e a gente dos Canudos” a pincelar a vida ali encenada. No arremate do texto:

Ora bem, *quando acabar esta seita dos Canudos*, talvez haja nela um livro sobre o *fanatismo sertanejo* e a figura do Messias. Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos daqui a um século um capítulo interessante, estudando o *fervor dos bárbaros* e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, *reliquia dos Canudos*, celebre o centenário desta *finada seita*⁴³⁹ (grifos meus).

Nesse excerto, Machado anteviu não apenas a derrota dos canudenses, mas a inexorabilidade do seu desaparecimento. Extintos os fanáticos, um devoto sobrevivente, quem sabe, saudaria algum resquício do arraial. As gentes de Canudos só atingiriam o futuro, apresadas em narrativa, como lembrança do passado.

Entre este último artigo de Machado e o primeiro de Euclides, situa-se a derrota de Moreira César. Naquele, embora não houvesse menção à expedição, o autor

⁴³⁷ ASSIS, Machado de. “A semana”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1897, p. 1.

⁴³⁸ Sobre *Sertão* e a crítica de Machado, ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Cousas do sertão: Coelho Netto e o tipo nacional nos primeiros anos da República”. In: *História Social* (UNICAMP), v. 22-23, p. 83-115, 2012.

⁴³⁹ ASSIS, Machado de. “A semana”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1897, p. 1.

prefigurara o triunfo inevitável como subtexto. Neste, a derrota fora o motor da escrita, que visava a esboçar, ligeiramente, a natureza e as gentes do sertão, a fim de encorajar outra incursão militar, atenta às singularidades daqueles cantos.

Apesar de lhe parecer certa a vitória das forças republicanas e de alegar que Conselheiro não lhe infundia simpatia, Machado mostrava-se hesitante em relação a sua perseguição, pois faltavam notícias robustas sobre a seita que se reunia ao seu redor. Euclides, por seu turno, externava, mais assertivamente, sua convicção de que os conjurados precisavam ser debelados e Conselheiro, parado. Em comum, ambos partilhavam um pressuposto que incorporava a devoção cega e obstinada à identidade dos homens do sertão. E, sobretudo, apontavam para sua inadequação temporal: para o primeiro, feneceriam, chegando ao futuro apenas como vestígio; para Euclides, viviam ou em um século de atraso, ou retrocediam às trevas medievais.

O entrecruzamento dos sertanejos a um deslocamento temporal com riscos de perecimento não era exclusividade dos dois autores. Essa premissa conformou o repertório da literatura regionalista que se delineava na virada do século, cujos principais expoentes circulavam nos mesmos espaços que Machado e Euclides e/ou compunham suas leituras. Essa vertente da literatura opunha sertão e cidade, atribuindo àquele uma fonte de autenticidade, pureza, virtudes simples e paz; e a esta, o *locus* de realizações, movimento, civilização. O mundo urbano, em ápice na capital federal, fascinava pelas luzes, pelo progresso, pelas possibilidades de ascensão, mas também assustava, com seus perigos, engodos e corrupção.

Talvez constitutivo das formas de vida fundamentais, remontando mesmo à Antiguidade clássica, o contraste entre campo e cidade intensificou-se com os processos de industrialização e de expansão capitalista, nos séculos XVIII e XIX. Na Europa, diante dos avanços técnicos e da aceleração do tempo, uma literatura lançou-se, em

resposta, ao resgate de antigos costumes, desaparecidos ou em vias de desaparecimento, localizados, mormente, no universo rural. Assim, a vida no campo revestia-se de simplicidade, inocência, com um povo “natural”, por vezes irracional, arraigado às tradições. Ao contrário, a cidade se estabelecia como domínio do artifício, da afetação, do polido como isento de sinceridade⁴⁴⁰.

No final do século XIX, a vertente regionalista da literatura brasileira absorveu esse antagonismo. A cidade, embora deslumbrante e signo do movimento, cercava-se de ostentação banal, diluindo a autenticidade. Mais genuínos seriam o sertão e a roça, onde o tempo fixo garantia um Brasil em estado bruto. Essa literatura alimentava-se do desalento com os excessos do progresso e, concomitantemente, da saudade do sertão intocado e de seus costumes evanescentes.

Consoante Antonio Candido, o regionalismo, fitando as particularidades brasileiras a partir de um prisma europeu, fundou uma das essenciais “vias de autodefinição da consciência local”. Com José Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, o chamado conto sertanejo alcançou um patamar impressionante. Criou a “aluvião sertaneja”, cuja representação do homem rural, desde um olhar “pitoresco, sentimental e jocoso”, teria prolongado, até a década de 1930, “ideias-feitas”, social e esteticamente “perigosas”, segundo a leitura de Candido. Tomando partido do Modernismo, ao atribuir-lhe a condução do trato dos homens e das coisas do interior ao “rumo certo”, o crítico definiu o regionalismo com as seguintes palavras:

Gênero superficial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor pela terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas⁴⁴¹.

⁴⁴⁰BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴⁴¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010, p. 121.

Luciana Murari avalia que, a despeito de dirigir-se para as coisas nacionais e suas diferenças internas, a mirada da literatura regionalista conservava-se hierárquica e exterior. Tendo florescido em um processo de impacto da modernização sobre os quadros rurais, ela acoplava tanto o repertório do naturalismo e sua inspiração nos pressupostos deterministas geográficos, quanto a sensibilidade romântica, com sua incessante procura pela singularidade local, na contramão das pressões civilizacionais. Essa perspectiva harmonizava o tratamento nostálgico e condenatório das gentes sertanejas, as quais faziam recordar um passado original e autêntico, mas não escapariam da voragem da história. De acordo com Murari:

É a partir do processo de modernização, de seus valores e ritmos particulares, e de sua percepção do tempo e do espaço, que a literatura regionalista deve ser compreendida, em sua pretensão de registro de culturas obsoletas e condenadas ao desaparecimento, e na criação de um sentimento de autenticidade que as transformava em acervos privilegiados para a observação etnográfica. O regionalismo contribuiu ao mesmo tempo para a permanência de uma visão da realidade brasileira a partir do exterior – a observação aristocrática do “homem de letras” –, desta vez voltada não para a representação da diferença do país em relação à Europa, mas para as suas próprias diferenças internas⁴⁴².

Assim, por meio da observação, caberia à literatura regionalista registrar as culturas arcaicas, antes que se dissolvessem completamente. Pelo rastro do olhar e do fenecimento sertanejo, reencontro a crônica de Machado de 14 de fevereiro de 1897. Nesse texto, ao prognosticar a supressão dos amotinados canudenses, esperava que o talento de um Coelho Neto, “contador de coisas do sertão”, narrasse, no porvir, as “reliquias” do arraial. A causa do elogio era *Sertão*, contos reunidos recém-publicados, nos quais o escritor maranhense “dá-nos a floresta, com os seus rumores e silêncios, com seus bichos e rios, e pinta-nos um caboclo que, por menos que os olhos estejam

⁴⁴² MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil*. (1870-1922). São Paulo: Alameda, 2009, p. 196.

acostumados a ele, reconhecerão que é um caboclo”⁴⁴³. Quer dizer, o mérito de Coelho Neto estaria em dar a ver, em emprestar seus olhos, para pintar o caboclo, mesmo aos leitores pouco habituados às suas cores.

Nos contos de seu *Sertão*, Coelho Neto, quem Euclides conheceria em 1901, em Campinas, e de quem ficaria amigo, buscava protagonistas não tocados pela civilização, como analisou Leonardo Affonso. Segundo o historiador, o espaço tematizado por Neto, mais simbólico do que propriamente geográfico, demarcava um limite onde o progresso desenfreado não havia chegado. Volver para o sertão significava resgatar um passado indeterminado que era só pureza e desencravar um sertanejo em estado essencial, a fim de costurar a nacionalidade. Das virtudes do ambiente rural, gerava-se um sertanejo, um forte, como tipo nacional, com contornos ingênuos, primitivos e passivos, este último atributo decorrente do desprezo pelas ações desses homens no presente. Conforme examinou o historiador, no mesmo passo em que Coelho Neto enaltecia o sertanejo em abstrato, caracterizou os rebelados canudenses como bárbaros, uma horda ludibriada por Conselheiro, em coluna assinada sob pseudônimo⁴⁴⁴.

Assim, tanto maiores seriam os encantos, a pureza e a idealização do sertanejo nessa literatura regionalista, quanto mais distante ele se situasse em relação ao presente da narrativa. Aflora uma aporia nesse flerte literário com o homem do sertão, de sorte que, conveniente, como imagem estetizada, para urdir a nacionalidade, ele seria desprezível como agente histórico no tempo de seu observador. Por isso, só poderiam existir em um passado e, no aqui e agora, precisavam ser controlados, justamente para não obstar o plano de nação do qual faziam parte como personagem abstrato.

Como tipo, o sertanejo entrava enobrecido para a literatura; como homens com rosto e nome, tal qual Antônio Conselheiro, era melhor que permanecessem de fora da

⁴⁴³ ASSIS, Machado de. “A semana”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1897.

⁴⁴⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. cit., 2012.

República, da história. Se rompessem o interdito de habitar o presente, ingressariam na literatura, quando muito, como jagunços, termo que, para Regina Abreu, carregava uma acepção depreciativa do sertanejo⁴⁴⁵.

Foi dessa maneira que, em uma música composta para a revista de ano *O jagunço*, de 1898, Artur Azevedo incorporou os sertanejos revoltosos de Canudos. De tão nocivos à República e ao progresso, alargaram até o sentido da palavra, que virava sinônimo de inimigo, de estrangeiro.

o jagunço não é tão somente/ o matuto fanático e mau,/ que nos ínvios sertões mata gente/ escondido por trás de um bom pau./ É jagunço o palúrdio parola,/ que o progresso não quer da nação,/ e se tem convicções na cachola,/ prega ideias de restauração/ (...) É jagunço, e jagunço feroz/ o estrangeiro feliz que se arranja/ e, arranjado, um coice nos dá⁴⁴⁶.

A ideia contida no verso, e bastante difundida à época, de que os sertanejos do arraial eram monarquistas reforçava sua dimensão de alteridade temporal. Vale sublinhar, como analisou Maria Tereza Chaves de Melo, que nas últimas décadas do século XIX, a promoção da modernidade via na monarquia um empecilho ao desenvolvimento. Investiu-se, por conseguinte, na mobilização simbólica de pares assimétricos, para designar o Império e a República. Enquanto o primeiro corporificava o atraso, a manutenção de privilégios, a escravidão, o excesso de subjetividade do romantismo e o clericalismo, a última correspondia à marcha para frente, à liberdade, à primazia da razão e aos saberes secular e temporal. Isto é, a República se apresentava como oposição a todos os entraves para a fruição de um futuro aberto e cheio de potencialidades⁴⁴⁷.

⁴⁴⁵ ABREU, Regina. Op. cit., 1998, p. 120-121.

⁴⁴⁶ AZEVEDO, Artur. 1898. *apud* ABREU, Regina. Op. cit., p. 121.

⁴⁴⁷ Cf.: MELLO, Maria Tereza Chaves de. Op. cit., 2009.

Nos anos seguintes à proclamação da república, quando a sombra do restabelecimento monárquico alarmava, acionavam-se as noções de retrocesso, para desqualificá-lo. Assim, associar os sertanejos conselheiristas a uma ideia de restauração monárquica implicava dizê-los como emissários do passado, como representantes de um tempo que não mais se tolerava.

Sob esse ângulo, Euclides interpretou as gentes canudenses no artigo *A nossa Vendeia*. Empregando o vocabulário corrente sobre o conflito, como o fizeram Machado de Assis, Coelho Neto e Artur Azevedo, Euclides referia-se a esses sertanejos reais como “fanáticos”, “fanatizados”, “hipnotizados”, “agitação desordenada”, “horda”. Desprovidos de consciência e ludibriados por um profeta da ruína, suas crenças eram alienantes, anacrônicas, e seus movimentos, irracionais. Erravam desgovernados nas trilhas daqueles rincões e se atiravam contra as balas do exército. A sua força residia, paradoxalmente, no caos, mimese da natureza, e na ignorância corajosa. Por isso, como adversários, provaram-se difíceis de derrotar, uma vez que as estratégias militares tradicionais não os alcançavam. Euclides argumentava, por conseguinte, que o passo fundamental para aniquilar essa ameaça à República e sagrá-la vitoriosa era reconhecer a barbaridade do terreno e das gentes.

Do mesmo modo que em autores como Coelho Neto, uma interpretação ondulante do sertanejo pode ser depreendida em Euclides, caso outras fontes sejam analisadas. Se em *A nossa Vendeia*, os sertanejos reais de Canudos figuravam como emblema do retrocesso e de uma fé hipnotizada, os sertanejos em estado essencial despontavam em artigos da mocidade, em seus poemas e cartas pessoais, como homem virtuoso, exemplo de correção moral.

No seu caderno de poemas, intitulado *Ondas*, escrito entre outubro de 1883 e julho de 1884, o sonho de refúgio do poeta se direcionava, especificamente, para o

sertão. Nele, as paragens convertiam-se ora em desertos, ora em florestas, onde abundavam beleza e inocência⁴⁴⁸. No artigo *Em viagem*, publicado no jornal *O Democrata*, em abril de 1884, como se houvesse um sertão logo em uma esquina do Rio, Euclides lamentou a ideia de se cruzar a natureza com uma linha férrea. Defendeu-se de supostas acusações de ser um “antiprogressista e anticivilizador”, afirmando que uma ferrovia vincaria como uma ruga a face da natureza. Em síntese, dizia lhe provocar revolta ver “a cidade dominar a floresta”⁴⁴⁹.

É verdade que, entre os registros da mocidade, como o artigo *Em viagem*, e o artigo sobre Canudos em *O Estado de S. Paulo*, concorreram o lapso temporal, o ingresso no curso de engenharia e inúmeras leituras científicas. As teorias com as quais Euclides entrara em contato redimensionavam a natureza sob as lentes da ciência e imbricavam o meio e o homem – este agora definido conforme a concepção de raça – na maior das lutas: aquela pela acomodação aos padrões civilizatórios. No entanto, uma explicação tão somente linear não me parece satisfatória, porque não responde sobre contornos de um sertão idílico e sobre os sertanejos meio românticos em seus registros posteriores.

O enaltecimento do sertão e dos valores de seus habitantes não se restringiu aos poemas e artigos da juventude de Euclides. Um exemplo está nos versos mais tardios de *As Catas*, dedicados a Coelho Neto, escritos em Campanha, em 1896: “Que outros adorem vastas capitais/ Aonde, deslumbrantes,/ Da indústria e da Ciência as triunfais/ Vozes se erguem em mágico concerto;/ Eu, não; eu prefiro antes/ As Catas desoladas do deserto,/ - Cheias de sombra, de silêncio e paz...”⁴⁵⁰

⁴⁴⁸ CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁴⁴⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1996, p. 567.

⁴⁵⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 273-274.

Em suas correspondências – incluindo as ulteriores a Canudos –, há diversas enunciações de uma vontade de desfrutar da companhia “mais feliz” dos sertanejos e de encetar viagens que o conduzissem para os desertos brasileiros, mais originais que as cópias mal engendradas da Europa, nas áreas urbanas⁴⁵¹. Euclides gravou essa idealização, por exemplo, na correspondência de abril de 1896 ao médico Bueno Brandão, amigo da cidade mineira de Campanha: “Este dia 28 de abril tem ainda para mim a qualidade de recordar a minha chegada nesta formosa Campanha, aonde fui parar bruscamente, deixando o seio impuro de uma velha capital em desordem pela sociedade mais nobre do sertão”⁴⁵².

Ao amigo João Luís, para quem, no mesmo dia em que publicou o primeiro artigo *A nossa Vendaia*, escreveu uma carta chamando os canudenses de “horda desordenada de fanáticos maltrapilhos”⁴⁵³, Euclides endereçara uma missiva, meses antes, em janeiro de 1897, na qual se questionava se um dia realizaria seu “ideal de viver na roça”. Queixava-se por estar “amarrado ao cadáver – à engenharia magra; serventário público”, em alusão ao seu posto na Superintendência de Obras Públicas de São Paulo, e declarava aspirar a uma vida singela, mesmo que em uma cidade pequena, desde que longe da “poeira das aldeias grandes desta terra sem cidades”⁴⁵⁴.

Em janeiro de 1897, quando Euclides enviara a missiva a João Luís, desenrolava-se a segunda expedição a Canudos, a essa altura uma inquietação nas páginas dos jornais. Não obstante, nessa carta, a roça seria o lugar de gente simples, de vida branda e modesta, bem ao gosto da tônica enobrecedora do campo. Já na carta de

⁴⁵¹ Para uma referência positiva dos sertanejos e críticas ao meio civilizado, cf.: “A Porchat. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1892”; “A Porchat. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1893”; “A José Veríssimo. Guarujá, 06 de setembro de 1904”; “A José Veríssimo. Guarujá, 24 de junho de 1904”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 37-38, 57, 230, 207-208, 255.

⁴⁵² “Ao amigo dr. Brandão. São Paulo, 28 de abril de 1896.” Id. Ibid., p. 95.

⁴⁵³ CUNHA, Euclides da. 1997, Loc. cit.

⁴⁵⁴ “A João Luís. São Paulo, 07 de janeiro de 1897.” In: Id. Ibid., p. 102.

março do mesmo ano, o espaço rural mais ao norte do país aparecia como outro campo, o de batalha. Isso leva à indagação de que sertão e gente sertaneja Euclides falava nessas cartas e nos demais registros comentados até aqui neste capítulo.

O sertão idílico, rota de fuga dos ruídos e da poeira das cidades, seria um sertão-essência, espaço simbólico da autenticidade, onde habitava o sertanejo como tipo descarnado. Um sertão logo *ali*, povoado de casebres humildes. Canudos, todavia, abriu o olhar para um abismo geográfico e antropológico. *Lá*, onde lutavam sertanejos de “coragem bárbara”, a natureza os abrigava com “formas evanescentes de antigas fortalezas derruídas”⁴⁵⁵. O conflito desnudou, portanto, uma fratura. Decididamente, eram outros sertões.

Enviado por *O Estado de S. Paulo*, em agosto de 1897, para cobrir o conflito, Euclides acabaria sendo a “testemunha de vista”, cuja presença *in loco* Machado de Assis demandava, no seu texto de janeiro do mesmo ano, em *Gazeta de Notícias*. Talvez cumprindo a função de “meio fotógrafo ou desenhista”, como também desejava o cronista, Euclides produziu a obra mais célebre sobre Canudos. Em campo, teve a ocasião de angariar material para adensar suas aporias sobre as gentes sertanejas. Longe de resolver as ambiguidades, a viagem tornou ainda mais complexa a tradução do sertanejo.

3.2. O sertanejo em Canudos: “o cavalheiro antigo coberto ainda da poeira da batalha”

Logo quando chegou a Salvador, no dia 07 de agosto de 1897, Euclides enviou a primeira missiva para *O Estado de S. Paulo*, em que reportava suas impressões iniciais

⁴⁵⁵ CUNHA, Euclides da. 2001, Loc. cit.

e a espera dos ataques da nova expedição militar à “Meca dos jagunços”. Retomando a imagem de Canudos como a Vendeia, dizia acreditar que, em breve, a República ia “dar com segurança o último embate aos que a perturbam”⁴⁵⁶.

No período em que aguardou em Salvador, antes de adentrar os sertões rumo ao arraial, Euclides contava em suas correspondências ao jornal a inquirição de antigos moradores, a fim de sondar os hábitos locais, e de soldados egressos do foco do conflito. Entre estes circulavam histórias, segundo as quais, os jagunços, uma vez degolados, praticamente não vertiam sangue, tamanha sua estranheza e esqualidez. No princípio da estada de Euclides, a distância que o separava do outro sertanejo, nutrida por esse “ouvir dizer”, se afigurava abissal. Em 10 de agosto, registrou sobre os relatos de alguns militares:

Afirmam ainda que o fanático morto não pesa mais que uma criança. Acredita-se quase numa inversão completa das leis fisiológicas para a compreensão de tais seres nos quais a força física é substituída por uma agilidade de símios, deslizando pelas catingas, como cobras, resvalando céleres, descendo pelas quebradas, como espectros, arrastando uma espingarda que pesa quase tanto como eles — magros, secos, fantásticos, com as peles bronzeadas coladas sobre os ossos — ásperas como peles de múmias...⁴⁵⁷

Nesse excerto, Euclides entremeou algumas referências para decifrar a alteridade sertaneja, mobilizadas mais tarde em *Os sertões*. A fim de ensaiar uma explicação sobre os amotinados ao público do litoral, do mundo civilizado, ele acionou comparações com crianças, para frisar o desfalecimento e a magreza dos sertanejos; com animais, em um indicativo da simbiose entre homem e natureza, ou de seu pertencimento a um passado natural; e com múmias, para esculpir no sertanejo a imagem da decrepitude.

A face enrugada do sertanejo era um dentre vários indícios, de acordo com Euclides, do engastamento daquela gente a outro tempo, o do atraso, do retrocesso. A

⁴⁵⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 66-67.

⁴⁵⁷ Id. Ibid., p. 75.

campanha, semelhante a um “refluxo na história”, descortinara Antônio Conselheiro, “grande homem pelo avesso”, símbolo maior da “retroatividade atávica”⁴⁵⁸. O profeta dos ermos corporificava a acepção mais depreciativa do sertanejo, com suas superstições, misticismos, encantamento e despreço à razão. A imagem do Conselheiro, nesse sentido, se apresentaria estável nos registros euclidianos, porque a negatividade que lhe revestia atravessou o material de campo e desembocou em *Os sertões*, sem temperamento ou atenuação.

Conter o Conselheiro e sua horda legaria uma lição para a história nacional: a de velar por suas terras e gentes olvidadas. Canudos era o exemplo do abandono e do desconhecimento que a pátria tinha sobre si mesma, responsáveis por gerar o ambiente propício para a ignorância, o desvario e homens pelo avesso, como o profeta do arraial. Na leitura de Euclides, esse episódio precisava fazer chegar doravante a ordem, o poder público, a educação, o progresso. A campanha que revelara uma gente estacionada no passado teria a missão de arrebatá-las para o futuro, como sintetizou na correspondência, enviada de Salvador, em 15 de agosto de 1897 a *O Estado*:

Porque - consideremos o fato sob o seu aspecto real - o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: - é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita da pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos jagunços... (...) Essa quadra difícil traduzirá então, somente, um rude trabalho de adaptação a condições mais elevadas de existência; evolvemos. Além disto recebemos uma lição proveitosa e inolvidável. Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam, de um lado dessa insciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior de todo desconhecidas muitas, e, de outro, o abatimento intelectual em que jazem os que as habitam. Sobretudo este último é um inimigo permanente. Quando voltarem vitoriosas as forças que ora convergem aqui, - completemos a vitória. Que pelas estradas, ora aberta à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será no caso vertente, o verdadeiro vencedor: O mestre-escola⁴⁵⁹.

⁴⁵⁸ I. Ibid., p. 89.

⁴⁵⁹ Id. Ibid., p. 91-92.

Essa parada no tempo representada pelo arraial voltou na correspondência seguinte, do dia 18 de agosto. Nela, Canudos, “deserta e muda, como uma tapera imensa, abandonada”⁴⁶⁰, circunscrevia cenas de batalha travada entre os sertanejos e o exército, contadas a Euclides por soldados. Dentre as histórias que circulavam, Euclides reproduziu um suposto diálogo entre um jaguncinho e seu pai, Macambira, designado como uma “espécie grosseira de *Imanus*”⁴⁶¹. A referência ao personagem de *Quatrevingt-treize* de Victor Hugo soa interessante, porque, no livro do escritor francês, já se tratava de um ogro, uma figura de feições aterrorizantes. O homem do sertão era, portanto, sua versão ainda mais sombria. O menino, como se o ódio à República já estivesse impregnado na juventude, dizia ao Imanus canudense querer destruir o canhão usado pelo exército, a “matadeira”, ao que obteve a resposta de consultar o Conselheiro, o que, nesse sentido, ratificaria sua imagem como um profeta e clarividente naquelas bandas.

Se, nessa missiva, Euclides narrava certo ouvir-dizer, na do dia 19 de agosto, fora ele mesmo a testemunha do interrogatório do menino Agostinho. Em Salvador, indagou-o, desfrutando de posição privilegiada, junto a outros militares, conforme relatou em sua correspondência a *O Estado*, apesar de o episódio não constar em sua caderneta de anotações. Ao jornal noticiou que o jaguncinho informava sobre a sociabilidade do arraial, com descrições de João Abade, o braço direito de Conselheiro, o comerciante Vila-Nova, Pedrão, Pajeú, Manuel Quadrado, o curandeiro de Canudos, José Félix, o guarda das igrejas, Macambirra e seu filho e o próprio Conselheiro. O rapaz esclarecia também a dinâmica local, abordando os poucos trabalhos agrícolas devido à precariedade vigente, o interdito à caça, a maneira como obtinham armamento e a atmosfera religiosa. Na correspondência, Euclides escreveu:

⁴⁶⁰ Id. Ibid., p. 102.

⁴⁶¹ Id. Ibid., p. 101.

Terminamos o longo interrogatório inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que ele fazia milagres. E ao replicar um dos circunstantes que aquele declarava que o jagunço morto em combate ressuscitaria – negou ainda.

- Mas o que promete afinal ele aos que morrem?

A resposta foi absolutamente inesperada:

- Salvar a alma.

Essas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão⁴⁶².

Apesar de conferir legitimidade à fala de Agostinho, sobretudo porque alegava acreditar na verdade da infância, a versão que rechaçava o rodear de milagres do Conselheiro parece não ter sido aceita, pois, em *Os sertões*, o narrador constantemente afirma que muitos peregrinos cruzavam os sertões em busca do toque do taumaturgo e de seus milagres⁴⁶³. Embora essa parte do depoimento tenha sido relegada na obra de 1902, outros dados, como a proibição da cachaça, as características das figuras do arraial e o uso de certos tipos de munição foram apropriados, sem remissão ao informante⁴⁶⁴.

Rastreando a caderneta de campo, é possível perceber que Euclides participou de outros interrogatórios. Já em Canudos, entre os dias 24 e 26 de setembro, inquiriu com Siqueira de Meneses algumas mulheres detidas, a fim de sondar a condição bélica do arraial. Na caderneta, registrou, nas páginas 63 a 65:

Mulheres presas na ocasião em que os maridos caíam mortos na luta e a prole espavorida desaparecia na fuga aqui têm chegado, numa transição brusca do lar mais ou menos feliz para uma praça de guerra inimiga – e não lhes diviso no olhar a mais breve sombra de espanto e em algumas o rosto bronzeado e de linhas firmes é iluminado por um olhar de altivez estranha e quase ameaçadora. Uma destas mulheres foi trazida à presença do general:

– Onde está teu marido?

– No céu.

– Que queres dizer com isto?

– Meu marido morreu.

⁴⁶² Id. Ibid., p. 110-111.

⁴⁶³ Sobre histórias envolvendo os milagres que se contavam e atribuíam a Conselheiro, inclusive no poder de cura de seu toque, cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 273, 301, 405, 435.

⁴⁶⁴ Id. Ibid., p. 303, 312-314.

O Tte.-Coronel Siqueira de Meneses julgou conveniente fazer-lhe algumas perguntas acerca do número de habitantes e condições da vida em Canudos.

– Há muita gente aí em Canudos?

– E eu sei? Eu não ando *navegando* na casa dos outros? Além disto *está com muitos dias* que ninguém sai por via das peças – e eu não sei contar, só conto até quarenta.

– O Conselheiro tem recebido auxílio estranho, munição, armas?

– E eu sei? Eu não vi nada, mas porém aí não manca arma prá brigar.

– Onde estava seu marido quando foi morto?

Esta pergunta foi feita por mim, e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar:

– E eu sei?! Então querem saber do *miúdo até o graúdo*? Que extremos!

(...)

Este *e eu sei* é quase o começo obrigado das frases de todos; surge espontaneamente, infalivelmente, numa toada monótona, coroando todos os períodos, como uma vírgula em todas as frases. (...) E assim vão torcendo e evitando a todas as perguntas, fugindo vitoriosamente ao interrogatório mais habilmente feito. E quando as perguntas assediam-nas demais, inflexivelmente, quando não é mais possível tergiversar – lá surge o incansável *e eu sei?* eufemismo bizarro e mais expressivo do que o *não!* simples, positivo. (...) Outro sistema interessante: respondem a uma pergunta com outra. No diálogo as interrogações entrecrocavam-se de lado a lado, de um modo bizarro sendo difícil distinguir o que interroga do que responde⁴⁶⁵.

Ademais de interessar do ponto de vista da guerra, por tentar extrair dados sobre os rebelados, o interrogatório parecia instigante para Euclides, porque descortinaria o modo de falar dos sertanejos. Há, em sua caderneta, algumas listas de verbetes para elucidar o que ouvia e via. Assim, no desalinho das anotações, na página 20 do canhenho, uma série de significados complementa a inquirição das mulheres prisioneiras, fixada nas páginas 63 a 65. Transcrevo, para o cotejo com o trecho acima:

Lascar no mundo! fugir. Meu pai lascou o pé no mundo.

Estatalado – espantado.

Prospernico – calmo.

F... *está com muitos dias* que saiu

Coração mole – covarde, medroso

Episódio do molambo, etc. – Bandeira na Favela

Abortoso – abundante

Osso mengativo – o cócix

Um lote de dias – muitos dias

Um lotinho de gente – um grupo

(Damiana Francisca de Sousa, Maria José)

Um despotismo de gente – mt^a gente

Bancou – Abancar – Abancou para o rio

Querem saber do miúdo até o graúdo

Que extremos!

Eu sei?

Quer navegar na casa dos outros

Pipoca mururu

⁴⁶⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 63-65.

É de hoje que ela morreu!
Vareda – vereda, caminho⁴⁶⁶

A inquirição dessas aprisionadas, além da caderneta, com uma meticulosa transcrição das falas, aparece nas correspondências a *O Estado*, dos dias 24 e 26 de setembro. Nesta última, além de reportar parte das perguntas, Euclides acrescentou pormenores aos traços de fortaleza e coragem estampados nos jagunços, conforme a passagem abaixo:

Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desânimo em seus rostos, onde se desenham privações de toda a sorte, a miséria mais funda; não tremem, não se acobardam e não negam as crenças mentidas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável. Mulheres aprisionadas na ocasião em que os maridos caíam mortos na refrega e prole espavorida desaparecia na fuga, aqui têm chegado – numa transição brusca do lar mais ou menos feliz para uma praça de guerra, perdendo tudo numa hora – e não lhe diviso no olhar o mais leve espanto e em algumas mesmo o rosto bronzeado de linhas firmes é iluminado por um olhar de altivez estranha e quase ameaçadora. Uma delas acaba de ser conduzida à presença do general. Estatura pequena, rosto trigueiro, cabelos em desalinho, lábios finos e brancos, rugados aos cantos por um riso doloroso, olhos vesgos cintilantes; traz ao peito, posta na abertura da camisa, a mão direita, ferida por um golpe de sabre;

- Onde está seu marido?

- No céu.

- O que queres dizer com isso?

- Meu marido morreu.

(...)

- Há muita gente aí, em Canudos?

- E eu sei? Eu não vivo *navegando na casa* dos outros. *Está com muitos dias* que ninguém sai por vias das peças. E eu sei contar? Só conto até quarenta e *rola o tempo* para contar a gente de Belo Monte⁴⁶⁷.

Na sequência da missiva, Euclides comentou a fala da mulher, como se fosse um intérprete dos sertanejos. O linguajar dos sertanejos lhe parecia “bizarro” e, ao mesmo tempo em que hábil, porque sorrateiro e escorregadio em desviar do interrogatório, soava confuso e pouco positivo.

Este *e eu sei?* é o início obrigado das respostas de todos; surge espontaneamente, infalivelmente, numa toada monótona, encimando todos os períodos, cortando

⁴⁶⁶ Id. Ibid., p. 20.

⁴⁶⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 186-188.

persistente todas as frases. (...) E assim vão torcendo e evitando a todas as perguntas, fugindo vitoriosamente ao interrogatório mais habilmente feito. E que as interrogativas assediem-nos demais, inflexivelmente, quando não é mais possível tergiversar lá surge o infalível – *e eu sei?* tradução bizarra de todas as negativas, eufemismo interessante substituindo o *não* claro, positivo⁴⁶⁸.

Em sua obra-mestra, a oitava de uma dessas mulheres ganhou destaque, na seção *Depoimento de uma testemunha*, em *Últimos dias*, de *A Luta*, com a reprodução do modo de falar que lhe havia chamado atenção. Sua descrição, porém, ganhou tons mais arredios. Por representar uma ameaça, a “mamaluca quarentona” afastou o acordo tácito entre as tropas de não assassinar mulheres e crianças. Seu desfecho foi a degola:

Fizera-se uma concessão ao gênero humano: não se trucidavam mulheres e crianças. Fazia mister, porém, que se não revelassem perigosas. Foi o caso de uma mamaluca quarentona, que apareceu certa vez, presa, na barraca do comandante-em-chefe. O general estava doente. Interrogou-a no seu leito de campanha — rodeado de grande número de oficiais. O inquérito resumia-se às perguntas do costume — acerca do número de combatentes, estado em que se achavam, recursos que possuíam, e outras, de ordinário respondidas por um “sei não!” decisivo ou um “e eu sei?” vacilante e ambíguo. A mulher, porém, desenvolta, enérgica e irritadiça, esprou-se em considerações imprudentes. “Nada valiam tantas perguntas. Os que as faziam sabiam bem que estavam perdidos. Não eram sitiados, eram presos. Não seriam capazes de voltar, como os das outras expedições; e em breve teriam desdita maior ficariam, todos, cegos e tateando à toa por aquelas colunas. . .” E tinha a gesticulação incorreta, desabrida e livre. Irritou. Era um virago perigoso. Não merecia o bem-querer dos triunfadores. Ao sair da barraca, um alferes e algumas praças seguraram-na. Aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima — foi degolada...⁴⁶⁹

Euclides teria participado, ainda, de outro interrogatório, como aludiu, em *Os sertões*, a respeito de uma criança, de feições grotescas, demandada por militares:

Postas na saleta térrea de casebre comprimido, junto ao largo, as infelizes, rodeadas pelos grupos insistentes, foram vítimas de perguntas intermináveis. Estas deslocaram-se por fim às crianças. Procurava-se a sinceridade na ingenuidade infantil.

Uma delas, porém, menor de nove anos, figurinha entroncada de atleta em embrião, face acobreada e olhos escuríssimos e vivos, surpreendeu-os pelo desgarre e ardileza precoce. Respondia entre baforadas fartas de fumo de um cigarro, que sugava com a bonomia satisfeita de velho viciado. E as informações caíam, a fio, quase todas falsas, denunciando astúcias de tratante consumado. Os inquiridores registravam-nas religiosamente. Falava uma criança. Num dado momento, porém, ao entrar um soldado sobraçando a Comblain, a criança interrompeu a algaravia. Observou, convicto, entre o

⁴⁶⁸ Id. *Ibid.*, p. 189.

⁴⁶⁹ CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 2001, p. 732-733.

espanto geral, que a *comblé* não prestava. Era uma arma à toa, "xixilada": fazia um *zoadão danado*, mas não tinha força. Tomou-a: manejou-a com perícia de soldado pronto; e confessou, ao cabo, que preferia a *manulixe*, um *clavinote* de *talento*. Deram-lhe, então, uma *mannlicher*. Desarticulou-lhe agilmente os fechos, como se fosse aquilo um brinco infantil predileto. Perguntaram-lhe se havia atirado com ela, em Canudos. Teve um sorriso de superioridade adorável: “- E por que não! Pois se havia *tribuzana* velha!... Haverá de levar pancada, como boi acuado, e ficar *quarando* à-toa, quando a *cabrada fechava o samba desautorizando as praças?!*”
Aquela criança era, certo, um aleijão estupendo. Mas um ensinamento. Repontava, bandido feito, à tona da luta, tendo sobre os ombros pequeninos um legado formidável de erros. Nove anos de vida em que se adensavam três séculos de barbaria⁴⁷⁰.

Neste excerto, Euclides realçou os contornos de ancião no rosto do menino, como se quisesse salientar que os sertanejos já nasciam velhos. Ademais, se, em outras passagens, julgava que “não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão”, agora, uma forma de desacreditar esse relato era envelhecer seu emissor e impregná-lo de uma malícia oriunda da idade. Tudo o que saía da boca desse pequeno bárbaro e velho aos nove anos tinha o som da mentira, não obstante a tenacidade das perguntas e esperteza dos inquiridores.

A fala desse menino, no entanto, não consta explicitamente na caderneta de campo, nem nas correspondências a *O Estado*. Apesar de não haver, no canhenho, transcrição de inquirição similar, nas páginas 24, 36 e 37, misturam-se às frases precedidas por travessões as expressões “zoadão”, “tribusana velha”, “cavalo acuado”, “fechou o samba”, “rapaz de talento”, “quarando”. Assim, ou as expressões foram ditas pela criança, ou ouvidas em outra circunstância e reaproveitadas em *Os sertões*.

O universo lexical sertanejo incitava o interesse de Euclides, de sorte que, como dito acima, ao longo da caderneta, há listas de verbetes, em folhas inteiras, ou misturadas a outras anotações. Não raro, sua preocupação em registrar com exatidão o impelia a gravar a pronúncia e a entonação das palavras. Na página 24, anotou: “Aí eu saí prá perto. Eu ontem quis me pô em pé, não pude...”. Na página 21 da caderneta,

⁴⁷⁰ Id. *Ibid.*, 681-682.

passou a limpo a carta de um jagunço, pela relevância do registro da rusticidade precariamente letrada dos sertanejos:

Lovado S. N. Senhor Jesus Cristo
Belo Monte 3 di 10 bro de
Rosendo estimoti boa saúde em comp^a da sua fam.^a Meu Concelhero está procurando por voceis venha embora breve q. está se vendo não entrar m. ninguém casu os republicano venham com sintido assim diz meu concelleiro. O que eles apanhá mata venha morrer nos péis do bom Js. O Concelheiro disse 3 vezes q. o q. morreu no belo Monte ele agarante a salvação já morreo dos nossos irmão 74 no fogo q. hove morreo 5 republicano i morreo muito cabeludo. O Concelheiro está entereçado q. voceis venhão hoi o golpe na chegada do principio não passa janeiro fora por lei nenhuma. L.^as aos conhecidos. Aqui fica teu Pai. Bonifácio Mel João⁴⁷¹.

Assim, entre listagens de vocábulos, um bilhete de amor⁴⁷² e algumas quadras populares, Euclides anotava a linguagem local, porção fundamental da cultura sertaneja, para acentuar sua peculiaridade, mas também para endossar o seu argumento de que a consciência turva e o intelecto diminuto incidiam sobre uma “ortografia bárbara”, uma poesia rude.

O “gaguejar do povo”, como chamaria, posteriormente, em *Os sertões*, merecia estima, segundo Euclides, apesar de ele adotar uma orientação que hierarquizava saberes eruditos e populares. Por intermédio desse balbuciar grosseiro, coletavam-se costumes e valores locais. Por isso mesmo, esses registros, bem como as prédicas de Antônio Conselheiro, foram alvo da cobiça dos vitoriosos, às vésperas da investida derradeira ao arraial, conforme criticou em *Os sertões*⁴⁷³.

Possivelmente um traço partilhado de Silvio Romero, de quem Euclides era leitor, esse catalogar de versos, lendas e causos populares visava a angariar, por intermédio da tradição oral, elementos para a composição de uma história dos sertões. Menos do que um capricho de diletante ou de um curioso, reunir documentos não

⁴⁷¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 21.

⁴⁷² Id. Ibid., p. 62.

⁴⁷³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 318.

escritos e os “rabiscos” dos semiletrados significava dar corpo a um empreendimento científico e etnográfico, para decifrar a identidade nacional⁴⁷⁴. A propósito, era para extrair das cantigas que corriam na boca do povo sua propensão religiosa, seus guardados da memória e singularidade que Euclides copiou, em *Os sertões*, duas estrofes contidas em *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* (1879-1880), de Romero⁴⁷⁵. Em *O Homem*, no capítulo sobre Canudos, na seção *Polícia de bandidos*, o narrador conta que, ao redor de Conselheiro, ajuntaram-se crentes de toda sorte, “mulheres, crianças, velhos alquebrados, doentes inúteis”, cantarolando os mesmos versos há décadas. Transcreveu, desse modo, as linhas de Silvio Romero e agregou uma nota:

Do céu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou
Santo Antônio Aparecido
Dos castigos nos livrou!

Quem ouvir e não aprender
Quem souber e não ensinar
No dia do Juízo
A sua alma penara!

Nota do autor: Silvio Romero, “A Poesia Popular no Brasil”. O escritor transcrevia aquelas quadras em 1879, precedendo-as com o seguinte comentário: “Era um missionário a seu jeito. Com tão poucos recursos fanatizou as povoações que visitou, que o tinham por Santo Antônio Aparecido”. Já em 1879!⁴⁷⁶

Além desses versos citados de Romero, Euclides transpôs para *Os sertões* algumas quadras por ele coligidas, quando de sua estada na Bahia. Entre as páginas 58 e 61 da caderneta, constam fragmentos do cancionero de Canudos, uma poética

⁴⁷⁴ Sobre o levantamento de cantigas e lendas como empreitada científica em Silvio Romero, cf.: SCHNEIDER, Luiz Alberto. *Silvio Romero: hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 65-67.

⁴⁷⁵ ROMERO, Sylvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* (1879-1880). Rio de Janeiro: Laemmert, 1888. Obra consultada em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01614300#page/1/mode/1up>

⁴⁷⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 305.

frequentemente anônima, devotada, sobretudo, ao enaltecimento da religião. Os trechos abaixo foram aproveitados na obra de 1902, com alguns consertos de grafia e alterações.

Çaio D. Pedro Segundo
Para o reino de Lisboa
Acabôsse a Monarchia
E Brasil ficou atôa.
(...)
Nassio o Antecristo
p.^a o mundo governar
ahi estar o concelheiro
p.^a dele nos livrar
(...)
Sebastião já chegou
conta muito rijimento
acabando com o Civil
e fazendo os casamento⁴⁷⁷

Na seção *Por que não pegar contra a República?*, do quinto capítulo, de *O Homem*, os versos são antecidos de uma explicação, segundo a qual o que vibrava nas linhas era “uma religiosidade difusa e incongruente, bem pouca significação política”, o que se prestava, afinal, a recrudescer o disparatar nos assuntos da fé e o anacronismo dos canudenses:

“Sahiu D. Pedro segundo
Para o reino de Lisboa
Acabosse a monarquia
O Brasil ficou atôa!”

“Casamento vão fazendo
Só para o povo iludir
Vão casar o povo todo
No casamento civil!”

O governo demoníaco, porém, desaparecerá em breve:
"D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
E fazendo o casamento!”

“O Anti-Cristo nasceu
Para o Brasil governar
Mas ahi está o Conselheiro

⁴⁷⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 58-59.

Para delle nos livrar!”⁴⁷⁸.

Em campo, portanto, Euclides perquiriu a natureza, como procurei discutir no capítulo anterior, ao mesmo tempo em que se debruçou sobre as gentes. Tentou coletar elementos sobre as tradições locais, sobre as formas típicas de comportamento, a atribuição de sentido a gestos triviais, o percurso de indivíduos e narrativas sobre a vivência nos sertões. Por isso, em sua caderneta, preencheu páginas com dados acerca do agir em dias de festas, de hábitos mortuários, de utensílios cotidianos, de dieta alimentar, de tratamentos medicinais, de trajetórias de famílias e de personagens notáveis dos vilarejos, além das crenças disseminadas sobre as origens das pestes, guerras e secas.

Muitas dessas linhas saltaram do canhenho para a seção *Tradições*, do terceiro capítulo de *O Homem*. Entretanto, se, no material de campo, Euclides despejou anotações de um observador solitário, com pouca menção a seus interlocutores, em sua obra-mestra, despontam diálogos, ainda que sutis, com alguns autores, como Juvenal Galeno, em *Lendas e canções populares* (1865)⁴⁷⁹, e Sílvio Romero, no livro acima mencionado e em *Cantos populares do Brasil* (1883). Desses autores, sorveu versinhos, desafios e expressões regionais, mediando, assim, o seu olhar exercido *in loco* com leituras posteriores à sua viagem à Bahia. Por exemplo, valendo-se de quadras de Juvenal Galeno, como observou Leopoldo Bernucci, comentou nessa seção da segunda parte de *Os sertões* sobre os divertimentos dos vaqueiros:

⁴⁷⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 319-320.

⁴⁷⁹ Euclides tomou conhecimento deste autor cearense, somente após seu retorno da Bahia. Respondendo a Domingos Jaguaribe, em dezembro de 1897, afirmava ainda não ter lido Juvenal Galeano, presumivelmente indicado por aquele. Era por essa época que Euclides parecia ter iniciado a elaboração de *Os sertões*. Cf.: “A Domingos Jaguaribe – B. do Descalvado, 23 de dezembro de 1897.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 113. Sobre a leitura euclidiana de autores cearenses, cf.: CÂMARA, José Aurélio. Canudos e Euclides. *O Povo*, Fortaleza, 28 de agosto de 1965.

Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas redes bamboantes, relatando as peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam as horas matando, na significação completa do termo, o tempo, e desalterando-se com a umbuzada saborosíssima, ou merendendo a iguaria incomparável de jerimum com leite. Se a quadra é propícia, e vão bem as plantações da vazante, e viça o "panasco" e o "mimoso" nas soltas dilatadas, e nada revela o aparecimento da seca, refinam a ociosidade nos braços da preguiça benfazeja. Seguem para as vilas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mouramas, divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de há três séculos. E entre eles a exótica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo do aferro às mais remotas tradições. Velhíssima cópia das vetustas quadras dos fossados ou arrancadas noturnas, na Península, contra os castelos árabes, e de todo esquecido na terra onde nasceu, onde a sua mesma significação é hoje inusitado arcaísmo, esta diversão dispendiosa e interessante, feita à luz de lanternas e archotes, com os seus longos cortejos de homens a pé, vestidos de branco, ou à maneira de muçulmanos, e outros a cavalo em animais estranhamente ajaezados, desfilando rápidos, em escaramuças e simulados recontros, é o encanto máximo dos matutos folgazãos. Nem todos, porém, a compartilham. Baldos de recursos para se alongarem das rancharias, agitam-se, então, nos folguedos costumeiros. Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no *choradinho* ou *baião*. (...) *Despontam o dia* com uns largos traços de aguardente, a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos. Um cabra destalado ralha na viola. Serenam, em vagarosos meneios, as caboclas bonitas. Revoluteia, "brabo e corado", o sertanejo moço. Nos intervalos travam-se os desafios. Enterreiram-se, adversários, dois cantores rudes. As rimas saltam e casam-se em quadras muita vez belíssimas.

Nota do autor: *Famanaz no desafio* – grande repentista. *Choradinho e baião* – danças vulgares no Norte. *Despontar o dia* – o primeiro gole de qualquer bebida no começo da função. *Destalado, brabo e corado, bala e onça, destabocado* e outros – são termos comuns, significando todo indivíduo forte, hábil, etc. *Serenar na dança* – dançar muito vagarosamente, sem fazer barulho com os pés. *Ralhar na viola* – tocar ruidosamente com habilidade. A denominação *teimosa*, dada à cachaça, é de uma filosofia adorável. Nada diz melhor a atração que ela exerce sobre aqueles valentes e o desejo nunca realizado que eles têm, de evitá-la.⁴⁸⁰

Nesse trecho de sua obra-mestra, Euclides traduziu os folguedos sertanejos como tradições primitivas, que se conservavam, em vastos lapsos temporais, desconhecendo o movimento e experimentando, apenas, um eterno ontem. As práticas resistiam intactas, porque o tempo se apresentava imóvel. Lá, nos sertões, o passado persistia, não se intimidava com o presente e, talvez, ignorasse completamente as promessas de aceleração do futuro. Em campo, alegara essa impressão e, em Monte Santo, nas cercanias de Canudos, escreveu a *O Estado de S. Paulo*, em 07 de setembro de 1897:

Tem-se a sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo. A terra realiza sua rotação eterna, os dias sucedem-se astronomicamente, mas não mudam aqui. Parece que

⁴⁸⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 226-228.

é o mesmo dia que se desdobra sobre nós - indefinido e sem horas - interrompido apenas pelas noites ardentes e tristes⁴⁸¹.

Assim, a imobilidade do tempo, um argumento central na compreensão da alteridade sertaneja em *Os sertões*, ia ganhando corpo durante sua viagem. Também se delineava, em sua estada, uma distinção, que o acompanharia mais tarde, sobre as leituras do tempo. Apesar de anacrônico, o sertanejo apresentaria traços positivos, uma firmeza e resiliência que poderiam constituir o “cerne da nacionalidade”. Em uma correspondência a *O Estado*, enviada de Queimadas, em 1º de setembro, Euclides relatava espantado o vigor com que homens, jovens e mulheres levantaram rapidamente suas casas.

Sob uma atração irresistível famílias inteiras mudaram-se para Canudos que cresceu bruscamente em poucos meses, por que a edificação rudimentar permitia que a multidão sem lar fizesse uma média de doze casas por dia. O fato é assombroso mas acordam, expondo-o, todos os informantes. Não é de espantar a ninguém a resistência espantosa desdobrada. Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora, em plena exuberância da vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômita. Pela janela entreaberta vejo neste momento um deles, a cavalo, no meio da praça, todo vestido de couro. É um vaqueiro inofensivo (...). Imóvel sobre a sela, todo vestido de couro, calçando botas que sobem até a cintura, chapéu de abas largas meio inclinado sobre a frente - a vestia rústica de um vermelho escuro imprime-lhe o aspecto de um cavalheiro antigo coberto ainda da poeira da batalha. Considerando-o penso que a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor. Depois da nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade⁴⁸².

Ou seja, embora tomasse por certa a vitória da República e a desejasse, Euclides julgava ser importante integrar os sertanejos à civilização e garantir-lhes as condições para que ingressassem na história, como símbolo da nacionalidade. Uma das formas de incorporação já havia sido sinalizada por ele na correspondência de 15 de agosto,

⁴⁸¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 165.

⁴⁸² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 139-140.

outrora citada. O “mestre-escola” abriria as trilhas do sertão para o futuro e romperia o seu estacionamento do tempo.

Entretanto, a perspectiva mais otimista de um atraso remediável se chocava com uma abordagem depreciativa dos assuntos religiosos entre os sertanejos. Na caderneta de campo e nas missivas ao jornal, a demasiada fé local sobressaía como um desvio ou inépcia das gentes, como um arcaísmo deplorável. Sombreados pela falta de ilustração, os sertanejos careceriam de nitidez para compreender os episódios ao redor. As profecias achadas em folhas no arraial e cercanias não eram tratadas, em um horizonte de possibilidades, como mais uma interpretação ou apreensão da realidade, mas como seu falseamento. Um bilhete com prenúncios, que continha a célebre profecia de que o “sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”, assinado de Belo Monte, aos 24 de janeiro de 1890, foi transcrito na caderneta, como palavras de delírio:

Em 1894 há de vir rebanhos de mil correndo do centro da Praia para o sertão então o sertão virará Praia e a Praia virará sertão. Em 1895 os homens dos seus barcões abrirão as portas e assentar-se-ão em cima de seus barcões e não há de vender cinco réis de fazenda. Em 1896 há de haver guerra Nação com a mesma Nação, o sangue há de correr na terra. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só Pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá m chapéus e poucas cabeças. Em 1899 converter-se as águas em sangue o planeta há de aparecer no nascente com o raio do Sol q o ramo se confrontará com a terra e a terra em algum lugar se confrontará com o Ceo, ajuntará-se astronámos da terra se ajuntará com os mares; planetas do Céu há de brigarem com os astronámos da terra. Há de chover uma grande chuva de estrelas; cairá muitos meteoros na terra que daí será o fim do mundo⁴⁸³.

Esse trecho reverberou na seção *Profecias*, do quarto capítulo de *O Homem*, com algumas modificações. Na feitura do livro, Euclides suprimiu o ano de 1896, sobre o qual o bilhete vaticinava: “há de haver guerra Nação com a mesma Nação, o sangue há de correr na terra”⁴⁸⁴. Talvez porque, 1896 havia sido o ano em que o governo republicano enviou a primeira expedição militar designada para sufocar Canudos e qualquer “acerto” dos profetas dos sertões poderia comprometer o “extravagar

⁴⁸³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 75.

⁴⁸⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 277.

adoidado” imputado a essas predições. As narrativas sertanejas, em especial com conotação religiosa, eram desautorizadas como parâmetros de leitura de mundo por Euclides. Domínios do equívoco, da deturpação, elas atavam as gentes a um passado sombrio e irracional.

Desse modo, se a respeito das danças, cantigas e folguedos sertanejos, o tom de Euclides era de interesse, sobre os sinais da religiosidade qualquer simpatia se esvaía. O habitante dos sertões, humilde, forte e original, tornava-se, em suas práticas religiosas, um desvairado, que confundia o real com suas “lendas arrepiadoras”⁴⁸⁵. Essa ondulação depreendida na caderneta intensificou-se na obra de 1902 e encarnava em Antônio Conselheiro toda a carga de negatividade.

Esses aspectos que intrincavam a religiosidade sertaneja à “superstição”, à “imaginação viva – reflexão estreita”, ao “terror religioso”, arremetendo-a a um passado primitivo, constam no sumário *O Homem*, na página 13 da caderneta de anotações. Como abordei no capítulo anterior desta tese, Euclides deixou traços de que vinha esboçando seu futuro livro nesta caderneta e parte da segmentação decisiva de *Os sertões* se encontra no canhenho, com versões preliminares dos índices de *A Terra e O Homem*.

Este último roteiro antecipa alguns temas de sua obra-mestra e entrelaça as faculdades intelectivas à opulência do meio, a influência das secas e a configuração do solo como fatores decisivos para a vida local. A resolução de sumariar traços que julgava distintivos das gentes sertanejas transparece em sua caderneta e repercutiu, sobretudo, no primeiro e no terceiro capítulo da segunda parte de *Os sertões*. Abaixo, o esquisso do índice no material de campo e, depois, o sumário definitivo do livro.

⁴⁸⁵ Id. *Ibid.*, p. 288; 270.

O Homem

Sumário – Vida animal exuberante prejudicando as funções intelectuais e morais – Exageros da vida material – A capacidade étnica da raça corrigirá as influências termométricas? – A alimentação – A influência de um solo árido – Vida nômade – Frugalidade explicada pela altura térmica – Imprevidência pela vida. Eterno conflito entre os elementos da vida intelectual e a existência coletiva – Sociedade inconsciente – Predomínio das paixões pessoais – Regime pastoril nômade. Aspecto atraente das chapadas – Incentivo à vida aventureira – O deserto áspero e impenetrável isolador térmico. Insulamento no deserto determinando a conservação dos velhos costumes e erros.

Imunidade para as febres palustres – A superstição – Regressão para o tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos. Predomínio dos mais fortes. A cor. Aspecto. Caracteres físicos. Infantilidade. Imaginação viva – Reflexão estreita. Memória feliz! Imprevidência. Resistência à dor. O medo. Terror religioso. A moralidade. A alimentação. A habitação. Exemplos de delicadeza moral. Espírito vingativo. O roubo. As vaquejadas. Vocabulário. As santas missões. A coragem pessoal⁴⁸⁶.

O Homem

I. Complexidade do problema etnológico no Brasil. Variabilidade do meio físico e sua reflexão na história. Ação do meio na fase inicial da formação das raças. A formação brasileira no Norte. [Os primeiros povoadores]. [Os jesuítas]. [Gênese do mulato].

II. Gênese dos jagunços. O vaqueiro, mediador entre o bandeirante e o padre. Função histórica do Rio S. Francisco. Os jagunços: prováveis colaterais dos paulistas. Fundações jesuíticas na Bahia. Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-a dos cruzamentos no litoral. Um parêntese irritante. Uma raça forte.

III. O sertanejo. Tipos díspares: o jagunço e o gaúcho. Os vaqueiros. Servidão inconsciente; vida primitiva. A vaquejada e a arribada. Tradições. A seca. Insulamento no deserto. Religião mestiça: seus fatores históricos. Caráter variável da religiosidade sertaneja: a Pedra Bonita e Monte Santo. As missões atuais⁴⁸⁷.

Na comparação, algumas hipóteses importantes para a configuração do homem dos sertões afiguram-se na caderneta de anotações. Estão nesse sumário os pressupostos de que os aspectos naturais martirizariam o homem, impondo-lhe lutas constantes, e de que o insulamento geográfico implicou a incomunicabilidade daqueles cantos com o restante do país. O argumento da simbiose entre a terra e o homem foi essencial para tramar a explicação de que o espaço ignoto teria velado pelas permanências da cultura sertaneja, ou, em suas palavras “a conservação de velhos costumes e erros”.

⁴⁸⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 13.

⁴⁸⁷ Até a terceira edição d’*Os sertões*, datada de 1905, e revisada pelo próprio autor, o subtítulo *Os jagunços: prováveis colaterais dos paulistas* aparece imediatamente após *Gênese do jagunço*. Cf.: ARAÚJO, Ruy Magalhães de. “Comentários sobre as várias edições d’*Os sertões*, de Euclides da Cunha”. In: *SOLETRAS*, ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, julho-dezembro, 2002. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/4/05.pdf> ; nota 2 de CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 149.

O epítome da caderneta bosqueja, ainda, a interpretação euclidiana do processo etnológico gerador do sertanejo. A “regressão para o tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos” seria mais tarde a tese de uma mestiçagem mais positiva, responsável pela formação do sertanejo. Em sua leitura, para o caldeamento que originaria o sertanejo não haveria componentes extremamente díspares, o que lhe permitiria alguma homogeneidade. Assim como em seu principal livro, Euclides silenciou a presença do negro na composição étnica da gente sertaneja. Essa obliteração revela-se importante, porque redimensiona o debate entre o prefigurado, o visto e o projetado em sua obra. Longe de esmaecer o impacto da experiência empírica de Euclides, esse silêncio permite discutir o que o autor viu e o que pretendeu dar a ver a seus leitores.

Essa versão preliminar do sumário indica, também, um modo de direcionar o olhar em campo, isto é, de estabelecer uma pauta para catalogar as gentes sertanejas. Ao revés de uma mirada indisciplinada, ao léu, Euclides propunha aspectos centrais para decifrar os homens que se apresentavam diante dele. A observação deveria deter-se, pois, na vestimenta, no nomadismo decorrente das estiagens, nas atividades boeiras, no trabalho do vaqueiro e sua servidão inconsciente, nas manifestações religiosas, nas predisposições morais.

Apesar da desordem da caderneta, uma vez que Euclides não seguia uma paginação linear para despejar suas informações, nas páginas imediatamente seguintes ao sumário *O Homem*, ele se concentrou na captura das minúcias da vida sertaneja. Entre vocábulos corriqueiros, figuras da sociabilidade e desenho do tipo físico do jagunço, anotou na página 17:

Capangueiro, negociante que compra diamante ao garimpeiro.

Picuí, canudo de taboca com rolha de madeira, aonde se guarda os diamantes ou quaisquer outras pedras.
Positivo – capanga de confiança para incumbências sérias.
Caldeirão – buraco na pedra.
Capanga (feminino), bolsa de viagem.
(...)
Encamisada – festa; cavalcada noturna com lanternas, cavaleiros vestidos de branco, os cavalos cobertos de alvas e compridas mantas
Jagunço – porte pouco elegante, pouca barba, cabelo liso, duro, maçãs salientes, no achatado do crânio e tez morena⁴⁸⁸.

Na caderneta, os jagunços e vaqueiros irrompem como figuras cruciais, por constituírem a alma sertaneja. Nas páginas 18 e 19 do canhenho, Euclides tracejou o sertanejo, essencialmente ligado à cultura boieira. A descrição de sua vestimenta, de seus costumes alimentares e de sua índole reverberou no terceiro capítulo de *O Homem*, na obra de 1902, cuja seção *Os vaqueiros* inicia-se com a afirmação: “todo sertanejo é um vaqueiro”. Abaixo, um excerto do material de campo:

Não há sertanejo q. não seja vaqueiro – Entende com os animais domésticos.
(...)
Indústria de peles de tamanduá, raposa, veado, gato-do-mato, suçuarana – maritataca que chamam de cangambá de catitu (couro bom p.^a botas). Usam algodão da terra plantando, colhendo, fiado e tecido por eles mesmos. Não conhecem o pão e nem a bolacha. A manteiga é um mito. Café e rapadura já se vão encontrando em um ou outro albergue q. denominam fazenda!
(...)
Sertanejo é em geral – bom, simples, inteligente, inculto, desconfiado, altivo, leal, respeitador, econômico à parcimônia, pouco liberal, afeiçoado ou agradecido, probo e honesto.
Amante da caça, bom atirador de garrucha que leva à cinta numa capa de couro, a par do facão jacaré (duas armas prediletas) – tem boa vista e grande tino; andam com rapidez léguas e léguas.
(Modo de trajar do jagunço e do gaúcho, ambos vaqueiros) – Não lhe escapa nada do que acontece na zona em que age.
Por meio brandos consegue-se dele tudo contanto q. não lhes fira o sentimento da honra. Nunca andam descalços, usam alpercatas¹⁰ e em geral sapatos – Os jagunços porém andam sempre de pés no chão. Equilibram-se bem no cavalo mas sem elegância. A sela da montaria, feita por eles mesmo, imita o lombilho do Rio Grande – é mais curta e saliente em seus extremos e não tem os apetrechos daquele.⁴⁸⁹

⁴⁸⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 17.

⁴⁸⁹ Id. Ibid., p. 18-19.

Euclides ensaiava, aqui, uma comparação entre o jagunço e o gaúcho, porque ambos compunham a cultura boieira⁴⁹⁰. Apesar de não citar Domingo Sarmiento, o autor emerge como uma referência implícita na aproximação⁴⁹¹. Se pensar o jagunço, ou seja, o sertão, era pensar, por contraste, o litoral, então, evocar o gaúcho, a metonímia do campo, era evocar a cidade. Desse modo, lembrar o gaúcho na caderneta poderia significar as dissonâncias entre a ruinação das populações do interior e os avanços da civilização nas áreas urbanas.

Em seu canhenho, Euclides encontrou confluência entre o sertanejo e o gaúcho, sobretudo em função da lida com o gado, e os discerniu devido aos trajés e apetrechos de montaria. Se, na caderneta, a referência foi mais ligeira, em *Os sertões*, o autor explorou mais as diferenças, que se desdobraram na seção *Tipos díspares: o jagunço e o gaúcho*, no terceiro capítulo, de *O homem*, reservado às dissimilaridades do meio, do caráter e das roupas. Mais desgraciosos e abatidos, fendidos pelo sol da caatinga e pelas calamidades do meio, os sertanejos carregavam no rosto a desolação e vestiam-se de roupas rígidas, do couro monótono, para proteger-se do cenário retorcido e farpado. Os

⁴⁹⁰ Vale lembrar, seguindo os passos de Berthold Zilly, que Euclides jogou com a ambiguidade deste termo “gaúcho”, que pode significar tanto o vaqueiro sulista, quanto o habitante do Rio Grande do Sul. Cf.: ZILLY, Berthold. “A barbárie: antítese ou elemento da civilização? Do *Facundo* de Sarmiento a *Os sertões* de Euclides da Cunha.” In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão. (Orgs.) *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001, p. 296.

⁴⁹¹ Latente em *Os sertões*, a obra de Sarmiento, *Facundo, ou civilização e barbárie* publicada em 1845, foi expressamente referida por Euclides apenas no discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, proferido em dezembro de 1906 e no ensaio *Viação Sul-Americana*, de *À margem da História*, cuja publicação, a princípio pensada por Euclides, concretizou-se postumamente, em 1909. No discurso na ABL, ao afirmar que “certo ainda não tivemos um Domingos [sic] Sarmiento ou um Herculano que nos abreviasse a distância do passado”, Euclides parecia sugerir que o estudo de Sarmiento sobre o *gaucho*, com o progredir da história argentina, trazia para o presente a apreciação de um elemento do passado. A formulação “não tivemos um Sarmiento ou um Herculano” lembra diversos trechos de *Os sertões* e de *À margem da história* em que Euclides lamentava a inexistência de uma história ou de um historiador para contar aquelas gentes e terras. Provavelmente chamava para si a responsabilidade de reconciliar a nação brasileira com sua história, ao examinar o sertanejo, uma sub-raça, para ele, incrustada no passado. Já em *Viação Sul-Americana*, Euclides louvava Sarmiento pela argúcia do paralelismo entre o adentrar da estrada de ferro em territórios inóspitos e a chegada e o alastramento do progresso nos pampas, propiciando “o fim da selvagem epopeia dos gaúchos”. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 229-233; CUNHA, Euclides da. “Viação Sul-Americana.” Op. cit., 1999, p. 87; SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

gaúchos, ao contrário, em uma natureza mais gentil com o homem, desconheciam a devastação das secas, a vegetação espinhosa dos sertões, de sorte que seus trajes pareciam de festa, se comparados aos dos vaqueiros no norte. Os sertanejos, no entanto, recompensariam a desvantagem do corpo desenxabido e da vestimenta deselegante com coragem e robustez.

De acordo com Leopoldo Bernucci e Berthold Zilly⁴⁹², a afinidade entre Euclides e Sarmiento residiria na perspectiva dualista da sociedade, com a mobilização de palavras-chave como deserto, ruína, tapera, civilização e barbárie, na determinação dos elementos geográficos sobre a cultura dos habitantes das zonas rurais e na escolha de personagens e tipos, ambíguos, mistos de heróis e anti-heróis.

Portanto, convergentes na cultura boieira, gaúcho e jagunço distanciavam-se, em especial, pelas mazelas do meio, que forjavam o último um cavaleiro arcaico, encourado e empoeirado. Euclides talhou essa imagem do sertanejo como um combatente, paradoxalmente, envergado e rígido, em duelos contra a natureza e contra as tropas do exército, na caderneta e, em *Os sertões*, acentuou o seu descompasso com o tempo. Na obra de 1902, mais uma vez, os sertanejos irrompem como uma insistência do passado.

Abaixo, o cotejo dos trechos:

Veste-se de couro – chapéu de couro, gibão de couro curtido de veado, ou vaqueta, colete com modelo do nosso de couro também, alguns são de gato-do-mato com o pêlo para fora p.^a os dias de festas; peito espécie de gravata plastron sem as dobras; *perneiras* estreitas de couro resistente e *guarda-pés* na frente dos estribos de ferro e esporas grandes⁴⁹³.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as *perneiras*, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em *joelheiras* de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas *luvas* e *guarda-pés* de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

⁴⁹² BERNUCCI, Leopoldo Op. cit., 1995, p. 39-50; ZILLY, Berthold. Op. cit., p. 271- 301.

⁴⁹³ CUNHA, Euclides da., Op. cit., 1975, p. 15.

Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias...⁴⁹⁴

Por fim, cabe sublinhar que além da tessitura do outro, em sua dimensão sincrônica, resultado da experiência *in loco*, Euclides registrou em sua caderneta algumas obras para rastejar uma perspectiva diacrônica e volver à história das gentes e das terras ignotas. Assim, há notas extraídas de *Descrições práticas da província da Bahia* (1888), de Durval Vieira de Aguiar, para elucidar os primórdios da ocupação da Bahia⁴⁹⁵; comentários sobre a penetração no território pelos bandeirantes e a ação do maravilhoso na religiosidade local⁴⁹⁶; e citações às escavações do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund no tocante à antiguidade do *homo americanus*. De modo similar ao seu procedimento em relação à natureza, Euclides sorvia da literatura científica e histórica, bem como de crônicas, anteparos a sua visão. Armava o seu olhar, preferencialmente, com a autoridade de quem pesquisara *in situ*. As narrativas locais, por sua vez, forneceriam mais o frasear das gentes e versões de histórias que lhe soavam mais fantasias do que dados críveis.

À proporção que se embrenhou na Bahia e acompanhou os lances da refrega, Euclides defrontou-se com as ambiguidades dos sertões, em que as gentes despertavam comiseração e repulsa, simultaneamente. Adensaram-se, em campo, as oscilações na leitura sobre os sertanejos, que ora pendia para uma caracterização mais bárbara e depreciativa, ora para uma admiração. Talvez o tipo sertanejo, “antes de tudo, um

⁴⁹⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 213.

⁴⁹⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 40-47; 91.

⁴⁹⁶ As passagens da página 146 e 147 da caderneta sobre as entradas ao Tietê e São Francisco e sobre os famosos personagens destas explorações foram reformuladas na seção *Variabilidade do meio físico e sua reflexão na história*, do primeiro capítulo de *O homem*. As notas da página 148 acerca do lançar-se na criminalidade, ou do “banditismo incipiente” e dos “velhos erros das raças” que criaram “o misto extravagante e sem originalidade de uma religião sujeita ao fatalismo bíblico da providência divina” alimentaram as seções *Religião mestiça; seus fatores históricos* e *Caráter variável da religiosidade sertaneja...* Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 171, 174, 237, 238, 249.

forte”⁴⁹⁷ lhe conviesse mais do que as crianças de faces dilaceradas e horripilantes, as “bruxas”⁴⁹⁸ depoentes ou o prisioneiro que, como “um animal, não valia a pena interrogá-lo”⁴⁹⁹.

A experiência em campo descortinou, portanto, uma alteridade mais complexa do que previra no artigo *A nossa Vendeia*. Em sua caderneta, na página 32, rascunhou, em meio a detalhes sobre o conflito, um fragmento da correspondência de 1º de outubro, a última que enviara ao jornal. O observador que principiara a travessia, clamando o esmagamento da “horda de maltrapilhos”, terminava hesitante e trôpego, diante de uma guerra com cinco mil soldados mortos e o massacre de dez a vinte e cinco mil sertanejos⁵⁰⁰:

Felizes os que não presenciaram nunca um tal quadro. Quando eu voltei, percorrendo lentamente, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, senti a mesma mágoa indefinível, o mesmo desapontamento que deve sentir um nababo opulento expulso bruscamente dos salões dourados em que nasceu e obrigado a pedir uma esmola na praça pública. Quanto ideal ali deixei perdido, naquela sanga maldita e quanta aspiração lá ficou, morta, absolutamente extinta, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam cheios de poeira e sangue...⁵⁰¹

De volta da campanha, o livro que chamaria *A nossa Vendeia* tornou-se *Os sertões*, talvez a significar a passagem de um sertão desconhecido e imaginado para o vivido. Ao amigo Escobar, Euclides escreveu, em Lorena, em 22 de abril de 1902, meses antes da publicação: “Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária”⁵⁰².

⁴⁹⁷ Id. Ibid., 207.

⁴⁹⁸ Id. Ibid., p. 733.

⁴⁹⁹ Id. Ibid., p. 731.

⁵⁰⁰ Estimativa em: VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 175.

⁵⁰¹ Para comparar com a redação final da correspondência, publicada apenas em 25 de outubro em *O Estado*, cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 218.

⁵⁰² “A Escobar, Lorena, 21 de abril de 1902.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 133.

3.3. Os outros na selva

Como procurei apresentar no capítulo anterior, após o primeiro vestígio do intento de embrenhar-se na selva amazônica, rastreado em uma carta a Louis Cruls, Euclides pronunciou-se, em maio de 1904, nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O País*, sobre as tensões concernentes às fronteiras do extremo norte com o Peru. Se a assinatura do Tratado de Petrópolis, em novembro 1903, resolvera a contenda entre Bolívia e Brasil, passando para este o território do Acre, a querela entre brasileiros e peruanos no Javari, Alto Juruá e Alto Purus permanecia. A região, que desde a segunda metade do século XIX vinha despertando interesses políticos e econômicos, atraiu Euclides como um tema profícuo para o debate sobre as fronteiras externas do Brasil e os limites do alcance da nacionalidade. Ademais, como ocorrera, entre 1895 e 1901, para a resolução do dissídio entre Bolívia e Brasil, a tensão com o Peru implicava a formação de novas comissões de demarcação. A escrita desses artigos por Euclides se insere, portanto, em um posicionamento interessado na participação de alguma comissão vindoura. Nas próximas linhas, volto, brevemente, aos textos, para destacar a leitura euclidiana que concilia gentes, nação, tempo e civilização, naqueles “cantos remotíssimos”.

Em *Conflito Inevitável*, publicado em 14 de maio de 1904, em *O Estado de S. Paulo*, valendo-se da chave interpretativa que associava o homem à natureza, Euclides sustentava o caráter dispersivo da nacionalidade peruana, em decorrência da variedade de suas paisagens. Uma sociedade “abarracada ao território”, pleno de contrastes, produzia gentes multifacetadas, não irmanadas à terra, desprendidas de sua nacionalidade e, conseqüentemente, impelidas a errar para além do território peruano.

No Peru, desfilaria, pois, “a mais numerosa galeria etnográfica da terra”⁵⁰³, o que gestava um conflito latente, nas bordas com a Amazônia brasileira.

A ideia de uma fratura identitária naquele país, aprofundada pelo influxo de estrangeiros na região, foi retomada no artigo *Contrastes e Confrontos*, publicado, em *O País*, no dia 21 de maio de 1904. Segundo o autor, a raça forte autóctone fora brutalizada e diluída pelos espanhóis, e, mais tarde, pelos adventícios atraídos pela extração de recursos naturais. Solapada, a “civilização lendária” só chegava ao presente como ruínia e fragmentos de uma grandeza antiga, saqueados por agentes centrífugos, cujo desapareço pelas tradições agravava a deterioração do passado. O aniquilamento do pretérito e a afluência de estrangeiros corroíam o Peru e faziam dele uma “ficção etnográfica”⁵⁰⁴.

No dia seguinte, veio a público, por *O Estado de S. Paulo*, *Contra os caucheiros*, uma crítica à estratégia de garantir as fronteiras brasileiras com o envio de tropas militares. Porque estivessem amalgamados ao meio, os caucheiros peruanos no entorno do Alto Purus não seriam derrotados por estratégias tradicionais. As forças repelentes desses invasores se encontravam no Acre, havia cerca de duas décadas. Euclides se referia aos “sertanejos dos Estados do Norte”, que migraram para a Amazônia, devido às secas e às possibilidades abertas pela borracha. Lá, o jagunço, “domador único” do caucheiro, suplantaria este tipo, fruto do “hibridismo moral” entre a “bravura aparatosa do espanhol” e a “ferocidade mórbida do quíchua”. O sertanejo, simultaneamente franzino e grandioso, por ter sido fundado nos reveses de sua terra de origem, resistiria e preservaria a Amazônia brasileira. Nas palavras do autor:

⁵⁰³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I., p. 180.

⁵⁰⁴ CUNHA, Euclides. 1966, Loc. cit.

E confiados naqueles minúsculos titãs de envergadura de aço enrijada na têmpera das soalheiras calcinantes, a um tempo bravos e joviais, afeitos às deliberações rápidas e decisivas de uma tática estonteadora, que improvisam nos combates com a mesma espontaneidade com que lhes saltam das bocas as rimas ressoantes dos folguedos - poderemos permanecer tranquilos⁵⁰⁵.

Assim, os jagunços, adversários internos nos tempos de *A nossa Vendeia*, agora, diante de inimigos externos, tinham enaltecidas sua bravura, jovialidade e capacidade de adaptação, para garantir a permanência e a hegemonia nacional dentro do Brasil. Tratava-se de um duelo de mestiços, em que o sertanejo do norte se convertia no guardião das fronteiras e, conseqüentemente, da identidade nacional.

Em 29 de maio de 1904, Euclides publicou, em *O Estado de S. Paulo*, *Entre o Madeira e o Javari*, comentando o abandono histórico da região. O olvido do Javari, o limite mais ocidental do país – rio que determinava, portanto, a medida da extensão brasileira –, havia sido rompido por investidas de norte-americanos e pela instauração da navegação comercial naquelas bandas. Consecutivamente, o deserto deu lugar a uma profusão de línguas estrangeiras, nas áreas de fronteira do extremo norte do país. Segundo Euclides, de repente,

repointou daquela forte convergência de energias trazendo desde o nascer um caráter destoante do de nossos povoados sertanejos - com o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, o Purus e o Labrense, e o luxo suntuário de um teatro concorrido, e colégios, e as ruas calçadas e alinhadas: *a molécula integrante da civilização aparecendo, repentinamente, nas vastas solidões selvagens...*⁵⁰⁶ (grifos meus)

Uma vez inoculada a molécula da civilização, diferentes nacionalidades trançavam a porção setentrional do Brasil. Construía-se “um dos melhores capítulos da nossa história contemporânea” e também “o exemplo mais empolgante da aplicação dos princípios transformistas às sociedades”. Euclides acreditava na seleção natural a

⁵⁰⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I., p. 185.

⁵⁰⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 188.

operar naqueles cantos, no entanto, rearticulava-a em outros termos, de sorte a retorcer as previsões negativas de teorias deterministas, como as de Henry Buckle.

Para o autor de *History of Civilization in England*, cujos dois volumes foram publicados em 1857 e 1861 e traduzidos para o português nas últimas décadas do século XIX, a imponência da natureza e o grau de civilização eram inversamente proporcionais. Buckle asseverava que, em sociedades quentes, com abundância de recursos naturais, a capacidade de trabalho e de elaboração racional sofreria prejuízo, em favor do desenvolvimento da imaginação. Débil, o homem se submetia, então, ao meio. Já em sociedades onde a natureza retraía seu esplendor, as habilidades intelectivas e de trabalho seriam aprimoradas, permitindo ao homem domar a natureza. Em suma, a pequenez do entorno agigantava o homem, enquanto a exuberância do meio inibia suas energias e tolhia o progresso⁵⁰⁷.

Em *Os sertões*, Euclides citara a tese “*manageability of nature*, de que nos fala Buckle”⁵⁰⁸, absorvendo a cisão formulada pelo inglês e aplicando-a ao corte sul e norte, ou litoral e sertões do Brasil, como notou Luciana Murari⁵⁰⁹. A dualidade constitutiva do Brasil seria resultado da existência de uma porção que manejava a natureza e atingia o progresso e de outra que se submetia aos seus desígnios e estacava retrógrada.

Agora, no caso da Amazônia, a adaptação euclidiana da tese de Buckle residia no fato de que, ao contrário de obstar o progresso, a exuberância da natureza seria a promessa do futuro. Por isso, assegurar o pleno pertencimento da Amazônia ao Brasil significava apostar em um futuro aberto ao progresso. Como mencionei em outras circunstâncias, Euclides atribuía à natureza um papel decisivo na integração do norte ao

⁵⁰⁷ARAÚJO, Valdei Lopes de. “Henry Thomas Buckle - Apresentação.” In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-225; BUCKLE, Henry Thomas. “Introdução geral à História da Civilização na Inglaterra – 1857.” (Tradução Valdei Araújo). In: Id. *Ibid.*, p. 226-245.

⁵⁰⁸CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 2001, p. 160.

⁵⁰⁹MURARI, Luciana. *Op. cit.*, 2007, p. 65-73.

território brasileiro e, por conseguinte, na costura da unidade nacional. Ao eleger os mais fortes, o quadro natural privilegiava os sertanejos, que, mais bem aclimatados às provações da selva, suplantariam os adventícios. Aqui, imperava a imagem do sertanejo que, resistente às adversidades do meio, se fazia forte. Nas palavras do autor:

Aqueles lugares são hoje, no meio dos nossos desfalecimentos, o palco agitadíssimo de um episódio da concorrência vital entre os povos. Alfredo Marc encontrou, nas margens do Juruá, alguns parisienses, autênticos parisienses, trocando os encantos dos *boulevards* pela exploração trabalhosa de um seringal fartíssimo; e acredita-se que o viajante não exagerou. Lá estão todos os destemerosos convergentes de todos os quadrantes. Mas, *sobrepujando-os pelo número, pela robustez, pelo melhor equilíbrio orgânico da aclimação, e pelo garbo no se afoitarem com os perigos, os admiráveis caboclos do norte* que os absorverão, que lhes poderão impor a nossa língua, os nossos usos e, ao cabo, os nossos destinos, estabelecendo naquela dispersão de forças a componente dominante da nossa nacionalidade⁵¹⁰(grifos meus).

Amazônia, o lugar singular em que a natureza escolhia os sertanejos, “os admiráveis caboclos do norte”, para sobrepujar os forasteiros. Embora a natureza e os sertanejos fizessem o seu papel, a incorporação definitiva da Amazônia dependeria da ação do governo. O olhar interventor de Euclides prescrevia “a facilidade das comunicações e a aliança das ideias, de pronto transmitidas e trançadas na inervação vibrante dos telégrafos”. A comunicação e o transporte, vias de acesso ao futuro, precisavam chegar aos cantos mais distantes do Brasil. Eram terras que fizeram Humboldt estacar “empolgado pela visão de um deslumbrante palco” e prognosticar ser aquele cenário “onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo”⁵¹¹. Euclides temia, no entanto, que as terras responsáveis por maravilhar Humboldt, as quais congregariam o futuro da civilização, pudessem se descolar e fragmentar a nação brasileira.

⁵¹⁰ CUNHA, Euclides da. 1966, Loc. cit.

⁵¹¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 189.

Interpretados conjuntamente, esses artigos revelam pistas de como o autor entrelaçava gentes, nação, tempo e civilização, na Amazônia. No primeiro texto, apresentou o problema etnológico no Peru, em função da variabilidade do meio físico. Mobilizando essa formulação da questão – que, aliás, reflete as seções subsequentes *Complexidade do problema etnológico no Brasil e Variabilidade do meio físico e sua reflexão na História*, constantes do primeiro capítulo de *O Homem de Os sertões* –, Euclides afirmava que a multiplicidade de paisagens no Peru desdobrava-se em sua “ficção etnográfica” e na indefinição de sua nacionalidade. A entrada de estrangeiros na região dispersava ainda mais o que existia em fragmentos. Em um cenário vago e de incertezas, a parte oriental da Amazônia aflorava como promessa de futuro para os peruanos. No entanto, para as zonas fronteiriças do Brasil, a concorrência destes e de outros estrangeiros ameaçava o território e a coesão nacional. Haja vista que partilhava de uma perspectiva de história exemplar, Euclides pinçava no caso vizinho uma lição: a necessidade de assegurar a presença brasileira, para impedir os impulsos centrífugos.

A energia repulsiva aos influxos estrangeiros encarnava nos “caboclos do norte”, os mestiços sertanejos, que o autor descrevera em sua obra-mestra. Curiosamente, Euclides silenciou nesses artigos as populações indígenas, tanto brasileiras, quanto peruanas, aludindo apenas genericamente à “raça autóctone no Peru” como representante de uma civilização extinta.

Assim, os sertanejos, mestiços e afeiçoados aos caos e às mazelas naturais, migraram e se amoldaram à Amazônia, protegendo-a. Definidos, antes da viagem a Canudos, como o outro interno que a República extirparia, agora, convertidos em cerne da nacionalidade, impediriam o domínio do outro externo nas terras brasileiras.

Nos termos de Nicolau Sevcenko, o “nacionalismo defensivo” de Euclides conferia ao sertanejo a esperança de homogeneizar a nação e impedir a diluição dos seus

traços originais, desvencilhando-se do cosmopolitismo intensificado pela imigração⁵¹². A esse propósito, convém lembrar o artigo *Nativismo provisório*, reunido a esses quatro textos amazônicos, no livro *Contrastes e Confrontos*, publicado em 1907. Nele, Euclides comentava o “antilocalismo” brasileiro diante da voga de estrangeiros. Embora importantes para o desenvolvimento, sobretudo, econômico do país, os imigrantes disseminavam e implantavam seus costumes e “ambiente moral” no exílio que haviam buscado, graças “ao nosso desapego às tradições, ao cosmopolitismo instintivo e à insegurança de nossos próprios estímulos”. O exilado fazia do exílio sua pátria, enquanto o local dela se desterrava. Configurava-se, portanto, uma “infiltração poderosa”, porque Euclides, embebido de teorias deterministas raciais, acreditava na sobreposição dos mais fortes, oriundos de nações civilizadas. Instava, por fim, medidas que conservassem a autonomia nacional e velassem “pela originalidade ainda vacilante de um povo”⁵¹³.

Essa inquietação também rondava Euclides em seus artigos amazônicos, publicados em maio de 1904. Por esse motivo, demandava a ação do governo no sentido de incorporar a Amazônia, apontando o telégrafo como uma maneira de desencravar os “recessos” da nação. Euclides não estava sozinho nessa aposta civilizatória. Desde o Império, os estadistas brasileiros aventavam a construção de redes telegráficas para promover a penetração e a integração do território nacional. Nas últimas décadas do Segundo Reinado e no alvorecer da Primeira República, com o insuflar do credo positivista e evolucionista, coube, especialmente, aos engenheiros a defesa da tomada dos espaços ariscos à civilização, por meio do estabelecimento de artérias de

⁵¹² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais, criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 169.

⁵¹³ Na conclusão do artigo, Euclides criticava um projeto de reforma constitucional que previa, para o estado de São Paulo, a elegibilidade de estrangeiro, uma vez naturalizado, se comprovada a estada de cinco anos. CUNHA, Euclides da. “Nativismo provisório”. In. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 211-214.

comunicação. Um dos projetos mais destacados na implementação desse ideal de comunicar e integrar o país foi a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso, comandada de 1900 a 1930 por Cândido Rondon, que estudara com Euclides na Escola Militar. Nesse período, Rondon organizou duas expedições militares, uma de 1900 a 1906, partindo do sul do Mato Grosso ao que hoje corresponde o estado de Rondônia, e outra, saindo do sudoeste do Amazonas, entre 1907 e 1905, com o fito de expandir a rede telegráfica nacional. Como avaliou Laura Maciel, essas comissões imbuíam-se do objetivo de tomar posse dos sertões e alastrar o raio civilizador aos espaços vazios do Brasil, tendo o telégrafo como instrumento da modernização⁵¹⁴.

Nesse sentido, nos textos euclidianos sobre a Amazônia até aqui discutidos, o autor esboçava um plano de intervenção, visando a alavancar os patamares civilizacionais daqueles cantos ignotos e encadeá-los às engrenagens do progresso. Conforme ressaltou Sevcenko, se, até então, a natureza e as condições de evolução histórica haviam garantido a estruturação e a integração, agora, com as previsões de que a Amazônia iria “concentrar a civilização do globo” e com o jogo de ambições expansionistas das grandes potências, os novos rumos da história exigiam uma “intensificação artificial” desse processo, a fim de resguardar a soberania nacional⁵¹⁵.

Em síntese, para usar o título de um dos artigos de Euclides, o “plano de cruzada” da selva implicava assegurar e apropriar-se das fronteiras, para, assim, deter-se, exclusivamente, nas questões internas da nação. A missão de apossar-se da Amazônia, promessa de futuro da pátria, dependeria, conjuntamente, da natureza, da presença dos sertanejos e de ações governamentais. Se a natureza portentosa figurava nas teorias deterministas europeias como óbice à civilização, lá, era o próprio chamariz

⁵¹⁴ MACIEL, Laura. “A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização”. In. *Projeto História*. São Paulo, n. 18, maio, 1999, p. 167-189.

⁵¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. Op cit., 140-188.

de um porvir grandioso. Também lá, no espetáculo singular das selvas, era o sertanejo, “cavaleiro antigo”, forte, porém retrógrado, que, paradoxalmente, garantiria o futuro. E, por fim, caberia à República injetar a técnica, instalar a rede de telégrafo, para levar a palavra e a civilização.

A publicação desses artigos a respeito da região e de seus impasses fronteiriços e as articulações políticas envolvendo Oliveira Lima, José Veríssimo e o barão do Rio Branco fomentaram a candidatura de Euclides, em meados de 1904, para a comissão que iria proceder ao levantamento hidrográfico do Purus. Como abordei no capítulo anterior, em 06 de agosto de 1904, foi nomeado, pelo barão do Rio Branco, chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus e, em 13 de dezembro, embarcou para Manaus. Partia, então, como integrante do projeto de amansar a selva.

No trajeto, parou por algumas horas em Belém, que o espantara, porque revelava, no extremo norte, o despontar da civilização, em seu melhor sentido. Em carta ao pai, redigida em 30 de dezembro de 1904, registrou:

Nunca São Paulo e Rio terão as suas avenidas monumentais largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil, o que é a cidade de Belém, com seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem⁵¹⁶.

A admiração por Belém contrasta com o tom corrente em suas correspondências pessoais da cidade como espaço de artificialidade, encenação e de uma sociabilidade repugnante. O elogio à “gente de hábitos europeus” parece ainda mais interessante, porque se choca com suas persistentes críticas à “civilização de empréstimo” e à “faina de copistas”, em suma, aos arremedos de Europa nos trópicos.

⁵¹⁶ “A meu pai. Manaus, 30 de dezembro de 1904.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 249.

Manaus, ao contrário de Belém, era o emblema da civilização mal acomodada. Contratemplos, que foram desde o atraso de instruções do ministério das relações exteriores ao conserto de embarcações peruanas, delongaram sua estada na capital, onde as gentes se atropelavam, em ruas desenhadas pelo caos. Escreveu a Afonso Arinos, no dia 12 de janeiro: “Somente hoje posso mandar-te uma breve notícia – tais as atrapalhações, tais os embaraços que nos saltaram aqui, nesta ruidosa, ampla, mal-arranjada, monstruosa e opulenta capital dos seringueiros”⁵¹⁷.

Em uma carta a Domício da Gama, Euclides sintetizou sua exasperação com a desordem da população, com uma capital que perdera a autenticidade e deixara esvaír sua essência. Nela, escrevia seu desassossego com a invasão de hábitos estrangeiros a desnaturar um canto em que mesmo a nação brasileira não havia atingido plenamente.

caí na vulgaridade de uma grande cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos. Comercial e insuportável. O crescimento abrupto levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, saltadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas esfiapadas dos tapuias. Cidade meio caipira, meio europeia, onde o tejupar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do yankee espigado... o seringueiro achamboado, a impressão que ela nos incute é a de uma maloca transformada em Gand⁵¹⁸.

O tom ácido sobre Manaus conflui com a crítica mordaz de Euclides à sociedade que se constituiu na costa, deslumbrada com a Europa, mas de olhos fechados para si, cuja metonímia seria a Rua do Ouvidor⁵¹⁹. A *Belle Époque*, que censurara em diversas

⁵¹⁷ “A Afonso Arinos, 12 de janeiro de 1904”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 250.

⁵¹⁸ “A Domício da Gama. Manaus, 1905 (sem indicação de dia e mês)”. Id. Ibid., p. 255.

⁵¹⁹ A Rua do Ouvidor aparece como lugar preferencial do desprezo de Euclides, como símbolo da diluição dos costumes nacionais em prol da artificialidade estrangeira. Em uma carta a seu pai, de 25 de fevereiro de 1903, comemorava o sucesso de recepção de *Os sertões*, orgulhando-se de haver obtido êxito “sem a rua do Ouvidor”. No livro de 1902, há também referências à afetação e alienação do Ouvidor. Em uma passagem, por exemplo, ironiza, nessa rua, o “verniz de cultura” que esconde “trogloditas completos”. Cf.: “A meu pai. Lorena, 25 de fevereiro de 1903”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 150; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 500-501.

passagens de *Os sertões*, espriava-se em Manaus, onde há pouco tempo cria existir somente o vazio⁵²⁰.

Cumpre sublinhar que essa interpretação restritiva da *Belle Époque*, como agitação cultural alienada, avessa à brasilidade, interessada somente no exótico e adepta de um cosmopolitismo tacanho, repercutiu na historiografia brasileira. Seus rastros negaram a inclusão das expressões tidas como tipicamente nacionais e da cultura popular na agenda de parte da elite intelectual da Primeira República, alegando que seu olhar deslumbrado e de ímpeto mimético voltava-se exclusivamente para as grandes potências. Na literatura, como discuti ligeiramente no início deste capítulo, essa rejeição à “civilização de empréstimo” e à cultura de imitação encontrou no sertão e no sertanejo a matriz para a representação de seu anseio de autenticidade.

Historiograficamente questionável, uma vez que o suposto gosto pelo exótico e pitoresco não dispensou a inquietação com o delineamento da nação e de sua cultura, nem a recorrência da mestiçagem nos debates, a tese da *Belle Époque* como momento intelectual de europeização dos costumes e de repressão aos investimentos em uma matriz fundamentalmente brasileira ganhou fôlego com as contribuições de Euclides da Cunha⁵²¹. Nesta operação intelectual, Euclides intensificou a conflitante relação entre litoral e sertões, ao atribuir ao primeiro uma receptividade maléfica e demasiada aos valores externos, ao passo que a impenetrabilidade do último teria configurado um fator de preservação dos traços originários e únicos da nacionalidade.

A Amazônia, anteriormente um canto ignoto e insondável pela nação brasileira, tanto quanto os sertões baianos, havia se tornado, no entanto, permeável à influência

⁵²⁰ Sobre sua repulsa à “civilização de copistas”, ver: LIMA, Nísia Trindade. “Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 163-193; VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003.

⁵²¹ Para uma revisão crítica da historiografia que tendeu a homogeneizar a *Belle Époque* e a desconsiderar o problema da identidade nacional entre seus intelectuais, ver: DANTAS, Carolina Vianna. Op. cit., 2009, p. 56-79.

estrangeira, em razão, notadamente, da abertura à navegação estrangeira⁵²² e da exploração da borracha. Era a ambiguidade do deserto a que a civilização de empréstimo logrou chegar.

Nas cartas redigidas na “Meca tumultuária dos seringueiros”,⁵²³ enquanto aguardava para navegar o Purus, há poucos indícios de uma perquirição das gentes. Talvez porque envolto nos preparativos da viagem e nos estudos sobre a região, com as leituras de Humboldt, Huber e Chandless, Euclides dedicou-se menos às conversas com os moradores, como fizera na Bahia, indagando “testemunhos valiosíssimos”, “os mais antigos habitantes”, “homens de maior respeitabilidade”⁵²⁴. Assim, nessas missivas de Manaus, as gentes aparecem, um pouco de relance, em referência ao “soar melancólico dos barés” e à “tristeza invencível do bárbaro”⁵²⁵.

Quando se referia aos peruanos, Euclides descrevia-os com reserva, porque se desfaziam em sorrisos e cumprimentos, mas nutriam uma indisposição latente, prefigurando o conflito entre caucheiros e seringueiros. Dizia a José Veríssimo ter percebido essa tensão, graças à sua “finura nativa de caboclo ladino”:

Fica-lhes velado, no âmago, o malquerer traiçoeiro. Afinal me ajeito à mesma esgrima; disfarço-me; e vibro, como posso, a ironia terrível da cordialidade hipócrita e temerosa em que vivemos. O futuro confirmará, talvez, estas conjecturas; e sem o aguardar, eu, se fosse governo, trataria de garantir as três largas brechas do Javari, do Juruá e do Purus, por onde deslizarão um dia, ao som das águas, as suas frotas velozes de lanchas e de carícias... Não veja nisto apreensões patrióticas, que não tenho. Mas uma conclusão positiva: não há país no mundo que como o Peru e o Brasil vizinhos em pargens tão majestosamente opulentas. O conflito — quaisquer que sejam os

⁵²² A discussão sobre a abertura de linhas regulares de barcos a vapor na Amazônia remonta ao Primeiro Reinado. Em um debate marcado por avanços e recuos e por uma crescente pressão internacional, um decreto assinado em 1867 regulamentou a navegação internacional na região amazônica, abrindo-a ao capital estrangeiro. Sobre esse processo, cf.: GREGÓRIO, Marcos Vitor. “O progresso a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônia do século XIX”. In: Nova economia. Belo Horizonte, vol.19, n. 1, janeiro-abril, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512009000100008

⁵²³ “A José Veríssimo. Manaus, 13 de dezembro de 1904”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 252.

⁵²⁴ Salvador, 10 de agosto. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 68.

⁵²⁵ “A Coelho Neto. Manaus, 10 de março de 1905”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 266.

paliativos atuais da arbitragem — arrebentaria como uma larga generalização das rixas insanáveis do seringueiro e do caucheiro, absolutamente irreconciliáveis⁵²⁶.

No dia 05 de abril, Euclides partiu para o Purus. Por conseguinte, suas cartas pessoais tornaram-se mais escassas e a comunicação oficial prosseguiu, especialmente, em telegramas. No entanto, em duas correspondências mais longas ao barão do Rio Branco, Euclides reportou certo desconforto em relação à comissão peruana. Em uma delas, de 08 de junho, narrou um episódio em que membros da campanha peruana renderam homenagem a compatriotas mortos em outubro de 1904. Segundo ele, com a aquiescência do chefe peruano, gravaram-se na lápide os dizeres: “peruanos fusilados e y quemados por bandoleros brasileiros”. Euclides interpretara o ocorrido como um indicativo de que a comissão peruana não inspirava confiança e de que ia “entre irreconciliáveis inimigos”⁵²⁷. Em outra correspondência, além de queixar-se da comissão peruana, contou que depois do rio Chandless, em uma região deserta, apenas com barracas abandonadas, havia alguns “sítios florescentes, de laboriosos cearenses que firmam bem nestes lugares o domínio de nossa terra”⁵²⁸.

Ademais das correspondências desse período, há elementos de sua apreensão das gentes na Amazônia nos documentos de caráter administrativo, como o esquisso do relatório ao ministro das Relações Exteriores, o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* e as *Notas complementares ao Relatório*. Porque escritos não mais a partir da experiência em Manaus, mas da incursão pelo Purus, para reportar as condições de povoamento na região, esses documentos detêm-se em duas figuras centrais: os caucheiros e os seringueiros.

⁵²⁶ “A José Veríssimo. Manaus, 19 de março de 1905”. In: Id. Ibid., p. 274-275.

⁵²⁷ “Ao barão do Rio Branco. Funil, 08 de junho de 1905”. In: Id. Ibid., p. 284.

⁵²⁸ “Ao barão do Rio Branco. Novo lugar, 05 de julho de 1905”. In: Id. Ibid., p.286.

No relatório inconcluso e confidencial ao barão do Rio Branco, embora tenha se devotado mais aos lances do trajeto, Euclides escreveu que, ao encontrar pequenas vilas, incluindo as habitadas por peruanos, “não perdia a oportunidade de saltar conversando com as gentes inteiramente novas para mim”. À medida que estabelecia contato com os caucheiros, no entanto, via acirrar a animosidade. As conversas tornaram-se difíceis e até os preços praticados eram mais elevados para os brasileiros. Segundo Euclides,

Sem rancores depressivos, nessas visitas eu era animado de uma grande ansiedade de conhecer uma sociedade rudimentar e interessante. Assim saltei em Santa Cruz, povoado de caucheiros que se indica na palavra anexa – e tive o primeiro desapontamento ao notar uma animadversão inteiramente destoante da maneira por que fora recebido nos demais postos. Como sabe V. Ex^a o peruano tem uma gentileza quase mecânica: sorrisos, oferecimentos, saudações, lisonjarias arrojadas fá-los ao primeiro que chega, como quem recita uma velha lição de cor. Sem exagerar a frase, têm o automatismo da cortesia. De sorte que nossa indução natural nos leva a admitir que somente o império de um sentimento poderoso fá-lo perder este característico hábito de agradar. Ora, naquela ocasião, o sentimento (comecei a notá-lo em Santa Cruz, e vi-o depois confirmado por todos os fatos ulteriores) que não disfarçou a adestrada galanteria daquela gente foi – desgraçadamente – o ódio ao brasileiro. Notei-o em tudo. Na frieza com que nos receberam, na parcimônia das respostas que nos davam e até nos preços simplesmente fantásticos que nos marcavam as coisas insignificantes⁵²⁹.

No *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, concluído na volta a Manaus, apenas a última parte, intitulada *Considerações gerais sobre os caracteres físicos da região e sobre os seus povoadores*, apresenta comentários sobre as gentes. Após elencar as espécies vegetais mais comuns, Euclides concentrou-se nas singularidades da *castilloa* e da *hevea*, porque “a natureza de ambas determinou a do povoamento”. Explicava que, uma vez talhado, o caucho não suportava uma extração permanente, impelindo o caucheiro a migrar para explorar novas áreas. Assim,

O caucheiro é por força um nômade, um pesquisador errante, estacionando nos vários pontos a que chega até que tombe o último pé de caucho. Daí o seu papel no desvendar paragens desconhecidas. Todo o alto Madre-de-Dios e todo o alto Ucaiali foram

⁵²⁹ Relatório reservado ao barão do Rio Branco. Original no Arquivo Histórico Itamaraty. É possível consultá-lo também em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 231.

entregues à ciência geográfica pelos audazes mateiros, de que é Fiscarrald a figura mais completa. Nestas largas peregrinações, sendo inevitável o continuado encontro de tribos variadas, educou-se-lhes a combatividade em constantes refregas contra o bárbaro, que lhes deram, conseguintemente, mais incisa que a feição industrial, a feição guerreira e conquistadora⁵³⁰.

Ao revés, a seringueira suportava o golpear dos trabalhadores e, como se conservava, permitia ao seringueiro explorá-la continuamente. Por isso, ele seria um agente fundamental na ocupação brasileira na Amazônia, sem o qual a região “seria ainda o deserto”. Em suas palavras:

O seringueiro é por força sedentário e fixo. Enleiam-no, prendendo-o para sempre ao primeiro lugar em que estaciona, as próprias estradas que abriu, convergentes na sua barraca, e que ele percorrerá durante a sua vida toda. Daí o seu papel, inegavelmente superior, no povoamento definitivo⁵³¹.

A definição contida no *Relatório da Comissão* do extrativismo nômade e combativo dos caucheiros consiste, justamente, no argumento dos ensaios *Os caucheiros e “Brasileiros”*, de *À margem da história*. No primeiro, os exploradores peruanos, situados aquém da margem direita do rio Ucayali, entre os mananciais do Javari, Juruá e Purus, emergem como “nômade voltado ao combate, à destruição e a uma vida errante e tumultuária”⁵³². A selva compelia-os à errância, pois a riqueza do caucho se esgotava com o desferimento das árvores, distribuídas irregularmente nas matas. Desta maneira, “ali estacionam até que caia o último pé do caucho”⁵³³, em um afundar-se no deserto, que apenas sugava o líquido valioso dos caules, destruía-os e partia. Em *“Brasileiros”*, recuperando o processo de ocupação do Peru, o narrador atribui aos caucheiros uma passagem “nefasta” na história, pois

⁵³⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 779.

⁵³¹ Id. Ibid.

⁵³² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 42.

⁵³³ Id. Ibid., p. 45.

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas “manchas” de castilloas ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontos inevitáveis com os aborígenes — acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. Por fim, um bárbaro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpetuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie como um foragido da civilização⁵³⁴.

Ao nomadismo somava-se o caráter “antinômico e paradoxal”. No ensaio *Os caucheiros*, compõe a sua imagem uma atrocidade acionada para proteger seus interesses. Da “refinada galanteria” eles passavam à “máxima brutalidade⁵³⁵”, definindo-se por uma “galanteria sanguinolenta”. Para abrir o deserto e arrancar o que lhes convinha, os caucheiros largavam qualquer verniz de polidez e civilização, barbarizavam-se “para vencer o bárbaro”, armavam-se contra o “selvagem”, para combatê-los, escravizá-los ou exterminá-los⁵³⁶.

A perversidade dos caucheiros consistia, em grande medida, no ataque às populações indígenas, apressando o fim do que já estaria na iminência de fenecer. Segundo Euclides, os indígenas rareavam-se e nas não muito numerosas ocasiões em que ele os mencionou nas *Notas complementares ao Relatório da Comissão*, descreveu-os em verbos no pretérito, como se aqueles que havia visto nas margens dos rios fossem tão somente sobrevivências. Depois de citar, ligeiramente, os muras, purupurus, canamaris, jamamadis, Euclides acrescentou:

Quem hoje sobe o Purus não os vê mais como os viram Silva Coutinho, Chandless e Manuel Urbano. Os hipurinãs figuram-se mais numerosos, mas sem os caracteres de outrora; e os purupurus (pamaris), que nos apareceram, em nada mais lembram aqueles curiosos selvagens, de todo despeados das terras marginais e vivendo em enormes malocas flutuantes, numa permanente viagem, ancorando ao acaso pelas praias

⁵³⁴ Id. Ibid., p. 66-67.

⁵³⁵ Id. Ibid., p. 48.

⁵³⁶ Id. Ibid., p. 49.

e “barreiras”. É que cederam o lugar a uma imigração intensiva, ou foram absorvidos por ela⁵³⁷.

Esse trecho parece ter sido a base para as notícias sobre as populações indígenas no ensaio *Os caucheiros de À margem da história*. Antes de apresentá-las, o narrador bosquejou, em algumas linhas, o quadro natural nos mananciais do Javari, Juruá e Purus e, então, seguiu:

Quem sobe o Purus, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os pamaris rarascentes, mal recordando os antigos donos daquelas várzeas; e dali para montante os ipurinãs inofensivos; ou a partir do Iaco, os tucurinas que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhiça a decrepitude da raça – tem a maior das surpresas ao deparar, nas cabeceiras do rio, com os silvícolas singulares que as animam. Discordes nos hábitos e na procedência, lá se comprimem em ajuntamento forçado. (...) O narrador destes dias chega no final de um drama, e contempla surpreendido o seu último quadro prestes a cerrar-se⁵³⁸.

Nessas passagens, a história indígena soava para Euclides, portanto, como um capítulo com fim próximo, seja pelo aniquilamento promovido pela ação violenta dos caucheiros, seja pela absorção, em que o cruzamento com outras raças diluía os componentes tidos como originais. Por isso, os indígenas com que se deparou ao subir o Purus “mal recordavam os antigos donos daquelas várzeas”. Euclides se aproximava, aqui, das leituras realizadas no século XIX, muitas delas no seio do IHGB, acerca dessas populações. Como analisou Kaori Kodama, ao oscilar entre extermínio e assimilação, o debate à época negava-lhes a existência no presente, uma vez que os índios contemporâneos, em nada similares ao seu passado, seriam apenas vestígios, traços descaracterizados de sua existência primitiva. Isso significava, pois, infundir o desaparecimento da distinção mesma dos indígenas. Irreconhecíveis em relação à sua própria experiência pretérita, os índios que chegassem ao presente seriam ruínas, um

⁵³⁷ CUNHA, Euclides da. *Notas Complementares: Observações sobre História da Geografia do Purus. O Povoamento. Navegabilidade do Purus*. 1905. Original do Arquivo Histórico do Itamaraty. Pode ser consultado também em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 797.

⁵³⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 41.

atestado de sua decadência civilizatória. Em vias de perecimento, caberia à etnografia perscrutar os que “ainda” se encontravam no tempo do observador⁵³⁹. A leitura decadentista – que optava pela etnografia para historiar os indígenas, por não reconhecer neles os marcos de historicidade da cultura histórica oitocentista – admitia, no entanto, rastros de civilização nessas populações, mesmo que derruídos no presente. De acordo com Rodrigo Turin, isso indicava o preenchimento de um sentido de passado e de futuro para os indígenas. De um lado, a qualidade de decaído afastava o estado de natureza, para afirmar que, em algum momento, os índios conheceram alguma forma de grandeza e de civilização. De outro, a decadência não inutilizava os esforços de incorporação ou de catequese, garantindo, assim, um porvir⁵⁴⁰.

Para Euclides, paralelamente aos cruzamentos que desvaneciam os caracteres indígenas, concorria a atuação dos caucheiros, os responsáveis por tomar as rédeas da única catequese que os índios conheceram: aquela “a ferro e a fogo”⁵⁴¹. Essa truculência, ressaltava o narrador do ensaio *Os caucheiros*, distinguia-se da energia do bandeirante, que, nos tempos da colônia, no Brasil, foi “brutal, inexorável, mas lógico. Foi o super homem do deserto”⁵⁴². Esse acentuar de um contraste merece relevo, porque ajuda a compreender o delineamento das noções de alteridade e identidade em Euclides da Cunha.

Entre a prefiguração dos caucheiros e o recrudescimento de sua negatividade a partir da viagem à Amazônia, Euclides os representou, nesses ensaios de *À margem da história*, como um outro externo a ser minado, por significar uma ameaça ao território

⁵³⁹ KODAMA, Kaori. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 5, p. 253-272, 2010.

⁵⁴⁰ TURIN, Rodrigo. “Entre antigos e selvagens: notas sobre os usos da comparação no IHGB.” In: *Revista de História USP*, São Paulo, Edição especial, 2010, p. 131-146.

⁵⁴¹ Id. *Ibid.*, p. 42.

⁵⁴² CUNHA, Euclides da. 1999, Loc. cit.

brasileiro e, consecutivamente, à coesão nacional. Entretanto, para que a sua imagem belicosa como raptor de indígena não confluísse para uma leitura do bandeirante como anti-herói, igualmente assaltante de indígenas, o narrador do ensaio advertiu para as diferenças.

Vale lembrar que, na década de 1870, o redimensionar da figura do bandeirante esteve atrelado à tentativa de se formatar uma história por dentro, em que o peso do litoral fosse balanceado pelo do sertão e os desbravadores das matas interiores ganhassem destaque, desligando-se de uma imagem excessivamente violenta. Contribuíram para esta rotação a produção historiográfica de Capistrano de Abreu e aquela levada adiante por intelectuais paulistas, em especial os republicanos. Capistrano, impulsionado por uma operação histórica assentada nas bases do cientificismo positivista e do determinismo geográfico, intentava esclarecer a interação entre o colonizador e o meio físico, esboçando, sobretudo em seus artigos da *Gazeta de Notícias* dos anos 1880, um programa de história territorialista, atribuindo centralidade à luta territorial, ao confronto do homem com o meio e, em decorrência, à participação dos bandeirantes nesta abertura em direção ao interior. Por sua vez, a historiografia paulista, propagada, sobretudo, pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em fins do século XIX, mobilizou o bandeirante como símbolo identitário, combinando-o, preponderantemente, com um apelo republicano e demarcando sua distinção no tocante à interpretação monárquica⁵⁴³. Euclides mostrava-se receptivo ao projeto de uma escrita da história nacional a partir de seus recantos, cujas trilhas teriam sido vigorosamente abertas por bandeirantes, os quais, mesclados aos indígenas, coloririam o tom caboclo da nação. Em *Os sertões*, eles apareceram de modo elogioso e integravam, em parte, a

⁵⁴³ FERRETTI, Danilo Jose Zioni. A Construção da paulistanidade: Historiadores, identidade e política em São Paulo (1856-1930). São Paulo, 2004. Tese de Doutorado em Historia Social, FFLCH, USP; Id. Euclides da Cunha historiador: a reinvenção do bandeirante em os Sertões. In: *Revista de Historia*, n. 160, São Paulo, junho de 2009.

coragem dos sertanejos. Também não gratuitamente, o autor referia-se a si mesmo como bandeirante ou como portador de um “destino de bandeirante”⁵⁴⁴, em suas investidas nos sertões baianos e amazônicos.

Portanto, de um lado, o bandeirante figurava como um destemido, responsável por alargar as fronteiras, encarnando um ideal do qual o próprio Euclides dizia compartilhar. De outro, o caucheiro, “homúnculo da civilização”⁵⁴⁵, personificava a brutalidade desmedida, os golpes de machados e os tiros de carabina rompendo a selva.

Bárbaro em suas práticas e construtor de ruínas, uma vez que tudo abandonava, o caucheiro se distanciava do seringueiro, porque, como as plantas cujo suco vital este último retirava permitiam uma exploração constante, ele estacionava na terra. O sedentarismo do seringueiro, apresentado, como indiquei acima, no *Relatório da Comissão*, no capítulo *Considerações gerais sobre os caracteres físicos da região e sobre os seus povoadores*, foi retomado na segunda parte das *Notas complementares ao Relatório da Comissão*, como um fator fundamental para a presença brasileira na região.

No capítulo *O Povoamento das Notas complementares*, Euclides discorreu sobre a vaga, notadamente de homens vindos do norte, como os “rijos cearenses”⁵⁴⁶, que avançou na Amazônia, desde a abertura da navegação comercial, e se intensificou com o desenvolvimento econômico, devido à extração, em especial, da borracha, mas também de castanhas e óleo de copaíba. Nesse processo, os seringueiros teriam cumprido um papel essencial na ocupação ao longo do Purus e, ainda, no estabelecimento de uma cultura de gêneros para o consumo. Desta forma, atados à terra,

⁵⁴⁴ Euclides refere a seu “ideal” ou “destino” de bandeirante, por exemplo, em correspondências a José Veríssimo e Alberto Rangel, anteriormente citadas. Cf.: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 211; 278.

⁵⁴⁵ CUNHA, Euclides da. 1999, Loc. cit.

⁵⁴⁶ CUNHA, Euclides da. *Notas Complementares: Observações sobre História da Geografia do Purus. O Povoamento. Navegabilidade do Purus. 1905.* Original do Arquivo Histórico do Itamaraty. Pode ser consultado também em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, p. 798.

os seringueiros cobriam os “recessos” daqueles cantos outrora ignotos. Ladeando o deserto em torno do Purus, Euclides afirmou que “quem o alcança”

tem a prova tangível de que quatro quintos do majestoso rio estão completamente povoados de brasileiros, sem um hiato, sem a menor falha de uma área em abandono, ligadas às extremas de todos os seringais – estirando-se unida por toda aquela longura, que lhe define geometricamente a grandeza, uma sociedade rude porventura ainda mais vigorosa e triunfante. Porque se realizou ali, e ainda se realiza, uma vasta seleção natural. Para esse afoitar-se com o desconhecido não basta o simples anelo das riquezas: requerem-se uma vontade, um destemor estóico, e até uma compleição física privilegiada. Lá persistem apenas os fortes⁵⁴⁷.

Como se confirmasse a imagem prefigurada do sertanejo na Amazônia, inscrita nos artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* e *O País*, Euclides atribuía a ele, nas *Notas complementares*, a permanência brasileira e a conservação das fronteiras naqueles quadrantes.

Embora fortes e cruciais para presença brasileira, os seringueiros sertanejos viviam em extrema precariedade, desaposados da terra que ajudavam a cultivar e submetidos a um regime de trabalho atroz, que lhes negava direitos elementares. Com estas palavras, Euclides concluía essa parte das *Notas Complementares*:

O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos – e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados a tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicações, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase serviço, à mercê do império discricionário dos patrões. A justiça é naturalmente serôdia ou nula. Mas todos esses males, que fora longo miudear, e que não velamos, provêm, acima de tudo, do fato meramente físico da distância. Desaparecerão, desde que se incorpore a sociedade sequestrada ao resto do país, e para isto requer-se, desde já, como providência urgentíssima, o desenvolvimento da navegação até ao último ponto habitado, completada pelo telégrafo, ao menos entre Manaus e Boca do Acre⁵⁴⁸.

Desse modo, registrou, nesse adendo ao *Relatório da Comissão*, algumas apreensões das gentes sertanejas, agora arraigadas na selva, e prescreveu como retirá-las

⁵⁴⁷ Id. Ibid., p. 801.

⁵⁴⁸ Id. Ibid., p. 802.

do abandono. A adoção de medidas legislativas que regulassem o trabalho nos seringais, o fomento à navegação e a instalação do telégrafo, articulando os pontos mais remotos, solveriam o afastamento em que jaziam os “caboclos do norte”.

O tema do isolamento e do trabalho extenuante do seringueiro foi objeto, logo após o retorno de Manaus, do artigo *Entre os seringais*, publicado na revista *Kosmos*, em janeiro de 1906. Ilustrado com um mapa do Purus contendo indicações dos seringais e com três fotografias do rio e dos casebres a seu redor, esse texto consiste na primeira denúncia de Euclides, na condição de escritor, ao regime de exploração dos braços sertanejos no norte do país. Como se indicasse se tratar de um prólogo do segundo libelo vingador por vir, o autor dissertou sobre os abusos sofridos pelos seringueiros, “a par de outras anomalias, que mais adiante revelaremos”. Para isso, valeu-se de informações a que tivera acesso, constantes de seu relatório, quando de sua estada na Amazônia, como as medidas locais – não calculadas em metro – para delimitar um seringal, os nomes usados pelos habitantes para funções específicas, tais quais as do “mateiro”, do “toqueiro”, ou expressões como “brabo a manso”, que, “consoante a gíria dos seringais”, designava a passagem da esperança de fortuna para a frustração com a inevitabilidade da injustiça⁵⁴⁹. Em síntese, tracejou o seringueiro como um solitário, entregue aos desmandos dos patrões.

Os dados colhidos em campo e as teses entretecidas ou revigoradas durante a viagem forneceram a matéria-prima para tracejar os sertanejos na Amazônia, nos ensaios da primeira parte de *À margem da história*. A fortaleza e a solidão dos seringueiros ganharam centralidade nos ensaios *Um Clima Caluniado* e *Judas-Asvero*. Neste, a tradição religiosa de malhar o Judas era interpretada como uma forma dos

⁵⁴⁹ CUNHA, Euclides da. “Entre os seringais”. In: *Kosmos*. Rio de Janeiro, ano III, n. 1, 1906. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1906_00001.pdf. Também em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 558-520.

sertanejos desferrarem-se do insulamento e de suas mazelas, transferindo para o boneco o sofrimento que calavam o ano todo. Naquele, conjugavam-se a altivez das gentes de suportar as inclemências do meio e o desalento por serem esquecidos pelo restante do país.

Mais especificamente, em *Um Clima Caluniado*, a Amazônia ignota, até então impenetrável, fora rompida em busca de suas riquezas e, nesse processo, atraiu, sobretudo, os caboclos no norte. Recordando a imagem bosquejada nos textos decorrentes de sua empreitada amazônica, a fixidez do sertanejo, aclimatado ao entorno, teria contribuído para dilatar a pátria.

As gentes que a [a natureza] povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heroicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável⁵⁵⁰.

Nesse ensaio, a hipótese explicativa para a leva de nortistas na Amazônia decorria das estiagens que assolavam os sertões da Bahia, Ceará e Pernambuco. A princípio, as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890 e 1900-1901 teriam expelido uma massa de “famintos assombrosos” para o litoral. Em reação, o poder público, a fim de libertar-se das “invasões de bárbaros”, arremeteu-os para o extremo norte, o que, à época, equivaleria a “expatriá-los dentro da própria pátria”. “Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem”, entretanto, contrariando as expectativas do governo, sobreviveram e transformaram a “vaga expressão geográfica”, um “deserto empantanado” em uma região povoada e em desenvolvimento⁵⁵¹.

⁵⁵⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 30.

⁵⁵¹ Id. Ibid., p. 33.

Essa espécie de ressurreição, vista no ensaio como um gesto heroico, tinha no clima a sua resposta. O argumento de que as temperaturas e a umidade elegiam os mais fortes contrariava os juízos que incapacitavam a vida naquelas paragens. Menos do que o clima, fragilizavam a vida dos sertanejos uma organização de trabalho fabricada pelo “egoísmo humano”⁵⁵² e uma indiferença dos poderes públicos. Por isso, o seringueiro era “obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário”. Repetindo não apenas a premissa, mas também a formulação de um trecho de *Entre os seringais*, Euclides, em *Um Clima Caluniado*, imputava ao abandono, portanto, não à natureza ou a uma decrepitude da raça, a paralisia das gentes sertanejas na Amazônia⁵⁵³.

Assim, em *À margem da história*, a imagem do seringueiro foi esculpida como a da seringueira no *Relatório da Comissão*. Homem e árvore irmanados nos textos de Euclides. Os golpes que, em sua travessia amazônica, vira fazerem sangrar a seringueira não culminavam em seu desaparecimento. Enfraquecida com os cortes, “de qualquer modo, porém resiste; e um trabalho inteligente atenua consideravelmente os males destas sangrias anuais”. Era a metáfora do seringueiro, que os talhos dobravam, mas não abatiam. Resistentes, árvore e homem requeriam inteligência e ordenação para seu pleno crescimento.

⁵⁵² Id. Ibid., p. 35.

⁵⁵³ Em *Entre os seringais*, publicado na *Kosmos*, em 1906, Euclides escreveu: “O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadoamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto... Um seringal médio de 300 estradas, corresponde a cerca de vinte léguas quadradas; e toda essa província anônima comportará, no máximo, o esforço de 150 trabalhadores.” Em *Clima Caluniado*, publicado em 1909, em *À margem da história*, o argumento e a redação ganharam a seguinte forma: “O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário. Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das árvores de borracha permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta área capaz de sustentar, de acordo com a unidade agrícola corrente, cinquenta famílias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se veem. Calcule-se um seringal médio, de duzentas “estradas”: tem cerca de 15 léguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaria à larga com 3.000 habitantes ativos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos. É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude desafogada da terra”. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1966, vol. I, p. 520; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 36-37.

Em suma, nessa seção do capítulo, preliminarmente, analisei como, nos artigos amazônicos publicados em maio de 1904, em *O Estado de S. Paulo* e *O País*, Euclides articulou caucheiros, sertanejos, nação, tempo e civilização. A Amazônia, onde mais tarde se aglutinaria a civilização oriunda de diversos cantos do globo, era vista pelo autor como promessa de futuro da nação brasileira, esbarrando, porém, nas tensões fronteiriças e no demasiado afluxo de estrangeiros. Nesses textos, Euclides sugeria a intensificação da presença brasileira na região e a sua articulação ao restante do país, por meio de uma rede telegráfica, para preservar as expectativas de porvir que a Amazônia condensava.

Em seguida, voltei-me para sua viagem ao extremo norte, para compreender como ele tracejou, a partir da experiência em campo, a imagem das gentes naqueles cantos. Se, nas travessias de Euclides pela Bahia, examinei sua caderneta de campo e suas missivas para *O Estado de S. Paulo*, na empreitada amazônica, detive-me em algumas de suas correspondências e, sobretudo, em seus relatórios, para encontrar pistas para a confecção dos ensaios de *À margem da história*. Esses documentos, em si diversos de um canhenho pessoal de notas e de uma cobertura para um jornal, trazem uma imagem menos acabada das gentes, provavelmente também, porque, na condição de chefe da comissão de reconhecimento do rio, Euclides tivera menos ocasião para investigar os homens.

De todo modo, o *Relatório da Comissão* e as *Notas complementares* esboçaram a apreensão euclidiana dos caucheiros, seringueiros e, em menor medida, dos índios, que repercutiram nos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Os índios, mencionados apenas sucintamente, seriam sombras do passado e estariam prestes a desaparecer. Existiriam, no tempo de sua viagem, somente como resquícios, em razão ou de sua assimilação ou de seu extermínio, ademais, acelerado pelos caucheiros. Estes,

por sua vez, configuram o outro externo na leitura euclidiana. Nômades, fábricas de ruínas, os caucheiros peruanos legariam um rastro de destruição, assediariam os selvagens e ameaçariam a integridade e a coesão brasileira. Os seringueiros, por seu turno, sertanejos emigrados, se instalariam na selva, devido à extração da seringueira e, sedentários, assegurariam o alcance da nacionalidade naquelas bordas de conflito. Sua fixidez cumpriria, pois, uma função positiva.

Portanto, entre varadouros e igarapés, Euclides enredara-se em três alteridades com distintas inserções no tempo. O outro indígena, em vias de perecer, sobreviveria no presente como vaga lembrança do próprio passado. O caucheiro peruano, o outro externo, carregaria em seu nomadismo um ímpeto destrutivo, encarnando a metáfora do movimento constante como fábrica de ruínas. Convertido em inimigo, deveria ser minado, não pelo uso da força, mas pelas estratégias do governo brasileiro. Por fim, o seringueiro, o outro em abandono que dilatava a pátria. Era o forte, porém retrógrado cuja imobilidade acenaria para o futuro.

3.4. O insulamento no passado: as estratégias de perspectivação do tempo em *Os sertões* e nos ensaios amazônicos

As experiências proporcionadas pelas viagens de Euclides reconfiguraram suas visões prévias, por vezes recrudescidas, por vezes rechaçadas. O olhar dirigido às gentes preencheu as folhas de sua caderneta de anotações e suas correspondências a *O Estado de S. Paulo*, na Bahia, e algumas cartas e páginas de relatórios, na Amazônia. Porque sustentava um espelhamento da terra no homem, Euclides, ao deparar-se com a alteridade geográfica dos sertões e das selvas, teria constatado, igualmente, uma

alteridade antropológica. Nos confins do Brasil, uma terra estranha, ora infernal, ora paradisíaca, meio aterradora, meio fascinante, havia gerado um outro, incrustado em uma temporalidade diversa do presente do observador. Intrincando seu olhar municiado e as imagens colhidas em campo, Euclides delineou os sertanejos e, na passagem do material *in loco* para *Os sertões* e os ensaios amazônicos de *À margem da história*, intentou traduzir a alteridade descortinada por seu deslocamento a partir de um afastamento temporal.

Em sua principal obra, na terceira parte, no capítulo *A nova fase da luta*, quando o narrador relata a entrada das forças expedicionárias do exército naqueles cantos perdidos, afirma despontar não apenas outra terra, mas “outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca”⁵⁵⁴. O percurso, realizado tanto pelas tropas, quanto pelo próprio narrador-observador, se apresentava como uma “transição violenta”, pois, ao final, mostrava os sertões, uma “ficção geográfica”, uma “discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba a unidade nacional”⁵⁵⁵.

Portanto, à ficção de um território coeso somava-se outra fissura na imaginação nacional: a desordem que os sertões significavam na linha ascendente em direção ao futuro. Desde a abertura do livro, na *Nota preliminar*, o narrador anunciara que “mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo”⁵⁵⁶.

Ao longo de sua obra-mestra, o autor espalhou pistas de que a viagem da costa aos sertões implicava, além de uma travessia em espaço incógnito, um recuo no tempo.

⁵⁵⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 677.

⁵⁵⁵ Id. Ibid.

⁵⁵⁶ Id. Ibid., p. 66.

Se as tropas do exército e o narrador-observador sentiram-se fora da pátria quando pisaram nos sertões, era porque tanto aquela terra, quanto sua gente conformavam domínios de alheamento. Enquanto o litoral se deslumbrava com laivos de civilização e com cópias da Europa, se esquecia dos “rudes” compatriotas, aprofundando ainda mais seu isolamento no passado. Na seção *Por que não pregar contra a República?*, no quinto capítulo de *O Homem*, os sertões distanciavam-se em três séculos do litoral:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...⁵⁵⁷

Aqui, acredito em uma confluência entre Euclides e o horizonte intelectual que procurei bosquejar no primeiro capítulo. Como vimos, segundo Hélène Clastres, em meados do século XVIII e no século XIX, no processo de descoberta do outro, isto é, dos selvagens, a distância geográfica em que esses se situavam influía em sua qualidade diferencial, em especial, no ritmo de progresso ao qual (não) se adequavam. Nesse sentido, apartados dos incrementos do progresso europeu, os selvagens eram arremetidos, no tempo, às origens, aos fundos da humanidade⁵⁵⁸.

Entretanto, consoante François Hartog, como o tempo do selvagem não se confunde com o do antigo, o confronto entre antigos e modernos se tornou insuficiente para operar nos novos quadros. Nesse espaço discursivo nascente, regido por uma moderna concepção de história⁵⁵⁹, o selvagem se configurou como primitivo, por

⁵⁵⁷ Id. Ibid., p. 317.

⁵⁵⁸ CLASTRES, Hélène. Op. cit., 1980.

⁵⁵⁹ KOSELLECK, Reinhart. Op. cit., 2006.

anteceder, em uma ordem temporal sucessiva e causal, o civilizado. Foi no bojo desse processo que se instaurou a analogia entre afastamento no espaço e no tempo⁵⁶⁰.

Esse debate repercutiu na historiografia brasileira, que, especialmente na primeira metade do século XIX, incumbiu-se de pensar os selvagens internos, os índios. Na “querela indígena”, cumpria atribuir um lugar para essas populações, investigar suas origens, sua condição e a que tempo pertenciam. Os debates oscilavam entre um estado de natureza e um estado de decadência, ou da localização dos indígenas entre os antigos, os modernos e os selvagens, como observou Temístocles Cezar⁵⁶¹.

Em Euclides da Cunha, a questão girou em torno dos sertanejos e de sua inserção no espaço e no tempo. O insulamento no passado a que se referiu Euclides, quando se embrenhou no deserto, descortina a profundidade do tempo no deslocamento no espaço. Por isso, o corte sertão-mar corresponderia, para ele, a um recuo de três séculos. Essa analogia faz lembrar a frase – citada no primeiro capítulo desta tese – de Gérando, em *Considérations sur les divers méthodes à suivre dans l’observation des peuples sauvages*: “O viajante que navega na direção das extremidades da terra atravessa, de fato, a sequência das idades; ele viaja no passado; cada passo que ele dá é um século que percorre”⁵⁶².

Ao examinar os usos da temporalidade e da comparação no livro de 1902 de Euclides, Fernando Nicolazzi notou que a articulação do par sertão e litoral equivaleria ao selvagem e moderno ou à barbárie e civilização. Desse modo, a fim de interpretar o engastamento dos sertões e dos sertanejos em um tempo remoto, o do estado selvagem,

⁵⁶⁰ HARTOG, François. Op. cit., 2003, p. 131.

⁵⁶¹ CEZAR, Temístocles Américo Corrêa. “A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis.” In: Manoel Luiz Salgado Guimarães. (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, v. , p. 29-41;
Id. « Anciens, Modernes et Sauvages, et l’écriture de l’histoire au Brésil au XIXe siècle. Le cas de l’origine des Tupis ». In : *Anabases* (Toulouse), v. 8, p. 43-65, 2008.

⁵⁶² GÉRANDO, Joseph-Marie de. 1994, Loc. cit.

Euclides mobilizou um retorno indefinido na história, oscilando entre Grécia, Roma e idade das cavernas. De fato, como apontei ao longo deste capítulo, haveria certa fluidez nessas referências, contanto que simbolizassem a negação do tempo presente. Por isso, os insurretos de Vendaia às vésperas da Revolução Francesa, os devotos fervorosos medievais, a “paródia grosseira da antiga casa romana”⁵⁶³, o “mito extraordinário de Anteu”⁵⁶⁴, a face “áspera como peles de múmias”⁵⁶⁵ se encaixavam todos para dizer os sertões e sua gente. Nicolazzi observou, porém, que ao remontar ao mundo antigo, Euclides inscrevia Canudos como um espelho depreciado, uma cópia imperfeita. Por esse motivo, figuras de linguagem, como a célebre “Troia de taipa”⁵⁶⁶, salientam o arraigamento dos sertões a um tempo pretérito, menos nobilitador do que o dos antigos, porque eivado de arcaísmo⁵⁶⁷.

A antiguidade rebaixada de que fala Nicolazzi pode ser ainda pensada à luz da noção de inferioridade diacrônica da alteridade de Johannes Fabian. De acordo com Fabian, na conformação do fazer etnográfico, difundiu-se uma retórica, amplamente empregada por viajantes do século XIX, de negar a coetaneidade do outro, localizando-o hierarquicamente no tempo. O outro não era apenas banido da contemporaneidade do sujeito observador, mas também nivelado em sua rejeição temporal. Ou seja, ademais da volta ao passado, haveria uma qualidade do tempo a que se recuava, para a definição da alteridade⁵⁶⁸.

Nesse sentido, o sertanejo, para Euclides da Cunha, não poderia ser senão um “centauro bronco”⁵⁶⁹. A grandeza antiga aparece, de imediato, mitigada, como, por

⁵⁶³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 177.

⁵⁶⁴ Id. Ibid., p. 144.

⁵⁶⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 76.

⁵⁶⁶ Id. Ibid., p. 290.

⁵⁶⁷ NICOLAZZI, Fernando. “O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. Leitura de *Os sertões*.” In: *Anos 90*, UFRGS, Porto Alegre, v. 17, nº 31, 2010, p. 261-285.

⁵⁶⁸ FABIAN, Johannes. Op. cit., 2013.

⁵⁶⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2011, p. 210.

exemplo, na figura do “Hércules-Quasímodo”⁵⁷⁰, para comportar a imagem do sertanejo, que, à primeira vista – tal qual a natureza – ilude o observador⁵⁷¹, por ser, paradoxalmente, forte e torto, bravo e desenxabido.

A menção a Hércules, Quasímodo, centauros e titãs acionava uma teia de referências familiares, fundamental para dar a ver seu objeto ao público leitor. Mais uma vez, o aporte teórico de François Hartog soa pertinente. De acordo com o historiador, esse recurso ao horizonte de compreensão daquele que observa, caro à escrita de viagem, consistia em uma estratégia para traduzir a alteridade ao destinatário da narrativa. Após adentrar no solo da alteridade, o observador que “esteve lá” precisa converter a diferença em inteligibilidade. Uma das formas de decifrar o universo estranho, a inversão transforma o outro no avesso de si, uma espécie de “alteridade transparente”, em que não mais existe “a” e “b”, mas apenas “a” e o inverso de “a”⁵⁷². Afinal, segundo Hartog, seria um projeto de não falar senão de si mesmo. Em *Os sertões*, como avaliou Nicolazzi, Antônio Conselheiro, o “grande homem pelo avesso”⁵⁷³, corporificaria uma inversão⁵⁷⁴.

Ainda de acordo com Hartog, além do fabricar do “antipróprio”, a comparação se apresentaria como outra estratégia discursiva, com o estabelecimento de semelhanças

⁵⁷⁰ Id. Ibid., p. 207.

⁵⁷¹ Do mesmo modo que a natureza e suas bruscas transições, o sertanejo surpreende o viajante. Justamente por serem irmanados, ambos passam da debilidade à exuberância. No terceiro capítulo de *O Homem*, assim o narrador apresentou seu espanto com o sertanejo: “É o homem permanentemente fatigado. (...) Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”. Cf.: Id. Ibid., p. 208.

⁵⁷² HARTOG, François. *Le miroir d'Hérodote: essai sur la représentation de l'autre*. Paris: Éditions Gallimard, 2001, p. 331-348.

⁵⁷³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 283.

⁵⁷⁴ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., 2010, p. 277.

e dissimilaridades, aproximações e distanciamentos. A sua fórmula para equacionar a alteridade seria: *a* está para *b*, assim como *c* está para *d*⁵⁷⁵. Vale lembrar, como tive ocasião de discutir no primeiro capítulo desta tese, evocando Sergio Moravia e Hélène Clastres, que a comparação fundou-se como um dos atos cognitivos centrais da moderna ciência do homem, uma vez que representava a possibilidade de interpretar e traduzir as diferenças observadas e reunidas⁵⁷⁶.

O recurso à comparação não se limitou a *Os sertões*. A tradução das gentes na Amazônia também contou com essa estratégia, especialmente, para costurar a noção de tempo daquelas paragens. Seus usos mais emblemáticos estão nos ensaios *Um Clima Caluniado* e *Judas-Asvero*, de *À margem da história*.

No primeiro, para denunciar a tarefa extenuante e infundável do seringueiro, o narrador imaginou-o como um personagem de Dostoiévski e depois o comparou a Sísifo. Caminhante único nas trilhas no meio da selva, ele trabalhava confinado, cativo de si mesmo, perfazendo a mesma estrada toda uma vida. Em vez do seixo, conduzia o próprio corpo incessantemente, em gestos mecânicos, como se apenas reagisse à natureza e ao trabalho, desprovido de consciência. Abaixo, um excerto do ensaio:

A exploração da seringa, neste ponto pior do que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoiévski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constringido a calcar durante a vida inteira a mesma “estrada”, de que é ele o único transeunte, trilha obscura, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida. Nesta empresa de Sísifo, a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo — partindo, chegando e partindo — nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercê-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos — se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças, e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebatarem àquele lance, à ventura, em busca da fortuna⁵⁷⁷.

⁵⁷⁵ HARTOG, François. Op. cit., p. 348-356.

⁵⁷⁶ MORAVIA, Sergio. Op. cit., 1980. CLASTRES, Hélène. Op. cit., 1980. No Brasil, a comparação como estratégia discursiva compôs o modo de escrever a história oitocentista. Especificamente sobre seu emprego no IHGB, cf.: TURIN, Rodrigo. Op. cit., 2010.

⁵⁷⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 36.

No conto-crônica *Judas-Asvero*, o narrador conta a tradição dos seringueiros de confeccionar um boneco de Judas, esculpido à sua imagem, a fim de desferrar-se das dores cotidianas. Como, para clamar bem-aventurança, o seringueiro não podia flagelar o próprio corpo, porque vinha dele a força para alimentar-se, ele se forjava no boneco, vingando-se do impulso que o levara àquela terra em abandono. Talvez mais do que comparado ao Judas errante, o seringueiro se confunda com ele, nesse texto. No lento processo de fabricação do espantalho, cheio de idas, vindas e retoques, uma criança via “retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu próprio pai”. Atirado ao rio, em um vagar “sem destino e sem fim”, recebia golpes e afrontas, como se espelhasse o sertanejo, cujo trabalho no seringal era também uma “interminável penitência”⁵⁷⁸.

Como notou Francisco Foot Hardman, esse conto-crônica versa, essencialmente, sobre o isolamento⁵⁷⁹. Trata-se da narrativa do desafogo da voz inaudível do sertanejo, “excomungado pela própria distância que o afasta dos homens”⁵⁸⁰. Por isso, toda a descrição do rito do sábado de aleluia impregna-se de lentidão, tristeza e monotonia. Nesse festejo dos obliterados, as horas se arrastavam, agravando a imobilidade do tempo que experimentavam ao longo do ano. A existência estática e primitiva manifestava, para Euclides, o pertencimento a uma alteridade temporal, na contramão da aceleração moderna do tempo, à beira da história:

Toda a semana santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável Sexta-Feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora. (...) E consideram, absortos, que esses sete dias excepcionais (...) lhes são, ali, a existência inteira, monótona, obscura, dolorosíssima e anônima, a girar acabrunhadamente na via dolorosa inalterável, sem princípio e sem fim, do círculo fechado das “estradas”. Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o redentor universal não os redimiu;

⁵⁷⁸ Id. *Ibid.*, p. 55.

⁵⁷⁹ HARDMAN, Francisco Foot. “Uma prosa perdida: Euclides e a literatura na selva infinita”. In: *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 25-96.

⁵⁸⁰ CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 1999, p. 53.

esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfrequentados rincões⁵⁸¹.

Desenhavam-se, pois, as gentes sertanejas olvidadas até por Deus, habitando um canto, onde o rio foge, “a terra abandona o homem”⁵⁸² e o tempo estaciona. Adentrar a selva era, portanto, se afogar no esquecimento. Essa noção, que permeia os ensaios amazônicos do livro de 1909, consta também em outra passagem emblemática, dessa vez em *Impressões gerais*. Em Manaus, a ilha de Marapatá, na divisa com a boca do rio Purus, recebeu outro nome pelos moradores e passou a se chamar Ilha da Consciência, porque, lá, um “lazareto de almas”, o homem, “ao penetrar as duas portas que o levam ao paraíso diabólico dos seringais”⁵⁸³, deixava sua consciência. Isto é, apenas quem abdicasse de si transporia aquele limite da civilização, para internar-se no seringal. Uma vez cruzada essa fronteira, os homens abandonavam-se, submetiam-se a um regime de exploração de seu trabalho e entregavam-se à passividade, em um agir mecânico e irrefletido.

Relegados, sem o auxílio do poder público e sem o influxo do progresso, os homens somente respondiam ao tempo da natureza, cujos desígnios ditavam seus movimentos. Nesse jogo, a natureza se antropomorfizava e os homens mimetizavam-na. O processo de duplicação comentado por Leopoldo Bernucci a respeito de *Os sertões*⁵⁸⁴ parece se adequar aqui: se, nos desertos baianos, a planta se enraizava no solo árido e o sertanejo se arraigava na terra, na selva amazônica, a impenetrabilidade da região se desdobrava no isolamento da gente e a irregularidade do rio se propagava no homem. Em *Impressões gerais*, a leitura de Euclides do determinismo projetava os homens na mesma cadência do rio, fundindo um ao outro. No trecho abaixo sobre o paradoxo do

⁵⁸¹ Id. Ibid., p. 52-53.

⁵⁸² Id. Ibid., p. 7.

⁵⁸³ Id. Ibid., p. 12.

⁵⁸⁴ BERNUCCI, Leopoldo. “Prefácio”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 22.

excesso de movimento que não chega a lugar nenhum, o narrador principia descrevendo o rio e, de repente, é do homem que fala:

A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infundáveis, desesperadamente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. (...) sempre desordenado, e revoltado, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios — com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido...⁵⁸⁵

Em outro momento do ensaio, o narrador intrinca as noções de movimento e inércia, que repercutem, diferentemente, na apreensão do tempo pelo observador e pelos homens que habitam a selva:

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante, que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e, aos olhos do homem sedentário, que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revoltada e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o. A adaptação exercita-se pelo nomadismo. Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril⁵⁸⁶.

Este trecho condensa uma aporia central de Euclides no que tange às gentes na Amazônia: a errância dos rios estende-se para os homens como forma de deter os ímpetus da natureza. Desse modo, o estilo itinerante visava a estacar o trânsito perturbador da floresta e de suas águas. O nomadismo – por óbvio, um movimento – redundaria, antiteticamente, em uma paralisia, porque, nesses sucessivos deslocamentos, os homens acabavam inertes, sem legar nada ao futuro.

Em *Os caucheiros*, o narrador arrisca uma solução para essa aporia: a errância como estagnação e produção de ruínas e o sedentarismo como movimento positivo se

⁵⁸⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 9.

⁵⁸⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 12.

relacionavam à pluralidade da alteridade na região. O primeiro era o caso do caucheiro peruano, que, para impor-se ao meio, não se enraizava; por não se fixar em canto algum, nada edificava, não instaurava nenhuma atividade econômica duradoura, promovendo, somente, rastros de cacos e de destroços. O sertanejo seringueiro, ao contrário, não tentava conter a agitação da natureza, pois, passivo, se deixava reger por ela. Radicava-se nas adjacências do rio, em busca da *hevea*, e percorria a mesma “estrada” de seringais, por toda a vida.

Na selva, a fixidez do sertanejo para existir impunha-lhe o tempo imóvel. Ou, até, uma vida fora do tempo. A monotonia do trabalho do seringueiro, as horas arrastadas dos seus folguedos, a melancolia e a tristeza que contornavam seus gestos – a propósito, em tudo similar à uniformidade dos sertanejos encourados e de seus “divertimentos anacrônicos” reproduzidos “intactos há três séculos”⁵⁸⁷, na Bahia – geravam no observador forasteiro a sensação de uma pausa, a do tempo selvagem, como no ensaio *Um Clima Caluniado*.

Entra no Amazonas. Reanima-se um momento ante a fisionomia singular da terra; mas para logo acabrunha-o a imensidade deprimida — onde o olhar lhe morre no próprio quadro que contempla, certo enorme, mas em branco e reduzido às molduras indecisas das margens afastadas. Sobe o grande rio; e vão-se-lhe os dias inúteis ante a imobilidade estranha das paisagens de uma só cor, de uma só altura e de um só modelo, com a *sensação angustiosa de uma parada na vida*: atônicas todas as impressões, *extinta a ideia do tempo*, que a sucessão das aparências exteriores, uniformes, não revela – e retraída a alma numa *nostalgia que não é apenas a saudade da terra nativa, mas da Terra*⁵⁸⁸ (grifos meus).

Assim, a sensação de engastamento a outra temporalidade volta, mais uma vez, ao tema do insulamento no deserto, que perpassa tanto os sertões baianos, quanto as selvas amazônicas. Como em *Os sertões*, nos ensaios de *À margem da história*, as analogias euclidianas com a diferença espacial deixam transparecer uma profundidade

⁵⁸⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 227.

⁵⁸⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 29.

do tempo, na qual as gentes sertanejas pertenciam a um passado insólito. A alusão ao abismo geográfico como sinônimo de arremesso ao passado e alijamento da nação pode ser visualizada em um fragmento do ensaio *Um Clima caluniado*, em que o narrador conta o impacto de entranhar-se na selva, fora da civilização e da escrita da história.

O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. *Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria*, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e *num desvão obscurecido da História*⁵⁸⁹ (grifos meus).

Assim, os sertões baianos e as selvas amazônicas se irmanavam, como vácuos na história, como experiências de temporalidade avessas à modernidade. Recordando a definição de Marshall Berman, a modernidade associa-se à ruptura, à mudança, ou, mais precisamente, em suas palavras: “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor”⁵⁹⁰. Articulando essa noção à descrição dos sertanejos, é possível depreender que, para Euclides, a mesmice, a monotonia, a melancolia, a imobilidade, as tradições seculares, as permanências eram todos sintomas de um eterno passado em que os rincões desolados do Brasil estavam mergulhados. Situados no extremo oposto da modernidade, jaziam à revelia do progresso.

Entretanto, caberia alguma recuperação à parada do tempo naqueles cantos ignotos. Acredito que, para Euclides da Cunha, a inferioridade diacrônica da alteridade sertaneja seria reversível, porque a terra poderia ser domada e o homem, civilizado. Em sua obra-mestra, a percepção de que o sertanejo “é um retrógrado; não é um

⁵⁸⁹ Id. *Ibid.*, p. 30.

⁵⁹⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 24.

degenerado”⁵⁹¹ implicava assumir o seu atraso, porém afastar o seu ocaso por uma degenerescência racial. Como via nos sertanejos emigrados para a Amazônia a mesma gente dos outros sertões, o diagnóstico do atraso e a receita para sua conversão seriam similares.

Vale um parêntese para compreender, afinal, que caldeamento, segundo Euclides, desembocara nos sertanejos. Como procurei mostrar ao longo desta tese, as origens de uma natureza estranha e arredia e de uma gente anacrônica nos sertões baianos e amazônicos residiriam, sobretudo, em seu abandono. Se, de um lado, o insulamento engendrara seus males, de outro, tivera o efeito benéfico de proporcionar condições para formar um tipo racional uniforme, capaz de se tornar “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade”⁵⁹², a “rocha viva da nossa raça”⁵⁹³. Essa perspectiva está sintetizada na seção *Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-a dos cruzamentos do litoral*, em *O Homem*, de sua principal obra:

É natural que grandes populações sertanejas, de par com as que se constituíam no médio S. Francisco, se formassem ali com a dosagem preponderante do sangue tapuia. E lá ficassem ablegadas, evoluindo em círculo apertado durante três séculos, até a nossa idade, num abandono completo, de todo alheio aos nossos destinos, guardando, intactas, as tradições do passado. De sorte que, hoje, quem atravessa aqueles lugares observa uma uniformidade notável entre os que os povoam: feições e estaturas variando ligeiramente em torno de um modelo único, dando a impressão de um tipo antropológico invariável, logo ao primeiro lance de vistas distinto do mestiço proteiforme do litoral. Porque enquanto este patenteia todos os cambiantes da cor e se erige ainda indefinido, segundo o predomínio variável dos seus agentes formadores, e homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafunz trigueiro; cabelo corredo e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes. A uniformidade, sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída⁵⁹⁴.

⁵⁹¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 203.

⁵⁹² Id. Ibid., p. 190.

⁵⁹³ Id. Ibid., p. 766.

⁵⁹⁴ Id. Ibid., p. 199.

Retorcendo as teorias deterministas como as de Buckle, Euclides inverteu os sinais negativos do condicionamento geográfico na composição do sertanejo, em *Os sertões*. De acordo com o autor, ilhados em uma terra ignota, os “rudes patricios” foram poupados do contato com etapas sociais “superiores”, para as quais não estavam preparados, livrando-se de “aberrações e vícios dos meios adiantados”⁵⁹⁵. Os desatinos e desvios a que se refere estariam materializados no litoral, que repulsava a autenticidade, em nome de uma demasiada abertura a estrangeirismos.

O complexo processo de construção da espacialidade brasileira, assentado na dicotomia entre litoral e sertão, incidia, para Euclides da Cunha, nas dualidades de sua gente e de suas dinâmicas de miscigenação. Segundo o autor, na faixa litorânea, concorreram, substancialmente, brancos e negros, um cruzamento que julgava originário da metrópole, nos tempos coloniais. Herança portuguesa, o mulato, em razão do tráfico negreiro no Brasil e do seu aproveitamento como mão de obra nas atividades econômicas da costa, teria se concentrado no litoral⁵⁹⁶. Por apresentar sua gênese processada, em verdade, na Europa e por se limitar a determinadas regiões, ele não configuraria um tipo essencialmente brasileiro. Euclides dialogava, nesse sentido, com a historiografia de Capistrano de Abreu – de quem foi leitor –, para quem a história do Brasil deveria realizar uma viagem para dentro, para mitigar a excessiva perspectiva litorânea e, assim, encontrar um novo sujeito, que não fossem os brancos e os negros, como núcleo da brasilidade⁵⁹⁷.

⁵⁹⁵ Id. *Ibid.*, p. 203.

⁵⁹⁶ Id. *Ibid.*, p. 180-182.

⁵⁹⁷ GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante.” In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, nº 59, 2010, p. 15-36. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Do litoral para o interior: Capistrano de Abreu e a escrita da história oitocentista”. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (Orgs.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*. Cidadania, Política e Liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 1, p. 269-292.

Além de não parecerem genuínos como tipo nacional, os “mulatos” do litoral sofreriam de uma fraqueza física e moral, resultado dos choques entre as diferentes fases evolutivas de seus elementos constitutivos. Dessa maneira, todo o fatalismo racial quanto aos males da mestiçagem – que Euclides atenuava na conformação dos sertanejos – recaía nos “mestiços neurastênicos do litoral”⁵⁹⁸. Degenerados, os “mulatos” diferiam dos sertanejos, cuja “integridade orgânica” derivaria de um menor grau de embaralhamento inter-racial, da confluência de índios e brancos, como articulou Euclides desde sua caderneta de campo na Bahia.

Em síntese, Euclides refutava a participação do negro na soma étnica que concebeu o sertanejo, alegando que aquele se restringia ao litoral⁵⁹⁹. Ao alijá-lo da composição étnica sertaneja, o autor livrava-se, também, da sombra da degenerescência no tipo que elegia como símbolo nacional. Sendo o homem do sertão o mais representativo do ser brasileiro, a rejeição do negro em sua gênese, se considerarmos a sociedade pluriétnica e extremamente racista, implicava, por conseguinte, seu descarte do núcleo da nacionalidade.

Isto é, Euclides operava uma leitura seletiva das teorias deterministas e raciais à época, condenando a mestiçagem na costa, cujo fruto era o “mulato”, para quem dirigia

⁵⁹⁸ Id. *Ibid.*, p. 207.

⁵⁹⁹ Cumpre observar que o método de confecção d’*Os sertões* evidencia esse silenciamento, porque, além da viagem ao interior da Bahia, que permitiu o contato direto com populações sertanejas, o autor teve acesso a informações provenientes de várias fontes. Sua visão contrasta com documentos à época, tais como recenseamentos, relatórios de autoridades e fotografias a flagrar moradores e cenas do conflito no arraial, em que a população negra se mostra bastante significativa. Apesar de discordar de alguns pressupostos de Maria Beatriz Nascimento, sobretudo no que tange ao caráter primordialmente econômico e material conferido por ela ao evento de Canudos, seu artigo sobre o abolicionismo e o movimento de Conselheiro tem o mérito de enfatizar a presença de negros e ex-escravos no arraial, incluindo, ainda, dados do recenseamento de 1872, segundo o qual estes representavam cerca de 60% da população nos 11 municípios da Bahia por onde Conselheiro estendeu sua atuação. Cf: NASCIMENTO, Maria Beatriz. “O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo: uma visão da história regional”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Especial Negro Brasileiro Negro, nº 25, 1997, p. 261-267. Sobre as fotografias da região à época, o acervo do Museu da República dispõe de registros do conflito, a exemplo de *400 jagunços*, de Flávio de Barros. Há, ainda, uma edição do Instituto Moreira Salles com fotografias do arraial. Ver: *CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA. CANUDOS*. Rio de Janeiro: IMS, número 1, dezembro de 2002.

seu racismo mais explicitamente, mas contrabalanceando o fatalismo racial nos sertões, para não inviabilizar de todo uma nação mestiça. Afastava-se das leituras de um Nina Rodrigues, por exemplo, cujos prognósticos desenganavam, em um pessimismo irremediável, o Brasil mestiço, cindido por diferenças raciais ontológicas⁶⁰⁰. Euclides hierarquizava as alteridades, para contornar as teses do fracasso de uma nação e de um povo mestiços: enquanto a inferioridade dos outros mais radicais seria orgânica e incontornável, a dos mestiços sertanejos seria conjuntural, e, portanto, passível de conversão. Na seção *Uma raça forte*, do segundo capítulo de *O Homem*, sintetizou:

As vicissitudes históricas o libertaram [o sertanejo], na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, prepararam-no para a conquistar um dia. A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, *despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada* por isto mesmo que não a atingiu de repente...⁶⁰¹

Portanto, o sertanejo, eximido de um erro biológico e da mácula racista da degenerescência, poderia ser resgatado do seu estado socialmente embrionário e de seu tempo estagnado. É verdade que nas teias de ambiguidade de Euclides, a nota preliminar de *Os sertões* alertava em tom pessimista: “retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo”⁶⁰². Logo na sequência, atribuía essa supressão à “força motriz da história”, ou seja, à voragem do progresso, à velocidade em que caminhava a civilização. Mais ao final do livro, em *A Luta*, sustentou a necessidade de conhecer e esquadriñar o sertanejo: “Aquele afloramento originalíssimo do passado, patenteando

⁶⁰⁰ RODRIGUES, Nina. “Os mestiços brasileiros”. In: *Brasil médico*. Rio de Janeiro: 1890.

⁶⁰¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 202-204.

⁶⁰² Id. Ibid., p. 66.

todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmo-las, corrigirmo-las ou anularmo-las. Não entendemos a lição eloquente”⁶⁰³.

Cumpriria, em sua leitura, desgarrar o sertanejo do passado e injetar movimento, a fim de que se encaixasse nos novos trilhos⁶⁰⁴. Entretanto, a nação e a civilização só pisaram na terra ignota para esmagá-lo pela força: “Eram, realmente, fragílimos aqueles pobres rebelados... Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala”⁶⁰⁵.

O olhar interventor de Euclides da Cunha, municiado pelas ciências e exercido em campo, planeava algumas soluções para a retirada das gentes sertanejas do passado e sua inserção adaptada no presente. Esboçou uma delas desde sua presença na Bahia. Em suas correspondências a *O Estado*, em algumas ocasiões, Euclides argumentava a imperiosidade de um “mestre-escola”. Abertas as estradas dos sertões pela artilharia, os rastros de destruição deveriam ser doravante ocupados pela educação.

Quando de seu retorno de Canudos, além de alguns objetos do cotidiano sertanejo, Euclides trouxe consigo o menino Ludgero, que lhe fora entregue por um general. Em sua caderneta de anotações, Euclides observara, em 22 de setembro de 1895, na página 55: “Noto com tristeza que o jaguncinho que me foi dado pelo general continua doente e talvez não resista à viagem para Monte Santo”. Resistiu, porém. Em

⁶⁰³ Id. Ibid., p. 502.

⁶⁰⁴ Euclides expressou essa ideia diversas vezes, ao longo de *Os sertões*. Como notou Bernucci, menos do que uma repetição banal ou descuidada, essa ênfase fazia parte do jogo de composição da obra, do processo de duplicação. Por isso, uma noção sustentada em *A Terra* se desdobrava em *O Homem*, em *A Luta*. A seguir, outra forma lapidar de defender uma missão civilizatória nos sertões: “Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitasse os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários”. Id. Ibid., p. 682.

⁶⁰⁵ Id. Ibid., 320.

22 de outubro de 1897, o jornal *Gazeta de Notícias* informou a vinda do menino juntamente com Euclides⁶⁰⁶.

Em São Paulo, Ludgero passou alguns dias com Júlio Mesquita, diretor de *O Estado de S. Paulo*, e, depois, foi entregue a Gabriel Prestes, educador paulista, diretor da Escola Caetano de Campos. A vinda de Ludgero dos sertões para o convívio urbano representava, de certa forma, um experimento que ambicionava testar a capacidade de regeneração de uma gente supostamente detentora de uma inteligência embrionária. Um ensaio de ilustração, à moda daquele empreendido na *Société des Observateurs de l'Homme* com o jovem achado na floresta de Aveyron, que, aglutinando barbárie e infância, seria examinado por Jean Itard, para vislumbrar o impacto da educação entre os selvagens.

Confiar Ludgero a um educador configurava uma sondagem, para que, mediante a educação, sua sorte diferisse das crianças desfiguradas, velhas desde novas, imersas em vícios, do arraial de Canudos. Consistia também na oportunidade de individualizar a resposta que deveria ser coletiva: civilizar não pela bala, mas pela educação. E Ludgero, o jaguncinho, fez-se professor⁶⁰⁷. O que para Euclides soava como a confirmação de seu prognóstico sobre os sertanejos. Em 07 de outubro de 1908, Euclides escreveu a Ludgero:

Recebi a tua prezada carta de 3 do corrente; li-a com surpresa indescritível, verdadeiramente encantado; e não poderei traduzir-te a comoção ao ver aparecer-me quase homem – e homem na mais digna significação da palavra – o pobre jaguncinho que me apareceu pela primeira vez há onze anos no final de uma batalha. (...) P.S – Moro na rua Humaitá, e não preciso dizer-te que ali tens, francamente aberta, uma casa, tão hospitaleira quanto a minha rude barraca de Canudos⁶⁰⁸.

⁶⁰⁶ CALASANS, José. “O jaguncinho de Euclides”, 1970. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/20.pdf>

⁶⁰⁷ Sobre o destino de Ludgero, ver: MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. “O jaguncinho que virou professor”. In: Crianças do sertão: a história de vida dos jaguncinhos da guerra de Canudos. Tese de doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio, 2011. p. 48-75.

⁶⁰⁸ “A Ludgero Prestes. Rio, 07 de outubro de 1908”. GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 380-381.

Em *Os sertões*, Euclides arquitetou outro plano para desencravar os sertões, suas solidões e atraso: estancar a seca e o deserto. Sustentava que as duras estiagens tinham no solo o fator preponderante, mais do que no clima – o que, possivelmente, justifica a ordem de apresentação de *A Terra*: primeiro, as considerações geológicas, em seguida, o clima, as secas e, por último, o debate de como se produz e se extingue um deserto. Desse modo, apostava pragmaticamente em um sistema de irrigação artificial e de formação de represas, a fim de reverter a esterilidade e desencadear o aproveitamento dos solos. Esboçada, anteriormente, no artigo *Distribuição dos vegetais no estado de São Paulo*, que contribuíra para sua nomeação ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1897, essa saída recrudescida, em *Os sertões*, para o “martírio secular da terra” conciliava engenharia e história, pois a “comparação histórica” e os exemplos dos romanos antigos aos franceses contemporâneos enveredavam-se pelo mesmo lugar.

Embora as selvas amazônicas não padecessem do martírio da seca, seu isolamento geográfico redundara, como nos sertões baianos, em um atraso em relação ao presente e às expectativas de futuro do litoral. A terra da promessa, onde mais tarde se aglutinaria toda a civilização do globo, vivia, no entanto, à margem dessa civilização.

Nos artigos precedentes à sua viagem à Amazônia, Euclides indicara o estabelecimento de uma rede telegráfica para comunicar a floresta ao restante do país. Partilhando do credo positivista caro aos engenheiros de sua época, percebia na técnica um modo de propulsionar o progresso e na expansão do telégrafo uma artéria para levar a palavra, a comunicação, aos vazios do Brasil. Uma vez em campo e constatado o insulamento amazônico, Euclides defendia com ainda mais urgência o resgate das gentes e da terra por meio da articulação com o restante do país.

A integração amazônica passaria, ainda, pela construção de ferrovias, como advogou em *A Transacreana*, ao idealizar a ligação de Cruzeiro do Sul, no norte do

Acre, a Rio Branco, o que representaria uma “grande estrada internacional de aliança civilizadora, e de paz”⁶⁰⁹. Nesse ensaio de *À margem da história*, Euclides afirmava competir à engenharia vencer as dificuldades naturais e, assim, domar a selva e seu abismo geográfico. As estradas de ferro promoveriam suas cruzadas modernas contra os desertos e sertões ignotos e insubmissos:

Todas as grandes estradas, no evitarem os empecos que se lhes antolham transpondo as depressões e iludindo os maiores cortes com os mais primitivos recursos que lhes facultem um rápido estiramento dos trilhos, erigem-se nos primeiros tempos como verdadeiros caminhos de *guerra contra o deserto, imperfeitos, selvagens*. (...) Depois evoluem; e crescem, aperfeiçoando os elementos da sua estrutura complexa, como se fossem enormes organismos vivos transfigurando-se com a própria vida e progresso que despertam. É o que sucederá com a que prefiguramos⁶¹⁰ (grifos meus).

Por redistribuir o povoamento, contribuir para a precisão das fronteiras e facilitar a gerência dos poderes públicos, a Transaccreana irrigaria a nação de si mesma e conectaria suas partes. Como notou Francisco Foot Hardman, haveria uma perspectiva organicista nesse argumento de Euclides, porque o caminho de ferro emergia como um corpo vivo e integrado em um “movimento evolutivo uniforme da sociedade em relação à natureza”⁶¹¹.

Se a aposta na rede telegráfica não era exclusividade de Euclides, tampouco o era a insistência na ferrovia. Ainda de acordo com Foot Hardman, o século XIX assistiu a uma obsessão pela estrada de ferro, uma “febre dos trilhos”. Esses artefatos de ferro insuflaram paixões em diversas representações literárias e artísticas no século XIX, convertendo-se em fábricas de sonhos ou nas “catedrais” do período. Ingressaram, assim, no léxico colonizador e nas modernas missões civilizatórias levadas a cabo pela Europa. Desse modo, segundo Hardman, o projeto integral de civilização de que

⁶⁰⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 84.

⁶¹⁰ Id. Ibid., p. 79.

⁶¹¹ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 121.

Euclides era partidário guardava inspiração nos exemplos do neocolonialismo europeu na África e na Ásia⁶¹².

Para Euclides, tal como para o imaginário de sua época, o encurtamento das distâncias e o achatamento das horas das viagens, proporcionados pelas ferrovias, revelavam-se como promotores da civilização. Portanto, ao cruzar as selvas e os desertos, elas proporcionariam uma ruptura no espaço-tempo, injetariam movimento à inércia das gentes e acelerariam o seu tempo, para as promessas do futuro. As trilhas de ferro, um elo positivo entre técnica e sociedade a serviço do progresso, domesticariam os espaços desviantes e ariscos. A ciência, pois, regeria a nova catequese das terras ignotas e de suas gentes retrógradas.

No artigo *Viação Sul-Americana*, publicado na segunda parte *À margem da história*, fora do eixo dos ensaios amazônicos, Euclides reforçou essa imagem da ferrovia como duelo contra a barbárie, ao citar Domingo Sarmiento e sua leitura de que as trilhas de ferro desmanchariam os espaços arredios ao progresso:

Domingos [sic] Sarmiento, ao cerrar as páginas comovidas da *Civilización y Barbarie* — páginas admiráveis de um dos maiores livros sul-americanos, ressoantes ao tropear das cavalarias disparadas dos Quirogas e dos Chacos — prognosticou o declínio inevitável da tirania revolucionária dos caudilhos sem aventar puxados raciocínios, de grave substância, de sociólogo. O desfecho da tremenda crise social de sua terra desvendava-se-lhe com esta evidência quase gráfica e singularmente prosaica ao fim da selvagem epopeia dos gaúchos: *El ferrocarril llegará en tiempo para estorbar que venga a reproducirse la lucha del desierto...* E, de feito, a civilização platina alastrou-se logo depois sobre as planícies, com o só estirar-se de seus *rieles* paralelos, por cima dos rastros das *montoneras*⁶¹³.

Euclides recebera um convite que lhe garantiria a oportunidade de participar ativamente do processo de construção de uma ferrovia e, desta maneira, do estabelecimento de artérias no país. Em julho de 1906, o Ministério da Viação ofertou-

⁶¹² HARDMAN, Francisco Foot. Op. cit., 2005, p. 33-62; 116-138.

⁶¹³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1999, p. 87.

lhe o posto de chefe de fiscalização da Madeira-Mamoré, cuja execução era um desdobramento do Tratado de Petrópolis. Ao pai, escreveu se tratar da comissão “mais séria e brilhante entre todas que possa aspirar hoje um engenheiro”⁶¹⁴. Entretanto, segundo alegou em suas correspondências, declinou do convite, por motivos de saúde e por aventar a possibilidade de integrar uma comissão de reconhecimento de limites com a Venezuela⁶¹⁵.

Por fim, considerando que a viagem à Amazônia propiciou a ocasião de experimentar a dificuldade de navegação na região, mais especificamente, no rio Purus, Euclides tracejou, no relatório da comissão de reconhecimento hidrográfico e, depois, nos ensaios da primeira parte de *À margem da história*, uma maneira de contornar o problema. O rio enfeitado, cujo curso se devorava pelo acúmulo de galhos, troncos e blocos de argila, carregava consigo o potencial de se afigurar como um dos maiores fatores do progresso e da coesão nacional. Menos do que por uma força incontornável da natureza, seu subaproveitamento decorria do seu abandono e esquecimento. Euclides instava, por isso, um “compromisso de honra com o futuro”, para desimpedir o rio e devolver-lhe a grandeza. Bastavam ações no sentido de retirar os entraves, para que a barbaria de seu fluxo d’água se amansasse e se constituísse em uma fundamental veia nacional. O mesmo aplicava a sua gente, pois, “tal é o rio; tal, a sua história”⁶¹⁶.

⁶¹⁴ “A meu pai. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1906. GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 311.

⁶¹⁵ Id. Ibid., p. 311-313.

⁶¹⁶ CUNHA, Euclides. 1999, Loc. cit.

Conclusão

Este tese procurou historicizar a composição de *Os sertões* e dos ensaios amazônicos que compõem a primeira parte de *À margem da história*, a fim de avaliar o impacto que as experiências empíricas proporcionadas pelas viagens de Euclides da Cunha à Bahia e ao norte do país legaram para a elaboração das obras em comento.

Preliminarmente, discuti como se forjou, no século XVIII e ao longo do século XIX, um horizonte intelectual segundo o qual a viagem se fundou como condição de escrita do outro. Os deslocamentos tornaram-se, nesse processo, um meio privilegiado para conhecer os povos de outros cantos do planeta, ditos sem história, e estudar, sob pressupostos científicos, a alteridade.

Considerando a importância do trânsito e do exercício do olhar, almejei rastrear as pistas da presença de Euclides em campo deixadas, especialmente, em *Os sertões* e nos ensaios amazônicos de *À margem da história*. Intentei apresentar como essas narrativas se desenrolam, sobretudo, desde a perspectiva de um observador em trânsito. A leitura conduzida pelo olhar de um viandante reflete o diálogo do autor com uma tradição de relatos de viajantes e a primazia por ele conferida à observação *in loco* para a produção de conhecimento. Deste modo, o olhar e o “ter estado lá” se configuravam no próprio argumento de autoridade dos textos.

Recrudescia a autoridade do olhar euclidiano a afirmação da urgência de se esquadriñar o Brasil, a partir de uma lógica interna. Competia aos brasileiros imprimir o seu tom ao contar suas outras terras e outras gentes e Euclides pretendia mostrar-se a postos, com seu cajado de peregrino, para imergir nos cantos mais remotos da nação.

No segundo capítulo, dediquei-me, em um primeiro momento, à conformação dos modos de ver a natureza em Euclides da Cunha. A fim de cumprir essa tarefa,

recuperei algumas leituras por ele realizadas, em especial de naturalistas e geólogos, os quais, como notou Costa Lima, forneceriam o que Euclides creditava como matéria firme para desenveredar os sertões do país.

Em seguida, rastreei como Euclides, com seu olhar previamente armado apreendeu a natureza, durante sua viagem à Bahia. Enviado como correspondente de *O Estado de S. Paulo* e adido ao Estado-Maior do ministro da Guerra, ele fez de sua estada em campo uma jornada com pretensão científica. Em sua caderneta de campo e nas missivas ao jornal, esquadrinhou a natureza em múltiplas frentes, ao perquirir a constituição do solo, esboçar o traçado do arraial, medir temperaturas, examinar e desenhar os formatos das plantas típicas dos sertões baianos. Lançando um olhar razoavelmente treinado para a paisagem útil, Euclides angariou material para a confecção da natureza em sua obra-mestra.

De volta da Bahia, Euclides debruçou-se sobre a feitura de *Os sertões*, livro que lhe permitiu o ingresso no círculo dos sábios, nos dizeres de Nicolau Sevcenko. O acesso ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras, no entanto, não lhe garantiu solidez funcional ou financeira. Desse modo, continuou a pleitear um posto, dessa vez na Comissão de Reconhecimento do Alto Purus.

Na região amazônica, o rastejo de sua apreensão da natureza se deu por meio da análise de suas correspondências pessoais, oficiais e dos relatórios produzidos em decorrência da expedição. Especificamente no tocante ao relatório, dentre os registros elaborados *in situ*, esse contém a apresentação mais linear da natureza. Embora sejam fontes de estatutos diversos da caderneta de campo e das missivas ao jornal, enviadas quando de sua estada na Bahia, esse material revela o bosquejo da leitura euclidiana da natureza, o exame do entorno, para além do levantamento cartográfico do rio, com

pistas de elementos, expressões e hipóteses que migrariam, mais tarde, para os ensaios amazônicos de *À margem da história*.

A partir da experiência de Euclides em campo, procurei delinear sua tradução da natureza como uma alteridade geográfica. As viagens foram ocasião para cobrir uma guerra como correspondente de um jornal, mais tarde, para exercer sua profissão de engenheiro, e, nos dois casos, para observar a natureza, com uma visada de cientista e de escritor que coletava informações para livros que escreveria futuramente.

Não obstante suas limitações e os desafios da viagem, os quais, além de retóricos, foram também contratempos reais, Euclides pretendia encarnar um homem de ciências. Ao perquirir as terras abandonadas, a alteridade geográfica do Brasil do litoral, desvelava as fronteiras internas da nacionalidade e mesmo as externas, no caso da Amazônia. Dava um passo no sentido de apossar-se do território e de tornar a totalidade do espaço brasileiro em espaço nacional. No artigo *Plano de uma cruzada*, ele resumiu: “Esta exploração científica da terra - coisa vulgaríssima hoje em todos os países - é uma preliminar obrigatória do nosso progresso, da qual nos temos esquecido indesculpavelmente”⁶¹⁷. E no discurso de recepção à Academia Brasileira de Letras, proferido em 1909, afirmou: “porque assim como não temos uma ciência completa da própria base física da nossa nacionalidade, não temos ainda uma história”⁶¹⁸.

Essas porções de terra, em que mesmo a cartografia era bárbara, permaneciam num hiato, incógnitas pelo restante do país. Os sertões e os seus vazios. Áridos e causticantes, eles escondiam, porém, a surpresa de uma natureza portentosa, em tempos de chuva. Só quem se arriscasse em suas entranhas, quem os visse de perto saberia. A Amazônia tinha tudo e faltava-lhe tudo. Última página inacabada do Gênesis – como na metáfora de abertura do filme *Fitzcarraldo*, de Werner Herzog, em que o caucheiro Fitz-

⁶¹⁷ CUNHA, Euclides da. “Plano de uma Cruzada”. Op. cit., 1966, vol. I, p. 160.

⁶¹⁸ CUNHA, Euclides da. “Discurso de recepção”. Op. cit., 1966, vol. I, p. 233.

Carrald, sobre quem Euclides comentou nos seus ensaios, aparece transformado em agente civilizador.

Essas terras ignotas, esquecidas até por deus, foram abandonadas pelas forças do progresso e pelas elites intelectuais. Euclides detectava, então, a necessidade de se arrebatam aquelas faixas, minando o estranhamento que suscitavam, para, assim, incorporá-las, como espaço nacional.

Onde as terras eram relegadas, as gentes também o eram. No terceiro capítulo, dediquei-me a analisar a construção da alteridade antropológica em Euclides. Entre o sertão prefigurado da literatura regionalista e os sertões insurretos, havia um abismo. Em campo, Euclides bosquejou um retrato das gentes sertanejas, pleno de contrastes, oscilando entre a robustez dos jagunços e as tendências aos desvarios religiosos. Entretanto, o impacto de vê-los teria proporcionado mudanças na sua leitura. De horda de fanáticos maltrapilhos a serem aniquilados pelas forças da República, os sertanejos passaram a ser interpretados como o cerne da nacionalidade, não obstante os oximoros do autor. Seriam fortes e genuínos, para a composição do tipo nacional, apesar de antiquados. Na viagem à selva, Euclides topara, novamente, com os sertanejos. Emigrados devido às secas, se isolavam na Amazônia, terra da promessa e do olvido. Lá, os rios divagantes repercutiam nas gentes vacilantes, em seu ofício de Sísifo, nos seringais, e em seus rituais com o boneco do Judas errante.

As gentes, tanto nos sertões baianos, quanto nas selvas amazônicas, resistiam aos ímpetos da natureza e ao desamparo da nação. Existiam à revelia do litoral, do progresso, da civilização. O estouro da boiada dos sertanejos, o Judas jogado ao rio dos seringueiros, as lendas, as rezas, tudo nessas gentes dos grandes sertões era triste, monótono, anacrônico. Afastadas no espaço, estavam insuladas no tempo.

Apesar de atrasados, os sertanejos não eram degenerados, não carregavam consigo a marca orgânica do ocaso. O caldeamento de branco e indígena que os formou engendrara uma sub-raça forte, “a rocha viva da nossa raça”, apenas excluída do tempo presente pelo próprio isolamento de suas terras e moradas. O estoque racial dos mestiços sertanejos se compatibilizava, portanto, com a civilização. Desconheciam a modernidade, mas podiam atingi-la, porque eram modernizáveis.

Assim, para Euclides, os sertanejos não configuravam, pelo menos não após suas viagens, um outro radical a ser extirpado ou diluído pelo influxo da imigração branca. O autor distanciava-se, desse modo, de algumas leituras da antropologia nascente em fins do século XIX e início do XX. Retorcia, não sem antíteses, as teorias racistas que se difundiam, paulatinamente, e negavam a possibilidade de acesso ao futuro aos mestiços. Cabíveis para o outro radical, “o mulato do litoral”, essas teorias eram rechaçadas com o objetivo de não inviabilizar os sertanejos como cerne da nacionalidade.

O plano de intervenção de Euclides, tanto mais autorizado porque decorrente do exercício do olhar no escrutínio de seu objeto, formulou soluções para desgarrar os sertanejos do passado: a educação, o estabelecimento de redes telegráficas, a eliminação das secas, a construção de ferrovias e a intervenção na navegabilidade dos rios garantiriam o amansar das terras e das gentes e, por conseguinte, as promessas do futuro. Uma espécie de olhar colonial guiava o autor em suas viagens e em seu projeto de conversão do selvagem e de seu resgate do passado. Os sertanejos não estariam condenados a perecer, caso houvesse uma confluência de pedagogia, engenharia e história, para livrá-los do atraso.

Ao viajar e descobrir o outro, a apreensão do sertanejo tornou-se mais complexa, ambígua, mas também mais complacente. E, se nesse processo de descoberta do outro, Euclides tivesse empreendido, ainda, o caminho de descoberta de si no outro? E, se,

como nos versos de Pessoa, “as viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão o que somos?”.

Ao longo de suas correspondências, ademais da imagem de bandeirante, Euclides escreveu a si mesmo como um Judas-Asvero, um Sísifo, as mesmas figuras com as quais desenhou as gentes nos sertões baianos e amazônicos. Em diversas ocasiões, assinou como um caboclo, ou ainda um “caboclo ladino”. De fato, de ascendência portuguesa e indígena, carregava consigo algum tom mestiço. O tom do mesmo estoque racial que elegeu como símbolo da nacionalidade. Além do modo como Euclides dava-se a ver, um “caboclo, esse jagunço manso, misto de celta, de tapuia e de grego”⁶¹⁹, como gravou em postal a Lúcio de Mendonça, havia a maneira como era visto. Olímpio de Souza Andrade conta um episódio em que Silvio Romero, ao conhecer o autor de *Os sertões*, teria dito: “mas é um cariri perfeito!”⁶²⁰.

Euclides, caboclo ladino, porque instruído, talvez visse um pouco de si no outro. Apartados, porém, pelas ciências, pela pedagogia civilizatória, pela história, pelo tempo. A dimensão de sua subjetividade aponta para a tentativa de redenção de uma imagem que, possivelmente, não era tão diversa daquela que refletia em seu espelho. Não condenar os sertanejos, para planejar seu engastamento ao futuro, poderia significar não negar a si mesmo, não se fadar ao fracasso, como alguém que tivesse em si qualquer coisa de agreste, de cariri.

Na nota preliminar de *Os sertões*, Euclides afirmou que escrevia ante o olhar de futuros historiadores. Nessa obra e nos ensaios amazônicos de *À margem da história*, palmilhou expressões como “não tiveram um historiador”, ou “a história não iria até ali”. Se o que separava os sertanejos da civilização era uma coordenada histórica, o tempo, Euclides habilitava-se como o historiador daquelas gentes, seu emissor do

⁶¹⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2009, p. 315.

⁶²⁰ ANDRADE, Olímpio de Souza. Op. cit., 2002, p. 26.

futuro. Pois historiou, a meio caminho do bandeirante e do caboclo, as terras e as gentes ignotas, que encontrou, no deserto e na selva, nas beiras de veredas e de rios, à margem da história.

Fontes:

CUNHA, Euclides. *Contrastes e confrontos*. Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 6ª ed., 1923.

_____. *Caderneta de Campo*. ANDRADE, Olímpio de Sousa (Org.). São Paulo; Brasília: Cultrix, 1975.

_____. *Obra Completa em dois volumes*. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966.

_____. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Diário de uma expedição*. GALVÃO, Walnice Nogueira. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. ROCHA, Hildon (Org.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

_____. *Os sertões: (campanha de Canudos)*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. *Trabalhos Esparsos de Euclides da Cunha*. FILHO, Alberto Venancio; FRANCO, Affonso Arinos de Mello, CARVALHO, José Murilo de. (Orgs.). Rio de Janeiro: ABL, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

Referências bibliográficas:

ABRAHAM, Bertrand. « Rousseau, Diderot, Bougainville : protocoles de production et de lecture du récit de voyage au XVIII^e siècle ». In *Semen*, nº 4, 1989. Disponível em: <http://semen.revues.org/6973?lang=en>

ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.

ALONSO, Angela. “Apropriação de Ideias no Segundo Reinado.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.). *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 83-118.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. “Ronda noturna. Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu”. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 28-54.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. “Henry Thomas Buckle - Apresentação.” In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-225.

AUBERT, Gauthier. « Un encyclopédisme oublié : la curiosité en ses cabinets ». In : *Atala*, Cultures et sciences humaines, nº 14, « La culture générale», 2011. Disponível em: <http://www.lycee-chateaubriand.fr/cru-atala/publications/ATALA14/atala14Aubert.pdf>

BELLUZZO, Ana Maria, “O viajante e a paisagem brasileira.” In: *Revista Porto Arte*, Porto Alegre, v. 15, nº 25, novembro, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. (Org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. “Euclides e sua *Ars* poética.” In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 179- 199.

BERTRAND, Gilles (Org). *La culture du voyage : pratiques et discours de la Renaissance à l’aube du XX^e siècle*. Paris : L’Harmattan, 2004.

_____ ; SERNA, Pierre. *La République en voyage. 1770-1830*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013.

_____. « La place du voyage dans les sociétés européennes (XVI^e-XVIII^e siècle) ». In : *Annales de Bretagne et des Pays de l’Ouest*. Presses Universitaires de Rennes, tome 121, nº 3, 2014.

_____. « Le voyage en Italie comme pratique éclairée au XVIII^e siècle : un chapitre de l’histoire intellectuelle » . In : *La Revue Française*, Numéro électronique, La culture des voyageurs a l’age classique regards, savoirs & discours, s.d. Disponível em : <http://revuefrancaise.free.fr/Bertrand.htm>

BERTRAND, Michel ; VIDAL, Laurent. *À la redécouverte des Amériques*. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2002.

BLANCKAERT, Claude. « 1800: Le moment « naturaliste » des sciences de l’homme. » In: *Revue d’Histoire des Sciences Humaines*. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2000, v. 2, nº 3, p. 117-1160. Disponível em: www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-2000-2-page-117.htm.

BOLLE, Willi. “O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides.” In: *Revista USP*, São Paulo, n.66, junho/agosto 2005, p. 140-155.

BOUTEILLER, Michel. «La Société des Observateurs de l'Homme (1800-1805), ancêtre de la Société d'Anthropologie de Paris ». In : *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, 1956, vol.7, n. 5 p. 448-465. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/bmsap_0037-8984_1956_num_7_5_9738

BUCKLE, Henry Thomas. “Introdução geral à História da Civilização na Inglaterra – 1857.” (Tradução Valdei Araújo). In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 226-245.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA. CANUDOS. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, número 1, dezembro de 2002.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, números 13 e 14, dezembro de 2002.

CALASANS, José. “Euclides da Cunha nos jornais da Bahia”. In: *Revista de Cultura da Bahia*, n. 4, julho-dezembro de 1969. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/17.pdf>

CASTRO, Anna Raquel de Matos. “Entre a decadência e a esperança: Jacques Huber e seus estudos sobre a borracha na Amazônia (1907-1914)”. In: *XXV Simpósio Nacional de História: História e ética*, 2009, Fortaleza. *XXV Simpósio Nacional de História: História e ética*, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1324.pdf>

CEZAR, Temístocles Américo Corrêa. “Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX.” In: *Diálogos* (Maringá), Maringá - Paraná, v. 8, p. 11-29, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. « L’opération historique ». In: LE GOFF, Jacques ; NORA, Pierre. (Org). *Faire de l’histoire*. Paris : Folio, 1987.

CÉZAR, Temístocles Américo Corrêa. “A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis.” In: Manoel Luiz Salgado Guimarães. (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, v. , p. 29-41.

_____. « Anciens, Modernes et Sauvages, et l’écriture de l’histoire au Brésil au XIXe siècle. Le cas de l’origine des Tupis ». In : *Anabases* (Toulouse), v. 8, p. 43-65, 2008.

CHAPPEY, Jean-Luc. « L’anthropologie et l’histoire naturelle de l’homme en 1800. Les enjeux d’un héritage ». In : *Annales historiques de la Révolution française*, n. 320, 2000, p. 47-54. Disponível em : <https://ahrf.revues.org/142?lang=fr>

_____. « Les enjeux d’une anthropologie dans l’ordre des savoirs autour de 1800. Retour sur la Société des Observateurs de l’Homme ». In : BANDAUI, Anja ; DORIGNY, Marcel ; VON MALLINCKRODT, Rebekka. *Mondes coloniaux à Paris au XVIII^e siècle*. Circulation et enchevêtrement des savoirs. Paris : Éditions Karthala, 2010, p. 97-119.

CHESSEX, Pierre. “Grand Tour”. In : DELON, Michel (Org). *Encyclopedia of the Enlightenment*. Vol I. New York: Routledge, 2001, p. 622-625.

CLASTRES, Hélène. “Primitivismo e Ciência do Homem no Século XVIII”. In: *Discurso*, n. 13, 1980, p. 187-208.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

COPANS, Jean ; JAMIN, Jean. *Aux origines de l'anthropologie française*. Les mémoires de la Société des Observateurs de l'Homme en l'an VIII. Paris : Jean Michel Place, 1994.

CRENN, Maryvonne. « Récits de voyages là où finit la terre... La culture des voyageurs en Laponie. » In : *La Revue Française*, numéro électronique, La culture des voyageurs a l'age classique regards, savoirs & discours, s.d. Disponible em : <http://revuefrancaise.free.fr/Crenn.htm>

DAMIEN, Robert. « Expertise et Etat : l'exemple de Volney l'idéologue/voyageur (1757-1820) ». In: *Politiques et management public*, vol. 9, n° 2, 1991. Disponible em: http://www.persee.fr/docAsPDF/pomap_0758-1726_1991_num_9_2_2994.pdf

DESPORTES, Marc. *Paysages en mouvement*. Transports et perception de l'espace XVIII^e- XX^e siècle. Paris: Gallimard, 2005.

DIRKS, Nicholas. "Introduction". In: *Colonialism and culture*. Michigan: The University of Michigan Press, 1992.

DUCHET, Michèle. *Anthropologie et Histoire au siècle des lumières*. Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius, Diderot. Paris: Flammarion, 1971.

_____. *Le partage des savoirs*. Discours historique et discours ethnologique. Paris : Éditions La Découverte, 1984.

ECHE, Antoine. « Figures du voyageur philosophe au XVIII^e siècle ». In : TATIN-GOURIER, Jean-Jacques ; BELLEGUIC, Thierry. *De l'homme de lettres au philosophe des Lumières*. Du sens de la mission au doute. Paris : Éditions Le Manuscrit, p. 291-292.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro*. Como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERREIRA, Lúcio Menezes. “Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial”. In: *História, ciência, saúde. Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol.13, n.2, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000200005

FERRETTI, Danilo José Zioni. “Euclides da Cunha historiador: a reinvenção do bandeirante em *Os Sertões*.” In: *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 160, 2009, p. 261-284.

FILHO TORRÃO, Amilcar. “Imago Mundi: as instruções de viagem como educação do olhar e revelação do mundo, séculos XVIII e XIX.” In: *História*, São Paulo, v.34, n.2, julho-dezembro, 2015, p. 286-309.

FREITAS, Marcus Vinicius de. “O polígrafo do sertão: ciências naturais e literatura na obra de Euclides da Cunha.” In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 9, n.2, p. 427-430, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702002000200010&script=sci_arttext

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. “A margem da carta”. In: *Manuscrita*, São Paulo, n. 7, 1998, p. 47-54.

_____. *O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GANNIER, Odile. « De l’usage des notes dans le *Discours sur l’inégalité* de Rousseau : récits de voyages et ethnographie ». In : *Loxias*, n° 27, 2009. Disponível em: <http://revel.unice.fr/loxias/?id=3169>

GOMES, Gínia Maria de Oliveira. *A travessia de uma Terra ignota: leitura de Os sertões*, de Euclides da Cunha. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. “O viajante de Os sertões”. In: *Organon*, UFRGS, Porto Alegre, v. 17, n.34, 2003, p. 133-156.

GRINER, Pascal. *La République de l'oeil. L'expérience de l'art au siècle des Lumières*. Paris: Odile Jacob, 2010.

GUIDOTTI, Mirella. “A construção do olhar: a Viagem à Itália, de Goethe”. In: *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 15, n. 19, 2012, p. 122-136. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/39799/42663>

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5-27.

_____. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. In: *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, vol. 7, nº 2, Rio de Janeiro, julho/outubro, 2000.

_____. Do litoral para o interior: Capistrano de Abreu e a escrita da história oitocentista. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 267-291.

_____. *Historiografia e nação no Brasil. 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GRINER, Pascal. *La République de l'oeil. L'expérience de l'art au siècle des Lumières*. Paris: Odile Jacob, 2010.

GUYOT, Alain ; LE HUENEN, Roland. *L'itinéraire de Paris à Jerusalem de Chateaubriand : l'invention de la voyage romantique*. Paris: Université Paris-Sorbonne, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. "Brutalidade Antiga: Sobre História e Ruína em Euclides." In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n.26, 1996, p. 293-310.

_____. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A Vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HARTOG, François. *Le miroir d'Hérodote: essai sur la représentation de l'autre*. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

_____. *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.

_____. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

_____. « Les classiques, les modernes et nous ». In: *Revista de História*, Dossiê: Antigos, modernos, selvagens: diálogos franco-brasileiros de História e Antropologia, São Paulo: USP, 2010, p. 21-38. Disponível em:

http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/Especial_Antigos_e_Modernos/01_-_Franois_Hartog.pdf

_____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

HARTT, Frederick. "A Geologia do Pará". In: *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Belém, n.1, 1894, p. 257-273. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1071>

HAZART, Paul. *La crise de la conscience européenne*. Paris : Boivin et Cie, 1935.

HERMANN, Jacqueline. “Canudos Destruído em Nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897” In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1996, p. 81-105.

_____. “Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado.” In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 121-160.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Le dix-huitième siècle. Plan d'une anthropologie comparée*. Introduction de Jean Quillien. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1995.

ISHII, Raquel Alves. Viagens do homem que virou rio: narrativas, traduções e percursos de William Chandless, pelas Amazônias, no século XIX. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – UFAC, 2011.

KODAMA, Kaori. “Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena.” In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, vol.5, nº 2, maio/agosto, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222010000200005&script=sci_arttext

_____. « La section d’Ethnographie de l’Institut Historique et Géographique Brésilien (1840-1860) ou la « Place » De l’Indien dans l’histoire du Brésil ». In : *L’Atelier du Centre de recherches historiques*, abril, 2011. Disponível em: <http://acrh.revues.org/3724>

KOSELLECK, Reinhart. “*Historia magistra vitae*: sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento.” In: *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

KOVACS, Eszter. *La Critique du voyage dans la pensée de Diderot*. De la fiction au discours philosophique et politique. Paris : Champion, 2005.

KURY, Lorelai Brilhante. « Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830) ». In : *Revue d'Histoire des Sciences*, Paris, v. 51, n. 1, p. 65-91, 1998.

_____. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001.

_____. “Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. 8. Suplemento, 2001, p. 863-880. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a04v08s0.pdf>.

_____. “Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar”. In: *Intellèctus* (UERJ), Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, 2003, p. 1-11.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

LECLERC, Georges-Louis. *Histoire naturelle générale et particulière*. Paris : F. Dufart, an VIII (1800).

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota*: a construção de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. “Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização”. In: *Revista Brasileira de História*, v. 15, p. 73-91, 1995.

_____. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 1997.

LORIGA, Sabina. “O eu do historiador”. In: *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, dezembro, 2012, p. 247-259.

MACIEL, Laura. “A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização”. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 18, maio, 1999, p. 167-189.

MARTIUS, Karl Friederich Phillipe von. “Como se deve escrever a história do Brasil” [10/01/1843]. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia* [1844]. Alemanha: Kraus Reprint, Tomo 6, n. 24, 1973, p. 381-403.

MASSEAU, Didier. *L'Invention de l'intellectuel dans l'Europe du XVIIIe siècle*. Paris : Presses Universitaires de France, 1994.

_____. “Republic of Letters”. In: DELON, Michel. *Encyclopedia of Enlightenment*. New York: Routledge, 2001, p. 1141-1145.

MONTEZ, Luis Barros. “Sob a ética do olhar, do tempo e da escrita. Goethe e a história”. In: CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira; MELLO, Celina Maria Moreira de (Org.). *Cenas da Literatura Moderna*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010, p. 191-216.

MORAVIA, Sergio. *La scienza dell'uomo del Settecento*. Bari: Editori Laterza, 1970.

_____. *Scienza e filosofia in Francia (1780-1815)*. Florence: La Nuova Italia, 1974.

_____. “The Enlightenment and the Sciences of Man”. In: *History of Science*, 1980, vol. 18, p.247-268.

_____. *Filosofia e scienze umane nell'Età dei Lumi*. Firenze: Sansoni, 1982.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *Canudos era a Vendéia: o imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões*. São Paulo: Annablume, 2009.

MURARI, Luciana. “O Brasil ainda chega até cá: Euclides da Cunha dos sertões à Amazônia”. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 17, n.1, 1997, p. 219-236.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d’Os sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

_____. *Natureza e cultura no Brasil*. (1870-1922). São Paulo: Alameda, 2009.

NASCIMENTO, José Leonardo do (Org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. FACIOLI, Valentin. *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870/1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

NICOLAZZI, Fernando. “O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*”. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009.

_____. “O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. Leitura de *Os sertões*.” In: *Anos 90*, UFRGS, Porto Alegre, v. 17, nº 31, 2010, p. 261-285.

OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: a Espada e a Letra*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

PAIVA, Wilson Paiva de. “A formação do homem no Emílio de Rousseau”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 33, nº 2, p. 323-333, maio/agosto, 2007.

PALAZZO, Carmen Lúcia. *Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Coelho Netto: um antigo modernista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

POMEAU, René. « Voyage et Lumières dans la littérature française du XVIIIe siècle ». In: *Studies on Voltaire and the eighteenth century*, nº 57, 1967.

POMIAN, Krzysztof. *Collectionneurs, amateurs et curieux*. Paris, Venise : XVIe - XVIIIe siècle. Paris, Gallimard, 1987.

Por protesto e adoração. In Memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919.

PRÉTOU, Pierre. « Penser le nouveau monde ». In: *Cahiers des Amériques latines*, nº 56, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1894. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5801545j.r=>

_____. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Difel, 1973.

SAFIER, Neil. “Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009, p. 91-114. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a04v2957>

SAMPAIO, Teodoro. *São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

SANDAJ, Nelson. “Charles Frederick Hartt e a institucionalização das ciências naturais no Brasil.” In: *Revista História, Ciências, Saúde*, Manguinhos. Rio de Janeiro, volume 11, nº 2, maio-agosto, 2004.

SANTANA, José Carlos Barreto. “Cotidiano e Geologia em Euclides da Cunha”. In: *Cadernos do IG*, UNICAMP, Campinas, v. 5, n.2, p. 140-157, 1995.

_____. “Geologia e metáforas geológicas em *Os sertões*.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v.5, n.1, Rio de Janeiro, julho, 1998, p. 117-132. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000400007&script=sci_arttext#4

_____. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo: Hucitec – Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

_____. “Naturalistas e cientistas: algumas fontes de *Os Sertões*”. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 161-178.

SANTOS, Ademir Pereira dos. “Theodoro Sampaio, um aprendiz, um mestre e muitas lições.” In: *Horizonte Geográfico*, v. 138, p. 70-79, 2011.

SANTOS, Ricardo Ventura. “A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: Os sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional.”. In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 237-254. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000400013&script=sci_arttext

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Natureza como paisagem: imagem e representação no segundo Reinado.”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.58, junho/agosto 2003, p. 6-29.

_____. “A natureza como paisagem e como emblema da nação: uma reflexão sobre arte neoclássica no Brasil do século XIX e acerca da produção de Nicolas Taunay.” In: *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, april/june 2003.

_____. *O Sol do Brasil*: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais, criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 169.

SKIDMORE, Thomas E.; HOLLOWAY, Tomas H. “New light on Euclides da Cunha: letters to Oliveira Lima, 1903-1909”. In: *Luso-Brazilian Review*, (Madison), University of Wisconsin Press, v. 8, n. 1, p. 30-55, 1971.

SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STAGL, Justin. *A History of Curiosity. The Theory of Travel 1550-1800*. London, New York: Routledge, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TURIN, Rodrigo. “Quando a etnografia faz história: o primado da observação e a construção da temporalidade em Sílvio Romero.” In: *XI Encontro Regional de História, ANPUH-RJ*, Rio de Janeiro, 2004.

_____. “Uma nobre, difícil e útil empresa: o *ethos* do historiador oitocentista.” In: *Revista de História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009, p. 12-28.

_____. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)”. In: *Intellèctus* (UERJ. Online), v. Ano 8, p. 1-36, 2009.

_____. *Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

VENAYRE, Sylvain. «Présentation. Pour une histoire culturelle du voyage au XIXe siècle». In: *Sociétés & Représentations*, n. 21, 2006, p. 5-21. Disponível em: www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2006-1-page-5.htm

VIREY, Julien-Joseph. «*Histoire naturelle de genre humain, ou Recherches sur ses principaux fondemens physiques et moraux; précédées d'un Discours sur la nature des êtres organiques, et sur l'ensemble de leur physiologie. On y a joint une dissertation sur le sauvage de l'Aveyron.*» Paris : F. Duprat, an IX (1801).

VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf. «Questions de statistique à l'usage des voyageurs». In: *Oeuvres*. Paris: Parmentier; Froment, 1825. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k201559b/f390.image.r=questions%20de%20statistique%20C3%A0%20l'usage%20des%20voyageurs%20volney>

VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf. «Voyage en Syrie et en Egypte pendant les années 1783, 1784 et 1785». In. *Œuvres complètes*. Paris: Didot, 1837, p. 310. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1041132.r=Volney%2C%20Constantin-Fran%20C3%A7ois%20de%20Chasseboeuf>

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. “Euclides da Cunha e a República”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 10 (26), 1996, p. 274-291. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v10n26/v10n26a24.pdf>

_____. “Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa.” In: *Revista de Antropologia*. Vol.40, n.1, São Paulo, 1997.

_____. “Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 133-147. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01045970199800040000&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

_____. *Euclides da Cunha - Esboço Biográfico*: Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha. CARVALHO, Mário César; SANTANA, José Carlos Barreto de (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERGARA, Moema de Rezende. “Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901”. In: Boletim do Museu do Pará Emílio Goeldi. Belém, v. 5, n. 2, maio-agosto de 2010, p. 345-361.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade*: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WÅHLBERG, Martin. « Littérature de voyage et savoir : la méthode de lecture de Buffon. » In : *Dix-huitième siècle*, n° 42, 2010/1, p. 599-616. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2010-1-page-599.htm>

WAQUET, Françoise. *Le modèle français et l'Italie savante*. Conscience de soi et perception de l'autre dans la République des Lettres. Rome : École Française de Rome, 1989.